



**UNICAMP**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**

**ADRIANA BARREIRO DÍAZ**

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PERIFERIA:  
ECONOMIA E SOCIOLOGIA NO URUGUAI, 1970-1990.**

Tese apresentada ao Instituto de Geociências como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Política Científica e Tecnológica.

**Orientadora:** Professora Doutora Léa Maria Leme Strini Velho

**CAMPINAS - SÃO PAULO**

NOVEMBRO - 2000

Este exemplar corresponde à  
redução final  
por Adriana B. Díaz  
e está  
em 30.11.2000

i

**UNICAMP**

ORIENTADOR

200101782

N.º CHAMADA:  
UNICAMP  
B274c  
V. Ex.  
TOMBO BC/43724  
PROC. 16-092101  
C  D   
PREC. R\$ 11,00  
DATA 10/02/01  
N.º CPD



FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IG - UNICAMP

CM-00153254-3

B274c

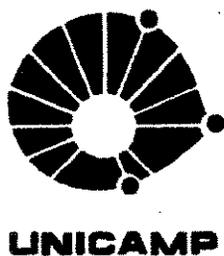
Barreiro Díaz, Adriana

A construção social das ciências sociais na periferia: economia e sociologia no Uruguai, 1970-1990 / Adriana Barreiro Díaz. - Campinas, SP.: [s.n.], 2000.

Orientador: Léa Maria Leme Strini Velho

Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Ciência – Aspectos Sociais. 2. Ciência – História – Uruguai  
3. Dotação para pesquisa. I. Velho, Léa Maria Leme Strini.  
II. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências  
III. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

AUTORA: Adriana Barreiro Díaz

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PERIFERIA:  
ECONOMIA E SOCIOLOGIA NO URUGUAI, 1970-1990.**

**ORIENTADORA: Profa. Dra. Léa Maria Leme Strini Velho**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**PRESIDENTE: Profa. Dra. Léa Maria Leme Strini Velho**

**EXAMINADORES:**

**Profa. Dra. Maria Conceição da Costa**

**Profa. Dra. Gabriela Marinho**

**Profa. Dra. Fernanda Sobral**

**Prof. Dr. Jorge Tapia**

Campinas, novembro de 2000.

Para Primitivo Barreiro y Benita Díaz,  
ejemplos de vida, de esfuerzo y de entereza.

Para Léa Velho,  
'Mestra' de todas las horas

Para Solange Corder,  
amiga de generosidad de sentimientos inigualable.

## *AGRADECIMIENTOS*

A la Familia Barreiro-Rey, Solange Gaggero, Martha Reverberi, y Mariela Bianco por, casi siempre en la distancia, y cada quien a su modo, acompañarme y darme aliento.

A las amigas con las cuales –oh! bando femenino– , desde tiempos que se asemejan a los de la escuela, parloteamos, disfrutamos de una buena película (a veces no tan buena ... enfin!), falamos abobrinhas, filosofamos sobre el hecho de que, en realidad, la vida no nos conduce a ninguna parte. ¿Para qué correr, entonces? ¿Para qué desesperarse? Mejor andar a tranco de paisano, no? Por brindarme la oportunidad de que reflexionemos, serenamente y en conjunto, agradezco a Carina Nocetti, Margarita Fernández, Sandra Catcherian y también a Carmen. Noela Invernizzi, Viviana Gelado y Alicia Ruiz son otras amigas con las cuales hemos sabido despuntar madrugadas compartiendo planes de futuro, hablando de literatura, o de economía, o de qué hacer para que las plantas luzcan lindas.

Al ‘vecino’ Albuquerque – por abrirme las puertas de su hogar y hacerme sentir tão a vontade como si estuviera en mi propia casa. Ha sido un verdadero placer.

A Amílcar Davyt y Cristina Larrobla, con quienes tanto hemos conversado sobre temáticas de interés mutuo y sobre (in)sucesos del devenir universitario y la evaluación científica.

A Arthur Paganni, por la hospitalidad –y el inolvidable pan casero– que tuve el privilegio de desayunar, todas las mañanas, antes de encarar el frío del Brooklyn neoyorkino.

A las comunidades indígenas aymaras de Bolivia – las cuales, con toda sabiduría y a través de su mimetización en el silencio, me llevaron a aprehender que lo que tenemos frente a nuestros ojos, lo que podemos ver y aquello de lo que aprendemos es de nuestro pasado, de nuestra historia.

En un plano más, digamos, profesional, quisiera agradecer a los Profs. Hebe Mitlag y Tamás Szmrecsányi por haberme posibilitado acceder a materiales y bibliografía de escasa circulación. Agradezco, también, a todos los demás profesores y funcionarios del DPCT por la deferencia brindada al cabo de estos años de convivencia – siendo que un “muchas gracias” enoorme es el que dedico a Adriana Teixeira, compañera atenciosa y de gran

calidez humana, y también a quienes supieron facilitar el tramiterio habitual de la Secretaría de Pós en los diferentes momentos: Tanya, Val y Valdirene. Obrigada también às ‘meninas’ da Biblioteca y, de forma especial, a Antonieta – del Centro de Documentación.

Este trabajo no habría podido realizarse, o sería otro, muy diferente, caso los científicos sociales uruguayos que, durante las décadas del 70 y 80, se nuclearon en torno a los centros privados de investigación no hubieran aceptado pasar horas y más horas conversando sobre las experiencias vividas, sobre las actividades emprendidas en condiciones de extrema represión, sobre el papel que le cupo, en diversos planos, al financiamiento internacional recibido por parte de agencias y fundaciones filantrópicas, sobre cómo se concebía la construcción demarcativa de las ciencias sociales uruguayas en un contexto de resistencia. Agradezco enfáticamente a quienes supieron recibirme –en la mayoría de los casos, en sus domicilios particulares–, siendo que los científicos entrevistados fueron: **César Aguiar, José Arocena, Danilo Astori, Celia Barbato, Luis Bértola, Gerónimo de Sierra, Alfredo Errandonea, Guillermo Escarlato, Carlos Filgueira, Raúl Jacob, Luis Macadar, Enrique Mazzei, Carlos Migues, Nelson Noya, Romeo Pérez, Nicolás Reig, Octavio Rodríguez, Marcos Supervielle y Danilo Veiga.**

Por otra parte, deseo manifestar mi más expreso agradecimiento a las personas que colaboraron, con todo ahínco, en la fase del trabajo de campo ante las agencias financiadoras: **Rolf Carlman**, Director General de la agencia sueca SAREC; **Enrique Ganuza**, Director del Programa Latinoamericano de SAREC durante las décadas comprendidas por este estudio; **Jonathan Green**, del Archivo General de la Ford Foundation-New York; **Sonia Mattos**, del ‘Escritório’ de la Fundación Ford en Rio de Janeiro; **Carlos Seré**, Director de la Oficina Regional para América Latina y el Caribe (LACRO) del IDRC canadiense; y **Andrés Rius**, también del LACRO-IDRC.

Finalmente, quisiera agradecer a la institución que posibilitó la realización de este trabajo: la Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) del Ministerio de Educación brasileño, y a quienes contribuyeron de forma decisiva para su conclusión: Solange Corder, Léa Velho, y sus respectivas familias.

“Quantos contos das Mil e Um Noites há numa adolescência? ... Quantas Lâmpadas Maravilhosas é preciso ter-se experimentado antes de se reconhecer que a verdadeira Lâmpada Maravilhosa é ou o acaso, ou o trabalho, ou o gênio? Para alguns homens, esse sonho do espírito em vigília dura pouco; o meu ainda continua.

(Honoré de Balzac. “Honorina”. In: *A Comédia Humana*, volume III. Globo, São Paulo, 1989, pág. 112.)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - EMERGÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA E DA SOCIOLOGIA	
Introdução	22
1.1. - Antecedentes	24
1.2. - Economia	
1.2.1. - As origens	29
1.2.1.1. - Os primeiros escritos sobre Economia	29
1.2.1.2. - O pensamento universitário	32
1.2.1.3. - A consolidação institucional	34
1.2.2. - As primeiras interpretações globais	37
1.2.3. - A atividade acadêmica durante a ditadura: a preservação da pesquisa nos centros privados	49
1.2.3.1. - A pesquisa econômica nos centros	50
1.2.3.2. - A ascensão do neoliberalismo	53
1.3. - Sociologia	
1.3.1. - As grandes fases da Sociologia no Uruguai (pré-1973)	57
1.3.1.1. - Fase característica da ‘Sociologia das Cátedras’	60
1.3.1.2. - Fase de profissionalização	65
1.3.1.3. - Fase de consolidação da disciplina	70
1.3.2. - A Sociologia na esfera privada sob o regime autoritário (pós-1973)	72
1.3.3. - A etapa de transição à democracia e de articulação dos centros com a universidade: uma nova fase de consolidação?	75

## CAPÍTULO II -

### PRÁTICAS SOCIAIS INOVATIVAS DURANTE O URUGUAI AUTORITÁRIO: OS CENTROS PRIVADOS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Introdução	78
2.1. - Marco histórico e origem dos centros	79
2.2. - Os centros privados de pesquisa	89
2.2.1. - CIEDUR	89
2.2.2. - CIESU	100
2.2.3. - CINVE	112
2.2.4. - CLAEH	116
2.3. - Os mais importantes resultados alcançados	120

## CAPÍTULO III -

### FINANCIAMENTO EXTERNO: APOIOS, CONSTRUÇÃO DE AGENDAS DE PESQUISA E DEBATES CONEXOS

Introdução	129
3.1. - Principais agências e fundações filantrópicas	133
3.1.1. - CIID / IDRC	136
3.1.2. - Ford Foundation	153
3.1.3. - SAREC	177
3.2. - O papel do financiamento na construção da agenda: resumindo o debate	189
3.3. - Algumas considerações finais	194
CONCLUSÕES	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	204

## BIBLIOGRAFIA

219

## APÊNDICES

### Apêndice A.-

Projetos financiados pelo Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento / International Development Research Center (CIID/IDRC) aos centros privados de pesquisa em ciências sociais – CIEDUR, CIESU, CINVE e CLAEH – no Uruguai, no período 1975-1990.

223

### Apêndice B.-

Projetos financiados pela Fundação Ford (FF) aos centros privados de pesquisa em ciências sociais – CIEDUR, CIESU e CINVE – no Uruguai, no período 1975-1990.

238



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PERIFERIA:  
ECONOMIA E SOCIOLOGIA NO URUGUAI, 1970-1990.

RESUMO

TESE DE DOUTORADO

Adriana Barreiro Díaz

Este estudo aborda a emergência e institucionalização de duas disciplinas das ciências sociais a partir do referencial teórico social-construtivista da ciência. Ele assume que as disciplinas científicas evoluem em ambientes e condições específicas e pressupõe compreender que as mesmas se desenvolvem em consonância com fatores econômicos, institucionais, intelectuais e sociais próprios desses contextos.

Considerando que o Uruguai é um país periférico em termos da produção mundial de conhecimentos, este estudo explora, no primeiro e no segundo capítulo, as condições que pautaram a evolução histórica da Economia e da Sociologia neste país, centrando a atenção no acontecido durante duas décadas de enorme instabilidade política. A ditadura militar imposta ao país entre 1973 e 1985 levou à re-estruturação das práticas acadêmicas. No âmbito das ciências sociais, assistiu-se ao surgimento de centros privados de pesquisa (CIEDUR, CIESU, CINVE e CLAEH), nos quais foi possível continuar a realização de tarefas e a formação de recursos humanos, a partir da assistência financeira outorgada por agências internacionais e fundações filantrópicas (principalmente, a *Ford Foundation*, o *International Development Research Centre*, IDRC, Canadá e a *Swedish Agency for Research Co-operation with Developing Countries*, SAREC). Com base na pesquisa documental realizada nos centros e agências, e de entrevistas com informantes-chave, no último capítulo, o estudo centra-se na análise do papel que coube ao financiamento externo em relação a vários aspectos, quais sejam: o estabelecimento das agendas de pesquisa, a construção das dinâmicas da comunidade científica local, o 'processo de aprendizado institucional' deslanchado e a manutenção de um 'movimento de resistência' que possibilitou que a Economia e a Sociologia se mantivessem vivas.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

**THE SOCIAL CONSTRUCTION OF SOCIAL SCIENCES ON THE PERIPHERY:  
ECONOMICS AND SOCIOLOGY IN URUGUAY, 1970-1990.**

**ABSTRACT**

**DOCTORAL DISSERTATION**

**Adriana Barreiro Díaz**

This is a study about the emergence and institutionalization of two social sciences disciplines and lays on the social constructivist theoretical framework. The latter assumes that scientific disciplines develop in specific social environments, under the influence of particular economic, institutional, intellectual and social factors.

The study was carried out in Uruguay, a scientifically peripheral country, and was based on archival research and on in-depth interviews with key informants. The first and the second chapters explore the conditions which shaped the historical evolution of Economics and Sociology in Uruguay, emphasizing the scientific activities that took place during two decades of political instability. The military dictatorship imposed in Uruguay between 1973 and 1985 led to the restructuring of Uruguayan academic practices. Concerning the social sciences, certain private research centers (CIEDUR, CIESU, CINVE and CLAEH) arose and continued with investigative work and human resources' training, partly thanks to the financial assistance that they received from various international and philanthropic foundations (mainly, the Ford Foundation, the International Development Research Centre of Canada and the Swedish Agency for Research Co-operation with Developing Countries, SAREC). The last chapter analyzes the role played by external funding on a set of aspects, namely: the establishment of the research agendas, the construction of the dynamics of the local scientific community, the occurrence of an 'institutional learning process', and the maintenance of a 'resistance movement' that allowed Economics and Sociology to be kept alive in the country.

## INTRODUÇÃO

O tema central que abordamos neste trabalho diz respeito à evolução de duas disciplinas das ciências sociais: a Economia e a Sociologia. Tal evolução é considerada em termos institucionais, de conteúdo (com base na identificação das temáticas abordadas e das correntes de pensamento preponderantes em cada etapa), e também em termos das práticas e atividades acadêmicas desenvolvidas (em termos de hábitos de publicação, estabelecimento de relações entre pares dentro e fora do país, etc.); e é situada num país considerado ‘periférico’, entendendo por tal um que se encontra fora dos principais centros produtores de conhecimentos científicos: o Uruguai, no período compreendido entre 1970 e 1990.

Para tanto, optou-se por uma forma de relato bastante descritiva, mas que procura desenvolver o argumento de que os centros privados de pesquisa em ciências sociais, constituídos nos anos 70, foram os que possibilitaram a sobrevivência da Economia e da Sociologia durante o regime militar. E, mais ainda, que, por mais paradoxal que possa parecer, foi durante este período, tão adverso para a realização de tarefas intelectuais, quando a Economia e a Sociologia experimentaram o maior nível de atividades e de crescimento.

As ciências sociais latino-americanas, assim como as ciências sociais que surgiram e se desenvolveram em outras regiões consideradas ‘centrais’ desde o ponto de vista da geração de saberes, são áreas do conhecimento que emergiram e se institucionalizaram, no decorrer do tempo, a partir de dinâmicas, interesses, paradigmas, métodos e hábitos de produção particulares. A particularidade desses fatores, ao considerarmos as ciências periféricas em especial, deriva do fato de que, por um lado, eles tendiam a emular, no que diz respeito aos corpos teóricos e metodológicos utilizados para a realização das análises e interpretações, as correntes paradigmáticas vigentes nos núcleos e países centrais. Por outro lado, as atividades acadêmicas desenvolvidas deviam se circunscrever às realidades

específicas dos países periféricos, e às características próprias e às circunstâncias que neles se apresentavam. Assim, tanto a emergência como a institucionalização, assim como a evolução, das disciplinas científicas não podem ser tratadas desconsiderando o fato de que elas interagem com o contexto e constroem os espaços em cujo seio se desenvolvem.

Os diferentes enfoques utilizados para estudar a emergência e a institucionalização de disciplinas científicas centram-se na abordagem de aspectos relativos ao complexo plano da interrelação entre múltiplos fatores. Deve-se sublinhar que, em certas ocasiões, a emergência e institucionalização das disciplinas se efetivam a partir da própria interrelação (do *momentum* ou dos fenômenos produzidos pela interação, ou justaposição, de componentes de diferentes ordens) antes de que pela somatória de elementos variados. Partindo dessa idéia, especialistas na temática, como Wolfgang van den Daele e Peter Weingart, sublinham a necessidade de apurar os métodos utilizados para a abordagem da emergência de saberes visando não subestimar aspectos que, mesmo parecendo insignificantes, podem resultar de importância fundamental (VAN DEN DAELE & WEINGART, 1976: 249).

Conforme apontado por Gerard Lemaine e outros autores no início de uma obra sugestivamente intitulada “Perspectivas na Emergência das Disciplinas Científicas”, o crescimento exponencial de atividades e a proliferação cumulativa de novas áreas têm lugar a partir do desdobramento de disciplinas já existentes. Para estes autores, a emergência de novas áreas disciplinares se relaciona de maneira clara com o contínuo crescimento de conhecimentos (muitas vezes derivado da acumulação de dados empíricos), com a sentida necessidade de aprofundar e avançar em torno a esses novos saberes, ou, ainda, com o interesse por fazer uma utilização – no sentido de levar à prática – desses dados ou do *know-how* que é disponibilizado como produto das pesquisas realizadas. Conseqüentemente, estes especialistas salientam que a emergência das disciplinas científicas descansa nas atividades de pesquisa que tenham sido realizadas com antecedência, sustentando-se num corpo de conhecimentos científicos e tecnológicos estabelecido e legitimado perante a comunidade científica internacional. E esse fator resulta chave para que, caso seja considerado pertinente, possam ser traçadas as origens

intelectuais de qualquer corpo de conhecimentos ou, inclusive, para que seja factível demonstrar que a emergência de uma dada disciplina, num momento determinado, em parte se deveu aos “*previous scientific-cum-technical developments*” (LEMAINE et al., 1976: 2).

Neste sentido também aponta, ainda que se referindo à criação de campos sub-disciplinares, Xavier Polanco. Ao analisar quais os fatores que deveriam se levar em consideração para ‘escrever’ a história da ciência no mundo, ele retoma a importância destacada por John Derek de Solla Price em relação ao crescimento exponencial da ciência (PRICE, 1986[1963]). Polanco adiciona a idéia de que na atual conformação organizativa dos saberes foi, precisamente, tal crescimento exponencial o que possibilitou a emergência de novos campos sub-disciplinares (POLANCO, 1992).

Esse argumento é reforçado por Arie Rip e Barend van der Meulen quando, revisitando o que os autores denominam ‘o sistema pós-moderno de pesquisas’, num artigo publicado na *Science and Public Policy*, eles destacam a importância que o crescimento registrado no interior das disciplinas têm para a emergência de sub-áreas disciplinares (RIP & VAN DER MEULEN, 1996: 348). Cabe dizer, ademais, que dada a estrutura organizacional da ciência – e dados, muito especialmente, os conflitos e as disputas criadas em torno às ‘parcelas’ de poder geradas (ou já ferreamente estabelecidas) –, na atualidade é difícil poder imaginar a emergência de novas disciplinas *per se*, assistindo-se, sim, ao surgimento de novos campos, áreas ou, como habitualmente se lhes denomina, sub-disciplinas.

De fato, Lemaine et al. salientam que o desenvolvimento intelectual das áreas de pesquisa na ciência está, sistematicamente, relacionado com “os processos sociais internos das comunidades científicas” (LEMAINE et al, 1976: 5) – devendo-se entender por tais, numa concepção construtivista pela qual não cabe, ou não é de rigor, diferenciar ‘internalidades’ e ‘externalidades’ como fatores explicativos da emergência ou institucionalização das disciplinas, os processos-intestinos, quais sejam, aqueles processos que fazem parte da organicidade do próprio sistema.

Segundo estes autores, o crescimento que dá lugar a novas áreas, e à emergência de novas disciplinas científicas, implica um processo de migrações científicas – porquanto, dadas as motivações anunciadas com antecedência (avançar na geração de conhecimentos, aprimorar a análise de novas linhas surgidas pela acumulação de dados empíricos, etc.) e dado o interesse de certos pesquisadores por se aprofundarem em áreas que parecem oferecer magníficas oportunidades para a produção acadêmica e para o destaque pessoal, há uma corrida, um movimento, migratório que é o que, *ipso facto*, leva ao surgimento de uma nova disciplina.

Por sua vez, a emergência das disciplinas científicas guarda estreita relação com os ângulos de observação desde os quais se aprecia e concebe o avanço de certas linhas e, em total coerência com isso, com o olhar das comunidades científicas, do ‘colégio invisível’, ou até, ao dizer de Isaac Newton, dos ‘gigantes’ em cujos ombros a geração de saberes repousa. Assim, um tema crucial que possibilita entender a emergência de novas especialidades tem a ver, precisamente, com as lideranças científicas construídas ao interior da estrutura acadêmica e organizacional da ciência – porquanto são esses líderes os que, pelo prestígio ganho e pelo respeito e a confiança que as equipes de trabalho neles têm, traçam os rumos e marcam o trilho. Eles são os que, ao se aproximarem da fronteira do conhecimento numa disciplina dada – e conduzindo as equipes nessa direção – coadjuvam à emergência e à institucionalização das novas disciplinas: ao movimento migratório.

Precisamente nesse sentido é que aponta Lawrence Scaff ao dar conta da emergência da Sociologia na Europa, destacando que a institucionalização dessa disciplina em vários países do ‘velho continente’ só pode ser entendida ao considerarmos as influências de certos líderes intelectuais e o poder que eles detinham dada sua posição social e os círculos políticos ou de amizades que frequentavam (SCAFF, 1993: 221).

Além desses autores, Richard Münch, ao ponderar a contribuição feita pela teoria social alemã para a Sociologia européia, salienta que a emergência de um novo campo de estudo – quando baseado em teorias e métodos associados, no imaginário coletivo, com

os das tradições preexistentes (no caso alemão, com a teoria filosófico-econômica e, mais especialmente, com o pensamento de Kant, Hegel, Nietzsche e Mark) só consegue ganhar um rápido reconhecimento caso a produção científica implique contribuições notáveis (representadas, na emergência da Sociologia na Alemanha, por autores como Weber, Simmel e, mais próximos no tempo, Adorno, Horkheimer e Habermas). Para isso, aponta Münch, resulta fundamental o surgimento de lideranças, tal como aconteceu em torno à Escola de Frankfurt, e também a criação de um micro-clima tingido pela concorrência<sup>1</sup> (MÜNCH, 1993: 49-52).

Ainda que não guarde relação com a emergência e institucionalização de uma disciplina das ciências sociais, é de se mencionar aqui o estudo realizado por Michael Mulkey e David Edge sobre o surgimento e a evolução da Radio-Astronomia enquanto área disciplinar. Nele, os autores demonstram como, a partir das descobertas de Maxwell (em 1873), de Hertz (quatorze anos depois), de Jansky (em 1930, contratado pela *Bell Telephone Company*) e de Hey (desenvolvendo atividades de pesquisas no Exército dos Estados Unidos de Norte América, já nos 1940), dadas certas lideranças científicas e dadas determinadas formas organizacionais e políticas, dois grupos diferentes foram conformando, e foram construindo, o *devenir* de uma disciplina (MULKAY & EDGE, 1976). Este trabalho ilustra, e por isso tem se convertido num clássico da abordagem social-constructivista da ciência quando aplicada aos estudos disciplinares, como a ciência evolui a partir de elementos, formas constitutivas, condicionantes, requerimentos, condições do contexto e *loci* particulares – sendo que as disciplinas vão se construindo nesses espaços sociais particulares e em meio a essas condições específicas; ao ponto de que a emergência e a institucionalização das próprias disciplinas científicas são produtos

---

<sup>1</sup> - Precisamente a este respeito, note-se ademais que Joseph Ben-David chama a atenção sobre a importância que coube à competência e às especializações disciplinares na evolução das organizações de formação e em inúmeras transformações ocorridas no interior da própria comunidade científica (BEN-DAVID, 1971). Este autor argumenta que o surgimento da concorrência nos âmbitos científico-tecnológicos resultaram fundamentais não só para as criações sub-disciplinares dadas a partir dos 'movimentos migratórios' – aos quais se referiam Lemaine et al., sintetizando a idéia de que perante conflitos com colegas certos líderes migram a outra instituição e criam novos espaços – como também para as flutuações de centros mundiais da ciência: Itália, Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos (BARREIRO, 1994; BEN-DAVID, 1972).

resultantes de e são contingentes a esse contexto, já que incorporam as condições de sua constituição.

Cabe mencionar, chegado este ponto, que os estudos realizados em torno à emergência, à institucionalização e à evolução das disciplinas científicas têm-se concentrado, em sua enorme maioria, no tratamento dessas temáticas para o caso de campos disciplinares dos países centrais. Há, não obstante isso, um segundo corpo da literatura ao qual gostaríamos de remeter, e é aquele que trata da emergência e da institucionalização de disciplinas em países periféricos e, mais precisamente, na América Latina.

Esses estudos salientam o papel que tiveram as “metrópoles” – que, no caso da América Latina, inicialmente eram Espanha e Portugal – como “apóstolas” nos planos científicos; vale dizer: as metrópoles enquanto detentoras, também, do conhecimento que haveria de ser transmitido às colônias. Por outra parte, num debate suscitado no ano de 1985 na revista da Sociedade Latino-americana de História da Ciência e da Tecnologia: *Quiipu*, Thomas Glick reivindica a necessidade de levar em consideração, ao se fazer um *racconto* da emergência das disciplinas na América colonial, não apenas os “apóstolos estrangeiros” – ou seja: alheios à região, se a intenção é analisar essas questões desde a região e não desde o hemisfério norte – como também os “apóstolos indígenas” – entendendo-se por tais as pessoas que ministraram conhecimentos, de socialização oral e transmissão não institucionalizada, que foram de proveito em campos como a fisiologia, a patologia clínica e a bacteriologia (GLICK, 1985: 437-442). Nesse sentido, é de se destacar que, exceto pelo trabalho citado do Prof. Glick, não achamos materiais nos quais se faça referência à contribuição brindada pelas comunidades originárias da nossa América Latina para a temática.

Sobre este particular, entendemos oportuno indicar que Roger Hahn, pesquisador da Universidade da Califórnia-Berkeley, manifesta sua preocupação pelo fato de os historiadores da ciência se aproximarem ou interessarem pela emergência das disciplinas científicas a partir da análise de questões relacionadas às respostas que a ciência pode dar

para os problemas sociais. Segundo este autor, é daí que deriva o fato de que os historiadores geralmente centram o foco da atenção nos grupos conformados nos locais onde as disciplinas originalmente emergem, e não na trajetória de ‘transmissão’ para regiões que não sejam centrais desde o ponto de vista científico (HAHN, 1987: 18). Cabe notar, ainda, que a partir da obra de George BASALLA (1967) e de John BERNAL (1973 [1953] e 1991 [1967]) é possível vislumbrar que a preocupação pela ‘spread of western science’, ou pela história social da ciência, tal como Hahn salienta, atende à difusão da ciência colonial na medida em que ela se constituiu numa “fonte de poder industrial e militar, e como possível compensadora das diferenças sociais” (HAHN, 1987: 17).

Dada a importância adquirida pelo modelo gerado por Basalla, a seguir haveremos de enunciar, de maneira necessariamente sucinta, as três fases em torno das quais se articula. Uma primeira está compreendida por aquela na qual a ‘nação ou a sociedade não-científica’ se constitui em fonte de informações para a ciência europeia (fonte da qual bebem os europeus que, a tais fins, viajam às novas terras). Uma segunda, denominada a fase da ciência colonial, na qual se desenvolveria uma ciência dependente das instituições e das tradições de uma nação que não a receptora. Assim, entende-se que o cientista colonial pode ser um colono europeu ou um nativo, sempre que a formação dele provenha de fontes europeias (BASALLA, 1967: 615). Após o desenvolvimento das primeiras instituições na colônia, chega-se à terceira fase – sendo esta uma na qual os cientistas lutariam por criar uma tradição científica independente. Basalla acrescenta, ainda, que, visando o desenvolvimento dessa etapa ‘nacional’, os cientistas deveriam facilitar a comunicação e o intercâmbio de idéias com os colegas, abrir novas frentes de pesquisa (eminentemente orientados às esferas industriais), e alcançar o reconhecimento da excelência mediante um sistema de prêmios e/ou recompensas (LAFUENTE & ORTEGA, 1992: 99).

Antonio Lafuente e María L. Ortega, por sua vez, num artigo intitulado “Modelos de mundialização da ciência”, sublinham que a nova orientação adotada pelos estudos sobre a ciência visa deixar de lado o enfoque centrado no estudo de antigos pares (novidade-aceitação, ciência normal-ciência revolucionária, e comunidade científica-

modernidade) e favorece a realização de análises em torno a uma terna: transmissão-apropriação-centro/periferia. Assim, segundo os autores, é de se esperar que se deixe de lado a utilização da noção de imperialismo cultural (o qual centra a visão no império) e se proceda à realização de estudos centrados na emergência e desenvolvimento da ciência a partir de modelos cujo foco se localize nos contextos de apropriação periféricos (LAFUENTE & ORTEGA, 1992: 96 e ss.).

Precisamente, neste sentido, resulta interessante apontar, junto com Xavier Polanco, que “toda porção da *world-science* guarda relação com um fragmento do mundo, é uma seção autônoma do conhecimento capaz de fornecer ajuda ou soluções às necessidades do planeta, é uma seção à qual as uniões internas do mundo e os intercâmbios nele produzidos dão uma certa unidade epistemológica. A partir disso é que nós devemos levar em consideração, tal como Braudel disse, ‘os espaços geográficos como fontes explicativas’ na história e na sociologia da ciência” (POLANCO, 1992: 225).

Mas esses espaços são, por sua vez, âmbitos carregados de fatores condicionantes que vão além do geográfico. No caso da ciência na América Latina, o fato desses espaços estarem situados em regiões periféricas implica que, segundo cada contexto em particular, a ciência tenha, além do mais, papéis culturais a desenvolver. Em um artigo intitulado “Os papéis culturais da ciência nos países subdesenvolvidos”, Hebe Vessuri incita o debate em torno a um aspecto que entendemos crucial: aquele que diz respeito aos papéis que cabem às ciências e às tecnologias, imaginando que possa se fazer tal divisão, enquanto corpo de conhecimentos e técnicas que emergem e são institucionalizadas visando se orientarem para o desenvolvimento de pesquisas socialmente pertinentes (VESSURI, 1986: 12).

A questão da pertinência tem sido discutida por diversos autores quando aplicada aos sistemas de ciência e tecnologia situados na periferia; entre outros, destacam-se os trabalhos de Daryl Chubin, E. Garfield e Amílcar Herrera (CHUBIN, 1996; GARFIELD, 1983; HERRERA, s/d). Mas Vessuri aponta, mais precisamente, para a pertinência como fator associado à endogeneização do conhecimento, como fator que se encontra intimamente associado à geração de saberes no marco de tradições científicas. Em tais

condições – e tal como apontava Basalla ao considerar a terceira etapa do seu modelo –, deveria se apostar no desenvolvimento de uma ciência nacional, ou no desenvolvimento de disciplinas científicas que se orientem para a solução de problemas, quando não para a melhor compreensão do contexto em que se desenvolvem.

No segundo parágrafo desta introdução fazíamos referência ao fato de que, ao mesmo tempo em que as disciplinas das ciências sociais que se desenvolvem na periferia tendem a emular os corpos teóricos e metodológicos utilizados nos centros mundiais de produção científica, elas vêm-se pautadas, também, pelas condicionantes emergentes do contexto. Estas condicionantes, na cotidianidade, levam à determinação de rumos e à tomada de decisões, ou à realização de escolhas, relativas, por exemplo, à seleção de temáticas, de linhas de pesquisa, de objetos específicos de estudo, de metodologias a serem utilizadas, de formas organizacionais e de gestão dos recursos humanos e financeiros disponíveis.

Essas escolhas, por sua vez, dizem respeito à construção evolutiva dessas disciplinas no marco de certos espaços institucionais, em consonância com os vai-e-vem do contexto (e das variações sucedidas nos planos social, econômico, ideológico e político) e com o que a elas é demandado em cada fase do desenvolvimento do país ou da região. Vale dizer, assim, que a evolução dos campos disciplinares vai se construindo, no decorrer do tempo, a partir da confluência de vários fatores e variáveis que, por sua vez, emergem num momento preciso, dada uma situação específica em nível local, nacional ou regional, e a partir de particularidades concretas do entorno.

Neste trabalho objetivamos realizar uma abordagem contextual do desenvolvimento da Economia e da Sociologia uruguaias entre 1970 e 1990. Essas duas décadas marcaram profundamente a prática científica levada a cabo em distintos espaços institucionais naquele país visto que, a partir da instauração da ditadura, em 1973, os esforços que tinham sido realizados anteriormente foram interrompidos; por sua vez, a reinstauração da democracia, em 1985, marcou outra inflexão no processo de desenvolvimento da ciência, e particularmente das ciências sociais. No interregno dos dois

períodos, os cientistas que tinham permanecido no país criaram espaços inovadores visando continuar com a prática acadêmica: os centros privados de pesquisa em ciências sociais.

No primeiro capítulo deste trabalho trataremos, precisamente, da trajetória que tiveram as duas disciplinas consideradas no período de referência. Para contextualizar a situação na qual essas áreas do saber se encontravam no início dos anos 70 será necessário voltar à emergência e ao desenvolvimento inicial das mesmas, a partir dos primeiros esforços por institucionalizá-las e levar adiante tarefas inerentes à pesquisa, no final da década de 50 e começo da de 60 – segundo uma seqüência que, na América Latina como um todo, Gino Germani indica se inicia mediante a estruturação das atividades em torno às Cátedras universitárias, e depois se continua através do desenvolvimento das mesmas em âmbitos ministeriais (GERMANI, 1964). No Uruguai, esta institucionalização, na *Universidad de la República*, e a realização das primeiras atividades de pesquisa em Economia e Sociologia, também na Universidade e logo em seguida em outras esferas estatais, tiveram lugar apenas dez anos antes do período considerado por este estudo. Isso, entre outros fatores, caracteriza o fato de que elas ainda eram débeis, incipientes e restritas ao setor público no momento em que foram desestruturadas pelo *coup d'état*.

Cabe sublinhar, entretanto, que as próprias atividades de pesquisa desenvolvidas no decorrer das décadas de 50 e 60, assim como as que depois viriam a se levar adiante nos 70 e 80, enquadram-se dentro de uma tendência geral por abordar temáticas que contribuíssem à superação das crises, ou anomias, apresentadas na realidade dos nossos países. Ao tratar do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, por exemplo, Helena Bomeny e Patricia Birman – tal como também o tinham indicado Florestan Fernandes e Otávio Ianni – sublinham que uma das maiores preocupações que orientaram a evolução da Economia e da Sociologia na América Latina desde finais dos anos 50 até finais da década do 80 foi a de atender a questões estreitamente ligadas à realidade (BOMENY & BIRMAN, 1991; FERNANDES, 1977; IANNI, 1989).

Essa característica “aplicada” das ciências sociais latino-americanas, no entanto, apresenta diferenças substantivas em relação ao que, segundo os autores aos quais nos remeteremos a seguir, aconteceu tanto na América do Norte como na Europa. Segundo o salientado por Stephen Turner e Jonathan Turner num livro no qual realizam uma análise institucional da evolução da Sociologia estadunidense – e conforme ratificado por Jennifer Platt no livro da sua autoria sobre a história dos métodos de pesquisa utilizados na Sociologia daquele mesmo país (PLATT, 1996) – nos Estados Unidos da América do Norte, durante esses trinta anos, o que prevalecia era o interesse por desenvolver uma produção científica que estivesse ligada à geração de corpos teóricos e metodológicos (TURNER & TURNER, 1990). De maneira similar, ao tratar da evolução da Sociologia num outro país da América do Norte, o Canadá, Donald Fisher aponta a falta de interesse da pesquisa no que diz respeito à geração de conhecimentos sobre questões de ordem ‘realística’ naquele país (FISHER, 1991). Logo após a finalização da II Guerra Mundial, e depois de grandes cicatrizes deixadas no imaginário coletivo norte-americano pelo acontecido na experiência da Guerra do Vietnã, as ciências sociais desenvolvidas naquele sub-continente tiveram, tal como mencionado, um caráter eminentemente nacionalista. Assim, tanto a Economia como a Sociologia norte-americanas orientaram-se à aprimoração dos métodos até então conhecidos, e muito especialmente aos de corte quantitativo. Ademais, os cientistas daqueles países se dedicaram à realização de estudos de História Econômica ou Sociologia Política compreendendo os séculos XVIII e XIX – talvez como forma de favorecer a reafirmação das identidades nacionais.

Já na América do Sul, num período que se caracterizou pela turbulência registrada nas esferas social e cultural durante as décadas de 60 e 70 – e logo depois pelo cerceamento intelectual advindo da imposição de ditaduras na enorme maioria dos países do sub-continente –, a necessidade, e as acuciantes demandas, por contar com explicações e diagnósticos que permitissem melhor compreender os fenômenos em curso fizeram com que a Economia e a Sociologia tivessem um perfil de corte aplicado. Em matéria econômica, por sua vez, o período mencionado esteve marcado pela crise da pós-guerra (e as nefastas conseqüências que tal crise teve na redistribuição da renda entre as populações mais carentes), pelo processo de substituição de importações e, já em meados dos 70, pela

quebra do modelo cepalino de planificação econômica e a imposição de um modelo de corte netamente liberal, e pela nova crise advinda como resultado do aumento do preço internacional do petróleo.

Nesta linha de raciocínio, e a partir do caso da Economia no Brasil, Fernanda Sobral salienta que o fato de a Economia ser uma ciência predominantemente voltada para as questões nacionais – junto com a tradição de participação no poder político e na elaboração de políticas econômicas – levou a um maior desenvolvimento da Economia Aplicada em relação à Teórica (SOBRAL, 1996: 132). De tendência similar dá conta Henry FINCH (1980) ao tratar do desenvolvimento desta mesma disciplina na América Latina e Hernán JARAMILLO (1997) ao analisar, desde a Colômbia, a conformação de redes entre cientistas envolvidos em pesquisas macroeconômicas na região.

Quando do estabelecimento da ditadura militar no Uruguai, alguns cientistas optaram por emigrar ou simplesmente tiveram que fazê-lo dado seu envolvimento nos movimentos sociais e políticos que a ditadura passou a reprimir; mas aqueles cujas preferências e possibilidades se inclinaram à consecução da prática acadêmica no país, tal como salientamos anteriormente, criaram as instituições das quais trataremos no segundo capítulo. No transcurso dele, e considerando os objetivos estabelecidos pelos quatro principais centros privados de pesquisa em ciências sociais que se constituíram ou revitalizaram no Uruguai entre 1974 e 1977 (CIEDUR, CIESU, CINVE e CLAEH), analisaremos o teor das atividades neles desenvolvidas (projetos de pesquisa, implementação de cursos que visavam a formação das camadas mais jovens, relacionamento com outros centros da região etc.) e, muito especialmente, a dinâmica que imperou num contexto que se caracterizava pela “pesquisa de resistência” – sendo pertinente anotar que ela revestia tal caráter tanto por atender à preservação das atividades como pelo teor ideológico das mesmas. Deve-se notar, ainda, que estes centros, criados pelos próprios cientistas, constituem os únicos espaços nos quais, num período de vinte anos, se desenvolveram atividades de pesquisa em ciências sociais no Uruguai – uma vez que a Universidade sofreu intervenção militar, teve seus quadros desmantelados e passou a formar pessoal apenas em áreas profissionalizantes.

Assim, os centros privados de pesquisa foram as únicas instituições que deram continuidade e mantiveram vivas as tradições anteriormente construídas – as únicas que, a modo de exemplo, continuaram a desenvolver trabalhos de pesquisa numa linha estrutural-funcionalista (FILGUEIRA, 1988b), dentro de um referencial marxista-gramsciano, utilizando categorias de análise próprias do pensamento cepalino ou outras susceptíveis de se enquadrarem na teoria da dependência. Por sua vez, e num contexto tão árido como o daqueles anos, eles não contaram com qualquer tipo de assistência de origem nacional e só puderam manter suas atividades a partir da ajuda que lhes foi concedida do exterior, proveniente de organizações e agências internacionais e de fundações filantrópicas. Nesse contexto, o financiamento externo foi decisivo para a manutenção das atividades acadêmicas no interior dos centros privados e para o próprio desenvolvimento da Economia e da Sociologia no país.

Devido a esse importante papel do financiamento externo, no terceiro capítulo analisa-se a ação das três principais instituições cujo apoio financeiro e político aos centros independentes de pesquisa permitiu que a Economia e a Sociologia continuassem a construir sua história (o Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento do Canadá / CIID-IDRC; a estadunidense Fundação Ford; e a agência sueca SAREC). Serão analisadas a ingerência que essas agências e fundações tiveram no estabelecimento das agendas de pesquisa, na definição das temáticas a serem tratadas, na formação de pesquisadores, no treinamento de recursos humanos para pesquisa, no relacionamento que os integrantes dos centros privados mantiveram com seus pares da região, nas correntes de difusão e publicações seguidas pelos cientistas sociais uruguaios.

Cabe destacar que este trabalho, além de se valer de uma revisão da literatura publicada sobre estas temáticas na América Latina, incluiu uma pesquisa de corte histórico para a qual coletaram-se dados primários junto aos arquivos dos centros privados de pesquisa em ciências sociais no Uruguai. Ademais, estas informações sobre os centros foram complementadas por vinte e uma entrevistas realizadas com os cientistas sociais daquele país que vivenciaram o processo de construção social da ciência no que diz respeito às duas disciplinas consideradas. Foram também coletados dados primários e

materiais nos arquivos das próprias agências e fundações filantrópicas de referência – de forma pessoal, no Escritório Regional para a América Latina do IDRC canadense, no Escritório da *Ford Foundation* na cidade do Rio de Janeiro e nos Arquivos Gerais do Escritório Central da Fundação Ford, em Nova Iorque; e, para o caso da agência sueca SAREC, a partir dos informes e relatórios de avaliação que o atual Diretor Geral da SIDA/SAREC nos encaminhou por via postal desde Estocolmo. A pesquisa junto aos organismos internacionais completou-se, ainda, mediante a realização de entrevistas em profundidade com três *Program Officers* ou Responsáveis pela América Latina que, no transcurso dos anos 70 e 80, atuavam nos escritórios ou programas criados no interior das agências e fundações para conceder assistência à região e, tal como mencionado, a partir das entrevistas mantidas com os vinte e um cientistas sociais uruguaios que, na cotidianidade, eram apoiados por estas instituições e fundações filantrópicas.

Entre um dos principais critérios que orientavam a ação destas agências e fundações encontrava-se, precisamente, o de “assistir àqueles que tinham optado por permanecer nos seus países durante períodos de turbulência política” (PURYEAR, 1983: 23). Em consonância com isso, e dado o fato de que esses cientistas se nuclearam ao redor dos centros privados de pesquisa em ciências sociais, as ajudas brindadas pelas agências e fundações durante as décadas de referência concentraram-se no apoio aos centros privados, ou independentes<sup>2</sup>, de pesquisa – sendo que isso aconteceu não só no caso uruguaio como também em vários países da região latino-americana que nas décadas dos 70 e 80 viviam sob regimes ditatoriais (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Peru, e Paraguai, entre outros). Por outra parte, uma das idéias subjacentes à ajuda brindada pelos organismos internacionais era a de que as restrições que regiam sobre as atividades científicas haveriam, necessariamente, de ser temporais e que, precisamente por isso, eles

---

<sup>2</sup> - Note-se que na literatura, e muito especialmente naquela produzida no hemisfério norte, costuma fazer-se referência a estes centros como centros independentes de pesquisa. Talvez como forma de deixar claro que os centros, embora dependessem financeiramente dos aportes outorgados pelas agências e fundações com sede acima da linha do Equador, mantinham seu caráter de independentes. Por outra parte, os integrantes dos centros reconhecem a pertinência dessa denominação porquanto implica que eles não se encontravam sob dependência – fosse institucional, fosse jurídica – de qualquer outra entidade. Não obstante isso, os cientistas sociais nucleados em torno aos centros falam de si mesmos como sendo membros dos “centros privados de pesquisa” e é por essa razão que no presente trabalho haveremos de remeter aos centros como ‘centros privados’ – porquanto essa é a denominação com a qual eles próprios, antes de que com a de independentes, parecem ficar mais a vontade.

deviam garantir a permanência, em cada um dos países, daqueles grupos ou núcleos de trabalho cujas visões ou substratos ideológicos pudessem diferir dos sustentados pelos regimes que estavam em vigência – e os quais, por essa mesma razão, entre outras, eram os susceptíveis de requerer ajuda.

Neste sentido, cabe destacar que os apoios brindados pelas agências costumavam representar o fator viabilizador de parte significativa das atividades desenvolvidas no interior dos centros. Ao tratar da atuação da *Ford Foundation* no Brasil, Sérgio Miceli salienta que esta agência “parece operar o tempo todo orientando-se por diretrizes doutrinárias e institucionais que fixam prioridades de atendimento em termos de temas para estudos e pesquisas, de clientes preferenciais e de alvos institucionais estatégicos. [...] Diante dessa situação, a contribuição financeira da Fundação Ford aos cientistas sociais no país chegou a representar, em diferentes conjunturas recentes, em torno de 40% sobre o total da operação em algumas das instituições públicas e privadas de maior prestígio intelectual” (MICELI, 1990: 18).

Ao aprofundarmos nas motivações que guiaram os organismos de financiamento para apoiar a região da América Latina, tema que, como já salientamos, será tratado no terceiro capítulo deste trabalho, além do interesse por contribuir ao desenvolvimento das ciências sociais nos países periféricos, destaca-se que, segundo Charles Davis, as estratégias seguidas pelas agências se orientavam na direção de fomentar a produção de conhecimentos que fossem considerados relevantes pelos atores locais. Conforme Davis aponta, durante as décadas de 70 e 80, o que as agências ansiavam era se constituir em ‘parceiras’ dos integrantes das comunidades acadêmicas periféricas (DAVIS, 1997: 265).

Não obstante isso, deve-se sublinhar que os organismos internacionais e as fundações filantrópicas, na segunda década deste século XX, também outorgaram assistência financeira a centros e institutos de pesquisa em ciências sociais, públicos e privados, situados em países que não apresentavam problemas similares aos dos ‘cientificamente periféricos’. Tal é o caso do apoio dado pela *Rockefeller Foundation* para o desenvolvimento da sociologia na Alemanha; sendo que, conforme apontado por David

Staley, as motivações que funcionaram como indutoras das ajudas oferecidas nesse caso diferem notadamente das que guiaram as ações das agências e fundações na América Latina – tratando-se, segundo o autor, do interesse por “americanizar” a sociologia alemã (STALEY, 1995). Por outra parte, num artigo publicado por Lily Kay na revista *Minerva*, em relação a quais as orientações que regiam o *Laura Spelman Rockefeller Memorial*, destaca-se, precisamente, que o principal interesse se relacionava com a obtenção de ganhos. Nas palavras de Kay, “o interesse na ciência era um interesse por alcançar certas metas. A insistência no estabelecimento de utilidades que unissem a curiosidade intelectual com a obtenção de logros práticos, tanto nas ciências naturais como nas sociais, guiou, embora não tenha determinado, as políticas da *Rockefeller Foundation*” (KAY, 1997: 293).

Os cientistas sociais latino-americanos que conformavam os grupos ou núcleos de trabalho que mais precisavam dos apoios que chegassem do exterior, por sua vez, nem sempre eram favoráveis a se envolver em projetos de pesquisa que recebiam financiamento por parte das agências ou fundações. Alguns cientistas, por fatores que também estavam associados a questões ideológicas, preferiam não receber ajudas ou auxílios de qualquer espécie de parte das instituições que, segundo um ‘discurso’ no qual eles não acreditavam, pretendiam apoiá-los. A polêmica em torno à dualidade atribuída às agências e fundações filantrópicas tem suscitado inúmeros debates. A tendência, seguindo o indicado por Sérgio Miceli, “aponta a sublinhar o vezo interesseiro delas em relação à periferia ou a enquadrá-las numa perspectiva quase apologética. [...] [E] qualquer uma dessas duas versões tende a torná-los [aos *Program Officers* das agências] sujeitos genéricos de um discurso pontuado de queixas sussurradas, impronunciáveis, quase sempre desencarnados de sua inserção real, executores voluntários de uma missão otimista de fé ou funcionários sem escrúpulos de uma política imperial. Existem, pois, como figuras animadas de uma ladainha mas não como interlocutores moldados pelas suas circunstâncias” (MICELI, 1990: 9).

O ápice destas ‘desconfianças’, em relação com o financiamento internacional orientado para pesquisa, tem sua origem no Projeto Camelot – um projeto ao qual os

autores que tratam destas temáticas raramente se referem dada a escabrosidade do assunto e a ausência de dados primários a respeito dele. O Projeto Camelot foi um projeto pensado, em primeira instância, pelo Pentágono dos Estados Unidos. Ele foi implementado pelo Departamento de Defesa daquele país, sendo que sua operacionalização ficou a cargo da SORO, *the Army's Special Operations Research Office* (HOROWITZ, 1967) O papel que coube à *National Science Foundation* (NSF) no decorrer do mesmo, coordenando atividades junto com o Exército estadunidense, também foi de grande magnitude.

Otto Larsen, autor de um livro sobre as políticas e diretrizes em matéria de ciências sociais seguidas na NSF entre 1945 e 1991, salienta que as questões relativas às ciências sociais durante os anos 60 ficaram 'no olho da tormenta' a partir, precisamente, do Projeto Camelot. Segundo Larsen, em 1964 o estudo foi atribuído à *Special Operations Research Office of the American University* sob um contrato de seis milhões de dólares estadunidenses (US\$ 6.000.000) aportados pelo *Department of the Army* para que se pesquisassem "as pre-condições políticas, econômicas e sociais da instabilidade e da potencial usurpação do poder por parte dos comunistas em vários países subdesenvolvidos" (LARSEN, 1992: 71). Neste mesmo sentido apontam um participante do processo, Irving Horowitz, e, em segundo lugar, Kalman Silvert, um analista privilegiado cujo envolvimento com a *Ford Foundation* foi decisivo para as políticas mantidas pela Fundação em relação à América Latina.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> - Ao respeito do Projeto Camelot, Horowitz sugere que "talvez a melhor forma de começar a descrever o projeto seja pela descrição que dele se fez num documento decisivo – enviado, a um seleto grupo de *scholars* ao redor do mundo. Nele se disse que o Projeto Camelot é um estudo que têm como principal objetivo determinar as possibilidades de se desenvolver um modelo do sistema social que permitisse prever e influenciar aspectos politicamente significativos relacionados com as mudanças sociais [que nesse então estavam tendo lugar] nas nações subdesenvolvidas do mundo. De forma mais específica seus objetivos são: *Primeiro*, aprimorar os procedimentos disponíveis para evitar as possíveis guerras internas ao interior das sociedades nacionais; *segundo*, identificar, com um alto grau de confiabilidade, quais as ações que um governo pôde realizar aos efeitos de neutralizar as condições a partir das que poderiam se gerar uma potencial guerra interna; e *finalmente*, estimar a plausibilidade de chegar à prescrição das características de um sistema que permita modelar a realidade visando obter e utilizar as informações necessárias aos efeitos de cumprir com os dois objetivos anteriores. O projeto é concebido para ter uma duração de três a quatro anos, com um orçamento de entre um milhão e um milhão e meio de dólares anuais. Ele é coordenado pelo Exército e pelo Departamento de Defesa, e será conduzido com a cooperação de outras agências do governo" (HOROWITZ, 1967: 4-5).

No mês de junho de 1965 a existência do Projeto tornou-se pública e as respostas não se fizeram esperar. Os debates giraram em torno a duas questões centrais: por uma parte, no que diz respeito ao fato dos militares estadunidenses estarem financiando pesquisas em ciências sociais no exterior (ou seja: os militares financiando estudos além das suas fronteiras, sendo que as únicas atribuições do Departamento da Defesa dos Estados Unidos são as de cuidar da defesa do país); por outra, no que se relacionava à criação de mecanismos administrativos que visassem resolver problemas associados a questões éticas e à definição de prioridades no campo das pesquisas em ciências sociais. Larsen estabelece, além do mais, que como consequência dos problemas advindos do Projeto Camelot (uma vez que se quebrou o sigilo em torno dele) deu-se um movimento conjunto dos Departamentos de Estado e da Defesa do governo estadunidense e da *National Academy of Science* para criar uma NFSS, *National Foundation for the Social Sciences* (LARSEN, 1992: 73-74).

O Projeto Camelot gerou esse tipo de discussões ao interior nos EUA mas em nível internacional ele, além de provocar polêmicas, levou ao questionamento das agências e fundações filantrópicas por serem elas as que recebiam os recursos do Departamento de Defesa (via *National Science Foundation*) e o repassavam, sob a forma de auxílios financeiros, àqueles que desenvolviam as pesquisas: instituições localizadas nos países periféricos, nos países ao respeito dos quais se queria gerar informações. O Projeto Camelot, ainda, fez com que muitos cientistas sociais começassem a perceber quais as implicações e as responsabilidades que lhes poderiam caber enquanto indutores de políticas públicas. Vale dizer, assim, que a partir do Projeto Camelot e dos debates ao qual o mesmo deu lugar, muitos cientistas latino-americanos passaram a reconsiderar o papel

---

“O projeto infelizmente intitulado Camelot projetou uma mirada extremamente ampla em pelo menos meia dúzia de países latino-americanos” (SILVERT, 1967: 82). Chile foi escolhido para ser o primeiro caso de estudo. “A pessoa que fez os contatos iniciais para Camelot no Chile foi o Dr. Hugo Nuttini – um ex-chileno, agora cidadão americano e professor associado da Universidade de Pittsburgh, segundo reportes da imprensa chilena. [...] A reportagem feita em Ercilla, um jornal chileno, contem os detalhes do Projeto tal como eles me foram narrados a mim por vários dos principais participantes. Nuttini falou com Urzúa, um sociólogo da Universidade Católica de Santiago que tinha estudado com Nittini na UCLA. e explicou a ele que o estudo haveria de levar em consideração ‘uma série de aspectos do sistema social chileno e que, além do mais, estaria respaldado por vários milhões de dólares fornecidos pela *National Science Foundation*. Ele agregou, com o intuito de atrair ao colega, que entre os diretores do Projeto figuravam distinguidas personalidades das ciências sociais norte-americanas, citando nomes de tal prestígio como os de Kingsley Davis, Seymour Lipset and Robert K. Merton” (SILVERT, 1967: 85).

que cabia tanto às agências financiadoras como a si mesmos – enquanto geradores de conhecimento/insumos em épocas tumultuadas. Muitos outros passaram a desistir da possibilidade de se engajar em pesquisas que contassem com financiamento de agências e fundações filantrópicas. Como é sabido por todos nós, e tal como foi apontado ao referirmos à dualidade ‘agências como entidades beneficentes e solidárias – agências como agentes do imperialismo’, essa polêmica esteve em pauta durante longos anos e não foram poucos os cientistas sociais latino-americanos que sofreram com a crítica e a discriminação dos colegas que os consideravam ‘vendidos ao império’ por trabalharem sob financiamento estrangeiro.

Ainda sobre esta questão da dualidade teórico-idiossincrática em torno às agências financiadoras, cabe compartilhar o manifestado por outros dois autores que foram peças-chaves da tomada de decisões sobre estes tópicos nas décadas de 60 e 70.

**“Se a questão referente às motivações dos doadores ainda não foi respondida, pode ser que seja porque essa é uma pergunta errada, ou uma boa pergunta colocada em pauta de um jeito que já não se aplica – caso alguma vez tenha aplicado. Pode-se argumentar que os motivos que guiaram aos Rockefeller ou a aos Carnegie eram tão simples que nem vale a pena fazer, ou que se tivessem feito, as complexas análises realizadas – em especial se levarmos em consideração quais as intenções pessoais desses homens e do que seus colaboradores disseram ou escreveram. Por outra parte, se centrarmos o olhar no que as fundações, por eles constituídas, têm virado e em como elas se desenvolveram – quando consideradas em relação àquelas orientações originais –, um problema muito mais complexo e interessante aparece. É possível que mediante uma análise Gramsciana do comportamento das agências possa se explicar o que é que tem sido realizado a partir das intenções dos ideólogos das filantropias, mas essa análise não se aplica para compreender os motivos primeiros” (KARL & KATZ, 1987: 36) [Ênfase da autora]**

No decorrer do terceiro capítulo desta tese haveremos, precisamente, de deixar de lado as inquietações que dizem respeito às intenções últimas (ou de fundo) dos doadores para nos centrar nas linhas de ação, nas políticas e nas diretrizes orientadoras que as agências por eles fundadas vieram a seguir. A análise será realizada a partir da ajuda que as três agências enunciadas (IDRC, FF e SAREC) bridaram aos centros uruguaios de

pesquisa em ciências sociais e, desde o ponto de vista do referencial teórico, a partir do sublinhado na literatura em relação ao papel que o financiamento desempenhou na institucionalização da Economia e da Sociologia – possibilitando a manutenção de atividades –, à definição dos temas a serem pesquisados e à conformação de uma prática de pesquisa particular e contingente.

A partir do conceito de *ethos científico* mertoniano – segundo o qual entende-se como *ethos* da ciência “o complexo, aprendido emocionalmente, de regras, prescrições, costumes, crenças, valores e pressuposições aos quais o cientista deve se ater” (MERTON, 1977: 303) –, cabe destacar que o papel das agências e fundações filantrópicas foi de suma importância, também, no que diz respeito à redefinição do *ethos científico* imperante nas sub-comunidades dos cientistas sociais uruguaios.

Hebe Vessuri, ao analisar o papel desempenhado pela Fundação Rockefeller na Venezuela no decorrer dos anos 40 e 50, salienta que foi a partir das estratégias seguidas pela fundação que os cientistas vinculados a atividades de pesquisa agrícola estreitaram os laços com os setores produtivos (VESSURI, 1996a). Esta autora sublinha, também, que a dinâmica da sub-comunidade acadêmica ligada à Medicina Experimental naquele país foi re-estruturada a partir da necessidade de cumprir com os requerimentos e as diretrizes da *Rockefeller Foundation*.

No que diz respeito ao desenvolvimento, e à construção social, da Economia e da Sociologia no Uruguai, cabe enfatizar que o papel das fundações resultou de particular valia em planos similares – tais como: para a dinâmica dos centros (tanto em termos do estabelecimento de certa divisão temática entre eles, como forma de ‘coordenar’ a concorrência junto às agências, hábitos relacionados com produção, imperiosa necessidade de atender à formação de recursos humanos porquanto lhes era exigido, etc.); em todo o relativo ao aprendizado que trouxe junto em termos de gestão (os cientistas aprenderam a lidar com uma série de fatores, procedimentos e *modus operandi* que, por não fazerem parte da ‘cultura’ ou idiosincrasia universitária e pública, lhes eram alheios); pela necessidade de ter que encarar processos de barganha com novos atores (que para o caso

eram as agências e fundações, não só ao considerá-las em forma individual mas em bloco já que cada centro teve que aprender a negociar com um *pool* delas, aprendendo a justificar segundo os interesses próprios de cada uma e fazendo os arranjos necessários para sobreviver a partir da justaposição dos apoios que lhes eram brindados por, pelo menos, uma tríade), pelo que significou em termos de mudanças nos modos de organização dos centros (ter que respeitar prazos, apresentar relatórios com certa frequência e de forma compulsória, entre outros); por ter dado lugar ao estabelecimento de redes ou ao estreitamento de laços pré-existentes e, tão importante quanto o anterior, à conformação de equipes de trabalho na esfera regional.

Assim, o papel que coube às agências e às fundações filantrópicas foi muito além da mera concessão de recursos financeiros e além também da tão questionada ingerência que elas viriam, ou não, a ter na definição dos temas de pesquisa. Essas agências e fundações, inclusive sem que fique muito claro em que medida elas eram conscientes disso, contribuíram e fizeram com que os cientistas sociais uruguaios se vissem impregnados, e construísem na cotidianeidade da atividade de pesquisa, o *ethos* científico que viria a marcá-los no período subsequente.

Finalmente, e antes de dar início ao ‘corpo’ do trabalho, gostaríamos de salientar que, em consonância com os pressupostos teóricos do referencial construtivista ao qual aderimos, a Economia e a Sociologia uruguaias de hoje em dia construíram-se e constroem-se cotidianamente, a partir das construções precedentes. Elas interagem com o contexto e conduzem a explicações e diagnósticos que refletem as tradições e heranças das quais são sujeitas ativas. O que elas são e o que podem chegar a ser, é contingente às tradições, instituições e dinâmicas que fazem parte do seu próprio processo de construção social. Consideramos que conhecê-lo e melhor entendê-lo pode contribuir para a definição de políticas que visem ou se orientem à construção de novos rumos.

## **CAPÍTULO I –**

### **EMERGÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA E DA SOCIOLOGIA**

#### *Introdução*

Neste primeiro capítulo a atenção será centrada no relato histórico-social e nos principais fatores condicionantes do processo de emergência e desenvolvimento das duas disciplinas das ciências sociais que constituem nosso objeto de estudo – quais sejam, a Economia e a Sociologia. Esse relato é delimitado segundo critérios definidos por fatores de ordem política e também intelectual e restringe-se ao contexto do Uruguai.

O relato inicia-se nas fases precoces de consolidação destes então “novos” saberes, marcadas pelas atividades de docência e por tímidas iniciativas em relação à pesquisa, e estende-se até o ano de 1990. Foram nestas fases iniciais, entretanto, que se conformou uma proto-comunidade de cientistas sociais que, em sua grande maioria, desenvolvia atividades em disciplinas afins (tipicamente o Direito) ou se dedicava à resolução de problemas específicos em áreas correlatas (p.ex.: a Administração, o Urbanismo, certas especialidades da Saúde, a realidade emergente dos âmbitos rurais, etc.). Em geral, pode-se dizer que o desempenho de atividades na área de Economia e Sociologia esteve relacionado com a necessidade de elucidar e entender aspectos concretos da realidade nacional. Tais aspectos demandavam a realização de uma análise detalhada do tecido econômico e social, apontando para a compreensão das mudanças que, já no início da década de 60, eram consideradas ameaças ou prenúncios da instabilidade que iria registrar-se no transcurso dos anos seguintes.

Levando em conta, ou tendo como pano de fundo, as considerações teóricas realizadas na Introdução a este trabalho – particularmente no que diz respeito à ciência enquanto instituição social modelada pelo meio em que se encontra e com o qual permanentemente interage, segundo processos de endogeneização contingentes e particulares<sup>4</sup> –, no decorrer deste capítulo trataremos da emergência e das diversas fases que envolveram a evolução da Economia e da Sociologia no país, acompanhando-as nos diferentes avanços e retrocessos registrados.

As duas ciências sociais consideradas evoluíram num ‘contínuo’ que esteve marcado por marchas e contramarchas, numa sucessão de etapas que não podem ser desvinculadas do acontecido no decorrer do período 1960-1990 no país como um todo. Os fatos decorrentes da instauração do regime ditatorial, que foi imposto ao país em 1973, e suas implicações para a atividade científica, conduziram ao desmantelamento do sistema científico e à diminuição drástica do interesse pela sobrevivência das atividades de ensino e pesquisa em ciências sociais – exceto nas áreas tradicionalmente consideradas “profissionais”, geradoras de quadros capazes de retroalimentar a ordem em curso pela mera reprodução.

Foi precisamente nesse marco que os cientistas sociais foram “expulsos” da Universidade – espaço no qual, como veremos a seguir, a partir da década de 60 passaram a concentrar-se as atividades de pesquisa – e que, visando permanecer no país e garantir as condições mínimas que lhes permitissem desenvolvê-las, constituíram centros privados de pesquisa.

As atividades acadêmicas realizadas durante o período ditatorial nos centros privados, que os próprios cientistas sociais criaram, alcançaram ritmos e variações que as distinguem daquelas que, na democracia, faziam parte do ‘crescimento normal’ – decorrente da evolução dos saberes em lapsos correspondentes à ‘ciência normal’, segundo a tradição kuhniana. De fato, no período ditatorial, a Economia e a Sociologia

---

<sup>4</sup> - Ver, entre outros, BARNES (1974), CLARK (1995), COLE (1970), COLLINS (1983), COZZENS (1990), KNORR-CETINA (1995), MULKAY (1979), RESTIVO (1995), VELHO (1987), VELHO (1990), VESSURI (1996b), WEBSTER (1991), WEINGART et al. (1997) e WHITLEY (1984)..

uruguaias alcançaram um nível de atividade de que não se tem registro de ter sido alcançado, nem no período precedente nem no imediatamente posterior.

A partir do que será exposto, tanto neste capítulo como no próximo, relativo aos centros privados de pesquisa, torna-se explícita a idéia de que, no Uruguai, as ciências sociais de referência tiveram um desenvolvimento substancial precisamente quando as características do contexto se tornaram mais adversas. De forma paradoxal, elas conseguiram dar um “salto involuntário” quando menos era de se esperar.

Explicitamos, assim, a idéia de que o “salto involuntário” dado pela Economia e pela Sociologia no Uruguai decorreu do desenvolvimento que alcançaram as mesmas no período ditatorial, marcando-se o paradoxo de que isso aconteceu em condições nas quais não daria para se pensar em crescimento nenhum por parte delas. O desenvolvimento das ciências sociais no período de exceção avançou como provavelmente não teria tido condições de avançar no sistema democrático. Esse desenvolvimento teve lugar no interior dos centros privados de pesquisa e cristalizou-se a partir de tradições e influências das mais variadas, sendo mantido através de financiamento externo.

### *1.1. - Antecedentes*

As pesquisas desenvolvidas no âmbito das ciências sociais têm desempenhado um papel muito importante na vida do país, visto que se orientaram para a geração de conhecimentos que permitissem uma maior compreensão dos problemas suscitados em vários planos e espaços temporais. Além disso, contribuíram para a definição de cursos de ação que, particularmente nos primórdios e em algumas áreas específicas, levaram à estruturação e implementação de programas e políticas governamentais.

Deve-se destacar que o salientado no parágrafo precedente verificou-se de forma bem mais acentuada nos últimos trinta e cinco anos uma vez que, tal como acontecera em

outros países do continente, a complexa e prolongada crise socio-econômica vivida no Uruguai a partir de meados da década de 60 estimulou um número cada vez mais significativo de interpretações, estudos e propostas no marco das ciências sociais. Além disso, e diferentemente do que acontecera em relação a outras áreas do conhecimento, deve-se ressaltar que, no âmbito das ciências sociais, foi possível preservar a prática de pesquisa durante o período da ditadura, cuja data inicial tornou-se extremamente simbólica para a história uruguaia contemporânea: o 27 de junho de 1973.

A continuidade da pesquisa foi possível porque a “modalidade” própria de trabalho nas ciências sociais, que exige pouca infra-estrutura física, encontrou outras maneiras de se organizar e tornou frutífero o esforço de gerar novos espaços institucionais. O desenvolvimento que haviam alcançado as diversas disciplinas no período precedente<sup>5</sup> e a qualificação dos cientistas sociais uruguaio permitiram que a produção intelectual fosse mantida, apesar das adversas condições políticas imperantes, através da conformação, por eles próprios, de um pequeno número de centros independentes de pesquisa. Em tais centros, e graças ao apoio financeiro recebido do exterior, os cientistas sociais puderam permanecer no país visando dar continuidade ao desenvolvimento das atividades acadêmicas, à geração de conhecimentos e à formação de recursos humanos nas disciplinas que aqui analisamos.

Economia, História e Sociologia são, entre as áreas suscetíveis de serem classificadas no âmbito das ciências sociais, aquelas que possuem uma maior produção de pesquisa no país. A História teve um surgimento precoce na região do Rio de la Plata e foi a primeira a abrir caminho às ciências sociais – até porque, tal como acontecera em outros países novos, a mesma foi de fundamental importância para que o país pudesse conhecer suas raízes e, assim, construir uma identidade própria. Tanto a Economia como a Sociologia surgem tardiamente, sendo que os responsáveis por sua implementação procuraram consolidar estas disciplinas institucionalmente antes de desenvolverem

---

<sup>5</sup> - Período esse relativamente curto, abarcando no máximo duas décadas quando fazemos referência à prática de pesquisa.

pesquisas nessas áreas e, de fato, é só recentemente, na década de 60, que se constata a “decolagem” destas ciências sociais no Uruguai (CINVE, 1986: 21).

Alguns autores destacam que as primeiras interpretações sobre o processo econômico e social começaram a ser delineadas no Uruguai quando em outras nações da América Latina já existia destacada tradição acadêmica em Economia e Sociologia. De fato, no que diz respeito à Economia no Brasil, Fernanda Sobral indica que “em 1864 há a introdução do ensino de Economia Política na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e em 1896 em São Paulo” (SOBRAL, 1992: 100). Esta autora também salienta que a organização do ensino superior de Ciências Econômicas e a criação da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas ficaram estabelecidos por um Decreto Federal brasileiro que data do mês de setembro de 1945, e que, em 1946, foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (SOBRAL, 1992: 104). No que guarda relação com a Sociologia, cabe destacar que Florestan Fernandes localiza o surgimento da Sociologia no Brasil na década de 1910 (FERNANDES, 1977); e que Gino Germani data a emergência dos primeiros grupos de trabalho argentinos na disciplina, em 1920 (GERMANI, 1964).

Com vistas a explicar a tardia emergência das disciplinas que nos ocupam, no caso uruguaio, argumenta-se que o crescimento econômico constante e a estabilidade política com que contara o país, durante mais de meio século, não despertaram o interesse dos pesquisadores em estudar uma realidade que não apresentava problemas graves (CINVE, 1984; VEIGA, 1979). Assim, o esgotamento do modelo populista “batllista”<sup>6</sup>, e os conseqüentes desequilíbrios econômicos e sociais que se intensificaram no decorrer dos anos 60, são freqüentemente associados aos primeiros “empurrões” na pesquisa econômica e sociológica.

---

<sup>6</sup> - Identifica-se com José Batlle y Ordoñez, Presidente da nação em duas oportunidades (1897-1901 e 1905-1909), e que cunhou uma corrente política proeminente até a atualidade, o desenho de um avançado programa inscrito no que hoje em dia denominamos “Estado de Bem-estar” (Welfare State). Deve-se destacar que a concepção batllista orientou a política uruguaia por mais de meio século e que os movimentos políticos ligados ao ideário de José Batlle y Ordoñez ainda mantêm preponderância no país. Exemplo disso é que o filho dele, Luis Batlle foi presidente durante dois períodos na década de 40 e finais dos 50 e que o atual presidente do Uruguai, neto de José e filho de Luis, é Jorge Batlle.

Este importante impulso das ciências sociais teve lugar, numa primeira fase, na órbita oficial – Ministérios e outros organismos estatais – através de pesquisas desenvolvidas visando a criação de um plano econômico por parte do governo. Porém, já na segunda metade de 1960 tal impulso transferiu-se para a Universidade, onde se desenvolveu uma postura crítica e contestadora ao regime vigente. É de se notar, por outra parte, que no período compreendido entre 1960 e 1970, embora de uma forma gradual, a quase totalidade dos cientistas envolvidos com tarefas de pesquisa nas áreas de Economia e Sociologia passaram a concentrar-se na *Universidad de la República*<sup>7</sup> – âmbito ao qual eles mesmos, no decorrer das entrevistas realizadas, referem-se como o *locus* ‘por excelência’ de desenvolvimento das atividades acadêmicas relativas a ambas disciplinas por mais de uma década no país.

A partir de 1973, e uma vez instaurada a ditadura no país, as ciências sociais e várias formas ou expressões nacionais da cultura foram perseguidas pelo governo, chegando-se, inclusive, à assim chamada “intervenção” da Universidade no dia 29 de outubro de 1973, apenas quatro meses após o estabelecimento do Golpe de Estado. Nesse marco, os centros privados de pesquisa em ciências sociais emergiram e tomaram vulto. Um destes centros existia desde 1957 e os outros foram criados nesses anos (entre 1974 e 1977), conseguindo manter o desenvolvimento de suas atividades a partir do espírito autogestor da comunidade científica, da ajuda financeira que lhes foi concedida do exterior por organizações governamentais e não governamentais, fundações filantrópicas e organismos internacionais. Essa expansão, no entanto, só foi possível porque já existia uma massa crítica de cientistas sociais no país, em torno dos quais os novos puderam se aglutinar.

---

<sup>7</sup> - A *Universidad de la República* é a única universidade pública que existe no Uruguai e a única instalada no país, até 1984, ano em que, estando ainda em vigência o ‘regime de exceção’, se constituiu a *Universidad Católica del Uruguay “Dámaso Antonio Larrañaga”* (UCUDAL), que conformou sua Faculdade de Ciências Sociais em 1991 e começou a ministrar cursos de graduação em Sociologia em 1992. (Note-se que para todos os efeitos, e salvo explicitação contrária, quando daqui para frente se fizer referência à ‘Universidade’, significa uma alusão à *Universidad de la República*).

Tais centros<sup>8</sup> contribuíram de forma mais que significativa em dois planos fundamentais: os resultados de seus estudos foram básicos para, de um lado, manter e continuar as atividades de pesquisa e também para gerar conhecimentos nas distintas disciplinas das ciências sociais e, de outro, apoiar e ‘abrir caminho’ às novas gerações de cientistas sociais que continuaram a se formar no interior dos mesmos.

Com a reinstalação do sistema democrático no país, após 1986, e superada a etapa que se convencionou chamar de “pesquisa de resistência”, os centros nascidos e desenvolvidos no período da ditadura deixaram de ser focos de exceção, passaram a ocupar espaços legítimos e assumiram a revitalização da prática acadêmica em conjunto com a Universidade<sup>9</sup>. Tudo isso levou a uma reestruturação institucional que implicou a associação informal dos centros com a Universidade. Estas instituições, então, passaram a atuar com espírito de cooperação, complementação, divisão de papéis em termos de ensino e pesquisa e formas criativas de coordenação que foram facilitadas por tratar-se de uma comunidade acadêmica.

Nessa última década, entretanto, muitas foram as transformações que se sucederam em âmbito institucional e em relação às dinâmicas de ‘funcionamento’ da comunidade científica uruguaia em conjunto. Vale destacar o enfraquecimento paulatino das atividades de pesquisa desenvolvidas nos centros privados devido à passagem de uma parte significativa dos seus pesquisadores para a Universidade e à diminuição dramática dos recursos concedidos pelos organismos internacionais e filantrópicos. Deve-se notar, assim mesmo, que estes centros nunca tentaram, nem tiveram a intenção de criar algum mecanismo conjunto que lhes permitisse manter o nível de atividades registrado no período anterior.

---

<sup>8</sup> - Os centros de maior atividade, e oportunamente filiados ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), são: o CIEDUR (Centro de Investigaciones y Estudios para el Desarrollo del Uruguay), o CIESU (Centro de Investigaciones y Estudios del Uruguay), o CINVE (Centro de INVESTigaciones Económicas) e o CLAEH (Centro LATinoamericano de Economía Humana).

<sup>9</sup> - Vale destacar que esta última recuperou sua autonomia, também em 1986, e voltou a acolher a pesquisa em ciências sociais.

Finalmente, antes de entrarmos no relato histórico de cada uma das disciplinas em particular, devemos destacar também o notável incremento (pós-86) das atividades de pesquisa em ciências sociais desenvolvidas na Universidade. Assim, cabe assinalar que após o estabelecimento da referida associação entre os centros privados de pesquisa e a Universidade da República, a concentração crescente de esforços e atividades passou a ter lugar no contexto universitário, não só simbolicamente mas, de fato, nos mesmos institutos universitários nos quais, vinte anos atrás, tanto a Economia quanto a Sociologia uruguaias tinham alcançado sua própria “consolidação”.

A seguir, e segundo o enunciado na introdução do presente capítulo – ao qual esta seção de antecedentes só pretendeu ser uma breve nota geral para a apresentação do marco contextual – haveremos de centrar nossa atenção no processo de emergência e desenvolvimento da Economia e da Sociologia uruguaias. Entendemos que acompanhar o *devenir* destas duas disciplinas no decorrer das décadas de 60, 70 e 80, aprofundar nos principais fatores que as impulsionaram e destacar as mudanças de ordem sócio-econômicas vividas no vizinho país do sul durante o período de referência, é fazer alusão a vários aspectos cardinais da construção inicial, posterior pseudo-deconstrução e reconstrução (pós-85) de ambas ciências sociais.

## **1.2. - Economia**

### **1.2.1. - As origens**

#### **1.2.1.1.) Os primeiros escritos sobre Economia**

O processo de institucionalização da Economia como disciplina teve início no Uruguai só a partir da década de 50; porém a preocupação pela temática em si e também a formulação de um certo pensamento sobre o tema já podem ser detectadas em alguns escritos ou ensaios que datam de finais do século XIX e das primeiras décadas do presente. Deve-se assinalar que o ensino da Economia no país adiantou-se, por mais de

uma década, ao desenvolvimento de atividades de pesquisa nessa disciplina já que “a cátedra de Economia da Faculdade de Direito foi a expressão predominante no que diz respeito ao ensino, desde metade da década de 1930 até finais da década de 1940, quando a Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração (FCA) passa a destacar a disciplina econômica. Por sua vez, a fundação do Instituto de Economia – na órbita da própria FCA – só veio a acontecer em 1951, sendo que a sua constituição é um marco no desenvolvimento da pesquisa econômica no Uruguai” (BARBATO, 1986: 125).

A sistematização da origem do pensamento econômico no Uruguai e o estudo dos fatores que explicam a conformação das posições que se gestaram em torno à problemática econômica constituem uma área de trabalho sobre a qual, na opinião de Celia Barbato, a pesquisa histórico-econômica ainda tem muito para indagar. Essa autora assinala que, tanto no decorrer do século passado quanto nas primeiras décadas do atual, “o tratamento do tema econômico pelos intelectuais uruguaios referiu-se muito mais à transmissão das contribuições que aportavam as diferentes teorias econômicas que se formulavam no estrangeiro, e particularmente na Europa, do que à aplicação das mesmas à realidade nacional” (BARBATO, 1986: 127).

Nesse sentido, vários autores (MARTNER, 1987; MILLOT, 1989; TERRA, 1990) apontam que o interesse pela temática econômica costuma ser incentivado no contexto das grandes crises ou no das polêmicas que se suscitam a partir de mudanças na política econômica. Neste sentido, os escritos produzidos na década de 1870 por José Pedro Varela e Angel Floro Costa – principais representantes da corrente positivista no país e precursores da reflexão intelectual voltada à realidade nacional – configuram um exemplo relevante. Porém, as discussões ideológicas que se deram em torno das reformas propostas pelo “batllismo” não deixaram estudos importantes acerca do tratamento da questão econômica, até pelo caráter hegemônico que tinha tal corrente naquele momento (ASTORI, 1981). Assim, o ideário batllista tinha se tornado algo de tão alto grau consensual que não surgiram, no período em que o mesmo se gestou e começou a implementar, estudos críticos a respeito dele.

Alguns anos após, a obra de Martínez Lamas, e particularmente o livro que ele publicou em 1930 sobre “A riqueza e a pobreza do Uruguai”, constituiu uma valiosa exceção porquanto nele o autor fez uma abordagem crítica do acontecido no país em matéria econômica durante o período batllista. Esse autor analisou os fatores geográficos e demográficos do país para apoiar sua interpretação sobre a economia uruguaia; interpretação que tinha como eixo principal a oposição entre o campo e a cidade. Posicionando-se num marco ideológico marcadamente liberal, assumiu a defesa dos setores agrários a partir do primeiro esforço sistemático de compreensão da situação econômica e social do Uruguai (MARTÍNEZ-LAMAS, 1930).

Por outra parte, a crise de 1929 e as diversas propostas que levaram à sua superação criaram oportunidades para a produção de escritos por parte de economistas, em muitos casos formados na Europa ou doutorados na Argentina. “Os trabalhos de Serrato, Cosio, Acevedo Alvarez e Charlone contêm sugestões sobre mecanismos para a implementação de políticas anti-crise” (BARBATO, 1986: 129), assim como fundamentações que se apoiavam nas teorias então predominantes em nível mundial, quando não na defesa ou rejeição do ‘modelo batllista’ que entrava em crise.

A defesa da política industrialista, desenvolvida basicamente no transcurso da década de 40 (GROMPONE, 1976; MELLO, 1975), e a conseqüente implementação desta na fase expansiva dos anos 50, não esteve acompanhada por avanços substantivos no plano da realidade nacional. Além disso, diversos autores – entre os quais cabe assinalar os trabalhos de Ernesto González Posse, Félix Pimentel y Suzana Prates – consideram muito importante a necessidade de enfatizar que o país não teve, até a década de 60, qualquer acervo estatístico mínimo no que diz respeito a dados sócio-econômicos: nem Censo Demográfico, nem Contas Nacionais, nem qualquer outra ferramenta indispensável tanto para a análise como para a pesquisa (GONZÁLEZ-POSSE, 1988; PIMENTEL, 1980; PRATES, 1979).

### 1.2.1.2.) O pensamento universitário

Objetivando realizar uma análise do acontecido em torno do desenvolvimento da Economia no continente – a qual foi relatada num livro sugestivamente intitulado “As ciências econômicas na América Latina” – Eduardo Venezian destaca que a Economia, como profissão especializada e baseada na análise científica, só começou a se desenvolver na América Latina nos últimos cinquenta ou sessenta anos, sendo que as atividades formais de ensino das ciências econômicas modernas bem como as de pesquisa empírica datam de meados dos anos 50. Antes daquele momento, na opinião deste autor, o estudo da Economia tinha uma natureza associada com a “Economia Política” e costumava estar a cargo de historiadores, advogados, servidores públicos, políticos ou pessoas cultas que se dedicavam ao auto-aprendizado através da leitura dos textos clássicos europeus.

Precisamente neste sentido, Venezian salienta que, posteriormente, o fato das universidades latino-americanas estarem moldadas nas tradições do continente europeu fez com que os cursos e currículos oferecidos em Economia seguissem o padrão preponderante na Europa, com ênfase no estudo clássico (e marxista) da economia como um todo, mais do que numa abordagem analítica específica por temas (característica da economia neoclássica). A partir disso, salienta que “em geral, o ensino da Economia era muito descritivo e a aproximação das teorias econômicas dava-se como um requisito para a formação geral ou a aquisição de cultura pelas pessoas, e não a partir do valor da Economia como ferramenta analítica que pudesse conduzir à resolução de problemas ou que atendesse a propósitos de ordem pública” (VENEZIAN, 1982 : 191).

No caso uruguaio, e conforme apontado por Venezian para o continente como um todo, a Economia Política foi a primeira disciplina a surgir no âmbito universitário no país. Ela esteve, junto com o Direito, entre as primeiras cátedras previstas pelo projeto de lei formulado em 1838 para a criação da Universidade. Porém, foi somente em 1861 que se deu a inauguração dessa cátedra universitária – sendo que a mesma esteve inicialmente a cargo de Carlos de Castro, recém formado na Itália e férreo entusiasta do liberalismo. A

ele depois sucederam: Martín Aguirre, Francisco Lavandeira, Carlos María de Pena, Eduardo Acevedo e, a partir de 1936, Carlos Quijano (MILLOT, 1989: 93).

A fundação da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração, em 1931, não atraiu o centro do pensamento econômico, embora a transformação da velha carreira de contador e *perito mercantil* numa profissão universitária tenha significado uma ampliação considerável no domínio do estudo da Economia e também uma valorização desta disciplina (BARRÁN, 1985).

Nesta fase preparatória de uma nova etapa que haveria de se abrir na década de 50, a figura de Carlos Quijano teve uma particular importância. Seu trabalho sobre “população ativa e renda nacional” destacou-se por ser o primeiro de visão e longo alcance a ser produzido no país. Quijano também cumpriu um papel fundamental nos planos da docência e do periodismo: a partir das cátedras de Economia, que exercera ao mesmo tempo na Faculdade de Direito e na Faculdade de Ciências Econômicas, e da sua incessante prédica nas páginas do semanário *Marcha*, destacou o papel que cabe à ciência econômica na compreensão da sociedade uruguaia e na potencial transformação da mesma. Mas, além de tudo isso, foi através da edição da *Revista de Economía* (1947-1958) que ele concretizou sua contribuição mais relevante à atividade acadêmica. O Uruguai foi se constituindo no objeto de análise desta disciplina, numa época em que as primeiras turmas de economistas formadas pela Faculdade começaram a ser preparadas para iniciar atividades de pesquisa.

Muito embora a formação dos estudantes nas práticas de pesquisa tivesse sido contemplada no primeiro Plano de Estudos da Faculdade de Ciências Econômicas (1932), foi só a partir de 1944 – com a reforma daquele Plano original e através da criação de cursos de especialização e de seminários de pesquisa – que efetivamente se iniciou o tão esperado aprofundamento no estudo da disciplina econômica. Também foi a partir do Plano de 1944 que foram criados os primeiros institutos de pesquisa na Faculdade (os então denominados Instituto de Economia Monetária e Bancária e o Instituto de Renda

Nacional e Estatística) – antecedentes da institucionalização das tarefas investigativas em Economia no nível universitário.

Coube a Luis Faroppa cumprir o papel de pioneiro na docência e pesquisa científica no marco da Faculdade, assumindo a cátedra de Economia II em 1947, na qual destacou o pensamento keynesiano e introduziu a discussão dos aportes feitos por Kalecki na economia (BARBATO, 1986: 127). Um sólido domínio da teoria econômica e um particular rigor no exercício da docência valeram-lhe o apelido de “Mestre da Economia”. E, no decorrer de vinte e cinco anos e até renunciar em 1973, quando da intervenção da Universidade pelas autoridades ditatoriais, foi Faroppa que deu as pautas que haveriam de marcar o ensino da Economia no país.

#### 1.2.1.3.) A consolidação institucional

Dois fatos indicam, na década de 50, a vontade da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração de impulsionar o desenvolvimento científico em Economia, quais sejam: a criação, em 1951, do Instituto de Economia e a nova reformulação, em 1954 (dez anos após a criação do anterior), do Plano de Estudos – sendo que é através deste último que, pela primeira vez, se diferencia a carreira de Contador Público na de Economia e na de Fazendário.

Os informes que dão conta das atividades do Instituto nessa época – segundo indicado, em duas obras diferentes, por Celia Barbato e por Julio Millot –, mostram que a preocupação fundamental naqueles anos radicava na promoção da atividade acadêmica em Economia. Esta, no entanto, era dificultada pelo fato de que muita gente preferia seguir a carreira de contador, como decorrência das oportunidades de emprego para estes profissionais (BARBATO, 1986; MILLOT, 1989). Numa fase de desenvolvimento industrial e de grande intervenção estatal, a implementação da política econômica e também a modernização empresarial foram requerendo a crescente participação dos contadores, tanto no setor público como no privado, com o conseqüente desalento dos egressados da Faculdade que queriam se dedicar à atividade acadêmica.

Por sua vez, o Plano de Estudos que começou a ser aplicado em 1954 – e que teve na pessoa do Prof. José Domínguez Nocetto seu mais entusiasta impulsionador – representou um salto qualitativo para a formação do profissional contador e abriu caminhos à formação acadêmica dos economistas. “Com o Plano, melhorou o nível do ensino de matemática; formularam-se os programas de estatística; introduziu-se o ensino da sociologia, da história do pensamento e da filosofia econômica” (BARBATO, 1986: 135).

No que diz respeito à Economia, esta primeira fase ficou marcada pelo reforço temático dos cursos e pela preocupação em oferecer ao estudante um amplo espectro de teorias e o rigor da contrastação das mesmas. Além disso, o Plano introduziu a prática de pesquisa na formação curricular, de maneira que passou a ser exigido que cada estudante finalizasse o treinamento para a carreira fazendo uma monografia sob a direção de um docente responsável ou idôneo na matéria (FAROPPA, 1967: 12).

Durante seus primeiros anos de funcionamento, o Instituto de Economia voltou-se fundamentalmente à formação de pesquisadores. As atividades de pesquisa iniciaram-se somente em 1958, depois de 7 anos de constituição do referido Instituto e tinham como principais objetivos a difusão da idéia de desenvolvimento e a análise profunda da realidade nacional<sup>10</sup>. Decorrente dessas reorientações em termos de atividades (vigorização da pesquisa num contexto no qual até esse então o ensino tinha sido central), nesse período evidenciam-se os primeiros esforços sistemáticos voltados ao acompanhamento da problemática econômica nacional (FAROPPA, 1967).

Por sua vez, cabe sublinhar que esta ênfase no acompanhamento da problemática nacional via-se agudizada pela instabilidade que começava a se fazer presente e, mais ainda, pela necessidade de que se gerassem dados para atender a um empreendimento originado na órbita da Comissão Econômica de Planejamento para a América Latina (CEPAL). Nos primeiros anos da década de 60, a CEPAL propôs-se formular um plano

---

<sup>10</sup> - O Instituto de Economia encarou este tipo de análise a tal ponto que o setor público costumava recorrer a ele para consultar sobre temas como: impulso inflacionário, reforma cambial etc. (BARBATO, 1986: 131).

de desenvolvimento econômico para a região e, como forma de viabilizar a elaboração do mesmo, ela fomentou a constituição de uma entidade – que foi chamada de *Comisión de Inversiones y Desarrollo Económico* (CIDE).

A CIDE, visando compendiar os dados que permitissem partir para a formulação do plano em questão, ficou responsável pela realização de diversos estudos (de fato, um estudo para cada um dos países da América Latina), sendo que para a produção dos estudos nacionais a Comissão contratou equipes coformadas por economistas de cada país. “O estudo elaborado no Uruguai representou o primeiro esforço importante de diagnóstico e interpretação global da economia uruguaia” (MELGAR, 1979: 30). Ele foi conduzido por especialistas que atuavam como docentes no Instituto de Economia da Universidade e foi, precisamente, no marco desse trabalho que se gerou um importante volume de informações, constituindo-se a base empírica imprescindível para a prática de pesquisa na área.

No começo da década de 60, o Instituto contava com um plantel de nove pesquisadores (FAROPA, 1967: 27) ao qual logo haveriam de se incorporar os economistas egressados pelo Plano 1954. Foi neste período que se iniciaram os cursos de desenvolvimento, que a Comissão Econômica de Planejamento para a América Latina (CEPAL), organismo especializado das Nações Unidas, tão decididamente impulsionou nos diversos países latino-americanos, e que tiveram fortes influências sobre o desenvolvimento futuro da disciplina.

Por intermédio desses cursos difundiam-se os conceitos da corrente estruturalista, então predominante no interior da CEPAL, discutia-se a dimensão latino-americana no tratamento dado à temática econômica – de uma perspectiva na qual se privilegiava a análise do subdesenvolvimento –, treinavam-se os economistas uruguaio nas técnicas de planejamento, alentava-se a vinculação da CEPAL com o meio acadêmico e também a incorporação de economistas uruguaio aos cursos de pós-graduação oferecidos pela própria CEPAL em Santiago de Chile. Esse movimento explica o fato que, das 34 pessoas

que tinham egressado da Faculdade em 1969, 16 tinham feito cursos no exterior, dos quais 6 no Chile (BARBATO, 1986: 131).

### 1.2.2. - As primeiras interpretações globais

Durante a década de 50, desenvolveu-se na CEPAL, estreitamente associada à figura de Raúl Prebisch, uma teoria de corte estruturalista que se propôs interpretar a evolução das economias latino-americanas (RODRÍGUEZ, 1982). Esta primeira tentativa de resgatar teoricamente as especificidades da periferia, rejeitando-se a simples aplicação das teorias predominantes que haviam sido concebidas a partir do funcionamento dos centros econômicos mundiais, marcou o pensamento latino-americano da época. O Uruguai não ficou alheio a esta tendência, nem aos reflexos que a mesma teve sobre as atividades de pesquisa em Economia nos primeiros anos da década de 60.

Assim como na grande maioria dos países da América Latina e a partir das resoluções emergentes da Aliança para o Progresso de 1962, no Uruguai também se procedeu à elaboração de um plano econômico, atividade que, por si mesma, se constituiu num fator de enorme importância para o desenvolvimento da ciência econômica no país.

A importância atribuída a esta experiência e as razões pelas quais ela atingiu tal significado têm diversas explicações. A economia uruguaia deixou de crescer a partir de 1958<sup>11</sup>. Nesse mesmo ano, o Partido Colorado abandonou o poder depois de ter ficado 90 anos no governo; nesse ano também ensaiou-se um novo modelo econômico de corte agrário/liberal que não conseguiu alcançar a profundidade esperada (BIANCO & BARREIRO, 1998) – dado que quando Wilson Ferreira Aldunate, líder do opositor

---

<sup>11</sup> - Precisamente neste sentido, Luis Stolovich assinala que “a realidade econômica uruguaia desde finais dos anos cinquenta promoveu, no âmbito acadêmico e também no político, uma categoria – a de ‘estagnação’ – como a que melhor podia descrever e explicar o Uruguai de todo um período histórico. E ela teve a validade que lhe outorgaram os dados de uma economia que não crescia e não acumulava.” (STOLOVICH, 1991: 111)

Partido Branco, assumiu como Ministro de Pecuária, Agricultura e Pesca, ele fixou como meta máxima a realização de uma Reforma Agrária que conduzisse, inclusive, à divisão de terras; meta que não foi atingida mas que levou a uma grande mobilização por parte das populações rurais. E em 1958, ainda, a Universidade teve que travar uma “batalha” em defesa da sua lei orgânica<sup>12</sup> – da qual, ao contrário do que era esperado, a maior Casa de Estudos do país saiu fortalecida. Os analistas referem-se a estes acontecimentos como “a quebra do modelo” (ABULAFIA & BAYCE 1975; BAYCE, 1983; RIAL, 1984).

Por sua vez, conseguia-se consolidar o ensino de Economia na Faculdade de Ciências Econômicas e a mesma já estava em condições de oferecer a um número significativo de economistas jovens – que foram encontrando, mediante o exercício de tarefas associadas ao desenvolvimento do plano econômico referido – um espaço estimulante de formação e a oportunidade de participarem do primeiro esforço de interpretação global do processo econômico uruguaio. Foi desta forma que a atividade de pesquisa em Economia – que até então tinha sido incipiente na Universidade – passou a ganhar *momentum* fora do meio universitário. E isso só veio a ocorrer pelo fato da CEPAL, através da CIDE, ter conformado equipes de especialistas com vistas à produção da iniciativa anunciada.

Em agosto de 1965 a *Comisión de Inversiones y Desarrollo Económico* (CIDE) apresentou ao governo o tão esperado “Plano de Desenvolvimento Econômico e Social”. Este tinha sido elaborado nos dois anos anteriores e, como dito anteriormente, revestiu-se de grande importância na medida em que gerou dados empíricos que permitiriam aprofundar o conhecimento e realizar análises sobre a realidade nacional. Mas, além disso, o Plano também tinha sido esperado com enorme expectativa popular, dado que ele era visto como a solução para a volta ao Estado do bem-estar social e prosperidade que o país havia vivenciado até finais da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>12</sup> - Dado que as novas autoridades do país queriam acabar com uma das premissas em que tradicionalmente tinha se baseado, e continua a se basear, o co-governo universitário: a autonomia da Universidade em matéria financeira, a liberdade para ela administrar e distribuir os recursos financeiros recebidos do Ministério de Economia e Finanças conforme as autoridades universitárias melhor entenderem e segundo as políticas oportunamente delineadas por elas mesmas.

A crise do modelo de substituição de importações, tal como ela veio a acontecer no continente, tornou-se evidente no final dos anos 50. “Uma vez que se pôs fim à conjuntura internacional que tinha surgido devido aos conflitos armados que tiveram lugar até a finalização da Guerra de Coreia, dificuldades de diversas naturezas irromperam nas economias latino-americanas – levando a déficits permanentes a balança de pagamentos nacionais, à desvalorização monetária, ao estancamento produtivo e a enfrentamentos sociais de singular intensidade” (BONILLA, 1981: 221). Foi precisamente neste contexto que a CEPAL começou a adquirir prestígio internacional e passou a concentrar em seus quadros um conjunto de pesquisadores que visava encontrar soluções plausíveis à problemática mencionada.

Após terem sido realizados numerosos estudos específicos, que ficaram sob a responsabilidade de Comissões especialmente criadas para tais fins (como a CIDE), a CEPAL enunciou para cada um dos países da região algumas premissas que, a partir de então, passaram a ser amplamente aceitas por eles. De fato, conforme salientam Juan Rial e Jaime Klaczko, a CEPAL estimou que o componente fundamental da difícil situação destes países derivava-se da inadequação da estrutura econômica – própria de cada um deles – às necessidades características de um processo auto-sustentado de desenvolvimento (RIAL & KLACZKO, 1982: 24).

Assim entendida, tal inadequação não fazia mais do que conformar a própria base do subdesenvolvimento que atingia a maioria dos países da região (RODRÍGUEZ, 1982). Em função desta premissa principal, a modificação dessas estruturas passou a ser, segundo esta concepção, a condição indispensável para a superação da crise em curso. No mesmo sentido, a utilização racional dos escassos recursos humanos e materiais disponíveis haveria de completar a base necessária para atingir as metas propostas e dar sustentação ao progresso econômico.

Além destas considerações, vale destacar, junto com Alicia Melgar, que “toda esta série de problemas [de instabilidade e crises associadas] trouxeram conflitos sociais de envergadura e configuraram um campo muito propício para que os círculos técnicos

apoiassem fervorosamente a posição cepalina e passassem a fazer parte de uma experiência de planejamento que se estimou imprescindível” (MELGAR, 1979: 29). Claro que para isso, antes de mais nada, era necessário contar com dados e informações que permitissem ponderar adequadamente a realidade.

O esforço desenvolvido em primeiro lugar dirigiu-se à obtenção de um diagnóstico preciso da economia nacional. Com estatísticas econômicas quase inexistentes, impulsionou-se um enorme trabalho de registro e sistematização que, como mérito adicional, veio a se constituir no ponto de partida de todas as estatísticas produzidas no futuro. “Se algo tem sido reconhecido sem reticências às atividades desenvolvidas pela CIDE nesse período, isso foi sem dúvida nenhuma o esforço pelo conhecimento da realidade econômica nacional, o fato de evidenciar a importância e pertinência de um diagnóstico global e o de ter estabelecido as bases para que esse conhecimento pudesse ser atualizado continuamente no futuro” (MELGAR, 1979: 30).

Tal como se reconhece amplamente, ao comprometer-se com a realização de um estudo em profundidade, tanto em nível setorial como global da economia nacional, o país teve que encarar um esforço estatístico de grande envergadura e que se tornou fundamental para o posterior desenvolvimento de pesquisas sobre a economia uruguaia. A nós, entretanto, interessa destacar que mesmo que o país tenha conseguido fazer o levantamento de informação em menos de dois anos, isso só veio a acontecer depois que a crise forçou-o a voltar seu olhar para sua própria realidade.

A CIDE solicitou a colaboração técnica da Faculdade e esta acabou tendo uma ativa participação através dos institutos de pesquisa, e muito especialmente mediante o Instituto de Economia<sup>13</sup>, cujo pessoal fez parte da equipe técnica que colaborou com os *experts* internacionais na elaboração do Plano. Cabe recordar que Enrique Iglesias, mentor

---

<sup>13</sup> - Neste sentido, Alicia Melgar assinala que “os melhores técnicos nacionais foram incorporados ao grupo. O *staff* docente da Faculdade de Ciências Econômicas em sua totalidade colaborou em maior ou menor grau no esforço, os especialistas estrangeiros de maior renome dentro do âmbito latino-americano orientaram a pesquisa e o resultado foi avaliado, tanto dentro quanto fora do país, como excelente de todos os pontos de vista” (MELGAR, 1979: 27).

da CIDE<sup>14</sup>, era chefe de pesquisa do Instituto de Economia quando assumiu a Secretaria Técnica do organismo de planejamento da CEPAL (BARBATO, 1986 : 133).

Em 1966 a Faculdade de Ciências Econômicas revisou novamente seu Plano de Estudos, a partir do novo contexto. A hegemonia da corrente estruturalista da CEPAL, o conteúdo dos cursos de desenvolvimento que essa instituição auspiciava e a experiência da CIDE foram recolhidas num novo plano que objetivou reforçar o peso da disciplina econômica na Faculdade, e diferenciar significativamente a formação dos economistas dos administradores. Assim, os economistas passaram a receber formação específica sobre as teorias do desenvolvimento, sobre economia monetária e sobre economia internacional (BARBATO, 1986: 134).

A revitalização do ensino da Economia nesta etapa da vida da Faculdade deu-se sob a inspirada condução de Israel Wonssewer<sup>15</sup>. Nesta mesma época, o livro de Faroppa sobre “O desenvolvimento econômico do Uruguai” ensaiou uma aproximação estruturalista e ofereceu uma segunda visão global do processo econômico uruguaio (NOTARO, 1984).

A finalização da frustrante experiência planificadora e as tensões que começaram a se intensificar no Uruguai a partir de 1968 – expressadas em desequilíbrios econômicos de diversas naturezas e numa instabilidade social crescente – revitalizaram a necessidade da realização de uma análise crítica da realidade nacional. A Universidade foi o *locus* quase natural desta etapa de frutificação da ciência econômica.

---

<sup>14</sup> - E atual Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

<sup>15</sup> - Quem, alguns anos depois, assumiu a direção do CONICYT (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas). Vale destacar, também, que Wonssewer foi o Presidente do CONICYT a partir da reinstauração democrática no país (1986) e, particularmente, foi o gestor das doações e dos empréstimos que foram outorgados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento - e com base nos quais se potencializaram, entre outras, as atividades do ‘Programa de Desarrollo de las Ciencias Básicas’ (PEDECIBA), desde 1990, e a constituição da Faculdade de Ciências (decisão que foi tomada em 1990). Note-se que, a partir de 1989, a Presidência do BID recaiu na figura de Enrique Iglesias, que foi para essa instituição depois de ter sido o primeiro Ministro de Relações Exteriores do governo democrático, entre 1986 e 1989.

O Instituto de Economia centrou, entre 1968 e 1973, os esforços de pesquisa econômica que se desenvolveram na Universidade e essa foi a “caixa de ressonância” que expandiu e reproduziu os resultados do trabalho de pesquisa. A fase que marcou um ponto de inflexão no desenvolvimento da ciência econômica no país deve ser vista como um fenômeno que se deu no espaço universitário no qual se conjugaram a profissionalização das tarefas de pesquisa em Economia, a expansão do ensino da Economia a todos os centros da Universidade, e a divulgação extra-universitária de um pensamento que essa instituição respaldava e que encontrou um extraordinário eco dadas as condições socio-políticas às quais o país estava sujeito (MILLOT, 1989).

A partir de 1968 o Instituto reconstruiu seu corpo de pesquisadores (formalmente constituído quando da sua formação, em 1951), através de uma geração de economistas egressos do Plano 1954 – muitos dos quais completaram sua formação no exterior aperfeiçoando-se basicamente no Chile e na França e que posteriormente vivenciaram a experiência da CIDE. Dada a riqueza do explicitado por vários dos cientistas entrevistados que participaram deste período fecundo do Instituto de Economia, achamos relevante deixar que sejam eles próprios, através do seu testemunho, os relatores desta experiência:

“Eu acredito que ao se falar de pesquisa em Economia deve-se partir do momento em que todo o pessoal que trabalhava em Economia, a gente jovem, olhou para a Universidade. Nós sempre dizemos que os da nossa geração e, de uma perspectiva mais ampla, eu diria que o pessoal que entrou [na Universidade] entre 54 e 59, está todo marcado por uma experiência profissional muito parecida. Isso porque tivemos a oportunidade de participar de um processo de planejamento, que foi o da famosa CIDE, que pode ser visto como um exercício mais ou menos válido, na medida em que no final não resultou em nenhuma das realizações que o planejamento prometia, e que não foi estritamente um exercício de pesquisa, mas de planejamento. Mas que por ter-se constituído na primeira oportunidade de encarar um diagnóstico global da economia uruguaia, serviu como treinamento a nós todos, ainda muito jovens, e nos aproximou da economia uruguaia de maneira global, de maneira setorial, com cortes temáticos ... absolutamente estruturalista o enfoque, a partir da CEPAL, com a enorme vantagem que veio muita gente de bom nível, de toda América Latina, para trabalhar conosco. Então, eu acho que isso é algo que deve ser colocado como um antecedente importantíssimo, uma vez que isso depois fracassa e, coincidentemente com a coisa política que ia se intensificando no país

e com as posições de esquerda que se faziam cada vez mais francamente explícitas, nos leva a optar por concentrar o esforço na Universidade e, em particular na área de Economia, ao redor do Instituto de Economia.”

“A experiência do Instituto, além de tudo, deixou muito claramente marcadas quais eram as temáticas que deveríamos seguir. A temática do estancamento era fundamental já que estamos falando dos finais da década de 60 e a economia tinha começado a se estancar em 1958. Isto é tão, mas tão importante, que quando depois [já trabalhando em um dos centros privados], num certo momento, nós nos demos conta de que a economia estava crescendo, tivemos que fazer um esforço tremendo de adaptação. Tinham se desmoronado as nossas hipóteses!! Senão íamos estar sempre procurando as causas do estancamento ... É brutal!”

No começo de 1968, e em plena etapa de convulsões econômicas e sociais no país, abriu-se uma primeira instância de reflexão sobre as atividades do Instituto – que culminou na organização de um seminário de orientação da pesquisa econômica realizado no mês de maio. As discussões feitas nessa oportunidade devem ser localizadas num contexto latino-americano em que as formulações da teoria da dependência tinham começado a questionar as concepções estruturalistas da CEPAL (RODRÍGUEZ, 1982; RAMOS, 1986). Além disso, vale destacar que nesse momento os intelectuais uruguaios estavam imersos na leitura de vários autores – a maioria deles de origem francesa – que retornavam ao estudo dos clássicos, e particularmente de Marx, a partir de posturas filosóficas renovadoras (RIAL, 1984).

Os princípios essenciais retirados daquele seminário foram: “i) a adoção de um enfoque que se aprofundasse nas relações sociais e que encarasse o processo histórico com uma perspectiva totalizadora, visando analisar o por que, o que e o como das transformações do capitalismo e das formas concretas que tais mudanças adotaram na realidade uruguia; ii) o respeito pelo pluralismo teórico na prática de pesquisa, sustentado a partir da liberdade do pesquisador<sup>16</sup>; iii) a coordenação das atividades de pesquisa através da exploração de certas hipóteses centrais na explicação do processo nacional; e

---

<sup>16</sup> - Este importante aspecto foi considerado a partir da explícita necessidade de aprofundar a visão crítica do keynesianismo e da teoria neoclássica e pelo reconhecimento de que era preciso introduzir categorias marxistas que até então não tinham estado presentes nos estudos realizados.

iv) a necessidade de fazer um acompanhamento da conjuntura – tanto para que os pesquisadores pudessem manter um contato vivo e permanente com a realidade nacional, como para que se facilitasse a difusão dos resultados obtidos através da análise” (BARBATO, 1986: 136).

As mudanças que se registraram na política econômica em junho de 1968 e o contexto social nas quais as mesmas se desenvolveram, colocavam ao Instituto a urgência de refletir sobre a conjuntura. Este processo culminou com a realização de um ambicioso trabalho de interpretação, *El Proceso Económico del Uruguay*. Publicado no final de 1969, “este livro implica, sem nenhuma dúvida, uma ruptura teórica com todos os estudos anteriores. Ele postula uma análise econômica e histórica, a partir do ângulo metodológico das leis que regulam a acumulação do capital – as mesmas que também determinam o nível de desenvolvimento do país, que é situado historicamente a partir da sua dupla caracterização de capitalista e dependente. Mostra o funcionamento dinâmico que teve a pecuária extensiva como setor competitivo da economia e analisa seu posterior estancamento de longo prazo – desistindo da interpretação estruturalista por atribuir ao empresariado pecuarista racionalidade capitalista no seu comportamento microeconômico. Analisa, também, as condições nacionais e internacionais que possibilitaram o desenvolvimento industrial, de substituição das importações, e a ingerência que teve o forte apoio fornecido por um Estado redistribuidor do excedente pecuário. [...] Com o mesmo conjunto de apoios teóricos, analisa em detalhe o processo inflacionário e a conjuntura específica de concentração do poder que tinha possibilitado as mudanças de 1968” (BARBATO, 1986: 137).

Além disso, a elaboração do trabalho acima referido expôs a falta de informação, a existência de “vazios” temáticos e outras carências que as atividades de pesquisa deveriam abordar. Baseado nessas evidências, o Instituto estruturou sua agenda de pesquisa para os anos seguintes e a opção foi priorizar o estudo do processo de industrialização no Uruguai, até porque havia um trabalho anterior que retratava a estrutura industrial do país. Outras áreas temáticas também foram abordadas pelas distintas equipes de pesquisadores, quais sejam: distribuição de renda, estruturas financeiras, emprego e salário, relações

internacionais etc. Estas se concretizaram em uma série de publicações, editadas pela própria Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração – sendo que as mais importantes, dentre as publicadas pelos pesquisadores do Instituto de Economia, são as indicadas a seguir: “*Programación y política monetaria en el Uruguay*” (1970), “*Evolución económica en 1969 y perspectivas*” (1970), “*El fin de la estabilización*” (1970), “*La política bancaria en el Uruguay, 1955-1972*” (1973) e “*El desarrollo industrial del Uruguay, de la crisis de 1929 a la postguerra*” (1973).

Ainda sobre este ponto, vale ressaltar a visão dos cientistas que participaram deste processo – e em particular a de um integrante do Instituto, professor adjunto no final dos anos 60 e que, atualmente, continua trabalhando em temáticas ligadas ao desenvolvimento econômico, mas desde a esfera privada:

“No final dos anos 60 uma geração de pesquisadores mudou as coisas, começou a tomar o lugar de figuras históricas da docência e da pesquisa em Economia e a concretizar resultados importantes, cuja obra central, cujo produto chave, é o livro sobre ‘El Proceso Económico del Uruguay’. Teria sido magnífico poder, a partir daí, continuar produzindo, continuar pensando, fazendo diagnósticos para mudar. Porém, a ditadura chegou. E também a intervenção da Universidade. Foi esta última que, precisamente, golpeou de forma muito ‘pesada’ o Instituto de Economia, e também todo o setor de Economia da Faculdade que era onde, de alguma maneira, se gestava um espírito contestatário e de resistência.”

O fim da estabilização e o anúncio da política liberal e de abertura de mercado que o governo colocou em prática em 1972, mostrou a necessidade de encarar a análise do período 1968-72 a partir das hipóteses consideradas no estudo *El Proceso Económico del Uruguay*. Nesse sentido, tanto no trabalho *Un reajuste conservador* (1973) como em outros esforços posteriores fica claro que as atividades de pesquisa que se desenvolveram no Instituto durante esse período devem ser vistas como condizentes com o contexto político instável em que o país se encontrava.

Como forma de evidenciar as instabilidades de diferentes ordens que afetaram o país e que foram alvo das preocupações e das interpretações realizadas pela Economia, desde seu surgimento como disciplina até 1973, vale assinalar, seguindo a Nelson Noya, que “os principais acontecimentos a serem destacados no período 1955-1973 são os seguintes: Em meados dos anos 50, depois de um declínio das relações de troca, ao finalizar a Guerra da Coreia (de 25% entre 1954 e 1957), os problemas da balança de pagamentos obrigam sucessivamente a aumentar as restrições às importações dentro do esquema de controle de câmbio e taxas de câmbio diferenciais. Porém, não se conseguem corrigir os desequilíbrios, a pressão sobre as reservas internacionais continua e obriga, além do mais, a sucessivas desvalorizações discretas. A inflação – que passa a ser presença constante na segunda metade da década – fica acima dos dois dígitos, numa média de 35% anual.

Do ponto de vista real, a economia tinha entrado em recessão. [...] Do ponto de vista da alocação de recursos, a política econômica buscava um crescimento baseado nos setores pecuários exportadores tradicionais. [...] Na perspectiva da política de curto prazo, o objetivo central era o equilíbrio externo e a estabilização, ambos objetivos declarados no plano de estabilização apoiado pelo FMI. [...] Dessa maneira, os desequilíbrios externos (gerados em 1971) dão lugar, em 1972, a uma nova virada no sentido de uma política restritiva e de estímulos às exportações. Nos anos 1972-73 vai-se desenhando uma estratégia econômica que, forjada no Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) 1973-77, terá sua aplicação mais contundente a partir de 1973. Ela se baseara no progressivo abandono do intervencionismo estatal que teria atingido seus máximos níveis com o congelamento de preços de 1968 e continuado com o controle generalizado de preços dos anos seguintes. No entanto, a passagem para uma política mais liberal foi progressiva e muito lenta. [...] O endurecimento das condições externas, entre fins de 1973 e meados de 1974, com a queda nas relações de troca de 65% em dois anos, será o que porá fim às políticas anteriores e dará lugar ao início do que se tem chamado de ‘experiência neoliberal’” (NOYA, 1988: 40-44).

Deve-se ressaltar, no entanto, que as tarefas de pesquisa econômica levadas a cabo durante esses anos no Uruguai caracterizaram-se por certos traços particulares. Em geral, tais tarefas foram assumidas por uma equipe de universitários que trabalhava em comunhão de idéias e que se sentia comprometida com a transformação da sociedade. Essa solidariedade permitiu, entre outras coisas, a realização de trabalhos de múltipla autoria e viabilizou o estabelecimento, na Instituição, de uma linha de pensamento relativamente homogênea a respeito da economia uruguaia – sendo que, como resultado da mesma assiste-se ao fato de que as publicações editadas pela Faculdade careciam de autoria individual. Vale dizer, assim, que os trabalhos eram realizados por um conjunto e publicados sob a autoria “Instituto de Economia – Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração”. Note-se, precisamente, que nas ocasiões em que foram feitas referências tanto à obra *El Proceso Económico del Uruguay* (publicada em 1969), como a várias outras surgidas entre 1970 e 1973, não assinalamos autorias individuais. Elas surgiram, e no decorrer dos anos constituíram-se, em “El Proceso”, “Un ajuste”, “El fin de la estabilización” e assim por diante. São o resultado de um esforço coletivo, e foram publicadas por um coletivo nucleado em torno do Instituto de Economia.

Por sua vez, a formação de pesquisadores atingiu níveis diversos. Em primeiro lugar, os próprios responsáveis pela condução do Instituto priorizaram os esforços de reflexão teórica e constituíram um seminário permanente para a discussão de temas básicos da economia, preocupando-se também em traduzi-los em mecanismos adequados para a pesquisa da realidade nacional. Em segundo lugar, cabe destacar que, na medida em que o Instituto se afirmava nas tarefas de pesquisa, ele passou a ser concebido pela comunidade como um “Instituto Central”.

Isso significa que os docentes e pesquisadores que desenvolviam tarefas no âmbito do Instituto também ministravam aulas de Economia ou Economia Política em outros Institutos ou Faculdades da Universidade (ex.: nas carreiras, ou nos Ciclos Básicos, de Faculdades como a de Direito, a de Humanidades e Ciências, a de Medicina, etc.). Nesse sentido, o Instituto de Economia fornecia docentes para a Universidade como um todo. E disso dão conta de forma eloqüente vários dos cientistas entrevistados nesta pesquisa,

conforme ilustram as seguintes palavras – obtidas junto a um pesquisador que se integrou ao Instituto como auxiliar de pesquisa em 1953, desenvolveu atividades nele até a instauração da ditadura, passou doze anos de exílio no México e, uma vez retornado ao país (em 1988), retomou o desenvolvimento de tarefas no seio do Instituto:

“Para aqueles que tiveram a oportunidade de viver intensamente a experiência do Instituto, fica difícil fazer uma avaliação objetiva, se é que ela é possível. Foi muito o que conseguimos em apenas 6 ou 7 anos. E esses ganhos dão conta de impulsos à Economia, de despertar vocações em centenas de jovens, da fé que todos nós tínhamos no conhecimento científico, do valor político que era atribuído ao fato de sabermos mais sobre a nossa própria realidade. Sem dúvida, foi necessário que houvesse um contexto político tão alterado como receptivo para que as novas idéias pudessem ter uma repercussão tão profunda e para que uma geração de economistas assumisse a conformação e divulgação de um pensamento renovado sobre a economia uruguaia como sendo a ‘sua’ causa. [...] *Porém, se examinamos as coisas em perspectiva também é possível apreciar o que o Instituto não conseguiu fazer. A confrontação Universidade-Governo colocou-o numa postura contestatória que o impediu de ser testado através do assessoramento ao setor público ou do intercâmbio com o setor empresarial. A rejeição de tudo o que tivesse o mínimo cheiro de ‘dependência cultural’ fez com que o Instituto se fechasse ao intercâmbio acadêmico com o exterior – o que o privou de uma importante fonte de riqueza intelectual e deixou-o à margem das discussões sobre a realidade econômica latino-americana.*” [Ênfase da autora]

Os conflitos que tinham se registrado entre a Universidade e as autoridades públicas que conduziram os Ministérios da Educação e Cultura, por um lado, e o de Economia e Finanças, por outro, levaram, tal como salienta o entrevistado, a um confronto entre a Universidade e o Governo. Neste confronto os docentes e pesquisadores do Instituto se viram envolvidos, dado que eles realizavam suas análises a partir do referencial teórico marxista, num momento no qual o neoliberalismo começava a ser o corpo utilizado nos estudos realizados nas entidades públicas e na órbita empresarial – influências da Escola de Chicago.

Em suma, o confronto não se derivava apenas de posturas relativas ao que fazer ou como organizar as atividades desenvolvidas no interior de um Instituto que estava inserido na Universidade pública, particularmente com referência ao questionamento da autonomia universitária por parte dos Ministérios mencionados. As divergências também atingiam aspectos associados às posturas ideológicas sustentadas pelos economistas do meio acadêmico e seus colegas que trabalhavam no governo ou no setor privado.

### **1.2.3. - A atividade acadêmica durante a ditadura: a preservação da pesquisa nos centros privados**

A intervenção da Universidade em outubro de 1973 deu lugar a uma reversão drástica em relação às condições nas quais se tinha desenvolvido a pesquisa econômica no período anterior. O Instituto de Economia foi fechado logo no mês de novembro e as atividades de docência que se exerciam na Faculdade de Ciências Econômicas foram reformuladas, quando não suspensas dos planos de estudo. Num meio turbulento e que precisava de respostas para enfrentar uma delicada situação econômica, o que prosseguiu foi uma rígida repressão ideológica que afetou com particular rigor as atividades desenvolvidas na referida Faculdade.

Apesar disso, e mesmo que não seja o que aconteceu em todas as áreas do conhecimento, o certo é que a pesquisa econômica pôde ser preservada durante a ditadura, revelando-se através das atividades que se desenvolveram nos centros privados de pesquisa – âmbitos nucleadores dos cientistas sociais vinculados às áreas de Economia e Sociologia que permaneceram no Uruguai<sup>17</sup>. Mas, neste ponto, outros dois aspectos merecem referência, quais sejam: (a) foram muitos os economistas exilados que

---

<sup>17</sup> - Cabe destacar que também na esfera das ciências sociais houve vários docentes e pesquisadores que abandonaram o país por motivos de natureza variada: perseguições políticas, razões acadêmicas, melhores oportunidades profissionais surgidas no exterior etc. Mesmo assim, o número e a proporção de cientistas sociais que passou a fixar residência fora das fronteiras do Uruguai foi notoriamente menor do que o de cientistas básicos que emigraram no período 1973-1975. Para uma análise a respeito, consultar: BARREIRO & VELHO (1997).

conseguiram continuar trabalhando, mesmo estando no exterior, sobre temáticas que tinham algum interesse para o Uruguai e (b) as idéias sobre as quais se assentou a política neoliberal da ditadura acabaram “penetrando” no meio acadêmico (CINVE, 1986: 63-90).

#### 1.2.3.1) A pesquisa econômica nos centros

Neste item será dado destaque ao significado alcançado pela “nova modalidade” de se fazer pesquisa em contextos institucionais diferentes dos *loci* tradicionais<sup>18</sup>, por conta dos efeitos que tal deslocamento teve em termos de ‘psicologia social’ entre os integrantes da comunidade de cientistas e estudantes uruguaios, e também será apresentada, ainda que de uma forma breve, a produção dos centros na área econômica.

Inicialmente vale destacar que, dentre os centros privados de pesquisa mencionados, os que realizaram atividades em Economia durante a ditadura foram três, que se encontram abaixo identificados, acompanhados de algumas informações sobre sua constituição e as principais áreas temáticas tratadas ou oportunamente priorizadas em seu interior:

- O *Centro Latinoamericano de Economía Humana* (CLAEH), que já vinha desempenhando atividades desde 1957 e que se organizou sobre uma base interdisciplinar com vocação fortemente dirigida à inserção social, incorporando a temática econômica. Entre 1977 e 1978 o CLAEH começou a desenvolver atividades relacionadas à Economia, sendo que os temas de pesquisa em que se aprofundou referem-se ao estudo da política econômica (com especial ênfase nos aspectos de política visando a definição de ações orientadoras e de futuro); de setores sociais (em que desenvolveu importantes trabalhos sobre distribuição dos salários e, em menor medida, sobre saúde e consumo); e de alguns estudos setoriais, e de relações internacionais. A política econômica foi analisada em termos globais, estudando os

---

<sup>18</sup> - Este tema receberá um tratamento analítico particular no decorrer do próximo capítulo.

setores produtivos - temática que só começou a ser desenvolvida nesta instituição em 1985 e a partir dos estudos sobre a agricultura e a indústria.

- O *Centro Interdisciplinario de Estudios sobre el Desarrollo* (CIEDUR), instalado em 1977, encarou a realização de trabalhos em Economia a partir de 1980, no contexto das atividades interdisciplinares que também desenvolveu em sociologia, ciência política e história, visando colocar as atividades acadêmicas a serviço da busca de alternativas de desenvolvimento para o país. A partir destes objetivos gerais, o centro desenvolveu várias linhas de pesquisa, dentre elas o estudo da estrutura e do desenvolvimento rural; da inserção internacional e das condições de concorrência da produção agrícola; da política econômica do Estado e sua incidência sobre o setor agroexportador; da estrutura social do setor agrícola e sua interconexão com o contexto político; das relações financeiras e internacionais; da população, emprego e distribuição de renda; da estrutura e desenvolvimento industriais.
  
- O *Centro de Investigaciones Económicas* (CINVE), iniciou suas tarefas em 1974 e sustentou-se num reduzido grupo de pesquisadores que antes pertenciam ao Instituto de Economia. Este Centro também variou muito as prioridades temáticas durante os dez anos da ditadura, conforme exigido ou estimulado pelas condições ou contingências sociais, econômicas e políticas. Num primeiro momento, a maioria das pesquisas realizadas favoreceram as análises de longo prazo e centraram-se em análises do fenômeno da emigração, da política de promoção de exportações e do impacto destas políticas em diversos setores industriais. Depois, a análise da política econômica que se estava aplicando e os fenômenos de reestruturação produtiva que se tinham gerado na fase de crescimento constituíram-se nos principais pontos de interesse do CINVE. Finalmente, o Centro se consolidou no desenvolvimento de pesquisas sobre os processos de modernização agrícola associados a fenômenos de agroindustrialização, sobre a inserção externa dos produtos uruguaios, análises sobre as atividades financeiras, e preocupações em relação à reestruturação produtiva da economia em vários setores de atividade.

As atividades de corte acadêmico em Economia que se desenvolveram nos centros privados durante estes anos apresentam alguns traços que devem ser destacados, quais sejam:

- (1) a reorientação de objetivos e formas de fazer pesquisa que marcou uma grande diferença em relação à experiência precedente, porquanto a preservação das atividades de pesquisa transformou-se *per se* num objetivo prioritário, e implicou aceitar as “regras do jogo” próprias do contexto repressivo e até recriar as formas que possibilitaram dar certa continuidade aos esforços por compreender a realidade econômica nacional<sup>19</sup> (BARBATO, 1986: 143);
- (2) o fato de que a partir da preocupação de alguns dos centros por realizar pesquisas que permitissem gerar conhecimento sobre certos setores específicos da economia, ou sobre os efeitos que tiveram as mudanças registradas na política econômica em determinados âmbitos produtivos ou industriais, acentuou a vinculação dos pesquisadores com os atores que estavam diretamente envolvidos nas atividades desses setores. Isso, por outra parte, foi particularmente acentuado no caso de certos centros que se orientaram à realização de atividades que podem ser caracterizadas como de pesquisa/ação – sendo que, neste sentido, devem ser destacadas as atividades levadas adiante por um dos centros privados em questão, o CIEDUR, sob linhas de financiamento específicas provenientes de alguns países europeus. Este centro criou um “*Departamento de Asesoramiento Técnico, Económico y Social*” (DATES) através do qual, precisamente, canalizava os anseios por estreitar seus vínculos com os setores que eram objeto de pesquisa, brindando-lhes, após a finalização da pesquisa, com assessorias de naturezas diversas a partir dos diagnósticos realizados (CIEDUR, vários anos; CIEDUR, 1984c; CIEDUR, 1985a; CIEDUR, 1985b; CIEDUR, 1985c; CIEDUR, 1986a);
- (3) a variação na dinâmica de relacionamento dos pesquisadores em Economia uruguaios e o estreitamento de laços tanto no interior do próprio país como, particularmente, com acadêmicos de outros centros latino-americanos. Numa

---

<sup>19</sup> - Note-se que a intenção de preservar as atividades acadêmicas também implicou uma certa reformulação da linguagem utilizada, visando não trair o rigor das categorias de análise (principalmente daquelas de cunho marxista) e adequá-las à escassa margem do “permitido”.

primeira instância, pode-se considerar que diversas razões contribuíram para isso, tais como: a própria marginalização dos colegas em termos nacionais e a subsequente necessidade de achar interlocutores no exterior; o acesso ao financiamento externo – que facilitou, e de certa forma até promoveu, o encontro entre cientistas de diversos países cujas realidades resultavam adequadas para a realização de trabalhos conjuntos e de projetos de pesquisa de caráter internacional –; a emigração de economistas uruguaios a outros países, fundamentalmente ao México, e os contatos que eles estabeleciam estando no exterior; e, finalmente, a necessidade que sentiam os cientistas sociais latino-americanos de uma maior aproximação entre eles visando melhorar a compreensão da crise econômica que tanto afetava a região (FILGUEIRA, 1988a; MARTORELLI & NOTARO, 1984; MILLOT, 1989).

#### 1.2.3.2.) A ascensão do neoliberalismo

Desde inícios dos anos setenta começaram a aparecer no país diversos trabalhos produzidos por economistas neoliberais que apontavam e fundamentavam o estabelecimento de um modelo, então ‘alternativo’, para a economia uruguaia. O Plano Nacional de Desenvolvimento que se formulou em 1972 foi a primeira expressão de uma proposta “de abertura” no meio e constituiu-se em referência obrigatória da política que o governo militar passou a implementar a partir de 1974. Nesse contexto, o papel do Estado no processo econômico “ficou definido, no [aspecto] ideológico, pela doutrina neo-liberal, e assim se expressou logo no começo da ditadura, através do Plano Nacional de Desenvolvimento 1973-1978 – plano que foi aprovado em 1972 e depois ratificado, em seus fundamentos, no transcurso de várias reuniões mantidas pela cúpula militar no decorrer dos anos seguintes” (CANCELA, 1984: 9).

Este novo Plano de Desenvolvimento partia do princípio que a estagnação da economia uruguaia “derivava-se, essencialmente, da falta de referências adequadas à economia internacional, assim como da perda de relevância do mercado como mecanismo de alocação de recursos. A partir disso, a estratégia delineada visava remover a estagnação

através da estruturação do mercado como alocador de recursos, reservando-se para o Estado o papel de gestor da política econômica e outorgando-lhe a missão de somente estabelecer os marcos para o desenvolvimento das atividades no setor privado” (CANCELA & MELGAR, 1986: 47). Adicionalmente, conforme a opinião de outros dois especialistas, “consolidaram-se os enfoques a respeito do desenvolvimento futuro do país conforme os mesmos foram formulados por uma equipe econômica de orientação liberal e que anteriormente tinha estado vinculada ao Partido Colorado. Com a designação de um novo Ministro de Economia e Finanças, iniciou-se, a partir de 1974, a fase de implementação dessa orientação de uma forma mais intensa. A nova estratégia definiu-se como de ‘liberalização e abertura’ – sendo que a mesma propôs profundas mudanças nos papéis tradicionais tanto do setor público como do setor privado na economia do país, objetivando que os mercados internos operassem livremente no estabelecimento dos preços e se relacionassem com os mercados externos sem a mediação do intervencionismo estatal” (MARTORELLI & NOTARO, 1984: 22).

O predomínio dos esquemas liberais na ideologia sustentada de forma “oficial” no país fez com que a temática logo fosse introduzida nos âmbitos acadêmicos. Surgiram grupos de economistas – sob a liderança de Carlos Vegh Villegas e Valentín Arismendi (ambos Ministros de Economia, entre 1974-1977 e 1977-1981 respectivamente e titulares de cátedras universitárias que vieram a assumir após terem deixado os mandatos ministeriais) – que se manifestaram partidários do modelo adotado e que apresentavam argumentos no sentido de destacar as virtudes e vantagens comparativas do mesmo. Lamentavelmente, naquela ocasião não era possível que as posturas “críticas” – sustentadas pelos economistas que tinham sido impedidos de continuar a desenvolver tarefas na Universidade – também se manifestassem e estas começaram a tornar-se públicas só depois de 1983, quando o menor nível de repressão o permitiu (MILLOT, 1989).

Vale destacar aqui que esta falta de oportunidades para a explicitação das posturas críticas não se deu de forma similar em todos os países nos quais coexistiram centros privados de pesquisa e ditaduras. Precisamente neste sentido, um especialista da situação

vivenciada no Brasil sublinha que “entre a melhor crítica do regime autoritário produzida pela intelectualidade brasileira, está aquela gerada no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, mais conhecido pela sigla CEBRAP. É curioso que ainda durante os anos de autoritarismo o Centro tenha sido fortemente apoiado com recursos do FNDCT/FINEP, dinheiro público, portanto” (GUIMARÃES, 1991: 105).

No caso uruguaio, o Banco Central do país constituiu-se o centro do pensamento neoliberal e incorporou muitos dos economistas originários desse país que tinham completado sua formação na “Escola de Chicago”. Eles propiciaram a difusão acadêmica da teoria e, depois do seu retorno, passaram a reforçar o *staff* de assessores do governo ou se dedicaram a atividades de ensino na própria Faculdade de Ciências Econômicas – local aonde, e aos poucos, no decorrer dos anos posteriores, as orientações proclives a interpretações liberais, neoliberais e neoclássicas lograram alcançar considerável preponderância.

A intervenção da Universidade fez com que a quase totalidade dos docentes que antes ocupavam as cátedras de Economia se afastasse da Faculdade, ou por terem sido destituídos pelas então novas autoridades da ditadura, ou por decisão própria e voluntária. Além disso, cabe destacar que certas cadeiras, como ciência política e filosofia, foram eliminadas do plano de estudos com o objetivo de favorecer o ensino das teorias clássicas keynesianas e shumpeterianas. Neste panorama, o enfoque neoliberal não teve problemas para se consolidar nas cátedras de Economia e Economia Política.

De fato, como argumenta Joseph Ramos no seu estudo “*Neoconservative Economics in the Southern Cone of Latin America, 1973-1983*”, o Uruguai, assim como os outros dois países analisados, Argentina e Chile, eram terrenos favoráveis para a implantação do referencial teórico neoconservador, dada a preexistência de “três fatores [...]”: (1) a frustração decorrente do lento desenvolvimento econômico destes países a partir da Segunda Guerra Mundial; (2) o surgimento de um pensamento de índole neoconservadora nos países industrializados que, além de avaliar de maneira crítica os processos sociais baseados em governos fortes e ativos, também oferecia uma visão

alternativa e soluções concretas aparentemente assentadas em sólidas bases técnicas; e (3) crises sócio-econômicas severas nos três países do Cone Sul, terminando no colapso dos sistemas políticos então vigentes” (RAMOS, 1986: 3).

Por outra parte, e num olhar que se centra no caso específico do Chile (mas que é claramente aplicável a Argentina e Uruguai), Eric Hobsbawm chama nossa atenção para o fato de que “o zelo ideológico dos antigos defensores do individualismo viu-se reforçado pela aparente impotência e o fracasso das políticas econômicas convencionais, especialmente depois de 1973. O recentemente criado (1969) prêmio Nobel de Economia respaldou o neoliberalismo a partir de 1974 ao ser concedido, nesse ano, a Friedrich von Hayek e dois anos depois a um outro defensor e militante do ultraliberalismo econômico, Milton Friedman. Logo depois de 1974, os partidários do livre mercado passaram à ofensiva, embora não tenham conseguido dominar as políticas governamentais até 1980 – com a exceção do Chile, aonde uma ditadura militar baseada no terror permitiu aos assessores estadunidenses instaurar uma economia ultraliberal após o derrocamento, em 1973, de um governo popular” (HOBSBAWM, 1997: 409).

Por sua vez, Celia Barbato, protagonista e testemunha do que o Instituto de Economia havia gerado em termos de pensamento e análise desde metade da década de 60 até o *coup d'etat*, assinala que “o obscurantismo da ditadura e a ausência de avanços que levassem à reflexão sobre novas teorias significaram um retrocesso em relação ao que tinha acontecido em anos anteriores, [...] sendo que o esforço por gerar um pensamento próprio foi contraposto pela ascensão do neoliberalismo e pela adoção de um modelo de ‘abertura econômica’ que adotou, de forma indiscriminada, teorias, metodologias e temáticas alheias” (BARBATO, 1986: 152 e 154).

Verifica-se, portanto, que tanto para os cientistas sociais vinculados às áreas econômica e sociológica como também para muitos dos analistas da temática, esta etapa do desenvolvimento das disciplinas é vista como um “período fraco” em matéria das capacidades e orientações explicativas utilizadas.

Nas palavras de um dos cientistas entrevistados:

“Não se pode ignorar – e as ditaduras latino-americanas são muito dependentes disso – que nos últimos trinta ou quarenta anos no mundo tem-se imposto um paradigma conservador que vem fundamentalmente da Economia mas que, porém, tem penetrado todas as ciências sociais. Há um ponto de partida que é a formação da Escola de Chicago [...] Há uma evolução mundial ou universal da intelectualidade e do pensamento das ciências sociais na direção conservadora. Há um renascimento do que chamam de ‘neoliberalismo’ – e que eu acredito seja liberalismo ‘às secas’, porquanto o império do mercado, tal e como está sendo colocado, eu não sei se têm alguma diferença em relação com os conceitos de Adam Smith – e eu acho que isso produziu uma ‘revolução conservadora’ em todos os níveis. Fica claro que começa pela Economia, mas isso depois penetra em tudo, e inclusive ideologicamente [...]. Então, eu acredito que houve uma espécie de eixo – ao qual depois somam-se outras coisas: acontecimentos históricos como o da caída da União Soviética e do Muro de Berlim. Há uma verdadeira revolução mundial conservadora que penetra na cabeça das pessoas – ideologicamente e de maneira geral, já não só tecnicamente – e que faz com que todas estas ondas sejam muito mais admissíveis. Esse é um primeiro problema que deve ser levado em consideração porque isso também influenciou nas ciências sociais. [...] Mas não foi só o pensamento de esquerda que caiu. Caiu um tipo de formação: a formação mais humanista, a tendência a ter uma cosmovisão mais ampla. Eu acredito que se esteja formando uma cultura inculta.”

### ***1.3. - Sociologia***

#### **1.3.1. - As grandes fases do desenvolvimento da Sociologia no Uruguai, pré-1973**

No decorrer da segunda metade do século XX, assim como no período mais demarcado de instauração da Sociologia no Uruguai, esta disciplina experimentou uma série de mudanças de real significado que levaram à sua maturidade e desenvolvimento institucionais. Ainda assim, diversos autores argumentam que pode-se ter a impressão de que muitos aspectos fundamentais para a evolução da disciplina têm-se mantido constantes e que “ainda continuamos tentando achar soluções para velhos problemas de organização,

institucionalização e consolidação da Sociologia. Neste sentido, a evolução da disciplina parece corresponder ao que de maneira recorrente tem acontecido com a formação da ciência nas sociedades latino-americanas, um processo comparável ao ‘Mito de Sísifo’: processo nunca terminado e sempre reiniciado de construção da ciência na América Latina” (FILGUEIRA, 1988b: 46).

Nesse mesmo sentido, e tal como aponta Hebe Vessuri ao tratar da evolução das ciências sociais argentinas, no Uruguai também deve-se destacar que “os traços da sociedade dificultaram, ou pelo menos não estimularam, a reflexão social crítica – para a qual uma elite mesquinha olhava com um olhar ruim e a qual um povo que se constituía com um percentual muito alto de imigrantes percebia como uma ameaça para a segurança, a estabilidade e o sentimento de pertinência que se queria gerar. Daí que tradicionalmente tenha existido uma desconfiança mútua entre os cientistas sociais e a sociedade civil organizada nos partidos políticos, e que a participação dos primeiros na vida pública nacional não tenha sido um traço freqüente até há pouco tempo. A distância da sociedade civil tem tido seu reflexo na marginalização perante o Estado – que sub-utilizou de forma considerável as ciências sociais” (VESSURI, 1990: 151). Este último aspecto, tal como analisado ao tratarmos, na seção anterior, do desenvolvimento da Economia no Uruguai, também pode ser corroborado no caso da Sociologia. De igual forma, a Antropologia, a Ciência Política e a História uruguaias nunca foram levadas em consideração pelos diversos âmbitos do aparelho estatal para os quais essas disciplinas poderiam ter contribuído (BARRÁN, 1985).

A trajetória seguida pela Sociologia mostra os reiterados esforços realizados pelos sociólogos e especialistas na matéria para conseguir impulsionar uma e outra vez a formação de instituições e a conformação de espaços de exercício profissional. Sobre este particular, e chamando nossa atenção sobre a importância destes aspectos na evolução de diferentes disciplinas, Norberto Lechner indica que “já é um ‘lugar comum’ constatar que o desenvolvimento e a inovação temática das ciências sociais estão fortemente condicionados pelas estruturas institucionais nas quais se desenvolve a produção científica. Neste sentido, deve-se lembrar a intervenção militar das universidades e o auge dos

centros acadêmicos independentes nos anos 70 para perceber em que grau o contexto institucional condiciona não só as orientações científicas, a agenda de prioridades e inclusive as motivações e o estilo intelectual dos cientistas sociais, como também os destinatários e os usos dos seus produtos” (LECHNER,1988: 19).

Por outra parte, o desenvolvimento inicial promovido pelos pioneiros, assim como as ações que levaram em frente aqueles que chegaram em seguida, deu lugar a um processo profundamente descontínuo e que, no geral, se caracterizou pela necessidade de enfrentar inúmeras inércias, restrições e freios. Entre tais dificuldades, devem ser ressaltadas aquelas decorrentes do ‘status menor’ que tradicionalmente tem sido dado às ciências sociais por uma parcela significativa da própria comunidade científica<sup>20</sup>.

Seguindo a periodização sugerida por Carlos Filgueira, distingüimos três grandes períodos no desenvolvimento desta disciplina no Uruguai. Primeiramente, o período de formação inicial que se estende até o ano de 1973, momento no qual, com a irrupção do Golpe de Estado no país, mudam as condições e as características de produção nesta área do saber. Em segundo lugar, cabe demarcar o período correspondente ao regime militar, que se manteve no país até 1984. E, por último, o período de transição à democracia e de democracia plena, que teve lugar a partir de 1985 (FILGUEIRA, 1988b).

Nesta seção em particular, considerando o acontecido antes de 73, assinala-se que a primeira fase pode ser sub-dividida em três grandes etapas: i) uma primeira, própria da *Sociologia das Cátedras*; ii) uma segunda, de profissionalização; e iii) uma terceira, de consolidação da Sociologia.

---

<sup>20</sup> - Sobre os debates registrados em torno a esta temática, remetemos à discussão originada na obra de C.P. SNOW em relação à existência de “duas culturas” na comunidade científica, assim como ao livro de Wolf Lepenies sugestivamente intitulado ‘As três culturas. A sociologia entre a literatura e a ciência’ (LEPENIES, 1994).

### 1.3.1.1.) Fase característica da ‘Sociologia das Cátedras’

A partir de uma tipologia proposta por Gino Germani, corresponde chamar a este período como próprio da Sociologia das Cátedras, porquanto as atividades nele desenvolvidas não foram além do curricular, ou, mais precisamente, além do desenvolvimento de programas para a disciplina (GERMANI, 1964), fazendo com que a Sociologia fosse considerada como uma cadeira a mais na formação global de alguma outra área ou de outra profissão. De fato, na América Latina a grande maioria das cátedras de Sociologia se instauraram nas Faculdades de Direito, devido aos pontos em comum da Sociologia Escolástica com a História e a Filosofia do Direito ou com a Filosofia Social, assim com às contribuições que a Sociologia pode trazer para a comparação entre a normatividade social e a normatividade jurídica – temática recorrente na produção dos autores clássicos e na dos precursores da teoria sociológica (SOLARI, 1964).

“Por Sociologia das Cátedras entendemos a etapa da fundação do que hoje é a Sociologia no Uruguai” (FILGUEIRA, 1988b: 47). Esta fase caracteriza-se, de maneira similar a outros países da região, pelo surgimento das primeiras cátedras especiais em Sociologia e que foram incorporadas aos programas tradicionais das profissões liberais. No Uruguai este processo se desenvolveu, inicialmente, na então denominada Faculdade de Direito e Ciências Sociais (atual Faculdade de Direito), onde pela vez primeira estabeleceu-se a cátedra de Sociologia em 1915. Dita cátedra foi inaugurada por Carlos M. Prando, quem ficou responsável por ela durante as três décadas seguintes. Mas, na opinião de Alfredo Errandonea, a mesma exibia certas particularidades porquanto “o curso de Prando não incluía nenhuma análise referida ao país – sendo que o mérito pela incorporação à cátedra de considerações sobre a realidade nacional corresponde a Isaac Ganón, que, desde 1944, havia se encarregado daquela [cátedra] fundada por Prando” (ERRANDONEA, 1997: 8).

A segunda constituição de importância só veio a registrar-se em 1952, com a criação de uma cátedra de Sociologia, que estava associada a uma cátedra de Economia, na Faculdade de Arquitetura. Deve-se assinalar que havia uma marcada diferença entre a

estrutura dos cursos de Sociologia da Faculdade de Direito e aqueles da Faculdade de Arquitetura. A rigor, esta última – aonde a cátedra de Sociologia originou-se a partir da formulação de um novo plano de estudos que se baseava na experiência chilena – orientou a disciplina em termos muito mais empíricos e sob um esquema renovador da Universidade, procurando estabelecer nexos que fizessem com que os profissionais nela formados estivessem em contato com a realidade. Daí que a introdução da Sociologia e da Economia como duas matérias básicas na Faculdade de Arquitetura, em 1952, revista-se de caráter bastante diferente daquele que acompanhou a inclusão de ambas na Faculdade de Direito (FILGUEIRA, 1988b: 49-50). Assim, o que se introduziu no caso de Arquitetura foi, não uma Sociologia propriamente acadêmica, mas uma Sociologia fortemente orientada à realização de censos e à coleta de dados estatísticos, com uma escassa atenção para os aspectos teóricos. Cabe salientar, ainda, que o principal responsável pela introdução da Sociologia na carreira de Arquitetura foi o Arq. Juan Pablo Terra, formado na Europa dentro de uma tradição mais urbanística do que atrelada à construção de edifícios.

Neste ponto vale destacar o modelo global de desenvolvimento da Sociologia proposto por Alvin Gouldner. O autor salienta que, na sua evolução internacional, a Sociologia passou por quatro períodos principais, em grande medida definidos em termos das sínteses teóricas preponderantes em cada um deles (GOULDNER, 1973: 88-89), quais sejam:

- Primeiro período: o do positivismo sociológico, iniciado na França nos primeiros vinte anos do século XIX, estreitamente ligado ao utilitarismo tradicional, e cujos expoentes principais foram Henri de Saint-Simon e Auguste Comte;
- Segundo período: o do marxismo, que, cristalizado em meados do século XIX, expressou uma tentativa de ir além da poderosa tradição alemã do idealismo incursionando em outras correntes de pensamento, tais como a do socialismo francês e a da economia política inglesa.
- Terceiro período: o da sociologia clássica, desenvolvido no começo deste século, antes da Primeira Guerra Mundial, e que pode ser concebido como uma

fase de consolidação e de adaptação. (Max Weber, Emile Durkheim, Vilfredo Pareto etc.)

- Quarto período: o da teoria estrutural-funcionalista parsoniana, concretizada nos Estados Unidos durante a década de 1930 na teoria de Talcott Parsons, e posteriormente elaborada de uma maneira mais ‘complexa’ pelo grupo inicial de pesquisadores que havia trabalhado com Parsons na Universidade de Harvard – Robert Merton, Kingsley Davis, Wilbert Moore, Robin Williams e outros.

Claramente, os primeiros passos dados pela Sociologia no Uruguai enredaram-se nas tradições positivistas e clássica. Porém, a Cátedra inaugurada na Faculdade de Arquitetura em 1952 – conforme já foi salientado – orientava-se, diferentemente do que se tinha estabelecido em 1915 na Faculdade de Direito, ao desenvolvimento de atividades susceptíveis de serem situadas no marco da teoria estrutural-funcionalista – evidenciando-se uma forte preocupação pelos estudos empíricos manifestada pela coleta de dados de ordem essencialmente quantitativa (AGUIAR, 1979; REAL DE AZÚA et al., 1987).

Isto último, por outra parte, guarda estreita relação com o que se deu nos Estados Unidos de Norte América. Jennifer Platt refere-se ao fato de que foi por volta de 1920 que os sociólogos estadunidenses ligados às universidades começaram a desenvolver pesquisas de corte empírico e a escrever acerca dos diferentes métodos de pesquisa – e isso até aproximadamente 1960. “Foi um período durante o qual a sociologia americana passou a ser dominante tanto em termos quantitativos quanto qualitativos; desde então várias têm sido as sociologias nacionais [relativas a outros países que não os EUA] que passaram a crescer, porém a direção em que elas se movimentaram não pode ser compreendida sem entender o que acontecera na América – e isso ainda que as mesmas tivessem reagido fortemente contra a influência americana ou contra as tendências americanas” (PLATT, 1996: 2). Isso foi o que, em boa medida, aconteceu com a inserção do estrutural-funcionalismo na Sociologia uruguaia: pode-se pensar que houve um certo rechaço à sua inclusão por parte dos cientistas sociais que desenvolviam atividades na Faculdade de Direito e é em função disso que se explica a introdução das pesquisas empíricas na

Faculdade de Arquitetura – aonde, por outra parte, o responsável pelo curso já tinha se familiarizado com esta corrente por ocasião dos seus estudos em Louvain (Bélgica).

Quanto à formação e capacitação dos recursos humanos nesta fase, cabe destacar que, assim como em outros países da região, as pessoas que assumiram a responsabilidade dessas cátedras eram profissionais formados em outras disciplinas e cujos conhecimentos em matéria sociológica originavam-se numa formação e num espírito autodidata. Este pequeno núcleo de pioneiros era composto por Isaac Ganón, Aldo Solari, que foi um dos promotores mais importantes da Sociologia na Faculdade de Direito (a partir de 1953) e o arquiteto Juan Pablo Terra, responsável pelos cursos de Sociologia na Faculdade de Arquitetura e pessoa chave no primeiro centro privado que foi criado no Uruguai: o CLAEH.

No início deste item, apontou-se que a Sociologia percorreu, no Uruguai, uma trajetória semelhante à dos outros países. No caso da Sociologia brasileira, encontramos, segundo o explicitado por diversos autores, que numa primeira geração predominou a pesquisa de cunho histórico, ao passo que na segunda passou-se a valorizar a pesquisa de campo. Precisamente neste sentido, Octavio Ianni ressalta que “houve uma época na história do pensamento brasileiro, que se manifesta a partir da década dos trinta deste século e desenvolve-se bastante pelas décadas posteriores, quando a sociologia adquire as características de um sistema significativo. [...] É claro que antes da década dos trinta o pensamento brasileiro estava sendo enriquecido com estudos, principalmente ensaios, de cunho sociológico. Encontram-se contribuições do maior interesse para a sociologia em escritos de historiadores, cronistas, publicistas, políticos, juristas, economistas, antropólogos, escritores, críticos de literatura e outros” (IANNI, 1989: 85).

Por sua vez, e estabelecendo um vínculo com os períodos da Sociologia Ocidental identificados por Goulter, é interessante apontar que, para Florestan Fernandes “a análise histórico-sociológica da sociedade brasileira transforma-se em investigação positiva. Este acontecimento marca, no plano intelectual, a primeira transição importante no desenvolvimento da Sociologia no Brasil, para padrões de interpretação propriamente

científicos. [...] As obras de síntese revelam, igualmente, a mesma intenção de dar fundamento empírico à interpretação dos processos histórico-sociais.” (FERNANDES, 1963: 65).

De volta ao caso uruguaio, o terceiro elemento que nos importa considerar neste período, paralelamente às cátedras nas Faculdades de Direito e Arquitetura, é a constituição do Centro Latino-americano de Economia Humana (CLAEH). Este centro, que surgiu em 1957, originou-se em atividades vinculadas aos ‘Equipos del Bien Común’ e ao movimento francês “Economia e Humanismo” liderado pelo Padre Lebret, de indiscutíveis raízes sociais-cristãs. Com uma forte orientação empiricista e descritiva, no seio do CLAEH desenvolveram-se diversas pesquisas neste período – sendo a mais importante a realizada sobre “A família em Montevideú”<sup>21</sup> – que, pela primeira vez, colocou à disposição dos interessados, análises e conhecimentos sobre aspectos relevantes da realidade social nacional.

Um quarto elemento remete à constituição, em 1956, do Instituto de Ciências Sociais na órbita da Faculdade de Direito (antecedente direto do atual Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais). Tendo designado Ganón como seu Diretor, este Instituto inicialmente operou como um seminário docente e, na realidade, só começou a funcionar como um instituto de pesquisa em 1959, através da realização de uma das mais importantes pesquisas daquele período inicial: “Estratificação e mobilidade social em Montevideú”<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> - O trabalho levado adiante pela equipe do CLAEH em torno a “*La familia en la ciudad de Montevideo*” iniciou-se em 1958 e compreendeu a realização de um exaustivo trabalho de campo com o objetivo de mensurar a conformação tanto etária quanto econômica dos núcleos familiares. Uma das principais hipóteses da pesquisa baseava-se na idéia de que as famílias montevidéanas, em boa medida como resposta à crise em vigor, articulavam-se, de forma crescente, em torno à constituição de famílias extendidas – sendo que, tradicionalmente, elas tinham sido nucleares. A tão conhecida “solidariedade intergeracional” (pela qual as pessoas de idade mais avançada – pais, avôs ou tios idosos – contribuem com ‘o teto’ e uma aposentadoria e os integrantes mais jovens aportam o salário com o qual completar a sustentação dos gastos fixos do mês) ficou, pela primeira vez no Uruguai, explicitada no relatório final produzido: CLAEH (1962). *La familia en Montevideo: constituciones e interrogantes ampliadas*. Mimeo, Montevideo.

<sup>22</sup> - Esta pesquisa, de fato, foi a única realizada – até a presente data, ano 2000 – a respeito destas duas temáticas no Uruguai. Num país que se orgulha de possuir o que no dia-a-dia se chama de ‘grande colchão de classe média’ e no qual a educação é tida como um fator primordial para a mobilização social no imaginário coletivo, a pesquisa em questão foi, precisamente, aquela na qual essas ‘crenças’ foram

Assim, em seus primórdios, o Instituto de Ciências Sociais não foi mais do que um prolongamento da Sociologia das Cátedras, dado que sua presença na esfera nacional não poderia superar as condições estruturais que a Faculdade de Direito lhe permitiam. Em muitos aspectos o Instituto via-se ‘atrelado’ à Faculdade – motivo pelo qual Carlos Filgueira, por exemplo, assinala que “de fato, podemos afirmar que não se tratava de um Instituto de pesquisa mas de um projeto de um Instituto possível de ser criado mais adiante. A Sociologia em matéria de pesquisa nasceu, dessa forma, com um extraordinário atraso em relação aos outros países da região, dependente de uma Faculdade profissional e com uma série de problemas para seu desenvolvimento que impediam que a nova disciplina chegasse a ocupar um lugar importante” (FILGUEIRA, 1988b: 51).

No final deste período fundamental da Sociologia das Cátedras assiste-se, em 1959, a um evento conjuntural derivado da preocupação de Isaac Ganón em organizar no Uruguai a reunião anual da muito prestigiosa Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS). De fato, o V Congresso Latino-americano de Sociologia teve lugar na cidade de Montevideu e foi organizado pela cátedra da Faculdade de Direito. A presença de pesquisadores e profissionais de outros países, e as repercussões que o Congresso teve dentro da esfera universitária, levaram a uma legitimação significativa da Sociologia no país e, muito especialmente, a uma abertura das possibilidades para seu desenvolvimento dentro da referida Faculdade (SOLARI, 1964).

#### 1.3.1.2.) Fase de profissionalização

A segunda etapa, que se seguiu à da Sociologia das Cátedras e que pode ser localizada em torno dos anos 60-64, esteve caracterizada por novas criações de ordem institucional, pela conformação de um núcleo básico de sociólogos dedicado especificamente ao desenvolvimento da disciplina e também pelo surgimento de um conjunto de atividades antes inexistentes.

---

tratadas. A respeito, consultar: ICS / Instituto de Ciencias Sociales (1962). *Estratificación y movilidad social en Montevideo*. Mimeo, Montevideo.

Esta etapa, por outro lado, é extremamente interessante porque permite observar como o desenvolvimento de uma disciplina se verifica em estreita relação com os fenômenos que acontecem na sociedade e, em parte, como decorrência dos mesmos. Esta etapa de profissionalização – ao contrário do que se poderia supor dada a evolução da disciplina na fase anterior – não teve como espaço dinâmico a Universidade e sim um ‘pólo’ que, naquele momento, se constituiu em diferentes esferas ao redor do Estado. Isso se deu a partir de um processo social e econômico vivido no país que levou ao questionamento de muitas das idéias e concepções a respeito da sociedade uruguaia. Ou seja, a partir de um processo que viabilizou a tomada de consciência sobre a ruptura definitiva de uma ordem e de uma organização social que não mais dispunha de condições que permitissem sua sustentação.

Mas, as ciências sociais, e não só a Sociologia, não tinham tido, até então, um desenvolvimento substancial ao ponto de poder responder às demandas de conhecimento, diagnóstico e análise dos problemas específicos vivenciados pela sociedade. O ensaísmo que havia dominado a análise social precisava ser deslocado pela pesquisa sistemática e pelo trabalho acadêmico profissional. Nesse sentido, e como já foi sublinhado para o caso da Economia, a pequena importância atribuída à obtenção de informações no plano do concreto mostra claramente que a necessidade de diagnosticar e de pensar a sociedade uruguaia encontrava-se submersa num falso otimismo e numa percepção social alheia aos problemas endêmicos da região e do mundo (FILGUEIRA, 1988b).

Da mesma forma que para a Economia neste mesmo período, os esforços realizados na esfera do governo com o objetivo de diagnosticar e planejar a política sócio-econômica no longo prazo conduziu à criação de uma Comissão (a CIDE) que, por sua vez, teve um efeito profundamente estimulante sobre a Sociologia. Como decorrência disso, no Ministério de Educação e Cultura formou-se, a partir de um núcleo que estava coordenado por Germán Rama, uma equipe de pesquisas e diagnósticos sobre a educação no Uruguai, equipe que, num brevíssimo intervalo de tempo (64-67), deu lugar a um trabalho, publicado em dois conhecidos volumes que, pela primeira vez, apresentava dados

e análise sobre a situação educativa no país<sup>23</sup>. São eles: *Ministerio de Educación y Cultura, Uruguay* (1967); e *Ministerio de Educación y Cultura, Uruguay* (1968).

A formação do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas* (CONICYT) também data do período acima referido. Sua criação ocorreu num contexto das preocupações por aprimorar o conhecimento sobre ‘o local’ e dentro de uma tendência geral, em toda Latino-america, em estabelecer Conselhos de Ciência e Tecnologia (BARREIRO & DAVYT, 2000; VESSURI, 1987). Mesmo que o CONICYT não tenha adquirido a importância que alcançaram outras instituições similares da região, ele foi bastante significativo enquanto espaço no qual se realizou, em 1971, o primeiro estudo e diagnóstico sobre o Potencial Científico-Tecnológico do país.

Fora da esfera pública deve-se também fazer menção às atividades desenvolvidas pelo Centro Latino-americano de Economia Humana (CLAEH) e, em particular, à organicidade que adquiriu o trabalho realizado sobre o setor rural. De fato, em 1964 a equipe do CLAEH foi contratada pelo Ministério da Pecuária e da Agricultura para conduzir “sem dúvida nenhuma a pesquisa sociológica mais importante realizada no país [até hoje em dia] sobre o meio agrário, e a que depois foi publicada sob o título de ‘El Uruguay rural’” (ERRANDONEA, 1997: 9). Para o cumprimento desta tarefa foi necessário contar com economistas, sociólogos e outros profissionais do *staff* do CLAEH. Esta pesquisa confirma que as demandas do setor público forneceram incentivos fundamentais ao desenvolvimento da Sociologia.

No âmbito universitário, os cursos de Sociologia ampliaram-se rapidamente para cobrir os que começavam a ser implementados em outras Faculdades e Escolas profissionais, com o que a demanda de cátedras de Sociologia incrementou-se consideravelmente. Também data desta fase a criação da Oficina de Planejamento da Universidade que, pela primeira vez, dispunha de atribuições para fazer diagnósticos e encarar objetivos de planejamento. Nessa oficina desenvolveram-se uma série de pesquisas

---

<sup>23</sup> - Cf.: MEC / Ministerio de Educación y Cultura, Uruguay (1966). *Educación y formación técnica en el Uruguay actual*. MEC, Montevideo; e RAMA, Germán (1967). *Apuntes sobre la educación primaria y secundaria en el Uruguay*. MEC, Montevideo.

sobre o corpo docente, sobre as condições sociais dos universitários, sobre o rendimento dos estudantes etc., sob a direção do sociólogo argentino Jorge Graciarena (GRACIARENA & LÓPEZ, 1966; GRACIARENA et. al., 1968; OPP, 1969).

Além disso, deve-se ressaltar que o apoio recebido da UNESCO para este tipo de projetos permitiu a realização de censos de egressos e uma outra série de estudos que, em boa medida, depois foram continuados pelo Instituto de Ciências Sociais. Este Instituto, depois de ter vivenciado múltiplas ‘idas e vindas’ a partir da indecisão da Faculdade de Direito em relação a apoiá-lo ou não, “conseguiu pela primeira vez a estruturação, embora não definitiva (feita sobre uma base de cargos interinos), de um núcleo mínimo de 16 pesquisadores e equipes de entrevistadores. O Instituto de Ciências Sociais, assim, começou a trabalhar efetivamente no início da década de 60, sendo que em 1964 já apresentava características próprias de um centro com maiores condições de produtividade científica.” (FILGUEIRA, 1988b: 55)

Ainda na esfera da Universidade, deve-se destacar que na Faculdade de Humanidades se constituiu um ‘Seminario de Investigaciones Sociológicas’, dirigido por Garmendia, no marco do qual se gerou um grupo informal de estudos sociológicos que, por sua vez, deu lugar à formação das primeiras gerações de sociólogos com estudos sistemáticos realizados no país.

Em relação às orientações que marcaram este período, a pesquisa realizada era fortemente empírica e orientada ao diagnóstico de áreas, setores e situações concretas da sociedade uruguaia. Em matéria temática, os estudos refletem as particularidades da sociedade nacional, enfocando a mobilidade social, o sistema educativo e o envelhecimento da população, sem qualquer interesse por temas que, naquele momento, dominavam a pesquisa em outros países da região. Do ponto de vista teórico, corresponde a uma fase fortemente eclética e pautada por referências, autores e enfoques de diferentes tipos e origens, tais como: funcionalista norte-americano, sociologia francesa, alemã, inglesa etc. (FILGUEIRA, 1988b: 56-60).

Em nível internacional, e conforme o salientado por Stephen e Jonathan Turner, as ‘sociologias’ desenvolvidas nos mais variados países também apresentavam, em alto grau, uma influência de corte internacional. Segundo estes autores, embora houvesse tradições dominantes ou até distintivas que permitem compreender uma maior presença de certos corpos teóricos em determinadas universidades estadunidenses, por exemplo, o desenvolvimento da Sociologia no mundo nas décadas seguintes à finalização da Segunda Guerra Mundial esteve fortemente marcado por esse *mix* de orientações. Ainda assim, eles reconhecem que na evolução da Sociologia estadunidense dos anos 60 e 70 continuou a haver um claro predomínio dos enfoques empiricistas e quantitativistas (TURNER & TURNER, 1990: 70).

Por outra parte, num livro, organizado por Birgitta Nedelmann e Piotr Sztompka, que leva por título “Sociologia na Europa: em Busca da Identidade”, inclui-se um trabalho de Raymond Boudon no qual o autor salienta o papel que coube à muito forte corrente estrutural-funcionalista estadunidense na “desestruturação e perda dos tradicionais modos europeus de conduzir a produção de pesquisas em Sociologia” (BOUDON, 1993: 33). Segundo este autor, o fato de muitos cientistas europeus terem ido para os Estados Unidos por ocasião da Segunda Guerra Mundial – a maioria deles fugindo do nazismo ou a partir da desestruturação da Escola de Frankfurt, por motivo similar – e o fato de grandes mestres, como Theodor Adorno e Max Horkheimer terem se embuído do *ethos científico* e dos paradigmas então vigentes na sociologia estadunidense, são fatores explicativos, tanto da ‘adoção’ da corrente empiricista por parte dos especialistas europeus, como da perda das tradições anteriormente em voga no velho continente.

Como anotação final para o caso uruguaio, deve-se ressaltar nesta fase a falta quase total de relacionamento direto com o sistema latino-americano e mundial de pesquisa e docência em Sociologia. Não se realizaram trabalhos de colaboração nem mesmo dentro da região e o intercâmbio de docentes e estudantes era muito escasso. O aperfeiçoamento no exterior só mais tarde começou a dar seus frutos, a partir do retorno dos pesquisadores que haviam realizado estudos em centros acadêmicos dos outros países do Cone Sul, mas este ainda é um processo incipiente neste período.

### 1.3.1.3.) Fase de consolidação da disciplina

A terceira etapa, prévia ao *coup d'état* de 1973, desenvolveu-se basicamente no âmbito universitário. Três processos confluíram e contribuíram para a mesma: em primeiro lugar, a constituição de um grupo profissional no Instituto de Ciências Sociais, de caráter definitivo e no qual os cargos disponíveis foram preenchidos através de um concurso de mérito e provas com bancas de conformação internacional. Além disso, o Instituto centralizava, no final do período, todas as atividades da Sociologia da Universidade. Em segundo lugar, aconteceu que em diferentes Faculdades e Escolas verificou-se uma expansão ainda maior das cátedras de Sociologia – cátedras que, além de tudo, viram-se incrementadas pelo início de várias experiências que levaram à criação de Ciclos Básicos interdisciplinares em muitas carreiras previamente existentes. Em terceiro lugar, o Instituto de Ciências Sociais estabeleceu, pela primeira vez e a partir de 1967, cursos sistemáticos de formação de sociólogos – cursos que levariam à criação, em 1971, do primeiro Plano de Estudos para a formação de Licenciados em Sociologia na esfera da Universidade.

No setor público, entretanto, aconteceu um processo contrário. A maior parte das criações institucionais que caracterizaram o período anterior sob o impulso do Ministério da Educação, do Ministério da Pecuária e Agricultura, e outras experiências similares, desapareceram totalmente ou se reduziram, por ação das idas e vindas políticas e da escassa prioridade que lhes foi outorgada em decorrência dos conflitos de ordem sócio-política e da radicalização da sociedade (FILGUEIRA, 1988a: 133). As funções do CONICYT reduziram-se à sua mínima expressão pela inexistência de recursos disponíveis que lhe permitissem desenvolver suas atividades. Do mesmo modo, a função dinâmica e inovadora que havia sido cumprida pela CIDE foi substituída por uma outra de caráter mais rotineiro e que não estimulava a demanda pela investigação científica (FILGUEIRA, 1988b: 60).

A Universidade, por sua vez, já dispunha de mecanismos que vinham permitindo um desenvolvimento mais estável da Sociologia. Assim, o Instituto de Ciências Sociais adquiriu uma liderança indiscutível, e foi em torno dele que se criou um núcleo de profissionais que passou a constituir uma pequena comunidade acadêmica com capacidade de impulsionar idéias inovadoras e gestões modernizantes que levassem ao desenvolvimento da disciplina. Ademais, a conformação da Licenciatura em Sociologia estabeleceu uma política, antes inexistente no país, de publicações (traduções, reprodução de documentos, reprodução de livros e capítulos de livros etc.), visando à compilação de abundante bibliografia que serviria de base para os cursos.

Precisamente sobre este ponto, Errandonea assinala que, naquele então, foi possível contar com um fundo especial, que não ficou incorporado ao orçamento habitual da instituição, mas que permitiu fazer a primeira compra de livros a partir da qual se procedeu ao estabelecimento da Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais. Com base em traduções de capítulos e artigos selecionados, começou-se a editar uma série intitulada ‘Serviço de Documentação em Ciências Sociais’. Esta série foi editada sob a forma de ‘fichas’ mimeografadas que visavam, antes de mais nada, constituir-se em materiais bibliográficos de estudo e de fácil acesso para os estudantes, sendo que para a edição da mesma o Instituto contou com a decisiva colaboração da Fundação de Cultura Universitária. “Com a inclusão de algumas especialmente elaboradas com fins docentes pelos próprios integrantes do Instituto, chegou-se, no final de 1973, à edição de um total próximo às duzentas” (ERRANDONEA, 1997: 12). E, no marco das publicações da Faculdade, o Instituto começou a editar os ‘Cadernos de Ciências Sociais’, que se constituíram numa revista técnica dedicada à produção sociológica do Instituto, da qual só se conseguiram publicar três números antes da interrupção institucional de 1973.

No que diz respeito à constituição das cátedras de Sociologia em novos setores da Universidade, a criação do Ciclo Básico em Medicina e a criação de uma outra cátedra na Faculdade de Engenharia, que depois também se estendeu à Faculdade de Veterinária e, mais tardiamente, à de Humanidades, geraram uma demanda por docência em matéria

sociológica que se constituiu num elemento dinamizador, porém problemático, de especialistas em Sociologia (FILGUEIRA, 1988b: 60).

Em relação aos problemas, havia uma tendência em abraçar muito mais atividades do que na realidade poderia ser feito por um pequeno núcleo que ainda estava em consolidação. Até 1973, os egressos da Licenciatura não somavam mais do que 12 pessoas; e todos concluíram seus estudos apenas no final de 1972. Os profissionais formados no exterior, e que contavam com capacitação sistemática na matéria, tampouco passavam de um número equivalente. Assim, a partir destes dados pode-se entender que, na realidade, a demanda adiantou-se à capacidade de oferta de recursos humanos, dificultando a consecução dos objetivos de capacitação que se estavam desenvolvendo na Licenciatura de Sociologia e, em particular, os da pesquisa.

Além disso, apesar da importância da edição de diferentes fichas de reprodução e cópias de artigos e de livros da Sociologia contemporânea, existiram notórias dificuldades para adicionar à essa bibliografia (basicamente internacional) uma bibliografia gerada no país, porque a mesma era escassa ou simplesmente, em muitas especialidades, não existia. Sem dúvida alguma, a capacidade endógena de criação de conhecimentos por parte das instituições dedicadas à Sociologia não era suficiente para apoiar o ensino e a pesquisa com trabalhos prévios que interpretassem a realidade com base em pesquisas originais.

### **1.3.2. - A Sociologia na esfera privada sob o regime autoritário (pós-1973)**

A partir da quebra da democracia no país, e da subsequente intervenção da Universidade, assistiram-se a dois processos claros no âmbito da Sociologia: um deles foi o fechamento de todos os Cursos Básicos, muitas das cátedras e a maior parte das atividades disciplinares que se desenvolviam na esfera universitária. O mesmo aconteceu, também, com o CONICYT e com outras instituições do Estado que se viram reduzidas à sua mínima expressão. Exceto em alguns poucos casos, tais como na Faculdade de Direito

e na Faculdade de Arquitetura, as cátedras de Sociologia foram definitivamente fechadas ao mesmo tempo que o Instituto de Ciências Sociais foi extinto em outubro de 1973.

O segundo, e em relação ao qual haveremos de centrar nossa atenção no próximo capítulo, foi a constituição dos centros privados de pesquisa. Estes surgiram a partir de diferentes vertentes, organizações precedentes e recursos humanos existentes no país, a partir de 1974-75, e passaram a desenvolver atividades nas diferentes ciências sociais. Tal como indicado, a criação do CIEDUR, CIESU, e CINVE, junto com o “renascimento” do CLAEH, deram lugar a um novo tipo de atividades, estruturalmente diferentes daquelas que tinham estado presentes na Universidade.

Neste sentido, e seguindo a Carlos Filgueira, deve-se destacar que “a capacidade de organização e produção destes centros é notoriamente superior àquela alcançada pela Universidade previamente. Por um lado, todos os Centros, sem exceções, desenvolveram, em maior ou menor medida, uma política sistemática de formação e capacitação de recursos no exterior – sendo que seus pesquisadores foram se capacitar em centros de alto nível acadêmico da região e do mundo” (FILGUEIRA, 1988b: 63). Alguns desses Centros são: a Fundação Bariloche, da Argentina; a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, no México e no Equador; a Pontifícia Universidade Católica do Peru, o IUPERJ de Rio de Janeiro, Brasil; as Universidades de Wisconsin, Stanford, Chicago e Yale nos Estados Unidos, e a Universidade de Sussex na Inglaterra (FILGUEIRA, 198b: 69).

O refúgio da Sociologia nos centros privados neste período, enquanto formas idealizadas para manter um espaço de pensamento independente e de aprofundamento do processo institucional da disciplina, teve como resultado uma elevada produtividade e uma melhora notória na qualidade da pesquisa, segundo a opinião dos cientistas entrevistados. Paradoxalmente, num período de dificuldades, que esteve marcado pela repressão e pelo cerceamento das possibilidades de pesquisa no país, a Sociologia encontrou, nos centros independentes de pesquisa, seu polo mais dinâmico de desenvolvimento.

Assim se manifestou um dos cientistas entrevistados em relação a uma temática que nós consideramos de suma transcendência porquanto conduziu à conformação de novas formas de organização da ciência e a práticas renovadas em termos de gestão<sup>24</sup>:

“Embora haja diferenças e nuances nas formas organizacionais dos centros privados, na minha opinião o ponto mais importante que deve ser levado em consideração é que, pela forma de financiamento, pelo número relativamente reduzido de seus membros, pela forma operativa de se relacionarem com outras instituições da América Latina e do resto do mundo e, fundamentalmente, pela flexibilidade e as possibilidades de processar rápidas mudanças a partir do que lhes era solicitado ou demandado, eles conseguiram criar estruturas mais eficientes para a tomada de decisões do que aquelas que estavam presentes nos pesados mecanismos burocráticos de outras [instituições precedentes].

A isso deve-se agregar o elevado grau de competição que tivemos de desenvolver para poder sobreviver num contexto no qual a pesquisa contratada, ou *a pesquisa definida em função de projetos específicos*, com seus prazos e términos pré-estabelecidos, e com exigência de qualidade acadêmica, *produzisse resultados* mais adequados às demandas de uma nova disciplina que estava em formação. [Ênfase da autora].

Em síntese, eu acredito que a experiência dos centros privados deveria ser avaliada com maior detalhe no que diz respeito aos aspectos gerais da organização da ciência no país e do tipo de unidade ideal sobre a qual assentar o desenvolvimento disciplinar. Na minha opinião, *o êxito dos centros privados no tocante ao desenvolvimento da pesquisa e da docência neste período não passa só, nem principalmente, por mostrar que era possível desenvolver a disciplina em condições adversas, mas por mostrar experiências mais eficientes de organização da ciência.*” [Ênfase da autora]

---

<sup>24</sup> - Devemos notar que sobre estes aspectos, entanto ápices do ‘aprendizado institucional’ vivido pelos centros privados de pesquisa em ciências sociais, haveremos de tratar no próximo capítulo. Ademais, no Capítulo III revisaremos o papel que coube ao financiamento no estabelecimento de novos padrões e pautas relativas à prática científica.

### **1.3.3. - A etapa de transição à democracia e de articulação dos centros com a universidade: uma nova fase de consolidação?**

A última etapa, que se inicia com a abertura democrática, e que a partir da periodização estabelecida para este trabalho será considerada até 1990, não pode ser delimitada com precisão no tocante à temporalidade. Mesmo assim, o começo da mesma pode ser estabelecido em 1984, sendo que, em seu decorrer, sucederam-se quatro modificações importantes, decorrentes das mudanças radicais que tiveram lugar no país com a transição à democracia – transição que se inicia em 1980-1982.

Um primeiro aspecto tem a ver com a reabertura da Universidade e, concomitantemente, com a restauração de uma série de instituições e organismos, cátedras incluídas, que teve lugar a partir de 1985. Em segundo lugar, e embora no setor privado as transformações registradas não sejam de grande magnitude no que diz respeito à demanda pela Sociologia, no nível público registra-se uma série de criações institucionais que ampliam os âmbitos de demanda pelo conhecimento sociológico<sup>25</sup>. Em terceiro lugar, assiste-se, neste período, à criação de um número considerável de novos centros privados de pesquisa, promoção e ação (ONGs).

Finalmente, é conveniente destacar que com o processo de abertura e com o retorno dos cientistas que tinham imigrado, voltam ao país sociólogos que outrora dele saíram por razões políticas ou por preferências pessoais (FORTUNA, NIEDWOROK & PELLEGRINO, 1987). Também retorna ao país um forte contingente de jovens sociólogos que tinham se formado no exterior, sob regimes e sistemas de organização da ciência e de geração de conhecimentos notavelmente distintos daqueles que prevaleciam

---

<sup>25</sup> - Algumas dessas criações institucionais remetem ao surgimento de certas divisões ou departamentos em alguns Ministérios e organismos estatais – tipicamente no Ministério de Trabalho e Segurança Social, no Ministério de Saúde Pública e na ANTEL (Administração Nacional de Telefones), entre outros. Vale destacar, também que em 1987 se criou, com o financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o I Programa FAS (Fundo de Ajuda Social) na órbita da Presidência da República.

no Uruguai no final dos anos 80 (FORTUNA & NIEDWOROK, 1986; FORTUNA, NIEDWOROK & PELLEGRINO, 1988).

Tal como no caso da Economia, depois de 1986 teve lugar uma reestruturação institucional que levou à associação dos centros privados de pesquisa com a Universidade da República. Uma vez restabelecido o sistema democrático, os centros privados (cujas produção e nível de atividades já começavam a minguar, assim como seus recursos financeiros) e a Universidade (cujas atividades retomavam o crescimento) somam seus esforços e passam a encarar a revitalização da prática acadêmica em ciências sociais de forma conjunta.

A assinatura de convênios entre cada um dos centros de maneira isolada e a Universidade marcou o início de uma nova etapa de trabalho associado e uma espécie de ‘irmandade’ que objetivava a cooperação, o fomento de linhas de pesquisa e orientações similares, o desenvolvimento de pesquisas associadas e a tarefa da reconstrução das ciências sociais no país. Ainda mais, esta nova etapa conduziu à cristalização de uma dinâmica a partir da qual, conforme haverá de ser analisado no próximo capítulo, foi possível apreciar as mudanças que se sucederam em decorrência dos ‘aprendizados institucionais’ realizados pelos centros durante o período de exceção e que depois foram levados para a Universidade pelos pesquisadores.

Finalmente, embora cronologicamente os fatos abaixo referidos extrapolem o período analisado, e visando ilustrar as transformações que se sucederam tanto em nível institucional como no relativo às dinâmicas de funcionamento da comunidade científica uruguaia, a seguir são apresentados, de forma sucinta, alguns fatos marcantes para a disciplina após 1990:

(a) a criação, em 1991, da Faculdade de Ciências Sociais<sup>26</sup> (FCS), atualmente integrada pelos Departamentos de Ciência Política, Economia<sup>27</sup>, Sociologia e

---

<sup>26</sup> - Vale dizer que a antiga “Faculdade de Direito e Ciências Sociais” – âmbito no qual, como já indicado, se iniciaram as atividades próprias de Sociologia – dividiu-se em 1991 dando lugar à Faculdade de Direito e à Faculdade de Ciências Sociais. No mesmo estilo, e também em 1991, procedeu-se ao

Serviço/Trabalho Social, e por uma Unidade Multidisciplinar na qual não se cumprem tarefas de docência, mas sim de pesquisa em Demografia, História Econômica e Relações Internacionais;

(b) a criação, em julho de 1997, da terceira Universidade do país: a Universidade de Montevideú, inaugurada com uma clara orientação às ciências econômicas, e que ministra cursos de forte conteúdo sociológico e uma Licenciatura em Economia. Além disto, é digno de nota que o quadro docente desta Instituição é constituído basicamente por pesquisadores de alto nível que também lecionam na Universidade da República e por catedráticos já aposentados desta última.

(c) a criação de um Mestrado em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República, em agosto de 1997 e

(d) a constituição, em março de 1998, de uma Área de Ciências Sociais Aplicadas na segunda Universidade privada estabelecida no país: a Universidade ORT, que surgiu como tal em 1995.

Todas estas atividades, dinâmicas, crescimentos e novas configurações tiveram lugar, e de fato só puderam acontecer porque durante um período de quase uma década e meia, os centros privados de pesquisa em ciências sociais cuidaram da preservação das atividades acadêmicas no país. Foram os centros e as pessoas nucleadas em torno deles que se responsabilizaram pela permanência da Economia e da Sociologia como disciplinas no Uruguai. Foram os centros que não permitiram que os esforços e os resultados das etapas anteriores ficassem suspensos no ar. E são precisamente as atividades desenvolvidas por estes centros que serão destacadas no próximo capítulo.

---

‘desdobramento’ da ex-Faculdade de Humanidades e Ciências em Faculdade de Ciências e Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação.

<sup>27</sup> - Neste ponto é pertinente apontar que o Instituto de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração (FCEA) continua desenvolvendo, também, atividades de pesquisa. Ambas instituições cumprem, assim, tarefas de pesquisa e docência. Têm havido numerosas tentativas de unir estas unidades num único espaço, mas problemas de política universitária, e velhas e profundas divergências, fizeram com que a união não resultasse viável – conduzindo à conformação atual.

## CAPÍTULO II –

### PRÁTICAS SOCIAIS INOVATIVAS DURANTE O URUGUAI AUTORITÁRIO: OS CENTROS PRIVADOS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

#### *Introdução*

Os centros privados ou independentes de pesquisa tiveram grande importância enquanto nucleadores das atividades acadêmicas em Economia e Sociologia que se desenvolveram no Uruguai durante o período correspondente à ditadura militar, quando a Universidade se encontrava sob intervenção e quando muitas das carreiras foram fechadas. No decorrer deste capítulo trataremos da natureza das atividades realizadas em cada um dos centros privados de pesquisa. Para tanto, serão analisadas as áreas de atuação priorizadas e as dinâmicas de funcionamento imperantes na sub-comunidade de cientistas sociais vinculados às esferas do ‘econômico’ e do ‘sociológico’ no interior dos centros privados de pesquisa em ciências sociais no Uruguai.

Tais dinâmicas e práticas científicas, por um lado, refletiam a quase total falta de vinculação entre os próprios centros, fruto de sutis diferenças de ordem ideológica ou política entre eles e, muito especialmente, dos temores e das censuras (também auto-censuras) decorrentes das condições impostas pelo regime de exceção. Por outro lado, estas dinâmicas e práticas revelavam uma maior abertura dos pesquisadores dos centros para o exterior, uma vez que os mesmos passaram a ter um maior relacionamento com pares de outros países, particularmente com os que se dedicavam à pesquisa de temáticas afins na região da América Latina e do Caribe.

Tanto na primeira como na segunda parte deste capítulo – analisando o surgimento dos centros enquanto práticas sociais inovadoras, assim como as atividades de pesquisa desenvolvidas nos mesmos, e expondo, por último, os principais resultados que tais centros conseguiram atingir – fazemos referência às formas renovadas através das quais as duas disciplinas das ciências sociais que nos ocupam cristalizaram o esforço por se auto-preservar. Essas formas renovadas, além de terem se constituído em elementos fundamentais de um processo que visava atender ao desenvolvimento das disciplinas de referência, também se refletem em ‘aprendizados institucionais’ que nos permitem fornecer um relato da Economia e da Sociologia no espaço e nas formas em que elas conseguiram sobreviver no país.

### *2.1. - Marco histórico e origem dos centros*

Vários dos trabalhos realizados por especialistas em ciência política destacam que em todos os países que passaram por uma ditadura só foi possível analisar em profundidade a experiência autoritária depois do seu término, ou seja, para o caso do Uruguai, depois de 1985. E isso deve-se à necessidade quase imperativa de contar não só com condições que permitam a realização de análises documentadas e que estejam minimamente abertas ao debate, como também com um marco que possibilite um certo distanciamento entre o analista e o período analisado, para que o primeiro possa conformar uma perspectiva histórica do seu entorno.

A maioria dos estudos realizados até o momento sobre questões relativas ao período 1973-1985 tem centrado seu foco de atenção na análise do modelo político e econômico que o regime militar procurou impor. As investigações centraram-se na análise das raízes ideológicas deste último, inspiradas tanto na então chamada ‘doutrina de segurança nacional’ como nos princípios do neoliberalismo econômico, e no seu grau de parentesco com regimes similares que tinham sido impostos em outros países da região naquele momento.

Além disso, os trabalhos produzidos procuraram avaliar o efeito alcançado pelas políticas aplicadas nos distintos planos da realidade econômica e social, e também na proposta institucional criada para formalizar a articulação de novas relações hegemônicas. Muito é o que se tem trabalhado, adicionalmente, em relação às Forças Armadas – porquanto as mesmas, durante este período, constituíram-se num ator privilegiado da vida do país, sendo que isso veio a acontecer, principalmente, através da sua modalidade de controle e direção do Estado<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> - Precisamente neste sentido, deve destacar-se a organização, por parte de um dos centros privados de cujas atividades haveremos de tratar a seguir (CIEDUR), de uma série de três 'Talleres' sobre "Uruguay: Transición a la Democracia" – porquanto os trabalhos apresentados e discutidos nessas jornadas representaram os primeiros a serem realizados pelos cientistas sociais uruguaios visando a produção científica sobre temáticas que até então tinham estado ausentes das agendas de pesquisa dos centros privados. Esses três 'Talleres' ocorreram entre os dias 15 - 16 de novembro de 1983, 9 - 11 de abril de 1984 e 25 - 27 de julho de 1984, respectivamente (CIEDUR, 1983; CIEDUR, 1984a; e CIEDUR, 1984b). Porém, como se pode compreender, a maior produção a respeito realmente surgiu depois da restauração democrática (1985). Uma relação das publicações que podem servir como referência para a revisão dos estudos realizados sobre estes temas no país inclui os seguintes trabalhos:

Astori, Danilo & Buxedas, Martín (1986). *La pesca en el Uruguay. Balance y perspectivas*. CIEDUR - Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.

CIEDUR (1983). *La agricultura familiar uruguaya en el marco de una nueva política económica*. Ed. Hemisferio Sur, Montevideo.

CIEDUR (1987). *La estructura del Estado y sus transformaciones*. Ed. Comunidad del Sur, Montevideo.

CIEDUR - CIESU - ICP - FESUR (1993). *Participación ciudadana y relaciones de gobierno*. Ediciones Trilce, Montevideo.

Cosse, Gustavo (1985). *Clase obrera, autoritarismo y democracia*. Serie Documentos de Trabajo del CIEDUR, No. 26. Montevideo.

De Sierra, Gerónimo (1984). *Dependencia, democracia representativa y dictadura en el Uruguay*. Serie Documentos de Trabajo del CIEDUR, No. 19. Montevideo.

De Sierra, Gerónimo (1985). *Sistema y partidos políticos en el Uruguay de la crisis*. Serie Documentos de Trabajo del CIEDUR, No. 25. Montevideo.

De Sierra, Gerónimo (1992). *Reforma del Estado, modelos neoliberales y sus implicaciones para la democracia: el caso uruguayo*. Ed. Hemisferio Sur, Montevideo.

De Sierra, Gerónimo -comp.- (1987). *¿Hacia dónde va el estado uruguayo? Concentración de poder a la salida de la dictadura*. Fundación de Cultura Universitaria, Montevideo.

De Sierra, Gerónimo; Castagnola, José Luis & Cancela, Walter (1988). *Gobierno y actores socio-políticos frente a la democratización, la modernización y la política económica (1985-1987)*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.

Espino, Alma (1994). *Las mujeres y la política: democracia, poder y participación*. Serie Investigaciones de CIEDUR, No. 77. Montevideo.

Filgueira, Carlos (1984). *El dilema de la redemocratización en el Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 46, Montevideo.

González Sierra, Yamandú (1993). *Continuidad y cambio en el movimiento sindical uruguayo. Una perspectiva histórica del relacionamiento con el Estado durante el periodo dictatorial*. Cuadernos de Información Popular No. 12, Montevideo.

González, Luis Eduardo (1984). *Political parties and redemocratization in Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 83, Montevideo.

Assim, a atenção dos especialistas orientou-se, de forma predominante, a melhor entender o processo histórico a partir do protagonismo militar e da proposta que os militares tinham formulado em relação à reestruturação social do país. É também no marco desse mesmo processo que, no nosso entender, devem-se discernir as distintas reações assumidas perante a ditadura pelas demais componentes da estrutura social. Tais reações, em muitos casos, refletiram, através de pautas de condutas coletivas e das práticas sociais assumidas por determinados grupos, formas de resistência à ditadura – formas de resistência que coadjuvaram para o desgaste e posterior derrota do ‘regime de exceção’.

- 
- Jacob, Raúl (1988). *Estado, economía y sociedad en el Uruguay post-autoritario. Antecedentes explicatorios para identificar proyectos de investigación*. Serie Documentos de Trabajo del CIEDUR, No. 51. Montevideo.
- Lombardi, Mario (1985). *Acerca de políticas de vivienda en el periodo neo-liberal, 1968-1985*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 101, Montevideo.
- Longhi, Augusto (1989). *El estado en la transición. Concentración de poder y supervivencias en la restauración del régimen democrático*. Serie Investigaciones de CIEDUR, No. 68. Montevideo.
- Longhi, Augusto (1991). *La crisis, su gestión y el cambio en el Estado. La política económica entre 1985 y 1990*. Serie Investigaciones de CIEDUR, No. 94. Montevideo.
- Macadar, Luis (1982). *Un reajuste conservador*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- Martorelli, Horacio (1983). *Poder, política y sociedad*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- Martorelli, Horacio (1984). *Transición a la democracia*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- Mazzei, Enrique -comp.- (1989). *Ensayos sobre el Uruguay de los '80*. Serie Estudios Sobre la Sociedad Uruguaya de CIESU, No. 12, Montevideo.
- Notaro, Jorge (1983). *Política económica y contexto social. Apuntes metodológicos e hipótesis sobre el caso uruguayo, 1972-1982*. Mimeo, Montevideo.
- Notaro, Jorge (1984). *La política económica en el Uruguay (1968-1984)*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- Notaro, Jorge (1992). *Consolidación democrática, estancamiento económico y propuestas sindicales. Uruguay 1984-1992*. Mimeo, Montevideo.
- Noya, Nelson et al. (1984). *Política económica: 25 años de fracasos*. CINVE, Montevideo.
- Pérez Novela, M.J. (1994). *Acción del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social en relación a los asalariados rurales entre 1985 y 1993*. Serie Documentos de Trabajo del CIEDUR, No. 83. Montevideo.
- Piñeiro, Diego (1986). *Uruguay: Los cambios en el agro en la última década*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 129, Montevideo.
- Rial, Juan (1985). *La reorganización de los partidos políticos en el Uruguay tras el régimen autoritario*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 91, Montevideo.
- Rial, Juan (1985). *Los militares en tanto partido político sustituto frente a la redemocratización*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 106, Montevideo.
- Rial, Juan (1986). *Las Fuerzas Armadas ¿Soldados-Políticos garantes de la democracia?* Serie Cuadernos de CIESU, No. 132, Montevideo.
- Rodríguez, Octavio; Barbato, Celia & Macadar, Luis (1984). *La crisis y el problema nacional*. CINVE, Montevideo.
- Trylesinski, F. (1987). *La importancia del sector público en la economía uruguaya*. Serie Documentos de Trabajo del CIEDUR, No. 44. Montevideo.

As mudanças de comportamento registradas em certos setores da sociedade uruguaia constituíram fenômenos novos no país, mesmo sendo elas similares às que se deram em outras nações que passaram por situações análogas. Tratavam-se de novas modalidades de ação e de expressão social que foram emergindo e se consolidando em torno a valores culturais de enorme arraigo coletivo (ex.: solidariedade), e que foram se traduzindo em atitudes geralmente pacíficas, mas que contribuíram para gerar sentimentos de hostilidade à ditadura. Adicionalmente, estas mudanças de comportamento davam lugar ao surgimento de novas formas organizacionais, sucedâneas de algumas que haviam sido institucionalmente reprimidas.

Gradualmente, foi-se gerando uma dinâmica social que induziu uma nova forma de fazer política e cuja significação não foi claramente percebida pelo regime, uma vez que a compreensão dessa forma implicava a utilização de categorias que não se encaixavam dentro dos cânones conhecidos até então<sup>29</sup>. Nesta nova dinâmica, as fronteiras entre o social e o político, entre o reivindicativo e o contestatório, entre o espontâneo e o intencional, tornaram-se muito mais difusas. Precisamente por isso, a projeção que a dinâmica foi adquirindo não foi percebida pelos próprios atores até o momento em que certos acontecimentos – como, no caso uruguaio, a histórica derrota do projeto constitucional oficial no Plebiscito de 1980<sup>30</sup> ou as grandes mobilizações populares que se sucederam a partir de 1983 – permitiram entender que esses fenômenos vieram se construindo em momentos anteriores, sem que se fizessem perceber.

---

<sup>29</sup> - Em relação a este fenômeno, e mais precisamente sobre o papel que coube à Sociologia latino-americana na compreensão das razões pelas quais as autoridades militares não tinham conseguido perceber as mudanças de referência, consultar: TOURAINE (1986).

<sup>30</sup> - Ano no qual os militares pretenderam introduzir significativas mudanças na Constituição da República. Conforme o estabelecido na própria Constituição, toda alteração à mesma deve ser realizada mediante Plebiscito, com voto obrigatório dos cidadãos. A cidadania uruguaia não se mostrou favorável ao projeto proposto pelos militares e, conseqüentemente, eles não conseguiram fazer as modificações pretendidas. Como informação adicional, note-se que uma nova reforma da Constituição foi proposta (e levada a plebiscito) em 1992, já em período democrático, visando a privatização de várias das empresas estatais (telefônica, aviação, pesca, combustíveis – entre outras). Essa reforma tampouco teve andamento, por decisão popular.

No marco dessa dinâmica foi se desenvolvendo um novo tecido social, assentado em organizações preexistentes que foram adquirindo fisionomias distintas às originais. Ao mesmo tempo, promoveu-se a criação de outras formas de ação social que não registravam antecedentes imediatos no país. Em todos os casos, alguns dos traços peculiares destas práticas inovativas foram dados pelo seu caráter pragmático e pelos precários níveis de institucionalidade em que tais práticas foram se desenvolvendo. Trataram-se, no geral, de estruturas abertas, de composição ideológica pluralista, e que foram extremamente maleáveis às exigências que seu próprio crescimento, assim como as circunstâncias do dia-a-dia e do contexto, iam lhes impondo.

Em uma primeira etapa, que se estende até 1977 ou 1978, coincidindo com o pico da fase mais repressiva do regime ditatorial, as novas formas organizacionais que emergiram caracterizaram-se por uma reduzida visibilidade e por procurar apoios em instituições preexistentes, tanto nacionais como do exterior. Algumas destas novas formas, geradas na clandestinidade, em geral cumpriam tarefas pontuais, tinham uma reduzida projeção no meio e operavam, primordialmente, como instâncias de encontro e de intercâmbio de opiniões. Dado o alto nível de isolamento a que, progressivamente, se via submetida a sociedade, a própria geração de esferas de encontro e debate revestia-se de singular valia. Desenvolveram-se, assim, espaços culturais, recreativos, assistenciais e até vários de caráter desportivo que, em essência, tendiam a satisfazer necessidades de socialização.

A partir de 1980, com os primeiros sintomas do “degelo” político – plebiscito constitucional e agravamento da crise econômica – começaram a se manifestar novas formas de organização e de mobilização social. Por um lado, certos movimentos sociais, particularmente urbanos, de base territorial e que estavam nucleados em torno a reivindicações sociais básicas (como a saúde, a moradia ou a alimentação), começaram a assumir maior dinamismo. Tais movimentos surgiram nos anos anteriores como consequência da progressiva resistência do Estado e da impossibilidade das organizações políticas em assumir funções de intermediação na prestação dos serviços essenciais.

Produziram-se, assim, nucleamentos sociais de crescente potencialidade em torno a cooperativas de moradia, de consumo, de produção, privadas de saúde, clubes de compra, ‘panelas’ populares, ações solidárias com marginalizados etc. Embora, numa primeira instância, estes grupos e movimentos tenham se inspirado na pretensão de perseguir fins essencialmente reivindicativos, as ações dos mesmos foram adquirindo uma crescente projeção política conforme iam ganhando força. Seus questionamentos começaram a se dirigir às próprias bases que davam sustento ideológico ao regime então vigente.

Paralelamente, os movimentos sociais tradicionais que detinham um maior peso social e que tinham sido duramente reprimidos até então – tais como o sindical e o estudantil, através tanto das estruturas das associações trabalhistas como a do PIT (*Plenário Intersindical de Trabajadores*) – começaram a se reorganizar. Por sua vez, as organizações políticas retomaram, a partir de 1982, o diálogo com os militares, iniciando um processo de recomposição orgânica, mas encontrando-se, ainda, frente a enormes dificuldades, porém alentadas pela progressiva deterioração do regime militar.

Este processo de reestruturação paulatina da sociedade civil foi acompanhado, além de tudo, por um conjunto de instituições denominadas comumente “centros”. Estes, surgiram majoritariamente na década de 70 e, desde então, assumiram um papel relevante no tecido social que lentamente vinha se construindo desde os primeiros anos do regime militar, tanto através da pesquisa e da formação social, quanto de tarefas promocionais de respaldo a grupos de base e a organizações populares de diversas naturezas.

O desenvolvimento destes centros constituiu um fenômeno novo no país, na medida em que mecanismos históricos tradicionais de mediação social – o Estado e os partidos políticos – nunca haviam tentado fazer uso de experiências desta natureza. A crise econômica, a obstrução das formas democráticas de participação social e a desarticulação das estruturas políticas e culturais, entre outros fatores, promoveram o surgimento destes agrupamentos, susceptíveis de serem considerados como parte das práticas sociais inovativas que emergiram durante o período da ditadura.

A maioria dos centros de referência surgiram depois de a ditadura ter sido instaurada. Dentre as exceções, deve-se notar que o *Centro Latinoamericano de Economía Humana* (CLAEH), tal qual já foi indicado no capítulo precedente, criou-se, no ano de 1958, como uma instituição de natureza regional, dado que congregava o conjunto das equipes de ‘Economia e Humanismo’<sup>31</sup>. Independentemente do CLAEH ter uma existência prévia, deve-se destacar que foi a partir do golpe de Estado, e das conseqüências que este último projetou sobre a vida cultural, econômica e social do país, que começou a se delinear uma nova modalidade na *praxis* das suas atividades acadêmicas. De fato, esta soube se situar nos emergentes centros privados de pesquisa em ciências sociais, de acordo com as características preponderantes de cada uma das instituições em questão.

O Uruguai não possuía uma tradição nesse sentido, diferentemente do que acontecia em outros países da região. Na maioria das nações do continente, além de uma pluralidade de instituições universitárias, registrava-se a existência de espaços privados que, em maior ou menor conexão com aquelas, assumiam boa parte da produção intelectual. Vale dizer, assim, que tais centros existiam, ou tinham sido conformados, nos outros países, antes de que as ditaduras militares viessem a se estabelecer neles – tais os casos, por exemplo, de três instituições que desenvolvem atividades até a atualidade: {1} em Buenos Aires, o Instituto Torcuato Di Tella, surgido em julho de 1958 (DI TELLA & OTEIZA, 1963), “a iniciativa dos membros da família do Ingeniero Torcuato Di Tella, pioneiro da indústria argentina, e em homenagem à memória dele” (MARTÍNEZ NOGUEIRA, 1997: 291); {2} no Rio de Janeiro, o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ; e {3} em São Paulo, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, fundada no mês de maio de 1933 e no seio da qual teve lugar, em 1939, a criação da Revista *Sociologia*, primeira revista sociológica da América Latina (BARREIRO, 1998: 3).

---

<sup>31</sup> - Movimento fundado na França pelo sociólogo da Ordem Dominicana Louis Lebret e que, naquele momento, contava com centros radicados no Brasil, no Chile, na Colômbia, no Peru, no Uruguai e na Venezuela.

No caso uruguaio, com exceção do CLAEH, que como já salientamos se estruturou no marco de um movimento de cunho humanista gerado na Europa, os centros privados surgiram após o regime militar ter se imposto. Não obstante essa diferença, e além das particularidades próprias de cada uma das nações, pode-se dizer que, tanto no Uruguai como nos outros países do Cone Sul, muito especialmente a partir da instauração das ditaduras militares e do férreo controle ideológico imposto sobre o que se realizava no nível acadêmico, vários desses espaços privados constituíram-se nos depositários da geração de conhecimentos e do desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Precisamente neste sentido, ao analisar as condicionantes do contexto que deram lugar à proliferação dos centros independentes de pesquisa, e à realização de tarefas no interior dos mesmos nas décadas de 70 e 80, em diversos países latino-americanos que se encontravam sob ditaduras militares, Jeffrey Puryear salienta que a situação, tal como ela se apresentava nas diferentes nações, era relativamente similar: condições adversas ao desenvolvimento acadêmico devidas aos governos autoritários que tinham chegado ao poder através de golpes de Estado; restrições no que diz respeito à liberdade de expressão, que incluíam a censura tanto formal como informal; férreo controle estatal daquilo que se fazia nas universidades; sistemática eliminação dos grupos críticos. Adicionalmente, este autor manifesta que, nesses contextos, a maioria das atividades acadêmicas eram consideradas potencialmente subversivas. “As universidades são vistas como lugares onde só se ministram cursos de puro conteúdo técnico ou onde só se treinam pessoas em função dos requerimentos específicos necessários para sua futura inserção no mercado de trabalho. Há a ausência de uma visão de que as universidades sejam espaços onde debater livremente sobre os assuntos sociais ou onde, por exemplo, as ações dos governos possam ser analisadas e criticadas. Frequentemente, os conhecimentos científicos que venham a desafiar a ordem dominante são simplesmente proibidos. Os elementos básicos necessários para a criatividade intelectual – curiosidade, discussão, criticismo, segurança e tolerância – vêm-se debilitados ou são até destruídos” (PURYEAR, 1983: 2).

No caso uruguaio, a intervenção da *Universidad de la República*, única instituição de ensino superior do país, supôs a ausência de qualquer estrutura acadêmica pública que permitisse continuar o desenvolvimento de um pensamento social rigoroso e crítico. De fato, segundo o indicado por um dos cientistas entrevistados, “como em muitas outras áreas da vida social, tampouco nesta o país estava preparado para viver em ditadura”.

Não obstante isso, gradualmente, e a partir dos próprios quadros expulsos da Universidade, foram-se gerando distintas organizações que tomaram para si a difícil missão de resgatar o espírito acadêmico para projetá-lo em canais passíveis de resistirem aos empecilhos, superando as adversas condições imperantes. Em decorrência disso, em diversos momentos deste trabalho fazemos alusão às atividades desenvolvidas nos centros independentes de pesquisa como as que se realizaram num lapso caracterizado pela ‘pesquisa de resistência’. Resistência que tem a ver tanto com questões de ordem política como com outras de ordem ideológica – e, mais ainda, com a resistência enquanto movimento que impedisse o extermínio das ciências sociais.

A respeito desta associação entre centros privados e continuidade das atividades acadêmicas na forma de resistência, entendida nos três sentidos aludidos por nós, um dos cientistas sociais entrevistados expressou que:

“Quando aparecem os centros, na realidade eles surgem em conseqüência da intervenção da Universidade. De um momento para o outro, o país encontra-se com um sobre-estoque de pesquisadores, que tinham renunciado ou que haviam sido destituídos da Universidade oficial, e portanto tinham dois caminhos alternativos a escolher: ficar no país ou ir embora daqui. Aqueles que ficavam tinham, por sua vez, duas possibilidades: tentar, pelo teor das atividades nas quais tinham se especializado, autofinanciar seu trabalho ou criar instituições que – de alguma maneira, e a partir de rudimentos solidários diversos – tentassem criar mecanismos e estruturas que visassem captar o financiamento externo procurando manter um *staff*, mais reduzido em certos casos e mais amplo em outros, de pesquisadores. Neste sentido, eu acredito que há algumas datas: o CLAEH – que é o centro mais antigo, de 1958 – tinha feito uma grande obra, que era aquele trabalho sobre ‘*La Situación del Uruguay Rural*’, de finais dos anos 50, e depois disso, enquanto

estrutura, era praticamente inexistente. O que se fez, nesse caso, foi recriar algo que já existia: era uma casca que já havia e a qual só faltava recheiar de gente. Depois, em 1975, apareceram o CIESU e o CINVE, e em 77, o CIEDUR. Eu realmente acredito que a cronologia se deu em função do calendário político.”

Precisamente, os quatro principais centros que se desenvolveram no período 1973-1977, por ordem de aparição, foram: CLAEH, CIESU, CINVE e CIEDUR. Mesmo com características diversas – sejam no tocante ao tipo de organização, às disciplinas sociais que privilegiaram ou às percepções ideológicas que os distinguiram – os centros conformaram um sistema cultural próprio: com traços, inquietações e também problemáticas comuns.

A dureza da repressão, tanto quanto a necessidade que os centros tinham de consolidar seus próprios desenvolvimentos, fizeram com que durante os primeiros anos da sua existência, e até inícios dos 80, cada instituição trabalhasse em relativo isolamento em relação às demais, com colaborações de caráter pontual. A partir dos anos 80, e mais precisamente do início de uma nova fase no âmbito governamental que se caracterizou pelo “degelo” da ditadura, iniciou-se um processo de mútuo relacionamento entre os centros. Cabe destacar, por sua vez, que tais vinculações se estabeleceram não só intra centros de pesquisa, mas também entre eles e as numerosas instituições orientadas à promoção social, criando-se, assim, um fluxo comunicador entre a prática científica e a reflexão e ação social.

A partir das considerações de ordem geral relativas aos centros privados de pesquisa em ciências sociais realizadas até agora, e enfatizando uma vez mais a importância que eles alcançaram por serem instâncias únicas de preservação da Economia e da Sociologia no Uruguai durante mais de treze anos, na próxima seção centraremos nossa atenção na história e na evolução dos centros privados de pesquisa em ciências sociais uruguayos desde a constituição de cada um deles até 1990. Embora de uma forma não necessariamente exaustiva, faremos referência às principais atividades acadêmicas desenvolvidas em cada um dos centros em particular, sendo que para isso recorreremos à

análise de diversos materiais e aos comentários feitos por vários dos cientistas sociais entrevistados. Também resgataremos o que representa a experiência vivenciada pelos participantes de tão rico processo.

## *2.2. - Os centros privados de pesquisa*

### **2.2.1. - CIEDUR**

*O Centro Interdisciplinario de Estudios sobre el Desarrollo, Uruguay, (CIEDUR)* constituiu-se como centro não governamental de pesquisas no final de 1977, sendo que desde a sua origem esteve orientado por “três objetivos essenciais:

1. Impulsionar o desenvolvimento de pesquisas e o fomento das ciências sociais, com especial ênfase em temáticas nacionais,
2. Difundir os resultados dos trabalhos realizados e
3. Assistir e apoiar as organizações sociais (cooperativas, sindicatos, associações da área de saúde, associações de artesãos, de pequenos comerciantes, de produtores rurais, etc.)” (CIEDUR, 1987: 1).

Para melhor entender a Instituição, cabe assinalar que o CIEDUR é uma organização acadêmica privada, sem fins lucrativos que desde o início assumiu “um perfil com base em quatro grandes conotações. A primeira é seu caráter interdisciplinar, que significa a permanente tentativa de abordar o estudo da realidade social de forma integral, sem simplificações nem fragmentações arbitrárias. A segunda corresponde à intenção de colocar seu trabalho acadêmico à serviço da busca de alternativas de desenvolvimento para o país, tanto nos contextos ‘platense’ [do Rio de la Plata] como latino-americano gerando, em particular, um aporte construtivo que possa ser utilizado em diversas organizações que, estando dedicadas à ação, na prática participem da materialização das alternativas antes referidas. A terceira vincula-se à organização democrática interna do CIEDUR, sendo que o órgão superior de decisões é a Assembléia dos Pesquisadores. Procura-se, além de tudo, garantir a participação generalizada de todas as pessoas

vinculadas à Instituição, assim como o respeito das posições minoritárias. Finalmente, a quarta conotação refere-se ao caráter aberto do centro, no sentido de que existe uma atitude receptiva e pluralista para todos aqueles que, compartilhando os aspectos fundamentais que conformam a personalidade da Instituição, têm uma vocação definida pela pesquisa acadêmica no campo das ciências sociais” (CIEDUR, 1980: 21).

Depois dos três primeiros anos de trabalho, 1977-1980, os pesquisadores do Centro entenderam que era necessário efetuar uma ampla discussão sobre a realidade nacional que os conduzisse a detectar com clareza quais deveriam ser as linhas prioritárias de pesquisa a serem seguidas pelo Centro, sempre em consonância com os três objetivos fundamentais da Instituição. Para tanto, o CIEDUR organizou um Seminário denominado “*El Uruguay de los '70: balance de una década*”. Ele teve lugar no transcurso de um total de nove sessões que foram realizadas entre os meses de junho e agosto de 1980, sendo que para o evento se prepararam onze documentos básicos – encaminhados aos participantes do seminário antes do início do mesmo, com o intuito de que fossem discutidos durante as sessões de referência visando refletir sobre o processo uruguaio que se tinha vivenciado no decorrer do decênio anterior e sobre a situação que, então, se fazia presente. Tais documentos, e seus respectivos autores, estão apresentados no Quadro 2.1.

Quadro 2.1. –

**Documentos producidos para serem apresentados, e incitadores de debate, no Seminário “El Uruguay de los ’70: balance de una década” – CIEDUR.**

Autor(es)	Título do documento
<b>AGUIAR, César</b>	“¿Estado aislado, sociedad inmóvil? Hipótesis y líneas de investigación sobre estado y sociedad en Uruguay”, 65 págs.
<b>AGUIAR, César</b>	“Sobre-trabajo, emigración y movilidad social: estrategias de supervivencia en el Uruguay de los 70”, 29 págs.
<b>ALONSO, José María</b>	“El sector agropecuario en la década del 70”, 27 págs.
<b>ASTORI, Danilo</b>	“El papel del sector agropecuario en la economía uruguaya: raíces históricas, situación actual y perspectivas de futuro”, 24 págs.
<b>CIEDUR, Comisión sobre Inflación</b>	“La inflación uruguaya: ¿consecuencia necesaria, proceso incontrolable o instrumento deliberado?”, 13 págs.
<b>GABRIEL, José; NOTARO, Jorge &amp; SARÁCHAGA, Darío</b>	“El sector financiero en el Uruguay actual: algunas interrogantes sobre su funcionamiento”, 29 págs.
<b>JAUGE, Martha</b>	“Población, población activa y ocupación: su evolución”, 13 págs.
<b>MARTORELLI, Horacio</b>	“Reflexiones sobre la inexistencia de movimientos político-sociales propios de los sectores rurales de bajos ingresos en el Uruguay durante el siglo XX”, 9 págs.
<b>NOTARO, Jorge</b>	“Estado y economía en el Uruguay: hipótesis sobre sus interrelaciones actuales”, 54 págs.
<b>PAOLINO, Carlos</b>	“El estancamiento agropecuario uruguayo: respuestas interpretativas y temas de investigación” 23 págs.
<b>SARÁCHAGA, Darío</b>	“Consideraciones sobre la apertura externa”, 20 págs.

Fonte: CIEDUR, vários anos: Tríptico de Publicações 1984.

A discussão que teve lugar neste Seminário não se restringiu à esfera do Centro. Pelo contrário, foi colocada em debate como uma reflexão aberta e à qual foram convidados todos os centros de pesquisa em ciências sociais uruguaios como também diversas personalidades e especialistas dos âmbitos acadêmico e profissional do Uruguai e do exterior. O Seminário contou com a colaboração de 97 pesquisadores e profissionais vinculados às temáticas em pauta e até hoje ele é lembrado como uma das poucas oportunidades que a comunidade de cientistas sociais uruguaios soube propiciar a si mesma para debater questões da maior importância para o país. Adicionalmente, cabe assinalar que a definição das linhas de atuação em torno das quais o CIEDUR passou a orientar suas ações daí em diante surgiram como produto das discussões mantidas durante esses meses.

Assim, em decorrência dos debates suscitados e visando desenvolver práticas que fossem apropriadas para a consecução dos objetivos da instituição enunciados no início desta seção, em outubro de 1980 (dois meses após a conclusão do Seminário), o CIEDUR estabeleceu que haveria de articular suas atividades com base em quatro linhas de trabalho (CIEDUR, 1980):

- (a) A primeira linha de pesquisa esteve constituída pelo estudo sobre 'o Estado, a Sociedade e a Economia' e buscava responder a pergunta acerca de 'qual é o tipo de desenvolvimento ao qual o Uruguai pode aspirar?' Esta linha também hierarquizava o estudo da conformação do aparelho do Estado, a interação que este último mantinha com os diferentes grupos sociais e as relações do Estado com os processos sociais e econômicos a partir das políticas implementadas.
- (b) A segunda linha referia-se ao estudo da estrutura e do desenvolvimento rural, tentando responder a questão sobre 'qual é o papel que cabe ao setor agropecuário no processo de desenvolvimento e, em particular, qual é a participação deste na geração e utilização de excedentes?'. Neste sentido, as principais preocupações foram: a inserção internacional e as condições de concorrência da produção agrícola; as

características da sua articulação com a economia em conjunto; a política econômica do Estado e sua incidência sobre o setor agro-exportador; a estrutura social do setor agrícola e sua interconexão com o contexto político e a situação de diversos setores específicos (cultivos, laticínios, produtos hortícolas, etc.)

- (c) A terceira linha de pesquisa, desenvolvida a partir de 1980, centrou-se no estudo das relações financeiras e internacionais, objetivando explorar qual era o grau de autonomia da nação, e assumindo o Uruguai como um país dependente e que se achava condicionado nas suas perspectivas futuras pelo processo de reestruturação da produção, pelo comércio e pelo financiamento internacional. Dentro desta linha foram desenvolvidos trabalhos sobre juros, política cambial, conjuntura econômica, condições de competitividade da produção nacional, captação dos excedentes financeiros pelo sistema bancário uruguaio e participação do Uruguai nos fluxos internacionais do capital financeiro.
- (d) Finalmente, a quarta linha de pesquisa era constituída pelo estudo da população, do emprego e da distribuição de renda. Partindo-se da hipótese de que a política econômica estabelecida pelo regime autoritário não apresentava soluções aos problemas de emprego e tendia à concentração da renda, tentou-se analisar qual seria o impacto da introdução dessas mudanças em diversos planos. Adicionalmente, priorizou-se a análise de vários aspectos centrais, tais como o da emigração, o funcionamento do mercado de emprego, as estratégias de sobrevivência adotadas pelas famílias perante a situação econômica que predominava etc. No final de 1983, foi dado início ao estudo da estrutura e desenvolvimento industrial, cujos trabalhos foram voltados para temas como a competitividade internacional dos produtos derivados da carne e também a concentração, a rentabilidade e o crescimento industrial de outros setores (CIEDUR, 1980).

A experiência e a produção que o CIEDUR acumulou nas quatro linhas de pesquisa acima sublinhadas, assim como em outras que surgiram no decorrer da sua história, resultaram da comunhão dos esforços realizados por um grupo de pesquisadores que antes desenvolviam tarefas na órbita da Universidade, impulsionados pelo anseio de manter o fluxo de atividades que antes desenvolviam no *locus* universitário. Precisamente neste sentido, um dos sócios fundadores do centro manifestou que:

“A intervenção da Universidade, depois dos primeiros momentos de desconcerto, de exílio, de perseguições, trouxe o afã, a ânsia e a necessidade da procura de espaços por parte de todos nós que tínhamos ficado fora dela – para poder realizar trabalhos que queríamos continuar a fazer. Aí é que surge a experiência dos centros privados de pesquisa, que em grande medida é obra – em todos os âmbitos mas sobretudo nas ciências sociais, e particularmente em Economia e em Sociologia, que foi aonde a ditadura encontrava adversários – alimentada ou criada por nós que fomos expulsos da *Universidad de la República* e que ficamos no país. As pessoas que foram embora, que foram muitas, continuaram estes caminhos além das fronteiras e, em geral, mantiveram contatos conosco. Muita gente ajudou a fazer possível esta experiência, mesmo estando fora daqui, provendo contatos acadêmicos e contribuindo para que pudéssemos conseguir ‘o oxigênio’, isto é, fundos que permitissem financiar atividades deste tipo. Contamos com muitos compatriotas que, ainda que estando fora, nos ajudaram. Assim, foi dado início, no nosso caso em 1977, com muita paciência e com custos pessoais de todo tipo, ao processo de criação de conhecimento em Economia. Por outro lado, algo que devemos reconhecer é que essa produção pôde ser feita com muita calma, uma vez que a ditadura fez com que dedicássemos todo nosso tempo a refletir, a procurar materiais e a estudar o que nos interessava. E o fizemos como nunca antes: com uma dedicação muito grande que, em boa medida, se refletiu nos enormes níveis de produção acadêmica que o CIEDUR teve naquele período. Nessa época também começou-se a desenvolver uma linha de pesquisa sobre temas nacionais, que até então nunca tinham sido tratados com tanta seriedade como a que se dava em decorrência da possibilidade de estudar muito.”

Por outro lado, as ações desenvolvidas pelo CIEDUR foram de grande importância – e realmente chegaram a outorgar ao próprio Centro um perfil marcadamente diferenciado ao dos outros centros privados de pesquisa, dado que o CIEDUR destinou uma parte significativa dos seus recursos, tanto humanos como econômicos, visando apoiar atividades de ação social. Embora num primeiro momento a criação do Centro

tenha se fundamentado na necessidade de manter vivas as tarefas de pesquisa, conforme o tempo transcorria e sem que isso implicasse em perda do caráter acadêmico da Instituição, o CIEDUR também definiu uma linha de trabalho com forças sociais: organizações sindicais, de cooperativas e associações de pequenos produtores. Nas palavras do atual Diretor da instituição, é de se ressaltar que:

“O CIEDUR tem, desde suas origens, um marcado perfil orientado à pesquisa, mas também apresenta um segundo viés muito vinculado ao desenvolvimento de atividades de capacitação ou de ação, ao desenvolvimento de projetos que estimularam contatos com os atores sociais envolvidos e com os próprios processos sociais que se analisavam. No tema capacitação e ação, deu-se um forte desenvolvimento, por um período bastante extenso, especialmente vinculado ao movimento dos trabalhadores, ao PIT-CNT, e aos sindicatos – através de uma série de cursos que visavam assessorar e através de uma série de publicações que colocavam a pesquisa como sendo algo muito relacionado ao serviço das diferentes organizações de trabalhadores. Em geral, a maioria das linhas de pesquisa orientava-se, crescentemente, à realização de um esforço que procurava vincular as tarefas de pesquisa com atividades associadas ao trabalho com os atores sociais. Neste sentido, outra linha forte esteve constituída pelos trabalhos desenvolvidos em torno do tema gênero – o qual também sempre teve uma preocupação e um caráter estreitamente vinculado não só ao trabalho de pesquisa de gabinete como também ao trabalho direto com as pessoas.”

Mais ainda, por intermédio do Programa de Intercâmbio e de Difusão, o CIEDUR criou diversos mecanismos para atender às demandas que provinham de outras organizações sociais e para promover formas de encontro e de cooperação que, por sua vez, permitiriam realimentar a pesquisa (CIEDUR, 1987: 6). O principal ‘veículo’ através do qual se canalizaram e efetivaram tais anseios foi o ‘*Departamento de Asesoramiento Técnico, Económico y Social (DATES)*’, criado no interior do próprio Centro.

De fato, o DATES atendia às consultas que emergiam das organizações populares a partir das reivindicações concretas destas, assessorava e realizava estudos que contribuíram à formulação de propostas alternativas e oferecia cursos sobre a realidade e

sobre as perspectivas do país nos aspectos econômico e social. Nesse sentido, um dos cientistas consultados nos disse que:

“Em determinado momento no Centro criou-se um Departamento que leva um nome muito pomposo: o Departamento de Assessoria Técnica, Econômica e Social. A idéia era mais ou menos a seguinte: o Centro tinha uma força importante em temas de pesquisa na área das ciências sociais e tínhamos que criar um espaço que nos permitisse também estabelecer um forte vínculo com setores sociais, e muito especialmente com os setores de trabalhadores urbanos. Não obstante isso, a uma certa altura criou-se um sub-grupo no interior do DATES, o DATES Rural – que se orientava aos trabalhadores rurais, aos pequenos produtores, aos produtores familiares etc., baseado na concepção de que no setor agrário existe a particularidade de que há segmentos subordinados ou que apresentam carências do ponto de vista social, sendo que eles não são só os trabalhadores mas também os produtores – uma vez que ainda tendo a propriedade da terra ou quaisquer outros recursos, são eles próprios que desenvolvem o trabalho. [...] Esse departamento tomava elementos de algumas linhas de pesquisa do Centro e os adaptava visando auxiliar nos trabalhos de capacitação e de assessoria. Nele também se desenvolviam trabalhos de pesquisa aplicada de menor alcance ou de menor carga acadêmica pura: produtos que estavam mais a serviço da resolução de demandas específicas. Havia também uma atividade importante no sentido de gerar documentos escritos, destinados principalmente a servir de apoio para o movimento sindical ou para o movimento de pequenos produtores rurais, que em certo momento pareceu emergir no país e que hoje em dia está muito castigado: para a *Comisión Nacional de Fomento Rural* (CALFORU), para as cooperativas, ou ainda para a *Sociedad de Fomento Agrario* que, como disse, hoje estão muito deprimidas, embora em algumas etapas tivessem muito vôo. Nós realmente trabalhamos bastante com todas elas.”

Com o objetivo de divulgar e suprir os movimentos sociais com as informações necessárias, o DATES editava dois boletins ou folhetos informativos de periodicidade mensal – um deles sobre a análise da conjuntura no meio urbano e o outro sobre a mesma temática na esfera rural: chamados, ambos, de ‘Informe DATES’ e ‘DATES Rural’, respectivamente<sup>32</sup>. Por intermédio dessas publicações apresentavam-se, de forma acessível

---

<sup>32</sup> - No último catálogo das Publicações do CIEDUR consultado para a produção deste trabalho (o Catálogo 1988-1989), anuncia-se a edição do número 1 ao 37 da Série DATES e do número 1 ao 35 da Série DATES Rural. Entendemos, assim, que, no conjunto, este Departamento do CIEDUR chegou a publicar um total de 72 informes sob esta rubrica.

aos usuários, dados ou informações econômicas e sociais que depois pudessem ser utilizados pelas organizações dos trabalhadores e/ou pelas cooperativas para diversos fins.

Adicionalmente, e com uma frequência trimestral, o DATES elaborava e divulgava um 'Informe de Conjuntura' no qual se analisavam os principais problemas econômicos enfrentados pelo país e os impactos que eles tinham sobre os níveis de emprego e sobre a evolução dos salários. Esta série de informes, que inicialmente o Centro publicava por iniciativa própria (com custos que eram cobertos pela Instituição e com algumas contribuições de organizações sociais usuárias), a partir de 1982 passou a constituir um dos empreendimentos apoiados pela agência de cooperação internacional holandesa NOVIB, *Nederlandse Organisatie Voor Internationale Ontwikkelingssamenwerking*. Assim, entre 1982 e 1984 os mesmos foram editados sob a forma de fascículos, intitulados "Uruguay Hoy". Os autores, títulos e questões tratadas por estes fascículos encontram-se no Quadro 2.2. -

Quadro 2.2. –

Números editados da Série de Fascículos “Uruguay Hoy” - CIEDUR

No	Autor(es)	Título	Questões principais
1.	ASTORI, Danilo	“Hacia un país posible”	Apresenta um enfoque global da problemática uruguaia e das possíveis saídas que naquela época estavam em debate no país.
2.	NOTARO, Jorge & CANZANI, Agustín	“Los asalariados. Condiciones de vida y trabajo”	Revela o estudo de um setor social-chave para a reconstrução nacional dado que foi um dos mais castigados pela crise.
3.	ALONSO, José	“Nuestro agro, ¿tiene futuro?”	Faz uma análise da estagnação agropecuária, dos caminhos que se tinham seguido visando superá-la e dos que poderiam se delinear na procura de uma saída.
4.	BUXEDAS, Martín	“Industria y desarrollo nacional”	Analisa a problemática do setor fabril e das possíveis soluções para a reativação do mesmo.
5.	LONGHI, Augusto	“Las clases sociales y el futuro nacional”	Revela um estudo da estrutura de classes no Uruguai, assim como sua repercussão na orientação de um programa nacional alternativo.
6.	ASTORI, Danilo	“Las medidas inmediatas”	Propõe um programa de emergência para sair da crise e para fixar as bases de uma economia de base equitativa.
7.	AGUIAR, César	“Uruguay: elecciones y partidos”	Oferece uma visão do sistema político e dos resultados eleitorais visando fornecer elementos que esclarecessem, antes das eleições de 1984, o panorama então vigente.
8.	SARÁCHAGA, Darío	“Banca y financiamiento. Presente y futuro”	Faz uma análise da situação das instituições bancárias no contexto da política financeira estabelecida pelo regime militar, assim como o papel atribuído aos mesmos em perspectiva futura.

Fonte: CIEDUR (1984c) e CIEDUR (1986b)

Em um outro plano, e no que diz respeito às principais temáticas e abordagens que estavam presentes nos trabalhos realizados pelo Centro, cabe assinalar que, conforme manifestado pelo atual Diretor do mesmo:

“O CIEDUR teve um desenvolvimento importante de pesquisas em Economia, com um viés bastante forte na linha da Economia das Atividades Produtivas – tanto agrícolas, porque o CIEDUR sempre teve um forte componente agropecuário, com muitas pessoas que trabalhavam na temática, como Danilo Astori, [José] Alonso, ou Carlos Pérez Arrarte, como industriais, com gente como Martín Buxedas, ou inclusive o próprio Astori. Outra linha de desenvolvimento referia-se aos temas de política econômica, através do trabalho de Jorge Notaro. Uma outra vinculava-se ao tema de ciência política e aos processos políticos propriamente ditos: partidos políticos e, mais recentemente, a problemática da descentralização – temas nos quais trabalhavam Gerónimo [de Sierra] ou Rosario [Aguirre]. Numa época também tiveram importância os temas de História, e fundamentalmente os de História Econômica, tratados por Raúl Jacob, inclusive no marco de alguns projetos que chegaram a vincular várias destas temáticas com um verdadeiro espírito transdisciplinar.”

Finalmente, e no que se refere ao conjunto de publicações editadas pelo CIEDUR, adicionou-se à Série “Uruguay hoy” – que, como mencionamos anteriormente, visava, antes de mais nada, facilitar os laços estabelecidos com as organizações populares ou com os grupos de base – a publicação de uma Série de Informes CIEDUR, cujo aparecimento não era nem sistemático nem periódico. Nesta Série, os pesquisadores dos centros costumavam incluir a edição, geralmente em mimeógrafo, de avanços de investigações, documentos de trabalhos produzidos para gerar o debate sobre algum assunto em pauta, etc. A partir do Catálogo de Publicações de 1983 é possível constatar que a referida Série de Informes resultou em apenas duas: uma intitulada “Investigaciones” e uma segunda chamada “Documentos de Trabajo”.

Estas publicações, assim como as que foram realizadas pelos outros centros privados de pesquisa em ciências sociais, foram particularmente significativas, dado que durante os quinze anos considerados a partir do início das atividades nos centros (1975-1990), os cientistas sociais uruguaios não contaram com outros espaços de publicação.

Eles só chegavam a publicar através dos mecanismos que eles mesmos, em condições bastante adversas, conseguiam criar. Paradoxalmente, foi exatamente sob tais condições adversas (do ponto de vista político e institucional), que os centros tinham recursos financeiros para realizar publicações. Tais mecanismos de publicação foram fundamentais para a divulgação de resultados da pesquisa, tanto para os próprios pesquisadores quanto para a legitimação dos centros perante as agências financiadoras, as fundações filantrópicas e os organismos internacionais que lhes forneciam apoio.

### 2.2.2. - CIESU

O *Centro de Informaciones y Estudios del Uruguay* (CIESU) iniciou suas atividades em abril de 1973<sup>33</sup>, nucleando um grupo de cientistas sociais que, até esse momento, e desde muitos anos atrás, trabalhavam em instituições e organismos nacionais de pesquisa e docência, fundamentalmente na Universidade.

A natureza e as características do desenvolvimento das ciências sociais no Uruguai, e em especial as de algumas delas – tais como a Sociologia, a Ciência Política e a Demografia – influíram decididamente na motivação inicial que conduziu à constituição deste Centro. Em primeiro lugar, cabe assinalar a relativa precariedade do desenvolvimento das disciplinas de referência no que diz respeito aos recursos humanos, materiais, organização e institucionalização das atividades no momento da conformação do Centro. Em segundo lugar, deve-se destacar que, conforme foi indicado por vários dos

---

<sup>33</sup> - Note-se, porém, que no informe intitulado “CIESU. Presentación Institucional, 1998” indica-se que o centro foi fundado em 26 de fevereiro de 1975 como uma associação civil privada, sem fins lucrativos e cuja pessoa jurídica lhe foi outorgada no dia 6 de maio daquele mesmo ano. (CIESU, 1998: 2). Ao considerarmos, neste trabalho, abril/73 como data na qual começaram a se desenvolver atividades no centro de referência, o fazemos a partir do que nos foi manifestado no transcurso de uma das entrevistas com o idealizador da própria instituição, o Prof. Carlos Filgueira. Além disso, também deve-se destacar que no mês de dezembro de 1974, o CIESU submeteu à consideração da *Ford Foundation* uma proposta (visando o outorgamento de um grant institucional), que no futuro lhe foi financiada, sobre “*Support for sociopolitical and demographic research in Uruguay*”. (Ford Foundation Archives/ NY, G# 07500478 – doravante: FORD FOUNDATION - CIESU74, #07500478). Daí que tomaremos como data de constituição do centro a que nos foi indicada pelo cientista entrevistado; data corroborada, *a posteriori*, a partir da revisão feita nos arquivos da *Ford Foundation*.

cientistas entrevistados – os quais são atores que participaram das primeiras etapas do CIESU –, a comparação com quaisquer outras experiências latino-americanas naquele momento consolidadas, aconselhava a procura de novas formas institucionais que viessem outorgar um constante dinamismo e a tão desejada continuidade das atividades científicas. Essa procura de novas formas institucionais, que logo se plasmou na constituição dos centros privados de pesquisa, baseava-se, também, no processo negativo que tinham experimentado tanto os centros quanto os institutos dedicados às ciências sociais que se localizavam nas Universidades ou na esfera pública de muitos dos países da região, previamente ao estabelecimento de regimes ditatoriais nessas nações.

Sobre a base desta dupla percepção, constituiu-se o CIESU com o expresso propósito de: “(a) organizar um Centro de Estudos que possa oferecer, no médio e longo prazos, condições satisfatórias para o desenvolvimento de determinadas disciplinas sociais; pesquisa básica e produção científica, orientação docente e formação de pessoal, promoção orientada de estudos no exterior, difusão e intercâmbio de materiais científicos e de pesquisadores com centros da região e do mundo, e, no âmbito local, intercâmbio e complementaridade com outros centros e instituições da mesma natureza, (b) no curto prazo, estabelecer e por em andamento um conjunto de pesquisas básicas que venha a fazer um nexos com o processo de acumulação científica anteriormente desenvolvido no país e que, por sua vez, possibilite a continuidade dos grupos e das equipes técnicas, assim como também a de muitos projetos de pesquisa que foram interrompidos, parcial ou totalmente liquidados, ou que ficaram sem base em nível institucional, (c) oferecer uma alternativa ao processo de emigração de pessoal qualificado nestas disciplinas.”<sup>34</sup>

Em novembro de 1973 realizou-se a proposta do primeiro projeto orgânico do Centro, proposta da qual logo depois se desistiu por falta de financiamento. Deve-se destacar que as infrutíferas tentativas de conseguir fontes de financiamento que possibilitassem o desenvolvimento de atividades guardavam estreita relação com o fato de que o centro carecia de um estatuto jurídico, o que impossibilitava seu reconhecimento

---

<sup>34</sup> - Informe de atividades do CIESU levado à consideração do *International Development Research Center (IDRC)* em 1978 – Projeto de pesquisa sobre “*Employment and Population Distribution- Uruguay*” / IDRC, 78-0100

por parte do Ministério competente e fazia com que os eventuais doadores de fundos ou outras organizações não pudessem efetivar as ajudas solicitadas. Os trâmites necessários para a aprovação dos estatutos da instituição – que tiveram de se estabelecer de acordo com a normativa imposta pelo Ministério de Educação do regime ditatorial – foram finalizados no mês de fevereiro de 1975, data indicada pelo CIESU como sendo a da sua constituição formal, e com o posterior outorgamento da pessoa jurídica (CIESU, 1998: 2).

A primeira sessão da Comissão Diretiva formalmente constituída resolveu criar um Comitê Coordenador Técnico, com faculdades de assessoramento à Direção, composto por Diretores de Departamentos (Pesquisa, Capacitação, Estatística e Difusão). Nessa instância também foram designados como Diretor e Sub-Diretor os Senhores Carlos Filgueira e Héctor Apezechea, respectivamente.<sup>35</sup> (FORD FOUNDATION - CIESU74, #07500478).

De acordo com alguns entrevistados, o ano de 1977 foi um marco na história da Instituição por ter sido o ano no qual, contando com substantivos apoios financeiros, o quadro profissional centrou seus esforços no desenvolvimento de projetos de pesquisa e maximizou sua dedicação horária dentro do Centro – precisamente como consequência direta dos fundos recebidos e que permitiram começar o pagamento de salários ou remunerações aos pesquisadores. No final de 1977, a quantidade de compromissos assumidos para os anos 78, 79 e 80 fez com que o Centro optasse por cessar, ou pelo menos interromper momentaneamente, a procura de oportunidades para desenvolver

---

<sup>35</sup> - A “Equipe Responsável de Projetos”, segundo a ordem indicada no original, esteve integrada por: Carlos Filgueira (Sociólogo, FLACSO-ELAS /Chile), Susana Prates (Socióloga, UFMG /Brasil e FLACSO-ELAS /Chile), Héctor Apezechea (Sociólogo, FLACSO-ELAS /Chile), Nelly Niedworok (Demógrafa, CELADE /Chile), Nelda Cajigas (Psicóloga Social, Ecole Pratique des Hautes Etudes /França), Mario Lombardi (Estatístico, CIENES /Chile) e Carlos Real de Azúa (Cientista Político – já com idade avançada, e pai fundador dos estudos na sua área de especialidade no Uruguai). Além disso, em finais de 1974 os colaboradores com os quais o Centro contava fora das fronteiras – pessoas que tinham saído do país imediatamente após o regime ditatorial ter-se instaurado e/ou que tinham sido contemplados com bolsas de estudo para aperfeiçoar sua formação no exterior – eram: Julio Abulafia (Fundação Cândido Mendes /Brasil), Rafael Bayce (Fundação Cândido Mendes /Brasil), J. Denis (Centro Paraguayo de Sociología /Paraguai), Luis Eduardo González (Fundación Bariloche /Argentina) e José Luis Petruccelli (CELADE /Costa Rica). (FORD FOUNDATION - CIESU74, #07500478)

novos projetos<sup>36</sup>, o que, por outro lado, se somou à obtenção de “grants institucionais” que asseguraram a manutenção das atividades até meados da década de 80<sup>37</sup>.

Tal como mencionamos anteriormente, a dinâmica de funcionamento com base na execução de projetos de pesquisa pontuais fez com que, paulatinamente, os cientistas sociais nucleados em torno ao CIESU passassem a sentir a necessidade de definir uma proposta que viesse a guiar os rumos do Centro no curto e médio prazo. Surgiu, assim, o interesse por conduzir “a estruturação de uma política acadêmica de pesquisa que possa se planejar a partir da obtenção de apoios institucionais que revistam a forma de Grants. [...] Isso não significa que o CIESU deseje abandonar a realização de trabalhos sob a forma de projetos. Ainda que tais projetos continuem a ser uma base importante do financiamento de CIESU, no futuro esperamos que os mesmos se desenvolvam em problemáticas bem mais circunscritas” (FORD FOUNDATION - CIESU79, #07500478B: 2).

Adicionalmente, um dos elementos de maior destaque no informe apresentado à *Ford Foundation* em 1979 diz respeito a uma pretensão ou expectativa que, naquele momento, também começava a se fazer presente nos outros centros privados de pesquisa: “levando em conta o fato de que o núcleo central dos trabalhos da Instituição refere-se a tópicos associados com a pesquisa básica, tem-se começado a explorar a possibilidade de que a Instituição desenvolva áreas de trabalho [suscetíveis de serem situadas no campo] da pesquisa aplicada. E isso é assim não só porque entendemos que é importante atender à

---

<sup>36</sup> - De fato, em um informe enviado à *Ford Foundation* logo no começo de 1978 fazia-se referência a que “uma das características centrais das atividades desenvolvidas pelo CIESU durante 1977 implicou uma relativa debilidade na gestão das atividades realizadas com o exterior, na procura de novos institutos e/ou agências que dessem apoio ao nosso trabalho. Isso não supõe nem desinteresse nem falta de consciência em relação à necessidade de manter esse tipo de contatos, mas o simples fato de que o pessoal técnico esteve destinado a realizar projetos e, em menor medida, a confeccionar outros novos.” (FORD FOUNDATION - CIESU78, #07500478A: 10)

<sup>37</sup> - Neste sentido, remetemos aos Apêndices apresentados no final deste trabalho. A partir do conjunto de projetos que foram financiados ao CIESU por parte, por exemplo, do IDRC e da *Ford Foundation*, para serem realizados nos anos assinalados, é possível compreender a decisão tomada pela Comissão Diretiva no sentido de não apresentar novas propostas para financiamento até ter cumprido com aquelas que estavam sendo desenvolvidas. Por outra parte, a experiência acumulada desde 1975 até 1978 – no que diz respeito à apresentação de propostas para serem financiadas e ao posterior desenvolvimento dos projetos conforme eles eram efetivamente apoiados – levou a que o Centro, em 1979, tomasse a decisão de não continuar com essa prática operacional. Surgiu, assim, a iniciativa de ‘ordenar’ as atividades, articulando-as a partir da elaboração de um Programa para o futuro.

necessidade de cobrir um campo de indubitável interesse, visando até ter uma ingerência na problemática nacional, mas também porque o conhecimento acumulado com base na produção científica precedente colocou o Centro em excelentes condições de levar adiante ações de pesquisa com vistas à utilização das mesmas a fim de achar soluções para problemas no curto prazo” (FORD FOUNDATION - CIESU79, #07500478B: 3).<sup>38</sup>

Foi assim que em 1979 começou a surgir a idéia de elaborar um Programa de Atividades, sendo que o Centro se dedicou à referida tarefa de forma quase imediata. O Programa acabou se realizando, de fato, em sucessivas etapas de discussão da equipe técnica: a partir de junho de 1981 deu-se início a uma série de Seminários Internos que conduziram à criação de um Plano de Atividades. No começo de 1982 já estavam definidas as linhas de trabalho com base nas quais se procederia à elaboração de um documento indicativo que viesse a orientar o CIESU no triênio seguinte, de 1983 a 1985.

A partir do indicado, e com vistas a recapitular, e em certa forma também ‘ordenar’, o que foi realizado pelo Centro até o momento em que o mesmo fez o planejamento de suas ações, vale destacar que na trajetória pré-82 do CIESU podem-se distinguir três etapas<sup>39</sup>:

- (i) Uma primeira, que diz respeito à fundação, corresponde à experiência que o CIESU iniciou no país, com o estabelecimento de uma instituição que criou um espaço para o desenvolvimento de uma pesquisa independente. Um reduzido núcleo de não mais do que seis pesquisadores, com dedicação *part-time*, adicionado de uma infra-estrutura mínima de secretaria funcionando num local

---

<sup>38</sup> - Este, que até então constituía, como já indicamos, um dos traços característicos das atividades desenvolvidas por parte do CIEDUR, também alcançou certa relevância no tocante ao conjunto de ações levadas a cabo pelos outros centros, porém de uma forma menos enfática do que o fez no caso da agenda de pesquisa do *Centro Interdisciplinario de Estudios sobre el Desarrollo del Uruguay* (CIEDUR).

<sup>39</sup> - Note-se que daqui em diante faremos referência, embora não de uma forma exclusiva, ao que se estabeleceu na própria “Proposta do Programa de Atividades do CIESU”. Ao fazer uso de citações, entenda-se que as mesmas correspondem ao documento mencionado. Dado ele foi obtido nos Arquivos da *Ford Foundation*, e em consonância com a política e os critérios desta fundação no que diz respeito aos materiais obtidos através dela, o documento em questão será referido como: FORD FOUNDATION - CIESU82, #07500478B.

precário, constituem os componentes básicos que deram conta dos primeiros anos do CIESU. Por sua vez, as principais limitações registradas nesta etapa foram: a falta de disponibilidade econômica, a falta de liberdade para o desenvolvimento de certas atividades (cursos, seminários, etc.) e a impossibilidade de abordar certas áreas temáticas consideradas, pelo próprio regime militar, como controversas ou perigosas.

A linha mais importante desenvolvida neste período, que depois seria continuada na segunda etapa, girou em torno dos problemas demográficos e/ou populacionais e, em especial, sobre o agudo problema da emigração internacional produzida como resultante das crises econômica e de legitimidade do sistema no final da década de 1960 e começos de 70. Neste período se fizeram conhecidos, mediante as pesquisas realizadas pelo CIESU, os primeiros estudos sobre *brain drain* no Uruguai – de particular importância devido à política de expulsão dos principais quadros acadêmicos e profissionais do país – tais como: os estudos de predisposição migratória entre os jovens, os trabalhos sobre a seletividade migratória fora do país e sobre o perfil ou as características dos migrantes uruguaios que se deslocaram para além das fronteiras entre 1970 e 1980 (APEZECHEA et al., 1976; FILGUEIRA, 1978; NIEDWOROK, 1979; PETRUCCELLI, 1976; PETRUCCELLI, 1978).

(ii) A segunda etapa, conforme as considerações preliminares do Programa de Atividades, está marcada por dois elementos centrais: pela incorporação mais plena do CIESU à órbita do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), e, portanto, à comunidade acadêmica latino-americana, e por uma capacidade crescente de disponibilidade de recursos econômicos que permitiram ampliar as equipes de pesquisa – embora deva sublinhar-se que essa maior disponibilidade econômica não se traduz em maiores possibilidades para a organização de reuniões, seminários ou cursos, uma vez que as restrições derivadas das limitações de expressão e de liberdade de pensamento mantiveram-se imutáveis.

Esta foi a etapa na qual, além de tudo, começaram a se incorporar ao CIESU alguns dos profissionais mais jovens, que estiveram realizando estudos no

exterior (em grande medida desfrutando de bolsas do CLACSO). Assim, o Centro não só ampliou seu quadro de pessoal, mas também diversificou a esfera de pesquisa mediante a introdução de temáticas novas, que eram de interesse dos pesquisadores recém chegados. Por sua vez, e em decorrência da continuidade dos estudos sobre população e migrações<sup>40</sup>, iniciou-se uma fase dentro desta linha de pesquisa pela qual se atribuiu especial atenção à realização de estudos em âmbitos rurais (PETRUCCELLI, 1979; LOMBARDI & VEIGA, 1980), fundamentalmente pela vinculação que a evolução da população e das migrações detêm em relação à estrutura produtiva e com a própria organização da produção rural (PRATES, 1979; PRATES, 1980; PIÑEIRO et al., 1983; VEIGA, 1978; VEIGA, 1982).

Ainda nesta etapa, realizou-se o primeiro trabalho sobre a situação e as políticas implementadas no tocante à questão da moradia no Uruguai, com especial ênfase nos estudos acerca da precariedade dos setores de baixos recursos (RIAL, 1982; MAZZEI & VEIGA, 1984)). Além disso, iniciaram-se estudos sobre o sistema de saúde, seguindo-se com o estudo pioneiro de APEZECHEA (1976); reforçou-se a escassa atenção até então prestada às pesquisas de conteúdo histórico (RIAL, 1980; KLACZKO, 1981; TAGLIORETTI, 1981) – as quais só puderam começar a ser desenvolvidas uma vez que o Centro passou a contar com um *overhead* institucional gerado a partir do financiamento a projetos que se encaixavam em outros eixos temáticos ou a partir das ajudas recebidas sob a forma de “grants” –; e também estabeleceu-se uma outra linha de pesquisa sobre aspectos urbanos e regionais, que mantinha estreita relação, tanto com a área de população e migrações como com a de estudos rurais.

Esta etapa “encerrou-se com o desenvolvimento de um outro tipo de atividades, que apresentavam um corte bastante similar às anteriores, porquanto implicavam o desenvolvimento de ‘investigação pura’, e com pouca atenção sendo prestada a outros componentes complementares do *institutional building*” (FORD FOUNDATION - CIESU82, #07500478B: 3). Por outro lado, a segunda atividade em importância que se consolidou durante esta etapa esteve constituída

---

<sup>40</sup> - Que se desenvolveram eminentemente por iniciativa do PISPAL, *Programa Interdisciplinario sobre Población en América Latina*, a partir de várias fontes financiadoras, com destaque para a *Rockefeller Foundation*.

pela política de publicações do Centro e pelo fato de que o CIESU conseguiu alcançar certa continuidade e uma maior frequência, tanto na edição de *staff papers* como na publicação de uma série, que até o momento atual ainda se mantém, intitulada “Cuadernos del CIESU”. No decorrer desta etapa também se viabilizou a participação do pessoal associado ao Centro em vários seminários de caráter internacional, muito especialmente a partir da incorporação formal do CIESU e de alguns dos seus membros nas Comissões e nos Grupos de Trabalho do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO).

(iii) A terceira etapa foi essencialmente de transição face a uma diversificação de metas e objetivos na instituição. O CIESU propôs-se o desafio de “conformar, no longo prazo, uma infra-estrutura científica com projeções nacionais e com uma atividade de pesquisa orientada para fins de aplicação, e isso constituiu uma mudança marcante, de um desenvolvimento ‘voltado para dentro’ para um ‘desenvolvimento para fora’” (FORD FOUNDATION - CIESU82, #07500478B: 5). Como fruto desta variação no foco das atividades, aos requerimentos de pesquisa acadêmica sobrepuseram-se as demandas decorrentes de uma construção institucional que implicava o imprescindível desenvolvimento de certas atividades: a formação de uma biblioteca e de um centro documental, a difusão mais ampla dos resultados das pesquisas realizadas, a capacitação de recursos humanos para pesquisa, a implementação de novos mecanismos que permitissem aprimorar o relacionamento com instituições de promoção ou de ação direta, e o estabelecimento de vínculos com instituições que conformavam núcleos de solidariedade da sociedade civil – ou seja: com as iniciativas sociais inovadoras às quais fizemos referência no início do presente capítulo.

No plano das relações em nível internacional, nesta etapa armaram-se projetos conjuntos com outros três centros de pesquisa em ciências sociais da região. Esses projetos – desenvolvidos em colaboração com o *Centro de Estudios de Estado y Sociedad* (CEDES /Buenos Aires, Argentina), com a *Corporación de Investigaciones Económicas para Latinoamérica* (CIEPLAN /Santiago, Chile) e com o Centro Brasileiro de Pesquisas (CEBRAP /São Paulo, Brasil) – versavam

sobre o processo político e sobre os modelos de estabilização adotados nestes países do Cone Sul, sendo que a variedade de realidades e a multiplicidade das finalidades perseguidas, entre outros fatores, fizeram com que a compatibilização das propostas não conduzisse a uma prática uniforme (FORD FOUNDATION - CIESU82, #07500478B: 6). Nas palavras de um dos cientistas entrevistados: “uma parte significativa das atividades do centro foi, na realidade, produto de um verdadeiro transbordamento não planejado. Um transbordamento pleno de atomizações e de dispersão de esforços; porém, um transbordamento positivo dado que nos levou a estabelecer laços de união com os principais centros privados da região.”

A partir de 1983, em consonância com o estabelecido no Programa que a Instituição tinha elaborado no ano precedente, e segundo indicado na Apresentação Institucional atual do Centro (CIESU, 1998), as atividades de pesquisa centraram-se em três grandes linhas:

a) a primeira correspondia ao estudo do Estado, do Desenvolvimento Político e das Políticas Públicas<sup>41</sup>, incluindo o estudo das transformações do Estado uruguaio: do aparelho estatal, da intervenção militar na política, da caracterização do modelo autoritário e de sua ingerência na definição de políticas públicas relativas ao gasto social e associadas ao *welfare state* (educação, saúde, moradia, previdência social, etc.). Neste último caso, vale assinalar que o regime militar impulsionou políticas e estratégias de corte quase populista (e que direcionavam boa parte dos recursos públicos às áreas anteriormente indicadas) como forma de legitimar-se. Adicionalmente, nesta primeira linha também se situavam as análises realizadas sobre os programas partidários, da organização do sistema político e do sistema político partidário emergente (CIESU, 1998: 6)

b) a segunda linha orientava-se ao estudo da Participação Social, das Formas de Solidariedade e dos Movimentos Sociais – sendo que é nela que se encontram os projetos

---

<sup>41</sup> - Especialmente a partir de 1986, quando as novas condicionantes políticas não interferiam com o desenvolvimento deste tipo de temáticas, e devido a financiamentos maioritariamente outorgados pelo IDRC canadense.

realizados visando conhecer, ou identificar, quais eram os principais obstáculos que dificultavam a participação, fosse formal ou informal, mais plena dos grupos populares. Igualmente, entraram também nesta linha os estudos orientados à interação direta com as organizações populares (objetivando-se a geração de conhecimentos sobre os setores marginalizados da sociedade), e os projetos desenvolvidos em relação a grupos cooperativos, entidades que reuniam pequenos produtores, associações e/ou comunidades de base. Nesta linha, ainda, se desenvolviam tarefas relativas à avaliação de programas de ação e promoção social que o CIESU realizou a partir de 1987.

c) a terceira linha prioritária compreendia o estudo do Emprego, da Distribuição de Renda, e da Estratificação e Mobilidade Social. Nela enquadravam-se as pesquisas sobre qualidade de vida, sobre mudanças induzidas a partir do consumo, sobre marginalidade urbana, pobreza extrema, estratégias de sobrevivência dos setores populares, transformações da estrutura familiar, mercado de trabalho feminino e participação da mulher nas esferas doméstica e de mercado.

Finalmente, e no que diz respeito às atividades de capacitação e docência levadas a cabo pelo Centro, deve-se destacar que a partir da filiação do CIESU ao CLACSO, em dezembro de 1975, o primeiro passou a contar com um fluxo, no início relativamente numeroso e depois em menor quantidade, de bolsas de estudo destinadas à formação dos seus pesquisadores *juniors* ou dos seus assistentes de pesquisa em instituições do exterior. Por sua vez, a *Ford Foundation* também colaborou, ainda que mais timidamente, para a formação de novos pesquisadores, tendo concedido, em 1975, três bolsas de estudo para que membros do CIESU pudessem se capacitar fora do Uruguai: duas delas para estudos de doutorado em universidades dos Estados Unidos e uma para o Curso de Demografia implementado pelo Centro Latino-americano de Demografia, com sede na Costa Rica. Embora possa parecer uma ajuda pontual e escassa, deve lembrar-se que, a partir de 1968, as principais fundações filantrópicas dos Estados Unidos (Ford, Fullbright, Rockefeller etc.) destinaram volumosos recursos para o CLACSO que, na maioria dos anos, estavam especificamente orientados para a concessão de bolsas de estudo e/ou bolsas de iniciação à pesquisa a jovens cientistas sociais do continente.

No início de 1980, o CIESU passou a organizar cursos especializados para grupos e setores que operavam em áreas específicas (saúde, assistência social e outras afins). Assim, os cursos implementados relacionavam-se, primeiramente, à necessidade de capacitação nas ‘ferramentas’ próprias de análise que pudessem servir a tais grupos ou setores; porém em meados de 1984, o Centro começou a organizar cursos de natureza essencialmente teórico-metodológica em Sociologia, atendendo aos interesses de um grupo de pessoas que ansiavam por uma formação de corte acadêmico.

A especial ênfase atribuída ao tratamento de temáticas da área sociológica provinha do fato de que era precisamente no CIESU onde se concentrava o maior número de especialistas na matéria<sup>42</sup> – sendo que na etapa imediatamente anterior à restauração da democracia no país já tinham retornado ao Uruguai muitos dos cientistas que previamente haviam estado no exterior realizando cursos. Em decorrência disso, nos anos de 1983 e 1984, o CIESU chegou a contar com um *staff* de aproximadamente trinta pessoas.

Os cursos de especialização implementados pelo CIESU situaram-se entre 1984 e 1988. Distribuídos em três fases diferenciadas, esses cursos deram lugar a três gerações e permitiram treinar um total de dezoito jovens em nível de “graduação” (promoções completas) e aproximadamente vinte pessoas em temáticas específicas – uma vez que estas últimas realizaram alguns dos cursos contemplados no Programa de formação, mas não o completaram integralmente (CIESU, 1998: 24).

Por fim, e no que diz respeito às publicações realizadas pelo Centro, vale destacar que para a Série “Cuadernos de CIESU” foram editados 51 números no período 1975-1985 e apenas 9 entre 1986 e 1990, isto porque em 1985 os pesquisadores retomaram as tarefas de docência e pesquisa, que eles tinham desenvolvido até 1973, na órbita da Universidade. Além dos Cadernos, durante a ditadura o Centro também publicou a Série “Libros” e a Série “Documentos de Trabajo”. A lista completa de trabalhos publicados pelo CIESU no período encontra-se no Índice de Publicações do centro (CIESU, 1989)

---

<sup>42</sup> - Note-se que, por causa disso mesmo, os cursos de Ciência Política e História implementados durante o período ditatorial tiveram lugar no seio do CLAEH; os de Economia no CINVE. e aqueles diretamente orientados à capacitação de grupos de base no CIEDUR.

assim como na Apresentação Institucional referida (CIESU, 1998), mas cabe destacar aqui que, além do número indicado de publicações para cada uma das séries, essas – diferentemente do que acontecia, por exemplo, com os materiais editados pelo CIEDUR – orientavam-se à circulação entre pares. Foi só após 1987 que o CIESU passou a trabalhar junto a movimentos sociais, sindicais ou de bairros – quando fazê-lo podia implicar retornos de ordem financeira e dada a necessidade de procurar estas ajudas, uma vez que as agências financiadoras tinham deixado de apoiar aquele que era tido como ‘o mais acadêmicos dos centros privados’.

Ainda em relação às publicações do Centro, cabe destacar que as dificuldades de ordem financeira – dado que o custo da edição de livros era claramente superior ao dos Cadernos – assim como outros tipos de restrições, como a ausência de editoras dispostas a publicar ou até a simplesmente imprimir publicações cujos conteúdos fossem minimamente críticos, fez com que na referida série de livros se chegassem a publicar somente 6 títulos entre 1979 e 1990 – quais foram: {i} MELLO de Tourné, Cledia. *Una experiencia sobre la enseñanza de la lectura y de la escritura*. 1979, 95 págs.; {ii} RIAL, Juan & KLACZKO, Jaime. *Uruguay: el país urbano*. 1981, 144 págs.; {iii} CINVE-CIESU. *El problema tecnológico en el Uruguay actual*. 1981, 446 págs.; {iv} LOMBARDI, Mario & VEIGA, Danilo. *Las ciudades en conflicto: una perspectiva latinoamericana*. 1989; {v} ARGENTI, Gisela; FILGUEIRA, Carlos & SUTZ, Judith. *Ciencia y tecnología; un diagnóstico de oportunidades*. 1988, 254 págs.; e {vi} MAZZEI, Enrique & VEIGA, Danilo. *Indicadores socioeconómicos del Uruguay*. 1989. (CIESU, 1998: 22).

Por sua vez, a edição da série de documentos de trabalho, da mesma maneira que a dos cadernos do Centro, contaram com uma sorte diferente, pelo fato de que elas foram mimeografadas e, portanto, apresentaram custos sensivelmente menores e foram realizadas na própria instituição. Isso resultou na produção de um total de 152 números entre 1975 e 1990. (CIESU, 1998: 13-19)

### 2.2.3. - CINVE

O *Centro de Investigaciones Económicas (CINVE)* constituiu-se em 1975 com “o propósito de contribuir ao estudo da economia uruguaia” (CINVE, 1985: 1), com uma preocupação inicial de abordar o estudo da estagnação da economia e de realizar trabalhos que priorizassem as análises de longo prazo, não conjunturais.

Assim, numa primeira fase (1976-1980), a maioria das pesquisas realizadas favoreceram as análises estruturais e, em particular, o estudo dos processos tecnológicos vivenciados pelos setores de produção básica. Por sua vez, a agudização de certos problemas sociais e econômicos e a prática de novas políticas fizeram com que fosse necessário incorporar à agenda de pesquisa temas como a emigração, a política de promoção de exportações e o impacto destas políticas em níveis setoriais específicos, que pelo seu dinamismo ou redimensionamento, por ocasião de cada um dos estudos realizados, impunham a necessidade de melhor compreendê-los (CINVE, 1985: 9). Essas temáticas foram se incorporando à agenda de pesquisas do Centro conforme o mesmo passou a contar com apoio financeiro para realizá-las. E isso só veio a acontecer de forma paulatina, dadas as condições e as características do contexto, os relacionamentos estabelecidos com outros centros ou instituições e as condições nas quais era possível desenvolver as atividades de pesquisa. Precisamente a respeito disso, um dos membros do Centro, em sua entrevista, relatou:

“Tínhamos que nos institucionalizar para conseguir dinheiro, sim. E tínhamos de ser muito cuidadosos para que essa institucionalização não nos levasse à cadeia, também. Digo cadeia como palavra forte, mas era assim mesmo. Nós cometemos um erro, no ano de 75, que teve custos enormes: cometemos uma imprudência, os militares invadiram nosso local e não só levaram todo o material arquivado e a correspondência como também levaram todos os livros, de todos nós. E isso com o CINVE recém montado, sendo que tínhamos armado a biblioteca a partir das contribuições de cada um dos integrantes. No verão de 74 [Alberto] Couriel tinha viajado a São Paulo para falar com [Fernando Henrique] Cardoso e para pedir-lhe que nos ajudasse a partir da experiência dele no CEBRAP: para que nos desse os contatos possíveis.

Por aí, pelo ano de 74, conseguimos ter nosso primeiro local, num apartamento que ficava ao final de um corredor comprido ... Cada um que ia embora para o exílio nos deixava algo, cada pessoa servia-nos para algo [sic!]: nesse momento fomos para a casa de um irmão de [Luis] Macadar, que tinha sido um escritório de arquitetos, e foi aí onde a *Ford Foundation* nos conheceu. A pessoa que veio da Ford chegou em maio de 74 e nos encontrou nesse ‘cortiço’. O CIESU usava um apartamento que, segundo acredito, tinha pertencido à mãe de Carlos [Filgueira] ... Tudo era assim, viu? Com muita modéstia. Como tinha de ser, porque não havia possibilidades de ter nada mais.”

A partir de 1980, o Centro definiu o estudo do processo uruguaio pós-1974 como objetivo central do seu programa de pesquisa, tentando incorporá-lo, ainda, a uma interpretação de longo prazo da economia uruguaia (CINVE, 1985: 12) O interesse acadêmico pelo tema viu-se reforçado pela coincidência temporal com o que estava acontecendo nos casos da Argentina e do Chile – experiências que se tomaram como referência para fins comparativos, dado o acesso ao financiamento internacional que estimulava a realização de análises deste tipo – e pela polêmica que as estratégias neoliberais que prevaleciam na maioria dos países do Cone Sul suscitavam, tanto no nível da teoria como no da política econômica.

Desde 1982, a política econômica que estava sendo implementada e a reestruturação produtiva verificada na fase de crescimento constituíram-se nos principais pontos de interesse do CINVE. Mas, a partir de 1983, e mais ainda quando foi possível visualizar a proximidade da redemocratização no país, o Centro dirigiu seu programa de pesquisa à procura de alternativas para a economia uruguaia – que estava novamente em crise, agravada pela instabilidade no cenário internacional. Pesquisas sobre processos de modernização agrícola associados a fenômenos de agroindustrialização; estudos acerca da inserção externa dos produtos uruguaiois, análises sobre as atividades financeiras, formulação de hipóteses sobre a reestruturação produtiva da economia e estimativas sobre os impactos de diversas variáveis, contribuíram para a reflexão global com a qual o Centro ‘fechou’ sua primeira década de atividades (CINVE, 1985: 15). A organização de um Seminário Internacional sobre “Alternativas ao desenvolvimento sócio-econômico em Argentina, Brasil, Chile e Uruguai”, que teve lugar em outubro de 1985, marcou o ápice

desta etapa<sup>43</sup> – que coincidiu com o retorno da democracia no país, dando lugar a uma nova fase nas dinâmicas imperantes nos centros privados de pesquisa em ciências sociais.

Por sua vez, a prioridade dada a uma crescente inserção do Centro no meio uruguaio, que só veio a acontecer de forma simultânea ao processo de recuperação da democracia política no país, refletiu-se num dinamismo sem precedentes em termos do programa de publicações do Centro. Neste sentido, cabe sublinhar que no mês de março de 1982, o CINVE tinha dado início à publicação de uma Série intitulada “Estudios CINVE”, em co-edição com a *Ediciones de la Banda Oriental*. Tratava-se da publicação de livros cuja tiragem oscilava entre 500 e 1000 exemplares. Por sua vez, esta editora publicou, no mês de fevereiro de 1983, um dos principais trabalhos realizados no período pré-democrático: tratava-se do livro “Cuatro Respuestas a la Crisis”, no qual os quatro principais economistas então presentes no país (Danilo Astori, Luis Faroppa, Luis Macadar e Israel Wonsewer) explicitavam, pela primeira vez em vinte anos, as críticas e as alternativas decorrentes da política econômica aplicada e implementada pelo regime ditatorial. Esse livro, ademais, marcou o início de uma Série, chamada “Colección Temas del Siglo XX” que é publicada, por Banda Oriental, com enorme êxito até os dias de hoje.

Além do mais, a publicação de numerosos livros que continham análises de caráter político esteve estreitamente associada ao intercâmbio acadêmico com cientistas sociais do

---

<sup>43</sup> - Segundo se indica em material do Centro, os trabalhos apresentados no evento de referência por vários dos participantes tenderam a confirmar a preocupação provocada pelo tema da dívida externa latino-americana em meios acadêmicos. Considerado como um dos principais obstáculos que inviabilizavam o desenvolvimento da região, muitos dos trabalhos apresentados versaram, então, sobre este tema em especial. A listagem completa dos papers é a seguinte – Trabalhos apresentados por cientistas argentinos: (1) Canitrot, Adolfo. “El crecimiento económico argentino. Una perspectiva desde la década de los 80”; (2) Ferrer, Aldo. “Vivir con los nuestro”; (3) O’Connell, Arturo. “La economía argentina: situación e ideas para una estrategia alternativa”. Trabalhos apresentados por especialistas brasileiros: (4) Serra, José. “A crise econômica e o flagelo do desemprego”; (5) Serra, José. “Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do após-guerra”; (6) Singer, Paulo. “O Brasil na crise econômica mundial”. Trabalhos apresentados por autores chilenos: (7) Fajnzylber, Fernando. “Reflexiones sobre industrialización, democracia y el papel del Estado”; (8) Foxley, Alejandro. “Las alternativas para la política post-autoritaria después del monetarismo”. Trabalho apresentado por cientistas uruguaiois: Rodríguez, Octavio; Barbato, Celia & Macadar, Luis. “Uruguay: la crisis y el problema nacional” (CINVE, 1985: 21-22). Note-se que além das pessoas que apresentaram trabalhos, na lista de participantes constam cientistas dos outros centros privados uruguaiois (tanto do CIEDUR como do CIESU e do CLAEH) e de outros países, tais como, numa delegação brasileira, além de José Serra e Paul Singer, Mónica Baer, Fernando Henrique Cardoso, Lidia Goldenstein e Francisco de Oliveira – todos eles membros do staff do CEBRAP.

exterior e viu-se intensificada pela integração com consultores estrangeiros, em decorrência do financiamento das agências financiadoras.

“Por onde passavam as temáticas? Eu sempre fiquei trabalhando na área pecuária, agro-industrial etc. E aí o tema passava por buscar explicações para o por que da estagnação, para todo o assunto da incorporação de novas tecnologias na indústria ... observando como se geravam os novos processos, analisando a indústria de substituição de importações, toda a história dos complexos produtivos que levaram à geração do que hoje são as condições de competitividade. Olha, tudo isso saiu do Instituto de Economia da Faculdade, era herdeiro de toda a tradição de pesquisa anterior, e o que se fez no CINVE foi continuar nas mesmas linhas de pesquisa. Toda a atividade dos complexos que tinha originado a obra de [Raúl] Vigorito, e que tinha sustentado seu livro sobre ‘Un reajuste conservador’, acredito que se projetou durante dez anos a mais: nós continuamos trabalhando sobre as idéias e sobre os pressupostos dele durante muitos anos, e inclusive depois de que ele morreu no exílio, no México.”

Além das questões temáticas e das dinâmicas de interação, um entrevistado expressa suas impressões a respeito da experiência dos centros nos seguintes termos:

“Eu realmente acredito que foi uma experiência muito boa; uma experiência que deixou um saldo enorme para o país e que, especialmente, teve o mérito de possibilitar a sobrevivência de um grupo de pesquisadores de distintas disciplinas. Tratava-se de gente que vinha da Universidade e que de certa forma repetiu o que até então se fazia na Universidade, mas num ambiente no qual as pessoas se sentiam temerosas e aonde sentia-se perigo. [...] Em outras palavras: as ‘chácaras’ existiram. Esses pequenos espaços de mesquinaria e egoísmo existiram. E isso, lamentavelmente, impediu que se levasse em frente uma ação conjunta mais eficaz. No geral, quando alguém convidava para participar de uma iniciativa acadêmica, as pessoas iam. Porém, tratava-se de outra coisa. Havia um inimigo muito poderoso e era muito importante estabelecer iniciativas comuns e concretizar algumas ‘empresas’ grandes, porém o que teve maior peso foi o individualismo. Houve, eu acho, distintos rumos e também distintos perfis. Acredito que, de alguma maneira, tanto o CIEDUR como o CLAEH mostraram um perfil mais orientado ao social, e especialmente CIEDUR teve uma produção mais politizada do que o resto dos centros. E acredito que o CIESU e o CINVE apresentaram um perfil mais acadêmico.”

Uma vez efetivada a volta da democracia, os cientistas que desenvolviam atividades no CINVE passaram a tomar consciência do que tinham realizado *a posteriori* e isso só veio a acontecer a partir da valorização externa e do reconhecimento de atores não vinculados às atividades acadêmicas no período precedente:

“Uma coisa que eu gostaria de dizer, porque para mim é algo que está muito claro e foi algo muito importante, tem a ver com a enorme surpresa que nos deu a democracia em termos do reconhecimento de que existíamos e de que tínhamos alguma transcendência. O contexto da ditadura inibiu nossa visibilidade a tal ponto que não podíamos aparecer, sair nos meios, e apenas conseguíamos publicar com um medo horroroso. Nós estávamos convencidos de que não tínhamos presença alguma no país. Quando chegou a democracia e aí o Ministro de Economia mandou nos chamar e quando nos chamaram da Câmara Legislativa ... não podíamos acreditar. Não entendíamos o que estava acontecendo.”

#### **2.2.4. - CLAEH**

O *Centro Latinoamericano de Economía Humana* (CLAEH), fundado em 1958, surgiu como um centro voltado à pesquisa, à capacitação e à difusão no campo das ciências sociais. Adicionalmente, dedicava-se à “promoção do desenvolvimento social, tendo como marco de referência alcançar uma Economia Humana – isto é, um regime social que no seu próprio funcionamento normal esteja orientado à satisfação efetiva, íntegra e hierarquizada do conjunto das necessidades de todos os homens” (CLAEH, 1960: 1).

De acordo com um informe de avaliação das atividades realizadas pela instituição (CLAEH, 1987: 9-12), verifica-se que ao Centro cabia contribuir tanto para a interpretação e a elucidação da problemática nacional e da América Latina, como para o trabalho daqueles grupos e organizações que objetivassem mudanças sociais humanistas, solidárias e participativas. Esse informe deixava claro, ainda, que tais mudanças sociais, na

concepção do Centro, só seriam sustentadas a partir do protagonismo e da ação dos setores populares, motivo pelo qual o CLAEH também se dispôs a servir e impulsionar esse tipo de ações por intermédio de linhas operativas específicas e através da manutenção de estreitos laços de relação com organizações desse tipo. Precisamente neste sentido, indicava-se que “a conjugação de linhas operativas de diversa natureza – pesquisa social básica e aplicada, capacitação técnica, formação de quadros, difusão e atividades de promoção – no marco de uma estratégia unitária, tem constituído uma experiência enriquecedora e diferencial da Instituição. Esta estreita conexão entre a tarefa científica e a prática social objetiva superar tanto o academicismo do trabalho intelectual desintegrado do seu contexto histórico quanto o voluntarismo que pode levar à ação social que é realizada sem um suporte técnico adequado”.

Em decorrência disto, e para atender ao logro dos seus fins, o CLAEH estabeleceu como sendo seus objetivos específicos os seguintes: (1) fomentar e organizar equipes, nacionais ou regionais, interdisciplinares de pesquisa no campo das ciências sociais; (2) relacionar-se e cooperar com outras instituições ou pessoas que realizassem pesquisa científica social; (3) propiciar a capacitação e a formação no campo social a partir da perspectiva de uma concepção humanista; (4) difundir o conteúdo de seus trabalhos e estimular a reflexão coletiva sobre a problemática das mudanças sociais e (5) promover e realizar ações que tendam a apoiar as tarefas desenvolvidas pelas organizações e grupos sociais de base (CLAEH, 1977: 3).

Por sua vez, a política de pesquisa do Centro esteve dirigida a seis áreas específicas: {i} estratificação social e distribuição da renda; {ii} políticas sociais e econômicas alternativas; {iii} formas de ação, organização e participação social; {iv} discurso ideológico e avaliação de propostas; {v} modelos sociais aplicados no país; {vi} comunicação social.

O Centro, a partir dos primeiros anos da década de 60, sofreu uma forte redução no ritmo dos trabalhos realizados. Vale dizer que embora o desenvolvimento das atividades no início, entre 1958 e 1962 ou 1963, tenha sido significativo, a partir de então,

o conjunto das tarefas de pesquisa diminuiu drasticamente. Esse declínio esteve estreitamente associado ao ‘impulso’ que tiveram a Economia e a Sociologia tanto nas esferas universitárias quanto em outras instâncias públicas (em torno ao trabalho da CIDE, à raiz das oportunidades que surgiram em Ministérios ou instâncias do poder estatal etc.).

O ‘deslocamento’ das atividades, e inclusive dos pesquisadores, para as esferas universitárias e públicas (que teve lugar no começo da década de 60) teve uma dinâmica revertida dez anos depois, quando, a partir de 1973, esses pesquisadores saíram da Universidade visando retornar ao CLAEH. Foi assim que, quando no lapso compreendido entre 1974 e 1977, os pesquisadores uruguaios em ciências sociais passaram a se nuclear nos centros privados de pesquisa, o CLAEH “ressurgiu” ou “se reativou” – mas não “se criou”, como no caso dos outros três centros considerados.

“O ressurgimento ou a reativação do CLAEH teve a ver com circunstâncias do contexto, e isso ocorreu dentro da linha tradicional do Centro, pois é um fato que tanto a instauração da ditadura como a intervenção da Universidade contribuíram para que o CLAEH alcançasse um dinamismo que havia perdido alguns anos antes. Eu acho que toda a experiência dos centros, em definitivo, constituiu um movimento em pró da salvaguarda dos espaços acadêmicos válidos, livres e plurais, perante uma Universidade que não só era monolítica como também autoritária e excludente. O certo é que, naquele momento, enquanto outros centros estavam se fundando, o CLAEH estava se reativando; e aí começaram a cooperar, porque sempre houve uma boa relação entre eles, embora concorrencial, uma vez que deviam competir pelos recursos que vinham do exterior. Nesta segunda etapa, o CLAEH mostrou continuidade em relação à sua primeira época mas também passou por alguns ajustes, por algumas correções de rumo. No que diz respeito à continuidade, eu diria que a doutrina inspiradora do CLAEH continuou sendo a mesma e que a vocação pela pesquisa de campo se manteve. O CLAEH fez bastante pesquisa durante muitos anos, mas essa pesquisa teve um denominador comum, que era o de ser pesquisa aplicada e com uma forte ênfase no empírico.”

Tal como foi explicitado no decorrer do capítulo precedente, o CLAEH surgiu no marco do movimento denominado “Economia e Humanismo”, liderado pelo padre Le Bret na França. Desde o início, e dado o teor das atividades deste movimento, o CLAEH teve

uma forte inclinação para o desenvolvimento de pesquisas de corte empírico. Desde suas origens, e muito especialmente a partir do primeiro estudo de relevância produzido pela Instituição, a preocupação em fazer levantamentos e análises baseadas em dados e informações coletadas levaram à realização de enormes esforços no sentido de compilá-las. A produção do “Estudio Socio-Económico del Uruguay Rural”, em 1962, marcou o ápice do tratamento oferecido a este tipo de trabalhos. A tônica sobre o empírico perdurou mesmo com a ampliação das temáticas pesquisadas. Isso pode ser melhor entendido com base na seguinte colocação de um dos entrevistados:

“Em Economia foram feitos estudos a respeito da Estrutura Econômica Nacional – estudos sobre o desenvolvimento, sobre a vulnerabilidade externa da economia, sobre perfis de inversão, sobre a distribuição da renda ou sobre a estrutura da renda no Uruguai, e também se fizeram estudos setoriais: estudos sobre o setor industrial, estudos sobre determinados aspectos ligados ao setor agropecuário. Além disto, fizeram-se algumas pesquisas aplicadas sobre o setor cooperativo, sobre integração ... A temática da integração tem sido uma constante no CLAEH, sendo abordada pela Economia e pela Ciência Política; e também pela História ... sobre modelos de desenvolvimento e sobre política econômica. Eu diria que estes foram os temas da área de Economia. Se tivesse que assinalar especializações: nós não nos especializamos nem em estudos agrários nem em economia agrária, embora tenhamos feito alguns trabalhos nessas linhas; tampouco tivemos especializações em estudos de política econômica, mas fizemos alguns ... Eu diria que a especialização temática foi: estrutura econômica nacional, pesquisas por setores, e estrutura da renda. Essas eu diria que foram as especializações econômicas do CLAEH. No que diz respeito à Sociologia, por sua vez, estudou-se pobreza, estudou-se infância (especialmente infância de setores pobres: condições de vida, de reprodução, de socialização), estudaram-se migrações campo-cidade, estudou-se juventude (juventude e meios de comunicação, juventude e emprego) e estudaram-se temas vinculados à problemática sindical. É possível que eu esteja esquecendo algum tema, mas realmente acredito que esses foram os principais.”

Finalmente, um aspecto de enorme destaque na Instituição corresponde, igualmente às demais instituições tratadas, às publicações. No caso específico do CLAEH, a edição dos “Cuadernos del CLAEH” é a mais expressiva nesse sentido. Esta publicação periódica foi e continua sendo de fundamental importância dentro e fora do país, visto que

através dela os pesquisadores têm podido difundir os resultados das suas pesquisas e ampliar sua visibilidade entre os seus pares e no meio externo. Desde o primeiro número dos Cuadernos, aparecido em 1976, até o último dos três que se publicaram no último ano do período do escopo de nosso trabalho, 1990, totalizam-se 56. Os Cuadernos, além do mais, passaram a ter uma ampla divulgação após 1985. Foi a única publicação que conseguiu manter a periodicidade que tinha atingido (4 números por ano, 1 por trimestre) e isso se deve, em boa medida, ao fato do CLAEH contar, como já salientamos, com financiamento originado nos movimentos social-democratas europeus.

Ainda como formas de divulgar os resultados dos seus trabalhos, o CLAEH procurou organizar seminários e feiras anuais de publicações. A primeira delas foi realizada entre os dias 2 e 9 de agosto de 1983, contou com o apoio do CLACSO e até o presente é lembrada pela comunidade de cientistas sociais, visto que foi precisamente nesta ocasião que os pesquisadores tomaram consciência da enorme produção científica que os centros, isolados uns dos outros, haviam realizado. Assim, essa primeira feira de publicações revela o mencionado paradoxo de que a maior produtividade acadêmica ocorreu sob condições de extrema repressão política.

### ***2.3. - Os mais importantes resultados alcançados***

Recapitulando os aspectos mais relevantes das tarefas desenvolvidas no âmbito dos centros privados de pesquisa durante o período considerado, cabem distinguir seis planos diferenciados. Em primeiro lugar, aquele que se relaciona com a produção do conhecimento e com as atividades de ordem propriamente científica. O balanço, deste ponto de vista, é bastante significativo dado que, apesar das dificuldades de toda espécie que atentavam contra as tarefas desta natureza, particularmente na área das ciências sociais, puderam se desenvolver linhas de pesquisa que significaram aportes substantivos ao conhecimento da realidade do país.

Neste marco, poderia se destacar ainda que um dos principais traços da política de pesquisa implementada por todos os centros independentes era o de não propor metas muito ambiciosas. Os centros, de um lado, até inícios dos anos 80, estavam praticamente definindo seus cursos de ação. Numa primeira fase, o que se fez, antes de mais nada, foi continuar com os esforços investigativos e com as temáticas de pesquisa anteriormente desenvolvidas na esfera da Universidade. Além disso, as dúvidas e as incertezas em relação às possibilidades de financiamento com as quais poderiam chegar a contar, a fim de garantir a consecução ou manutenção das atividades, induziram-lhes a ser extremamente cautelosos frente a um futuro incerto. Numa fase posterior, tanto a necessidade de manter certa discrição para não chamar a atenção das autoridades militares em exercício do poder, como as restrições emergentes do contexto, também coadjuvaram para a manutenção de uma linha pouco ‘evidente’ e para a realização de tarefas concretas. Com efeito, os centros definiram objetivos precisos e factíveis, priorizando, especialmente nas primeiras etapas, o alcance de resultados parciais sobre a formulação de teorizações e generalizações – que o caráter fortemente ensaísta, e até ideológico, da produção intelectual anterior a 1973 tinha lhes imposto. E isso não só porque as condições para a pesquisa eram fortemente restritivas, mas porque o desmoronamento do projeto político anteriormente vigente impunha a necessidade de recriar, a partir da base, e a partir de um conhecimento inserido na realidade social, a interpretação do processo histórico nacional.

Produziu-se, então, um forte impulso dos estudos históricos que, pelo seu rigor científico, apresentam diferenças de natureza qualitativa e quantitativa com a produção anterior. A elaboração de trabalhos que focalizaram uma compreensão histórica integrada, isto é, que não se instrumentalizassem a partir de acontecimentos pontuais ou dos fenômenos e processos concretos dados em determinados anos ou períodos na nação, foi estimulada. Por outro lado, deve-se destacar que esses estudos, em geral, tomaram como ponto de partida o processo de modernização que teve lugar logo no começo do século com a conformação do modelo “batllista”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> - Tal como destacamos anteriormente, o modelo “batllista” caracterizou-se, como muitos dos modelos de caráter populista latino-americanos, pela maior incidência que o Estado passou a ter em inúmeros planos da vida social (Estado do Bem Estar, *Welfare State*). No caso uruguaio, e dada a influência que o ‘ideário batllista’ teve nas décadas subseqüentes, ele é diretamente associado, no imaginário coletivo, com

Junto às análises históricas sucederam-se importantes avanços nos campos da Sociologia, da Economia e, mais tardiamente, da Ciência Política – cujos focos de atenção foram o conhecimento da estrutura e do funcionamento da sociedade, através de um triplo prisma: a crise do modelo democrático liberal, a proposta autoritária e o estudo dos alinhamentos viáveis para a proposta de formulações alternativas. A proeminência de um ou outro dos enfoques correspondeu, em boa medida, às sucessivas fases do processo histórico que teve lugar no interior de cada um dos ‘campos do saber’ no período transcorrido desde 1973 a 1985.

Em algumas disciplinas, os avanços conceituais e metodológicos foram apreciáveis em relação à situação anterior e, em conjunto, a produção dos anos considerados constituiu uma sólida base – que *a posteriori*, junto às outras atividades desenvolvidas no país, permitiu encarar a reconstrução científica que começou a se esboçar na etapa da redemocratização.

O segundo aspecto a levar em consideração é aquele que se refere à formação das novas gerações de cientistas sociais. A intervenção universitária impôs a supressão, em certos casos de maneira temporária e em outros de forma definitiva durante o período da ditadura militar, dos cursos e das carreiras implementadas na área das ciências sociais. A reorientação com uma visão puramente profissional na maioria das carreiras, assim como a paralização forçada da maior parte dos docentes em todas as atividades, acentuaram ainda mais as carências formativas de que os jovens estudantes padeceram durante o período. Assim, e logo no início dos anos 70, a pesquisa social praticamente desapareceu do âmbito universitário, interrompendo-se o incipiente desenvolvimento destas disciplinas, cuja institucionalização iniciou-se duas décadas antes.

Através da ação de alguns dos centros independentes, implementaram-se linhas de atuação que conduziram à articulação de uma ação educativa – sigilosa durante os

---

a modernização do país. Em função disso – e não só nos estudos que foram realizados no período considerado por nós, como também em muitos produzidos na atualidade – é recorrente remeter ao que aconteceu no período “batllista” e às transformações sucedidas sob esse ideário, para pautar a análise do início de uma ‘nova’ etapa na concepção de país.

períodos de mais dura repressão e sempre arriscada, dados os temores que as temáticas sociais despertavam, mais ainda quando eram expostas por cidadãos cujos direitos civis tinham sido cerceados. Organizaram-se, assim, cursos e seminários de distintos níveis: desde aqueles que se orientavam à formação de base, destinados fundamentalmente a fomentar a conscientização e a mobilização de agentes sociais, até cursos especializados, de nível quase-universitário, orientados a complementar uma formação insuficiente e a fomentar uma prática de pesquisa que não tinha como ser adquirida em outros espaços. Adicionalmente, a incorporação de jovens pesquisadores aos centros independentes, em caráter de auxiliares ou assistentes, operou eficazmente para ir forjando uma geração, numericamente pouco abundante, porém qualificada, de novos cientistas sociais.

Em terceiro lugar, cabe sublinhar que, durante as décadas de 70 e 80, e através da realização das tarefas enunciadas em um período que se caracterizou pelo desenvolvimento de esforços no marco das ‘pesquisas de resistência’ (resistência que soube ser política, ideológica, e de consecução dos empreendimentos visando impedir o extermínio das ciências sociais), os centros privados de pesquisa passaram por processos e re-adequações contingentes que lhes conduziram ao desenvolvimento de tarefas segundo padrões, pautas organizacionais, formas de gerir recursos e comportamentos claramente diferenciáveis daqueles que tinham predominado com antecedência. Eles conformam os ‘aprendizados institucionais’ que foram se construindo dada a necessidade de atender aos requerimentos devidos das agências e fundações filantrópicas que financiaram os centros.

Em quarto lugar, interessa destacar o papel desempenhado pelos centros como focos de irradiação de um pensamento crítico. Em associação com a idéia de ‘pesquisa de resistência’, e por estar em consonância com a mesma, eles não só operaram como redutos nucleadores para muitos cientistas sociais que tinham optado por ficar no Uruguai, como também se constituíram em espaços de diálogo plural, aberto, e voltado para a reflexão sobre os grandes problemas, para o intercâmbio de informações e opiniões, e para o encontro daqueles que ansiavam superar o isolamento que, gradual e implacavelmente, se estendia sobre toda a sociedade. Tais encontros implicavam a quebra das barreiras que se tinham levantado em decorrência dos rígidos antagonismos derivados do conflituoso

convívio social registrado antes de 1973 e que, por outra parte, estabeleceram o reconhecimento de novas e mais profundas solidariedades, acima do sectarismo de outrora. Assim, a participação obtida nestes foros refletiu um espectro amplamente pluralista, que, ademais, enriqueceu os níveis da análise e da reflexão acadêmica através do contraste das opiniões e das tendências divergentes.

Em quinto lugar, e como algo estreitamente vinculado ao ponto anterior, deve-se assinalar a importância que coube aos centros como fluxos de comunicação intelectual com o resto do mundo – contribuição positiva para fins propriamente científicos, mas circunstância que também alcançou projeção de ordem política. Em um país de rígidas fronteiras, onde aos ‘possíveis’ visitantes ilustres era vetada a entrada, onde estava proibida a circulação de toda publicação que contivesse idéias “forâneas” contestadoras, e onde o controle se estendia a praticamente todas as ordens da vida cotidiana, a projeção dos centros independentes de pesquisa em ciências sociais no exterior representou um avanço revitalizador para o entorno cultural.

A filiação a programas regionais, entre os quais se deve destacar a importância adquirida pelas redes que se estabeleceram por iniciativa do CLACSO, permitiu manter contato com a comunidade acadêmica latino-americana, expresso através da participação conjunta em seminários de estudos e da realização de programas de pesquisa associados. Desta forma, além de tudo, os centros se mantiveram atualizados e, de certa maneira, até participaram da conformação das grandes linhas do pensamento social na região. Este fenômeno foi tão importante, que a década dos 70 ficou caracterizada como um período particularmente rico no histórico das ciências sociais latino-americanas – histórico que, por outro lado, esteve pautado pela quebra de paradigmas e pela procura de novos parâmetros capazes de interpretar a complexa trama de uma realidade dinâmica e mutante. O fato de ter se inserido ativamente nessas reflexões, a possibilidade de gerar análises comparativas e o fato de assistir a um fenômeno de regionalização, ampliou os horizontes intelectuais dos cientistas sociais locais.

As relações com agências de cooperação e com organismos internacionais, que respaldaram de maneira decisiva a ação dos centros, uma vez que o apoio oferecido por estas agências foi de fundamental importância para a constituição de equipes estáveis e de alta dedicação profissional às tarefas acadêmicas, ampliou esse diálogo com o exterior e, em muitos casos facilitou, mediante viagens, o estabelecimento de contatos com a comunidade científica internacional.

Por último, porém não com uma ênfase menor, deve-se destacar que um dos aspectos que deu maior peculiaridade às atividades científicas desenvolvidas pelos centros privados de pesquisa no período considerado foi o estreito relacionamento que eles mantiveram com os grupos e movimentos sociais. Com efeito, à medida em que se foram abrindo espaços para a emergência dos movimentos sociais – alguns dos mais tradicionais, tais como o sindical ou o estudantil, e outros que começavam a surgir como expressão de novas formas de mobilização popular de bairros, setorial ou etário – os centros começaram, também, a operar como palanques de apoio, especialmente no que diz respeito à assessorias técnicas e à formação de quadros. A integração dos centros acadêmicos com os de promoção social numa mesma rede, as mútuas colaborações estabelecidas em ambos os níveis e o desenvolvimento simultâneo e articulado de ações promocionais e acadêmicas numa mesma instituição constituíram outras manifestações da interação dialética do trabalho acadêmico com a prática social.<sup>45</sup>

Finalmente, deve-se considerar que nas últimas etapas do processo ditatorial – quando reaparecem em cena outros atores, tais como os partidos políticos, e quando os grupos sociais foram consolidando seus espaços – os centros adaptaram suas prioridades visando dar respostas às novas questões que iam surgindo. Assim, foi ampliado o diálogo

---

<sup>45</sup> - Note-se, ainda, que o desenvolvimento deste tipo de atividades por parte dos centros não se deu de uma forma uniforme em todos eles. CIEDUR e CLAEH estiveram, de forma notória, muito mais envolvidos na realização de estudos e de análises de maneira conjunta com movimentos populares e sindicatos – CIEDUR muito especialmente a partir das ações promovidas pelo seu Departamento de Assessoramento Técnico, Econômico e Social (o DATES); e CLAEH a partir das suas próprias origens ‘empiricistas’, associadas ao movimento “Economia e Humanismo”, de cunho social-cristão. Neste sentido, vale destacar que CIESU e CINVE foram os centros que menos tenderam a interagir com outras instituições visando desenvolver tarefas de promoção social. De fato, e na opinião dos próprios cientistas, CIESU e CINVE são os centros que sempre se caracterizaram por ter um perfil de corte mais acadêmico / acadêmico.

dos centros com os ‘novos’ atores, levando os primeiros a participar ativamente de todas as etapas de um programa comum elaborado pela sociedade (chamado de “concertación programática”) que conduziu à rearticulação do Uruguai pós autoritário.

\* \* \* \* \*

A partir do que surge das considerações realizadas em torno dos seis aspectos tratados no item anterior – e, de modo mais geral, da análise da evolução da Economia e da Sociologia no Uruguai no decorrer do capítulo anterior (Cap. I) –, a contribuição dos centros ao desenvolvimento das ciências sociais e à resistência cultural contra o obscurantismo, num primeiro momento, e sua contribuição para a ampliação dos espaços democráticos, depois, foi extremamente relevante. Eles constituíram-se, talvez até por força de circunstâncias não previstas, em focos de irradiação de uma contracultura que visava manter os legados intelectuais do país. Eles atuaram eficientemente realizando uma sistemática administração dos recursos humanos e financeiros disponíveis e projetaram à sociedade uma nova dimensão do conhecimento. Eles foram os receptores de uma tradição universitária que se deslocou dos espaços físicos das Faculdades a estas esferas um tanto iconoclastas. Tais instituições, entretanto, não se constituíram em fenômeno original, porquanto algo similar aconteceu nos demais países latino-americanos, e particularmente no Cone Sul. Foram, isso sim, uns dos tantos “anticorpos” gerados pelo próprio autoritarismo no marco das práticas sociais inovativas às quais fizemos referência no início deste capítulo.

Cabe assinalar, também, as numerosas dificuldades que o trabalho dos centros enfrentou. Em primeiro lugar, aquelas compartilhadas com o resto da sociedade, ou seja, as que se derivaram da própria situação autoritária. É claro que o clima existente não era o mais propício para desenvolver tarefas de pesquisa, e particularmente em ciências sociais. As limitações impostas para a reflexão crítica, para o diálogo e para a divulgação do

pensamento traduziram-se em fortes restrições ao trabalho intelectual e em mudanças radicais na dinâmica dos cientistas sociais vinculados aos centros.

Uma das dificuldades registradas era a falta de interação entre os centros, sendo que um elemento importante para a análise da dinâmica dos cientistas sociais nos centros foi a incapacidade dos mesmos em articular um processo que os levasse a interagir entre si. De fato, os centros mantiveram escassos vínculos mútuos durante o período da ditadura e só passaram a se aproximar de uma forma mais fecunda no período imediatamente anterior à reinstauração democrática. Um dos cientistas entrevistados destacou que os centros não tiveram a capacidade, por exemplo, de gerar uma ‘entidade’ associativa surgida a partir de interesses comuns.

“No verão de 1982, Enrique Iglesias chegou ao CIEDUR e naquele momento houve uma reunião de sócios, que de fato era uma reunião de cinco pessoas. Enrique já estava preparando a saída dele da CEPAL mas ainda não visava ir para o BID, e ele veio com uma idéia que era muito boa: criar uma espécie de *Colegio de México* entre todos os centros; criar uma instituição de graduação ou de pós-graduação que se caracterizasse por aspirar a deter um nível de excelência acadêmica. A idéia era essa, e a idéia também era implementá-la a partir de uma iniciativa de índole privada. Ele apelou para isso mas, lamentavelmente, os centros não conseguiram entrar em acordo entre si. Os centros, deve-se dizer, estiveram muito divididos e formaram uma espécie de inter-centros só no momento do fim da ditadura. Isso porque, de um lado, já se sentiam ameaçados pela Universidade e, de outro, precisavam adotar uma política comum perante ela.”

Precisamente, deve-se notar a partir de 1980, e por iniciativa deles próprios, foi estabelecida uma coordenadoria única para os diversos centros de pesquisa e de promoção social. Essa entidade, embora não se constituísse em termos formais, deu lugar ao que se chamou de “Intercentros”. Tal nucleamento de centros, que em conjunto abarcou quinze instituições, manteve reuniões periódicas durante um tempo prolongado e desenvolveu distintas atividades, dentre as quais destacam-se a realização de seminários e a organização de grupos de estudo sobre temas oportunamente escolhidos. Entre os centros dedicados à promoção social que participaram desta rede, além dos centros independentes

de pesquisa em ciências sociais, encontravam-se os seguintes: CCU (*Centro Cooperativista del Uruguay*), CIDC (*Centro de Investigación y Desarrollo Cultural*), CIPFE (*Centro de Investigación y Promoción Franciscana y Ecológica*), COYC (*Centro de Orientación y Consulta*), EMAUS Uruguay, FORO JUVENIL, IPRU (*Instituto de Promoción Económica y Social del Uruguay*), *SCOUTS Católicos del Uruguay*, e SERPAJ (*Servicio de Paz y Justicia*). (PAREJA, 1990: 33)

Além disso, às limitações de um espaço cultural que era rigidamente controlado somaram-se alguns problemas relativos à disponibilidade de recursos tanto humanos como financeiros. De fato, a obtenção do financiamento que permitisse uma efetiva dedicação às tarefas acadêmicas envolvia – ainda que se contasse com a disposição solidária de várias agências internacionais – complexos processos de ‘barganha’ para concretizar as colaborações e para garantir aos centros as maiores margens de autonomia possíveis.

Os centros privados de pesquisa em ciências sociais só conseguiram manter as atividades, num período caracterizado pela pesquisa “de resistência” em condições de isolamento, graças ao apoio financeiro que chegava do exterior.

Esse apoio, entretanto, não era uniforme para todas as temáticas e tipos de pesquisadores. Pelo contrário, ele se originava de fontes diversas, passava por diferentes mecanismos de decisão no interior das agências que o outorgavam, e, mais ainda, orientava-se a partir dos interesses concretos e das filosofias características dos “doadores”. Esses apoios, além de tudo, conduziram ao direcionamento das atividades desenvolvidas no Uruguai – dado que tudo o que se fazia, uma vez que não existia a possibilidade de contar com financiamento de outra natureza, dependia dos recursos que provinham das agências filantrópicas e organismos internacionais e, claramente, dos critérios que os orientavam. Conseqüentemente, a importância e o impacto destes organismos financiadores na manutenção das atividades e na direção das ciências sociais no Uruguai é diversificado. Estas questões serão tratadas no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III -

### FINANCIAMENTO EXTERNO: APOIOS, CONSTRUÇÃO DE AGENDAS DE PESQUISA E DEBATES CONEXOS

“We are all creatures of our time, its prevailing theories, and the institutional structures in which we move. Foundation program strategies in the social sciences have never been fabricated under germ-free, value-free laboratory conditions. Rather, they have been shaped and have evolved over time in accordance with a rich variety of interacting variables – explicit and implicit, perceptual and structural – that were in close relation with the overarching ‘temper of the times’.” (*Ford Foundation*, 1973: 3)

#### *Introdução*

Na análise da trajetória da Economia e da Sociologia no Uruguai, durante as décadas de setenta e oitenta, é fundamental reconhecer, como referido anteriormente, a importância do financiamento externo aos centros privados de pesquisa. Nesse sentido, mesmo que o período mais recente esteja fora do escopo do presente trabalho, cabe mencionar que a Economia e a Sociologia são, em boa medida, ainda hoje, produto do desenvolvimento ocorrido durante o regime militar, quando essas disciplinas conseguiram se manter graças ao financiamento externo.

A principal ingerência do financiamento externo nas atividades dos centros está referida às influências do primeiro na definição dos temas de estudo e das agendas de pesquisa, levando também à especialização dos cientistas sociais em determinadas temáticas. Mas, além disso, por viabilizar a constituição e manutenção dos centros, o financiamento externo foi peça chave na atual conformação institucional da prática científica nestas disciplinas.

Tal como foi analisado no primeiro capítulo deste trabalho, as atividades de pesquisa desenvolvidas no Uruguai até inícios da década do 70 restringiam-se ao que era realizado em âmbitos públicos – eminentemente, em Institutos adscritos a Faculdades da *Universidad de la República* ou na órbita de certos Ministérios. Estas atividades eram realizadas tendo como base recursos originados nas arcas públicas, sendo que o dinheiro que o Estado destina a tais fins costuma ser administrado por pessoas que se dedicam à consecução dessas tarefas no próprio aparelho do Estado ou nas sessões de ‘setor financeiro’ localizadas nas diversas Faculdades ou entidades públicas. A partir disso, constata-se que antes do período em questão – ou seja: até o momento em que os cientistas sociais uruguaios começaram a desenvolver atividades de pesquisa nos centros privados, os primeiros não tinham incorporado, como hábitos de trabalho, a necessidade de barganhar, de negociar e de depois ter que gerir os recursos alocados. Não que eles não tivessem que lidar com aspectos vinculados ao dinheiro recebido do Estado para a consecução das tarefas compreendidas nos projetos de pesquisa, mas eles não se percebiam a si mesmos como sendo os responsáveis (em boa medida, porque não o eram) por, por exemplo, realizar os ‘relatórios financeiros’ ou a prestação de contas em datas pré-estabelecidas, por ter que negociar com os colegas sobre como gastar os recursos obtidos ou como realizar investimentos de longo prazo e planejar a aquisição de equipamentos no interior das instituições em que estavam inseridos, etc.

No entanto, a partir da formação dos centros privados de pesquisa e, mais ainda, dada a necessidade de, perante as agências financiadoras, planejar o que haveria de ser solicitado e depois prestar contas do recebido, eles sim passaram a ser os responsáveis por questões deste teor. Vale dizer, assim, que as atividades desenvolvidas nos centros privados de pesquisa não só podem ser diferenciadas daquelas que se realizaram no período precedente no tocante à agenda de pesquisa – diferenciação que conduziu à abordagem de novas temáticas e à conformação de sub-especialidades que prevalecem até a atualidade – como elas também marcaram um ponto de inflexão no que diz respeito à prática de pesquisa, à assunção de responsabilidades de gestão por parte dos cientistas e, de modo geral, no que diz respeito à incorporação de novos hábitos de trabalho. Esses hábitos, aliás, são os que primam na atual ‘forma de se fazer ciência’; sendo que os

cientistas sociais uruguaios que desenvolvem tarefas de pesquisa hoje em dia aprenderam a gerir recursos naquele então; no interior dos centros, e dada a necessidade de atender à manutenção das atividades no país através do recebimento de recursos fornecidos por agências ou fundações internacionais.

Assim, é pertinente destacar que as atividades acadêmicas levadas adiante nos centros privados – mesmo constituindo um movimento de ‘resistência’ – viram-se fortemente marcadas pelo fato de estarem sujeitas à ajuda externa. As dinâmicas de cada um dos centros estavam pautadas pela assistência financeira externa, dependiam dela, sujeitavam-se a prazos, cronogramas e comportamentos estabelecidos em função de tal ajuda e direcionavam-se a partir das características próprias das instituições que outorgavam os auxílios. Tais comportamentos – associados à necessidade de aprender a gerir recursos de pesquisa, de atender à formação de recursos humanos, de escrever artigos científicos visando difundir os conhecimentos gerados, e de, entre outros, ter uma produção quantitativa e qualitativamente significativa, porquanto era com base nessa produção (e nesses comportamentos todos) que os centros eram avaliados pelos financiadores – contribuíram à construção de um ‘novo’ *ethos* científico entre a comunidade de cientistas sociais uruguaios. O fato de esse *ethos* ter-se formado antes da volta à democracia no país resultou um fator de fundamental importância porquanto, após 1985, os cientistas uruguaios que voltaram para a Universidade, ou que ainda permaneceram nos centros privados, já não podiam contar com recursos financeiros significativos. E, nesse contexto, os hábitos, os comportamentos, as práticas de trabalho, – o *ethos* científico, construído, e por eles incorporado, no período precedente (em decorrência da aquisição de uma dinâmica associada ao âmbito do privado, e já não do estatal) mostraram-se decisivos para eles continuarem a desenvolver suas atividades nos anos 90.

Neste capítulo, focalizaremos questões de ordem geral relacionadas às agências e fundações que possibilitaram o desenvolvimento de atividades nos centros privados de pesquisa durante as décadas de 70 e 80 – tais como: características das agências, da sua forma de atuação, distribuição do orçamento das mesmas segundo áreas do conhecimento

apoiadas nos países assistidos, etc. Por sua vez, ao analisar os objetivos dessas instituições estaremos introduzindo o debate, ainda hoje presente, em relação a quais as intencionalidades e motivações que guiaram as ações das mesmas nos países do Terceiro Mundo.

Ao fazermos este relato, destaque será dado à ingerência do financiamento externo nas diversas atividades desenvolvidas no interior dos centros privados em ciências sociais do Uruguai, *merced* aos apoios recebidos das agências e fundações, quais sejam: a elaboração da agenda de pesquisa dos centros; a formação de recursos humanos voltados para pesquisa através da implementação de cursos e o treinamento permanente de jovens nas tarefas, do dia a dia, inerentes à prática acadêmica; a manutenção de laços cooperativos com outros centros privados e instituições – algumas vezes em decorrência da formação de equipes regionais para atender à produção de trabalhos específicos ou para desenvolver pesquisas que, sobre uma mesma temática, as agências e fundações desejavam estimular – e o desenvolvimento de um *ethos* científico particular.

A análise que se faz aqui baseou-se em informações coletadas nas próprias agências e fundações consultadas para a realização deste trabalho, assim como em entrevistas realizadas com três das pessoas que, no decorrer das décadas dos 70 e 80, participavam da tomada de decisões em relação aos escritórios ou programas especialmente criados na estrutura organizacional dessas fundações para atender à América Latina. Cabe salientar que com vistas à coleta dos dados correspondentes às agências, a pesquisa de campo realizada centrou-se na revisão de materiais de arquivo localizados nos escritórios e agências indicadas a seguir: {1} o *Latin American and Caribbean Regional Office (LACRO)*, sediado na cidade de Montevideu, do Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento / *International Development Research Center (CIID-IDRC)*; {2} o Escritório da *Ford Foundation* localizado na cidade do Rio de Janeiro, assim como o Escritório Central desta fundação estadunidense, na cidade de Nova Iorque; e {3} a *Swedish Agency for Research Cooperation with*

*Developing Countries* (SAREC)<sup>46</sup>. A análise realiza-se, ainda, com base na opinião e nos depoimentos de cientistas sociais que, no período de 1975 a 1990, trabalhavam nos centros contemplados com a ajuda externa – recolhidos em vinte entrevistas abertas e detalhadas.

### 3.1. - Principais agências e fundações filantrópicas

As principais organizações e fundações filantrópicas que marcaram o desenvolvimento das duas disciplinas das ciências sociais consideradas foram:

- a Fundação Ford (*Ford Foundation*), norte-americana,
- o Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento (CIID), canadense; habitualmente referido a partir da sua sigla em inglês: *International Development Research Center* (IDRC) – que, em dezembro de 1989, estabeleceu seu escritório regional, o *Latin American and Caribbean Regional Office* (LACRO), na cidade de Montevideú<sup>47</sup> –, e
- a agência sueca SAREC / *Swedish Agency for Research Cooperation with Developing Countries*.

Além delas, também foi significativo o apoio que os centros privados receberam das seguintes instituições:

- a norte-americana Fundação Rockefeller (*Rockefeller Foundation*) – embora o financiamento que ela concedeu fosse restrito ao desenvolvimento de

---

<sup>46</sup> - No que diz respeito à coleta das informações relativas à SAREC, deve-se notar que a mesma se viabilizou mediante a solicitação, ao Escritório Central de Estocolmo, e o posterior recebimento dos informes de avaliação, que especialistas internacionais tinham realizado, do *Latin American Programme* (LAP) da agência. Adicionalmente, cabe indicar que quem fosse o Coordenador Responsável do LAP durante as duas décadas consideradas por nós, o Sr. Enrique Ganuza, teve a enorme gentileza de realizar duas ligações telefônicas a Barão Geraldo para nos permitir manter entrevistas por essa via.

<sup>47</sup> - Note-se que anteriormente à data assinalada, esse escritório regional, criado em 1972, estava situado na cidade de Santafé de Bogotá, Colômbia. Independentemente da mudança para Montevideú, o Diretor do LACRO continuou a ser o Sr. Fernando Chaparro. (IDRC, 1990: 18).

projetos sobre População, através do *Programa de Investigaciones Sociales sobre Población en América Latina* (PISPAL),

- a norte-americana *Inter American Foundation* (IAF),

- a agência holandesa NOVIB / *Nederlandse Organisatie Voor Internationale Ontwikkelingssamenwerking*, e

- a Fundação Ebert da Alemanha – que, no final da década de 80, estabeleceu uma filial em Montevideú: *Friedrich Ebert Stiftung, Uruguay* (FESUR)

Os projetos apoiados por estas últimas instituições, ainda que significativos no conjunto das atividades acadêmicas desenvolvidas pelos centros, tiveram um caráter pontual e aplicado, correspondendo, na maior parte das vezes, ao que no jargão profissional se chama de pesquisa-ação. Assim, os projetos e as atividades promovidos por FESUR, IAF, ou NOVIB não se orientavam prioritariamente ao desenvolvimento acadêmico, mas à resolução de problemas. Para tanto, financiavam atividades dos seguintes tipos: a) realização de diagnósticos sociais a partir da interação com centrais de trabalhadores – p.ex.: assessoramento ao PIT (*Plenario Intersindical de Trabajadores*) já no último período da ditadura, com recursos do NOVIB; b) análise de realidades produtivas específicas a partir da interação com movimentos de trabalhadores rurais – p.ex.: em matéria de agricultura familiar, trabalho informal e pesca, com fundos da IAF; c) impressão de relatórios, documentos de trabalho e folhetos de divulgação das atividades realizadas – este é o caso particularmente do FESUR, cujo apoio se centrou quase exclusivamente na difusão. (CIEDUR, vários anos; CIESU, 1989; CINVE, 1985)

Por outro lado, é possível constatar a partir da análise da relação dos projetos e agências financiadoras, que as instituições mais atuantes foram a *Ford Foundation*, o CIID/IDRC canadense e a agência sueca SAREC<sup>48</sup>. À contribuição dessas instituições é preciso somar o apoio recebido do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), durante todo o período. Na realidade, as atividades apoiadas pelo CLACSO,

---

<sup>48</sup> - Note-se que a importância atribuída ao papel que desempenhou a agência SAREC não é de fácil constatação empírica a partir da relação de projetos e atividades realizadas pelos centros já que a SAREC concedia *grants* institucionais – levando a que a mesma oferecesse ajuda para os centros *in totum*.

especialmente as bolsas de iniciação científica e bolsas no exterior, foram muitas vezes viabilizadas com recursos obtidos pelo CLACSO junto àquelas mesmas instituições financiadoras. Isto foi possível através de mecanismos e programas internos diferenciados (McCARTHY, 1987) dessas agências que contemplavam os organismos coordenadores de ações e programas regionais<sup>49</sup>.

A seguir serão apresentadas as principais características das três agências consideradas mais importantes, referidas como CIID / IDRC, *Ford Foundation* e SAREC. A análise priorizará os objetivos declarados dessas instituições e as opiniões dos cientistas entrevistados em relação à participação das mesmas na evolução das ciências sociais latino-americanas, em geral, e uruguaias, em particular.

---

<sup>49</sup> - Sem que seja intenção específica deste trabalho aludir à natureza das atividades desenvolvidas no âmbito do CLACSO, mas depois de ter analisado uma parte substantiva das publicações do Conselho – especialmente os 64 números produzidos da chamada “Carta de CLACSO” e alguns números da Revista imaginativamente intitulada “David y Goliath” – e visando dar conta do caráter do Conselho como coordenador das ações realizadas no nível regional, entendemos pertinente fazer alusão, ao papel na integração latinoamericana que o mesmo teve durante boa parte do período considerado neste trabalho. Assim, quando houve a renovação parcial dos membros do Comitê Diretivo, os quais cumpriam funções durante um período de quatro anos, este passou a ser composto por cientistas sociais da quase totalidade de países do sub-continente, com especial representação daqueles nos quais tanto CLACSO como FLACSO tinham sedes. Nesse momento (novembro de 1981, e com vigência nos cargos até 1985) foram reeleitas dez pessoas que desenvolviam atividades desde o período anterior (cujo início datava de 1977) e também eleitas mais oito pessoas – com o qual o Comitê passou a estar integrado por: Cândido Mendes de Almeida {cientista político brasileiro}, Maria Herminia Tavares de Almeida {socióloga brasileira}, Enrique Bernales {sociólogo peruano}, Julio Cotler {sociólogo peruano}, Angel Flisfisch {sociólogo chileno}, Alejandro Foxley {economista chileno}, Julio Labastida {sociólogo mexicano}, Luis Macadar {economista uruguaio}, Guillermo Molina Chocano {sociólogo hondurenho}, Trinidad Martínez Tarragó {economista mexicana}, Lucas Pacheco {economista equatoriano}, Gastón Parra Luzaro {economista venezuelano}, Henry Pease García {sociólogo peruano}, José Luis Reyna {sociólogo mexicano}, Jorge Schvarzer {economista argentino}, Héctor Silva Michelena {economista venezuelano}, Hêlgio Trindade {cientista político brasileiro} e Oscar Yujnovsky {urbanista argentino}. (CLACSO, 1982: 1). Por outro lado, naqueles anos o CLACSO contava com 9 Comissões de Trabalho cuja coordenação também estava em mãos de cientistas reconhecidos dos mais diversos países – elas/eles eram: \* Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento, Hebe Vessuri {CENDES, Venezuela}, \* Desenvolvimento Urbano e Regional, Jorge Enrique Hardoy {CEUR, Argentina}, \* Educação e Desenvolvimento, Guiomar Namó de Mello {Fundação Carlos Chagas, Brasil}, \* Estudos de Conjuntura, Rolando Ames {CISEPA, Peru}, \* Movimentos Laborais, Ignacio Marván {IISUNAM, México}, \* Estudos Rurais, Humberto Rojas {OFISEL, Colômbia}, \* História Econômica, Enrique Florescano {DEH, Bolívia}, \* População e Desenvolvimento, Vilmar Faria {CEBRAP, Brasil}, \* Programa Especial Regional de Ciências Sociais, Domingo Rivarola {CEPES, Paraguai}. (CLACSO, 1982: 24).

### 3.1.1. - CIID / IDRC

O Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento (*International Development Research Center*) do Canadá, criado em 1970, define como orientação prioritária no seu Ato<sup>50</sup> de Constituição “encorajar, apoiar e conduzir pesquisas sobre os problemas das regiões em desenvolvimento no mundo e sobre os mecanismos utilizados para a aplicação e a adaptação dos conhecimentos científicos e técnicos atendendo ao desenvolvimento econômico e social dessas regiões”. (IDRC, 1971: 7). Os seguintes objetivos específicos aparecem referidos : “contribuir para o desenvolvimento dos talentos dos cientistas naturais, dos cientistas sociais e dos tecnólogos do Canadá e de outros países; auxiliar as regiões em desenvolvimento para que construam as capacidades de pesquisa, as habilidades inovativas e as instituições adequadas para a solução dos seus problemas; encorajar, de modo geral, a coordenação das pesquisas internacionais para o desenvolvimento e fomentar a cooperação no que diz respeito a pesquisas voltadas para problemas ligados ao desenvolvimento entre regiões desenvolvidas e aquelas em desenvolvimento para seu benefício mútuo.” (IDRC, 1971: 9)

Visando atingir esses objetivos, o *Board of Governors* decidiu, logo na primeira reunião— ocorrida no Escritório Central da agência, em Ottawa, entre 26 e 28 de outubro de 1970 –, “centrar a atenção, durante os primeiros anos, para:

- (1) estender ou ampliar o estudo dos problemas dinâmicos do desenvolvimento que podem ser solucionados através da aplicação de metodologias de pesquisa científica ou de pesquisas em tecnologias aplicadas, e especialmente aqueles problemas que afetam o bem-estar de pessoas que vivem em áreas rurais e que estão experimentando a transição de um modo de vida tradicional para um moderno. Por serem de natureza variada, muitos destes problemas só poderão ser solucionados mediante o exame direto no local. Ao selecionar estes tipos de problemas, o *Board* enfatizou

---

<sup>50</sup> - O *International Development Research Centre Act* recebeu o *Royal Assent* em 13 de maio de 1970 e os *Governors* do Centro foram designados pelo *Governor-in-Council* no decorrer do mês de outubro de 1970. (IDRC, 1971: 7)

particularmente o fato de que cabe ao Centro assistir às regiões em desenvolvimento na construção de suas capacidades de pesquisa, de suas habilidades inovativas e das instituições necessárias para solucionar seus problemas. O Centro deverá estabelecer padrões de colaboração internacional que levem à união das instituições de pesquisa das nações desenvolvidas com aquelas em desenvolvimento, apoiando as comunidades acadêmicas para que se engajem em trabalhos e estudos sobre problemas compartilhados; e

- (2) [preencher] os muitos requerimentos que deverão ser satisfeitos visando a construção de um sistema mundial de informações que, satisfatoriamente, ofereça aos países em desenvolvimento as fontes documentais e os conhecimentos científico-tecnológicos necessários para a formulação de políticas de desenvolvimento e para a implementação de programas orientados ao crescimento.” (IDRC, 1971: 12)

A partir dessas diretrizes gerais, o CIID/IDRC estabeleceu quatro ‘áreas de programa’ procurando conduzir as pesquisas realizadas pelo próprio centro, e, principalmente, orientar a concessão de financiamentos do IDRC para projetos de outras instituições. Essas áreas eram: Agricultura e Ciências da Alimentação; Ciências da Informação; População e Ciências da Saúde; Ciências Sociais e Recursos Humanos. O Diretor de cada uma dessas divisões de programa era responsável pelas decisões relativas ao financiamento de projetos, devendo levar em consideração as prioridades identificadas pelos atores diretamente envolvidos com pesquisa nos países em desenvolvimento – convertendo-se ele próprio (o Diretor) numa mistura de trabalhador social e *policymaker of the low-income countries*.

Mesmo que seja do maior interesse nos aprofundar nas áreas temáticas apoiadas pelo IDRC no caso concreto do Uruguai, e ainda mais analisar se os projetos desenvolvidos pelos centros privados de pesquisa em ciências sociais se enquadravam nas áreas-macro enunciadas pelo IDRC – o qual será feito logo a seguir –, gostaríamos de salientar o fato de que a ação levada adiante pela agência, durante os anos 70 e 80, soube se orientar em torno a 3 eixos: um deles, relacionado com a alocação de recursos para a

abordagem de certas temáticas; um segundo, que diz respeito ao treinamento; e um terceiro, tendente a favorecer a política de ‘regionalização’ seguida pela agência.

No que diz respeito às ações desenvolvidas pelo CIID/IDRC em termos de temáticas, cabe destacar que, desde o início (considerando por tal o da conformação da própria instituição), esta agência atribuiu grande prioridade aos estudos relativos ao meio rural e à agricultura – sendo que o papel que coube aos trabalhos encorajados nessas áreas cresceu de importância no transcurso das décadas de 70 e 80. Evidência do significativo interesse nestas temáticas é o fato de que três das quatro divisões de programa apoiavam projetos referidos à mesma. (IDRC, 1971).

Ao quisermos analisar qual a incidência dessa orientação privilegiada da agência nas orientações temáticas que ela efetivamente financiou na América Latina, e mais especificamente, no caso do Uruguai, achamos que a prioridade concedida pelo CIID/IDRC para os temas de pesquisa relacionados com o meio rural e a agricultura pode ser claramente percebida através do apoio que esta agência concedeu, sob a forma de projetos de pesquisa, aos centros privados de pesquisa. Por exemplo, o CIEDUR recebeu financiamento do IDRC para levar adiante dois projetos intitulados: ‘Fisheries Development (Uruguay)’ e ‘Forest Exploitation and the Environment in Uruguay’; o CIESU realizou uma pesquisa sobre ‘Survival Strategies of Small Farmers (Uruguay)’; o CINVE desenvolveu um total de quatro projetos ligados a estas temáticas – quais foram: ‘Generation and Adoption of Agricultural Technology (Latin America)’, ‘Technical Change in the Dairy Sector (Uruguay)’, ‘Technical Change in the Dairy Sector (Uruguay) – Phase II’ e ‘Technological Change and Agro-Industry Development (Uruguay)’; e o CLAEH também recebeu apoio para realizar um único projeto, sobre ‘Small Farm Economics (Uruguay)’. (IDRC, 1996)

De fato, ao considerarmos o total de vinte e quatro (24) projetos financiados pelo CIID/IDRC aos centros privados uruguaios no período 1970-1990 achamos que oito (8) deles se referem a estudos vinculados à agricultura, mudanças no meio rural ou a questões associadas à alimentação – representando cerca de 33% do total. Esses oito projetos

receberam, no conjunto, CAD 696.455 dos CAD 2.086.075 – ou seja: também perto do 33% – outorgados pelo CIID/IDRC para o desenvolvimento das ciências sociais no Uruguai no período 1970-1990<sup>51</sup>.

Vale destacar que esse 34% do total tendo sido dedicado ao financiamento das pesquisas ligadas à área de agricultura de fato deixa claro o quanto a mesma era importante para a agência, porquanto “desenvolvimento rural-alimentação” mostra ser a área à qual o CIID/IDRC destinou a maior quantidade de recursos – sendo as outras consideradas “educação” (15%), “economia” (32%), “infraestrutura” (9%) e “população” (10%).

No que diz respeito, por sua vez, à distribuição dos recursos destinados a “desenvolvimento rural-alimentação” entre cada um dos centros privados em particular, cabe destacar que o CINVE foi aquele que realizou a maior quantidade de pesquisas sobre a temática: 50% delas, sendo quatro (4) no total de oito (8); e também o que recebeu a maior quantidade de recursos financeiros para tal fins, CAD 356.355, dos CAD 696.455 – ou seja: 51%. (IDRC, 1996)

Ao tratarmos do *Centro de Investigaciones Económicas* (CINVE), no segundo capítulo deste trabalho, enfatizou-se que, muito especialmente a partir de 1982, o centro centrou sua agenda de pesquisa no tratamento de temas como o da modernização agrícola, o da agroindustrialização e, também, o da inserção externa dos produtos uruguaios. Esse é um fator importante a considerar, especialmente dado o fato de que, em 1981 e 1982, o CIID/IDRC financiou ao CINVE dois projetos de pesquisa sobre estes temas – projetos cuja execução teve lugar entre 1981 e 1983, no caso do primeiro, e entre 1983 e 1986, para o do segundo. Tais projetos, intitulados “Technical Change in the Dairy Sector (Uruguay), Phase I e II”, estiveram sob a responsabilidade da Prof. Célia Barbato da Silva – especialista que, até anos atrás, na esfera da Universidade da República, tinha trabalhado sobre questões ligadas à incorporação de tecnologias no meio rural. Assim, o

---

<sup>51</sup> - Note-se que a cotação do dólar canadense, durante os últimos quinze anos, tem correspondido a aproximadamente dois terços do dólar estadunidense; vale dizer que no mercado cambial a relação é de U\$S 1 = \$CAD 1,30

CIID/IDRC ter apoiado a equipe do CINVE com mais do 50% do orçamento dedicado aos estudos agrários no Uruguai é um elemento que não pode se dissociar nem da trajetória e institucionalização do centro em questão nem dos interesses marcantes da agência canadense.

Cabe salientar, também, e dada a ‘proximidade’ registrada entre as temáticas de “desenvolvimento rural-alimentação” e a de “economia”, que os projetos de economia que implicaram um maior investimento (em recursos financeiros) por parte do CIID/IDRC – ou seja: os que contribuíram de maneira notória para que o tema “economia” atingisse 32% dos recursos – foram aprovados em 1981 (após a quebra da fase de maior repressão da ditadura e quando já era possível que os pesquisadores fizessem referência à política econômica e monetária seguida desde a instauração da mesma); no início de 1984 (para analisar a reestruturação econômica que estava deslançando como consequência da crise do petróleo advinda em 1982); em 1985 (ao CIESU, em temática estreitamente ligada a questões de ciência e tecnologia); e em 1988 (ao CINVE, com o intuito de melhor entender as mudanças relacionadas com a reestruturação industrial no país). Assim, e como mera hipótese, pode-se pensar no fato de que os projetos voltados para analisar questões de ordem econômica tenham alcançado dito patamar dado o interesse por melhor entender os processos, tanto produtivos quanto monetários; os vai-e-vens, relacionados com a flutuação e a mobilidade dos capitais alocados no sistema bancário do Uruguai como praça financeira: política explícita mantida pelo governo após 1985; e as contingências, conforme elas iam surgindo.

Isso, por outro lado, diz respeito a um tema ao qual haveremos de nos referir ainda nesta seção mas em relação ao qual, para adicionar elementos de análise, consideramos pertinente fazer menção de forma rápida. A partir do indicado por vários dos cientistas entrevistados, a importância outorgada aos estudos econômicos, num contexto de clara instabilidade, diz respeito ao diálogo estabelecido entre a agência e os pesquisadores – no sentido de que a negociação dos projetos a serem financiados pelo CIID/IDRC partiam do estabelecimento de um diálogo a respeito dos temas e da significância que eles representavam. Os estudos de corte rural/agrário/alimentar, tal como os próprios

documentos revelam, eram prioridade da agência, pelo qual cabe não deixar de vislumbrar que, além de serem financiados pela importância que eles tinham para compreender a realidade local, eles também revestiam o caráter de se enquadrar dentro dos eixos prioritários definidos pelo Escritório Regional do IDRC, em consonância com as políticas delineadas em Ottawa.

Até este ponto, remetemos às áreas de desenvolvimento rural e de segurança alimentar como prioritárias da agência com base nos documentos encontrados a respeito e com base na listagem de projetos financiados aos centros uruguaios. Agora gostaríamos de ratificar dita prioridade com base nos dados obtidos em relação à distribuição orçamentária do CIID/IDRC. Para isso, em primeiro lugar, devemos considerar que, no período 1970-1986, “dos 434 milhões que o IDRC gastou, aproximadamente, em pesquisas para o desenvolvimento, mais de 44% foi gasto em pesquisas sobre ‘alimentação’, [considerada] uma ‘área problemática de desenvolvimento’, seguida por gastos de infra-estrutura (16%), saúde (9,8%), economia (9,3%), educação (6,7%), população (5,4%), meio ambiente (3,6%), água (1,7%), desemprego (1,6%), energia (1,1%), equidade (1%), habitação (0,9%) e algumas outras”. (GERTLER, 1987 apud DAVIS, 1997: 271)

Eis aí os dados que dizem respeito ao *budget* geral da instituição. Ao analisarmos os dados correspondentes aos projetos financiados pelo CIID/IDRC no Uruguai no mesmo período – com o intuito de achar eventuais correlações – encontramos que, precisamente devido ao peso relativo alcançado pelos projetos financiados na área de Economia, registram-se pequenas variações na classificação das áreas temáticas indicadas na distribuição geral da agência, quando considerando a quantidade de projetos. Mas o *cohorte* percentual diferenciado apresenta semelhanças (com exceção feita à área de economia, pelas razões já manifestadas) com o *budget* geral, ao considerarmos os aportes financeiros, ou seja: o dinheiro ‘gasto’ ou investido pela agência.

O número de projetos financiados aos centros privados uruguaios entre 1970 e 1986 foi de vinte e um (21) – sendo que, como já foi apontado, o total para o período

1970-1990 foi de vinte e quatro (24). Desses vinte e um projetos, sete (7) foram de desenvolvimento rural-alimentação {33%}, dois (2) de infra-estrutura {10%}, sete (7) de economia {33%}, três (3) de educação {14%}, e dois (2) de população {10%}. Não se registraram projetos que atendessem à área de saúde nem àquelas que no *budget* geral da agência alcançaram cotas percentuais no entorno ou menores a 1% por cento. Cabe notar, ainda, que embora a quantidade de projetos dedicados a “infraestrutura” não se situasse no mesmo patamar que o deste item no *budget* geral do IDRC, ao analisarmos a distribuição dos recursos financeiros à ‘área’, sim registra-se uma cota similar. Ou seja: o CIID/IDRC só financiou dois (2) projetos que atenderam a gastos de infraestrutura, perfazendo perto de 10% dos projetos financiados, mas esses dois projetos atingiram cerca de 23% dos recursos destinados às atividades de pesquisa no Uruguai.

A distribuição correspondente aos vinte e um (21) projetos financiados, por um valor total de CAD 1.693.000, no período 1970-1986 segundo os recursos financeiros é apresentada a seguir:

**DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO** : CAD 543.655, representando o 32% do total dos recursos alocados.

**INFRAESTRUTURA** : CAD 392.810, representando o 23% do total dos recursos alocados.

**ECONOMIA** : CAD 591.650, representando o 35% do total dos recursos alocados.

**EDUCAÇÃO** : CAD 92.885, representando o 5% do total dos recursos alocados.

**POPULAÇÃO** : CAD 72.000, representando o 4,% do total dos recursos alocados.

Por sua vez, a distribuição – por quantidade de projetos financiados, temas e recursos orçamentarios (em dólares canadenses) – desses projetos é a seguinte:

**Ao CIEDUR**

Número de projetos financiados ao CIEDUR: 2  
DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO : 1 (50%)  
ECONOMIA : 1 (50%)  
Total em dólares canadenses ao CIEDUR: 139.140 (8% do total)  
DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO : 70.800 (51%)  
ECONOMIA : 68.340 (49%)

**Ao CIESU**

Número de projetos financiados ao CIESU: 10  
DESENVOLVIMENTO RURAL - ALIMENTAÇÃO: 1 (10%)  
INFRAESTRUTURA : 2 (20%)  
ECONOMIA : 3 (30%)  
EDUCAÇÃO : 2 (20%)  
POPULAÇÃO : 2 (20%)  
Total em dólares canadenses ao CIESU: CAD 825.605 (49% do total)  
DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO : 63.300 (8%)  
INFRAESTRUTURA : 392.810 (48%)  
ECONOMIA : 231.210 (28%)  
EDUCAÇÃO : 66.285 (8%)  
POPULAÇÃO : 72.000 (8,72%)

**Ao CINVE**

Número de projetos financiados ao CINVE: 7  
DESENVOLVIMENTO RURAL - ALIMENTAÇÃO: 4 (57%)  
ECONOMIA : 3 (43%)  
Total em dólares canadenses ao CINVE: 648.455 (39% do total)  
DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO : 356.355 (55%)  
ECONOMIA : 292.100 (45%)

**Ao CLAEH**

Número de projetos financiados ao CLAEH: 2  
DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO: 1 (50%)  
EDUCAÇÃO : 1 (50%)  
Total em dólares canadenses ao CLAEH: 79.800 (5% do total)  
DESENVOLVIMENTO RURAL – ALIMENTAÇÃO : 53.200 (67%)  
EDUCAÇÃO : 26.600 (33%)

Tal como pode se depreender da leitura dos dados apresentados, o centro privado que teve um maior número de empreendimentos apoiados pelo CIID/IDRC foi o CIESU – foi, também, o centro que concentrou a maior parte do orçamento alocado pelo CIID/IDRC no Uruguai (49%), aquele que desenvolveu um leque mais amplo de temáticas, o único ao qual a agência apoiou em termos de Infraestrutura, e também o único a receber recursos financeiros do IDRC para tratar de População – inclusive porque o CIESU era o único centro uruguaio a contar com uma Demógrafa: a Prof. Nelly Niedworok.

Note-se, ademais, que neste detalhamento dos que poderíamos considerar ‘pesos específicos’ de cada sub-área no *budget* do IDRC para o lapso de uma década e meia, a “educação” aparece numa posição significativa – ainda que esta área não tivesse sido indicada como prioridade do Centro ao realizarmos nossa pesquisa com base nos documentos iniciais do mesmo. A “educação”, assim, aparece como sendo uma novidade no espectro de interesses do IDRC só após 1980. Isso, em alguma medida, acreditamos guarde relação com o que acontecera com agências e fundações do mesmo teor naquela época. Tal como o salientamos na Introdução ao presente trabalho, quando tratamos das controvérsias derivadas do Projeto Camelot, também no que diz respeito às temáticas específicas que foram apoiadas pelas instituições financiadoras é possível apontar para o ‘direcionamento’ das agências segundo diretrizes que visavam atender não só aos interesses delas próprias.

Neste sentido, interessa destacar que “o *International Council for Educational Development* realizou um estudo abrangente da assistência estrangeira para educação superior em países da América Latina, África e Ásia nos anos 1974-75. A intenção era responder à pergunta que, embora tivesse sido colocada pelo representante do Banco Mundial, de fato era compartilhada pelos outros onze doadores que sustentavam a iniciativa: a contribuição para o desenvolvimento da educação superior é menor do que ela deveria?” (THOMPSON & FOGEL, 1976: 3 apud EISEMON & HOLM-NIELSEN, 1996: 75). E interessa destacar, também, que essa dinâmica – pela qual se colocavam em

pauta temáticas que eram do interesse dos governos dos países de origem das agências ou das organizações internacionais (geralmente pertencentes ao sistema das Nações Unidas) às quais esses governos deviam responder, dado o caráter de Estado Membro dos mesmos –, nos seus inícios vinculou-se fortemente ao Plano Marshall e logo foi característica do período da Guerra Fria. Segundo vários autores, um fator primordial no papel que coube às agências e fundações filantrópicas foi, antes de mais nada, atuar como agentes encarregados de financiar as pesquisas que permitissem gerar as informações necessárias para a manutenção do *status quo*<sup>52</sup> (FEINGOLD, 1987; KARL & KATZ, 1987; LARSEN, 1992) ou, mais ainda, na produção e reprodução de hegemonia<sup>53</sup>.

No caso específico do apoio dado pelo CIID/IDRC aos centros privados uruguaios em matéria de educação até o ano 1990, cabe destacar que esta área temática recebeu cerca de 15% do montante outorgado – e isso mediante o apoio a quatro projetos de pesquisa, que perfazem 17% do total das propostas financiadas pela agência. Um dos principais projetos nesta linha foi financiado CIESU, em 1983, sob o título de “Technology, Employment and Education (Uruguay)”. Ele se reveste de particular significado porquanto é um dos projetos que, em consonância com o que se indicara no início deste item, evidencia o financiamento dado a temáticas que eram do interesse da agência e com relação às quais a própria agência fomentava que se compartilhassem resultados.

A estrutura e as divisões organizacionais do IDRC, relativas às quatro áreas de programa indicadas (as quais eram: Agricultura e Ciências da Alimentação; Ciências da Informação; População e Ciências da Saúde; Ciências Sociais e Recursos Humanos), permaneceram inalteradas durante as primeiras duas décadas da sua existência. Porém, em

---

<sup>52</sup> - Como nota adicional cabe assinalar que Paul Hoffman, quem assumiu a presidência da Ford Foundation em setembro de 1950, quando contatado por Henry Ford (em 1949) para convidá-lo a se integrar à Ford “estava próximo ao término da sua espetacular e muito bem sucedida etapa como administrador do Plan Marshall.” (SUTTON, 1987: 53).

<sup>53</sup> - Uma das arestas mais notáveis dentre as discussões geradas em torno ao papel das fundações na produção de hegemonia (num momento no qual a hegemonia resultava vital para o processo de globalização: metade da década dos 80) alcançou seu ápice no debate mantido por Donald Fisher e Martin Bulmer nas páginas de vários números da muito bem conceituada revista *Sociology*. A respeito, consultar: FISHER (1983), BULMER & FISHER (1984) e ROELOFS (1984).

1980 foi criada uma Divisão Cooperativa, que objetivava promover laços de colaboração entre os pesquisadores canadenses e os dos países em desenvolvimento. Durante os anos 80 também se criaram vários outros pequenos programas ou divisões de serviço, dentre os quais cabe destacar o de Comunicações, outro de *Fellowships and Awards*, e um terceiro de Engenharias e Ciências da Terra (DAVIS, 1997: 270).

A partir, precisamente, da criação dessas novas divisões de serviço, o CIID/IDRC direcionou-se ao segundo eixo que, segundo estabelecemos, orientou suas ações na América Latina: o do treinamento e/ou formação de recursos humanos para pesquisa.

Analisando, precisamente, qual o relacionamento mantido pelo CIID/IDRC com os centros privados uruguaios no que diz respeito à formação de recursos humanos para pesquisa em ciências sociais, cabe notar que a agência não teve uma atuação de destaque neste sentido. O CIID/IDRC não desenvolveu ações específicas que conduzissem à formação de pesquisadores mediante a concessão de bolsas – mesmo que em 1972 a divisão de *Fellowships e Awards* tivesse estabelecido quatro categorias de bolsas a serem oferecidas pelo IDRC visando contribuir ao treinamento de pesquisadores. Tal como pode se deduzir das definições em relação às mesmas, esses quatro tipos de bolsas<sup>54</sup> não implicavam qualquer comprometimento do IDRC na formação de pesquisadores jovens

---

<sup>54</sup> - Sendo elas: [1] Bolsas para pesquisa, Tese de Doutorado. Concedidas a pesquisadores canadenses, cujo tema de estudo estivesse comprometido com atividades na área do desenvolvimento. “A maioria das pesquisas apoiadas por esta doação serão feitas nas regiões em desenvolvimento, como forma de garantir que um número cada vez maior de pesquisadores canadenses venha a se familiarizar com esse mundo” (IDRC, 1973: 78). [2] Bolsas para pesquisa e viagens visando o desenvolvimento internacional. Por intermédio destas bolsas o Centro esperava reforçar os conhecimentos práticos dos professores jovens que estivessem começando uma carreira na área do desenvolvimento internacional, em universidades canadenses. Tratava-se, então, de motivar esses professores para que realizassem pesquisa num país em desenvolvimento (IDRC, 1973: 80). [3] Bolsas para Pesquisadores Associados. “As bolsas destinadas aos pesquisadores associados têm como principal finalidade abrir novos caminhos para especialistas canadenses – fazendo com que os interessados, com pouca ou nenhuma experiência em países em desenvolvimento, possam se entusiasmar e comprometer suas faculdades ao se especializarem nesta área. Com este espírito, a ajuda acordada permite ao bolsista se dedicar um ano à pesquisa, ou realizar algum curso especial de capacitação, visando aprofundar seus conhecimentos nos problemas do desenvolvimento” (IDRC, 1973: 81), e [4] Pesquisadores Bolsistas. Ao conceder bolsas para Pesquisadores o Centro estava se propondo “reconhecer os excelentes trabalhos e as melhores contribuições feitas na área do desenvolvimento. Esta bolsa objetiva dar – a profissionais, acadêmicos e ‘homens de Estado’; tanto canadenses quanto dos países em desenvolvimento – a oportunidade de aprofundar sua experiência anterior, dedicando um ano a escrever, refletir e pesquisar.” Os projetos ou propostas seriam escolhidos pelo Comitê Executivo do CIID/IDRC, com base nas recomendações do Presidente. Não seriam outorgadas mais de cinco bolsas a cada ano (IDRC, 1973: 83-84).

dos países em desenvolvimento – porquanto as três primeiras modalidades para capacitação eram destinadas a profissionais canadenses e dado que os pesquisadores de países do ‘terceiro mundo’ só poderiam se candidatar na quarta modalidade. E ainda que houvesse essa modalidade de bolsa que podia ser usada pelos *developing countries*, ela não foi usado no caso do Uruguai.

Entretando, algumas atividades financiadas aos centros privados de pesquisa pelo CIID/IDRC redundaram na formação de recursos humanos, como se constatou a partir dos dados coletados nos arquivos do próprio Centro. Nos documentos destaca-se “que o junior staff [que participou do projeto #81-0221] teve a possibilidade de incrementar sua experiência a través da participação na pesquisa” (IDRC, 1996: 50). De igual modo, “nove estudantes [que participaram do apoio #82-0118] concluíram o estágio curricular no Programa de Formação para Pesquisadores em Sociologia, iniciado em 1983, e passaram a preparar suas teses. Outros vinte bolsistas foram recrutados em 1985” (IDRC, 1996: 54). Assim, a contribuição do CIID/IDRC no que diz respeito à formação de pesquisadores em ciências sociais no Uruguai deu-se, *ipso factum*, pelo treinamento de novos pesquisadores dentro dos próprios projetos financiados pela agência.

Com vistas a melhor entender a incidência do papel desempenhado pelo CIID/IDRC, no que se refere ao treinamento de pesquisadores, nas dinâmicas operacionalizadas pelos centros privados, cabe assinalar uma em particular – por ter sido aquela que se revestiu de maior significado. No ano de 1983 o CIESU criou um Programa de Formação de Pesquisadores em Sociologia. Nesse momento o centro estava finalizando o último dos projetos financiados pela *Ford Foundation*, preocupava-se pela necessidade crucial de procurar novos recursos financeiros e – pelo fato da Universidade não desenvolver atividades ligadas à pesquisa – entendeu que criar um programa desse teor poderia atrair jovens interessados em aprimorar sua formação mediante o engajamento em projetos. Isso, por sua vez, faria com que o CIESU passasse a contar com dinheiro proveniente do pagamento pelos cursos. Com vistas à constituição do Programa de Formação de Pesquisadores, o CIESU dedicou grande parte dos recursos recebidos da SAREC, sob a forma de *grants institucionais*, para pagamento aos docentes e

pesquisadores associados que ministravam as disciplinas do programa – sendo que os jovens treinavam suas habilidades atuando como assistentes nos projetos de pesquisa financiados pelo CIID/IDRC. Eis aí a contribuição da agência canadense na formação de pessoal. A mesma não teve a forma de “bolsas” diretamente orientadas à capacitação de recursos humanos, mas igualmente propiciou o treinamento de novos pesquisadores.

O terceiro eixo em torno ao qual o CIID/IDRC orientou suas atividades na América Latina foi o que chamamos de “regionalização” devendo-se sublinhar que a orientação da agência consistia em priorizar a implementação de ações que extrapolassem o âmbito local. O trecho a seguir, achado num dos documentos que mais precocemente pautaram a política do IDRC a este respeito, resulta bastante ilustrativo:

“Os projetos de desenvolvimento que venham a contribuir para melhorar as condições de vida de populações situadas em áreas rurais são de responsabilidade de três Divisões de Programa do Centro: Agricultura, Alimentação e Ciências da Nutrição; População e Ciências da Saúde; e Ciências Sociais e Recursos Humanos. A quarta Divisão, a de Ciências da Informação, é única entre as instituições de desenvolvimento similares ao IDRC. O Centro vai estar cumprindo só com uma parte das suas tarefas atribuídas se simplesmente apoiar projetos de pesquisa cujos resultados sejam relevantes para a localidade aonde as atividades de pesquisa forem realizadas. É necessário que as pesquisas sejam ‘regionalmente efetivas’ – isto é, é necessário que sejam relevantes em diversos lugares. E os resultados obtidos precisam ser disseminados em todos esses lugares” (IDRC, 1972: 11).

Em consonância com esse interesse por promover a regionalização, durante os anos 70 e 80, a agência utilizou três estratégias diferentes. A primeira delas compreendia a promoção, e organização, de reuniões científicas, ou o alocamento de recursos para que os pesquisadores participaram de simpósios e seminários na região, visando se conhecerem, estabelecerem ‘redes’ informais e começarem a intercambiar dados e informações sobre temas que já fossem comuns ou que pudessem vir a sê-los. Para dar uma evidência clara desta estratégia orientada a que os cientistas partilhassem resultados e se inscrevessem numa comunidade científica regional, é pertinente destacar, por exemplo, que os resultados surgidos da pesquisa sobre “Technology, Employment and Education

(Uruguay)”, por exemplo, “foram apresentados em um seminário organizado pelo IDRC em Santiago, Chile, em 1984” (IDRC, 1996: 57).

A segunda estratégia – enunciada, inclusive, no final do trecho citado – consistia em fazer uma divulgação ampla dos resultados obtidos como produto das pesquisas que se houvesse desenvolvido. A instrumentalização deste interesse por disseminar o produzido deu lugar, no caso de um dos projetos realizados no CIEDUR sob o apoio do IDRC<sup>55</sup>, à publicação de quase 1000 cópias do relatório final – sendo que, delas, “aproximadamente 700 foram distribuídas entre *policymakers*, pesquisadores e outras agências de apoio ao desenvolvimento” (IDRC, 1996: 77).

Finalmente, a terceira estratégia de regionalização consistia em apoiar a realização de projetos conjuntos – estratégia que se efetivou fosse pelo financiamento de estudos comparados, fosse pelo financiamento ‘simultâneo’, em vários países, de projetos que versassem sobre temática(s) similar(es). Um claro exemplo que dá conta dessa estratégia da agência para o caso uruguaio será apresentada logo a seguir.

Antes disso gostaríamos de salientar que, ao procurarmos encontrar material que nos guiasse, visando entender quais as razões, ou as motivações, pelas quais a agência entendeu pertinente apostar na regionalização, achamos que Charles Davis – especialista que desempenhou funções na agência durante vários anos e que, até 1997, foi Diretor do Escritório do CIID/IDRC para América Latina e o Caribe –, com base numa avaliação da agência da década dos 80, indica que:

“Os 'Observadores' do Centro [IDRC] identificaram as dimensões críticas ao redor das quais, historicamente, no interior da Instituição, os valores foram articulados, debatidos e expressados por meio da tomada de decisões. Olhando numa perspectiva programática, os cinco principais elementos críticos do Centro dizem respeito aos níveis de concentração ou dispersão dos temas de pesquisa; aos processos pelos quais as prioridades são definidas e os participantes se envolvem neles próprios; às formas nas quais os atores não-cientistas (especialmente os

---

<sup>55</sup> - Projeto intitulado “Informal-Sector Enterprises in the Apparel Industry (Uruguay)” e catalogado com o código # 85-0310 nos arquivos do CIID/IDRC.

governos e os grupos da sociedade civil) deveriam-se envolver em pesquisa; aos *tradeoffs* entre pesquisas orientadas a aplicações e pesquisas de grande alcance ou capacidades de desenvolvimento; e aos princípios organizacionais corretos da pesquisa internacional para o desenvolvimento: setorial ou integrada, disciplinar ou multidisciplinar, etc. Em relação a estas variáveis, as tendências nos anos 80 situam-se no escopo da concentração dos gastos em algumas poucas áreas: da preferência em investir em redes de pesquisas tanto horizontais quanto verticais antes do que em projetos individuais (com os correlatos exercícios de consulta e definição das agendas nos níveis horizontal e vertical).” (DAVIS, 1997: 269) [Sublinhado nosso]

Precisamente, é no marco dessa preferência, salientada por Davis, em investir em redes de pesquisas tanto horizontais quanto verticais, antes do que no financiamento de projetos individuais, que pode se situar a gênese da estratégia de regionalização efetivada a partir do financiamento de projetos conjuntos. Durante o período 1976-1990, o CIID/IDRC apoiou a realização, por parte dos centros privados uruguaios, de um total de três pesquisas transacionais, sendo que, como é de se supor, o caráter delas próprias – qual seja, o de favorecer a produção de conhecimento sobre uma determinada temática, assim como o treinamento de pessoal qualificado em torno a esses temas, por parte de grupos de pesquisa nucleados em instituições de diferentes países – apontava *per se* ao estreitamento de laços entre equipes cooperantes.

Além da já referida pesquisa sobre “Technology, Employment and Education (Uruguay)”, trata-se dos projetos intitulados: “Population Distribution Policies (Latin America)” – no qual participaram o *Centro de Estudios de Población* (CENEP) de Buenos Aires, Argentina; o *Centro de Investigaciones Sociales* (CIS) de La Paz, Bolívia; o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) do Rio de Janeiro, Brasil; o *Centro para el Desarrollo Rural y Cooperativo* (CENDERCO) de Santiago, Chile; a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) também com sede em Santiago, Chile; *Corporación Centro Regional de Población* (CCRP) de Santafé de Bogotá, Colômbia; o *Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos* (CPES) de Asunción, Paraguai; e o CIESU de Montevídeu, Uruguai; e o “Generation and Adoption of Agricultural Technology” – do qual faziam parte o *Centro de Investigaciones Sociales*

*sobre el Estado y la Administración* (CISEA) de Buenos Aires, Argentina; o *Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas* (IICA) de Santafé de Bogotá, Colômbia; a *Oficina de Investigaciones Socio-Económicas y Legales* (OFISEL) de Santafé de Bogotá, Colômbia; e o CINVE de Montevideú, Uruguai.

Por outro lado, e como forma de nos introduzir num tema que abordaremos com maior grau de detalhe ao tratar da *Ford Foundation* – o relativo a quais as linhas que orientam as agências e qual o relacionamento que seus oficiais acreditavam deveriam manter com os cientistas – chamamos a atenção aqui sobre o que os primeiros destacavam:

“Um dos elementos que aparentemente constitui um legado do Centro é a sua forma de operar. Muito se tem pensado nesta questão do estilo mas já nos estatutos confirmados na Reunião Inaugural do *Board of Governors*, em outubro de 1970, o Presidente disse: ‘Ao se estabelecer a posição do IDRC em relação às instituições com as quais se cooperará eu manifesto que essa posição deve se fundamentar na crença de que elas, e não nós, são os melhores juizes do que é relevante segundo suas circunstâncias. Até esta crença se demonstrar errada eu vou preferir deixar a tomada de decisões sobre o *management* dos nossos apoios em mãos dos nossos *partners*, reservando para nós mesmos apenas os direitos de fazer auditorias e revisões ou inspeções periódicas. Caso isto seja bem sucedido, nós seremos os pioneiros no estabelecimento de um novo estilo de operacionalidade internacional que pode remover o estigma da caridade e do controle dos doadores, do sistema de apoio à pesquisa em condições de desenvolvimento’ ” (IDRC, 1972: 12-13)

Esta postura, por sua vez, foi confirmada por um cientista no decorrer de uma das entrevistas realizadas:

“O condicionamento das agências nunca foi do tipo teórico e eles nunca nos deram um marco de referência. Nesse sentido, de maneira alguma. Ao contrário, eu diria que naquele momento a maioria dos caras das agências, ou pelo menos os das quatro principais no Cone Sul: IDRC, IAF, Ford e SAREC, eram super progressistas. Estava toda aquela história dos ‘agentes do imperialismo’ e tal, porém era gente super progressista e que deu um apoio impressionante ao fomento da ciência.

Talvez o condicionamento passasse mais pelos temas e pelas linhas de pesquisa, mas do ponto de vista teórico ou ideológico nós fazíamos o que queríamos fazer, e depois só tínhamos de enviar-lhes os informes e as publicações derivadas do trabalho. Eu acredito que o que mais havia era temor da nossa parte, um grande medo gerado pelo isolamento. Os problemas maiores em ciências sociais eram decorrentes do isolamento.”

De acordo com o que o entrevistado salienta, e tal como foi possível identificar a partir da análise das temáticas financiadas, o IDRC financiou projetos em torno das temáticas que tinham sido priorizadas desde um início por ela própria. Vale destacar, nesse mesmo sentido, que, exceção feita à área de Economia, a distribuição orçamentária dos projetos apoiados aos centros privados em ciências sociais do Uruguai é correlata para com o *budget* geral da instituição e, mais ainda, que as orientações seguidas em matéria de treinamento de pessoal e/ou formação de pessoal no caso do Uruguai também foi inteiramente pautada pela CIID/IDRC.

Finalmente, as estratégias de regionalização que, tal como explicitamos, conseguimos achar em materiais documentais e também em trabalhos publicados por especialistas que bem conhecem quais as prioridades e linhas demarcativas da agência, também guardam relação com o teor das atividades impulsionadas nos centros privados de pesquisa. Ao nosso entender, então, embora os cientistas sociais tivessem graus de liberdade suficientes para colocar suas demandas, e serem ouvidos pelos *Program Officers* do CIID/IDRC – daí, em parte, a explicação que achamos para o fato da Economia ter alcançado tal destaque –, entendemos que, em linhas gerais, no caso do CIID/IDRC, a agência procedeu a financiar a realização dos estudos que versassem sobre temáticas por ela pré-definidas.

### 3.1.2. - FORD FOUNDATION

A *Ford Foundation* é uma instituição filantrópica de caráter privado, cujo propósito, definido no momento da sua constituição, é realizar atividades “dedicadas a alcançar a paz mundial e a melhorar as condições de vida das populações do mundo” (FORD FOUNDATION, 1990: 4). A partir das políticas delineadas por um *Board of Trustees*, esta fundação concede *grants* e outros tipos de auxílio visando contribuir ao “fortalecimento e à difusão dos valores democráticos, a redução da pobreza e da injustiça, a promoção da cooperação internacional, e a geração de conhecimentos que conduzam aos consentâneos logros da humanidade”. (FORD FOUNDATION, 1998: 1)

A Fundação foi criada em 1936 pelo empresário da indústria automobilística Henry Ford junto ao seu filho Edsel, mas ela funcionou, até 1950, como uma instituição filantrópica e de caridade no seu local de origem: o estado de Michigan, nos Estados Unidos da América do Norte. A partir da década de 50 – em consonância com a determinação de seus fundadores, mortos nos anos 40 – a fundação começa a implementar um programa internacional de ajudas e doações que vai sendo gradualmente ampliado – sempre mantendo o ‘espírito’ próprio de “uma organização independente, que não persegue fins lucrativos e é não governamental”, segundo as palavras de um dos ‘oficiais’ entrevistados.

A independência da fundação está referida ao fato de que ela não mais mantém qualquer vinculação com a família Ford ou com a *Ford Motor Company*, além do que, atualmente, também não recebe qualquer tipo de ajuda ou contribuições de fontes externas. Sua disponibilidade de recursos financeiros provém de “fundos próprios, que consistem num portfólio bastante diversificado de *stocks*, ações e outros investimentos” (FORD FOUNDATION, 1990: 4), sendo que as atividades de natureza filantrópica destinam-se ao tratamento de problemas sociais, tanto nos Estados Unidos como em outros países, particularmente nas nações em desenvolvimento.

Vale destacar, ademais, que os *grants* concedidos *pela Ford Foundation* limitam-se a seis categorias – que correspondem com os seis sub-programas estabelecidos no ano de 1972. Tais categorias são: Pobreza Urbana, Pobreza e Recursos Rurais, Direitos Humanos e Justiça Social, Políticas Públicas e de Governabilidade, Educação e Cultura, e Assuntos Internacionais. Mesmo assim, em um dos documentos fundacionais determinouse que as atividades de programas a serem desenvolvidas em cada um dos países que recebem auxílio, ainda que sempre associadas a alguma das seis áreas temáticas, “são determinadas em função das necessidades e prioridades estabelecidas em nível local”. (FORD FOUNDATION, 1973: 33)

Neste ponto, e retomando a problemática apresentada logo na Introdução deste trabalho, em relação a quais os motivos que orientam as agências e fundações, cabe destacar que num artigo de Sérgio Miceli, publicado numa coletânea que esse autor organizou sob o título de ‘A Fundação Ford no Brasil’, indica-se que “no clima político acirrado pela ‘guerra fria’ no início da década de 1960, o anticomunismo não podia deixar de ser uma das motivações centrais na decisão da Fundação de estender suas atividades aos continentes latino-americano e africano. [...] A manutenção de governos democráticos, a colaboração com os esforços da Aliança para o Progresso e a resistência à expansão comunista figuravam entre as preocupações dos integrantes do comitê dirigente da Fundação Ford na época. Entretanto, a concretização dessas metas genéricas tinha de passar por dilemas concretos; em especial a posição bastante peculiar de uma fundação privada instada a operar numa direção doutrinária idêntica à da política externa norte-americana, mas, ao mesmo tempo, orientada por objetivos de política cultural, como a expansão da capacidade institucional dos sistemas de produção intelectual, científica e acadêmica, dos países atendidos” (MICELI, 1993: 39).

Após termos analisado parte substantiva dos empreendimentos realizados no Uruguai sob os auspícios da Fundação Ford podemos argumentar que a “contradição” que se haja latente nas palavras de Miceli vê-se refletida nos impulsos dados pela *Ford Foundation* na institucionalização e evolução das ciências sociais ao interior dos centros

privados – mas dessa contradição haveremos de tratar, dialogando junto com os cientistas entrevistados, algumas páginas na frente. Não obstante isso, e no que diz respeito aos fins primeiros, ao revisarmos os motivos que conduziram à concessão de recursos para o desenvolvimento das ciências sociais no período que se iniciou em 1974, verificamos que:

“Os dois principais objetivos que guiaram a ação da *Ford Foundation* foram a promoção da autonomia institucional e o desenvolvimento de pesquisas na sociedade uruguaia.” (FORD FOUNDATION, Inter-office Memorandum, April/16/1980)

Por outra parte, outro fator que também incidiu nas ações e orientações seguidas pela Fundação na América Latina relaciona-se com certas escolhas que tiveram de ser feitas na própria *Ford Foundation*. Em 1993, quando Franklin Thomas era o Presidente em exercício da Fundação, ele salientou: “em 1974, a FF deparou-se com algumas escolhas fundamentais. Por quase dezesseis anos, ela vinha gastando uma soma de aproximadamente o dobro de sua receita, e financiou o déficit vendendo seus ativos financeiros. A idéia era que, no longo prazo, seria possível um retorno total, a partir dos rendimentos de seu portfolio. Em 1974, a Fundação foi abatida pela realidade. Seu capital despencara e 3,5 bilhões de dólares para 1,6. Tudo isso numa velocidade que, se mantida, dissiparia todo o valor do capital nos oito ou nove anos subseqüentes. [...] Para preservar o funcionamento da Fundação, os curadores realizaram uma drástica redução de gastos. O orçamento para os quatro anos seguintes foi cortado em 50 por cento; o mesmo que aconteceu com seu quadro de funcionários. Assim, por volta de 1978, o orçamento anual da Fundação girava em torno de 100 milhões de dólares, sendo que, no passado, essa cifra atingira a casa dos 350 milhões. Seu capital, em compensação, estabilizou-se acima dos dois bilhões de dólares e seu *staff* era de cerca de oitocentos funcionários em todo o mundo” (THOMAS, 1993: 18-19).

Por sua vez, no começo da década de 80, quando a redução orçamentária já tinha se sucedido<sup>56</sup>, o apoio da *Ford Foundation* às atividades acadêmicas dos centros privados,

---

<sup>56</sup> - Redução que, dito seja de passagem, coincidiu com a etapa a partir da qual a Fundação Ford não mais ofereceu assistência financeira aos centros privados. Note-se que Thomas faz referência ao ano de

segundo registrado nos memorandos internos da Fundação aos quais tivemos acesso – ou seja, documentos que pretensamente não eram pensados para terem difusão pública – era discutido sobre a base de dois pontos. Vale dizer que esses memorandos evidenciam que os responsáveis pela tomada de decisões em relação à região da América Latina consideravam dois objetivos pelos quais, eventualmente, manter os apoios brindados: “preservar a manutenção de um mínimo pensamento crítico e independente numa região em que as liberdades de ordem intelectual tinham sido severamente cortadas, e tanto documentar como compreender um processo pleno de mudanças sociais historicamente únicas”. (FORD FOUNDATION, Inter-office Memorandum, June/6/1980).

Por outra parte, e no que diz respeito, precisamente, às posições ou posturas ‘típico-ideais’ adotadas pelas agências internacionais ou fundações filantrópicas que, até aquele momento tinham apoiado o desenvolvimento de pesquisas sob condições repressivas, Jeffrey Puryear chama a atenção para o fato de que face a essas situações os doadores externos tinham tido três alternativas possíveis: a) ajustar seus próprios programas visando acomodá-los às preferências dos novos governos impostos; b) desistir de apoiar o desenvolvimento de atividades, como forma de protesto pela violação dos princípios básicos relativos aos direitos humanos, aos procedimentos democráticos e às liberdades pessoais ou c) permanecer no país encorajando o desenvolvimento de projetos relacionados ao alcance de metas sociais de longo prazo, porém que não dessem suporte, nem substantivo nem simbólico, aos regimes em questão (PURYEAR, 1983: 15).

As ações seguidas pela Fundação Ford, se consideradas dentro desta tipologia enunciada por Puryear – e em decorrência dos objetivos e motivações referidas –, centraram-se, ao nosso entender em torno da terceira alternativa colocada.

---

1978 como sendo aquele que marca um fato na cota inferior do orçamento da Fundação. Os últimos projetos financiados pela FF aos centros privados uruguaios, veremos, foram aprovados por volta dos anos 1980-1981. Esses também foram os anos nos quais as condições repressivas, impostas ao país, tenderam a ir, paulatinamente, melhorando. Acreditamos que a ‘retirada’ da Ford do Uruguai obedeceu a fatores que se relacionam tanto com um como com o outro desses fatores.

Precisamente nesse sentido, ademais, vale notar que, segundo o manifestado por uma das pessoas entrevistadas no escritório que funciona como ‘carro chefe’ da Ford, “os *trustees* da Fundação definem as políticas e delegam a autoridade ao Presidente e à equipe de *seniors* para que eles conduzam a implementação das operações relacionadas com os *grants* da Fundação. Os Oficiais de Programa do escritório central de Nova Iorque, e os dos escritórios da África, do Oriente Médio, da América Latina e da Rússia, **exploram as oportunidades [locais] para atender e cumprir os objetivos da Fundação**, formular estratégias e recomendar propostas a serem financiadas.”. [Ênfase da autora]

Assim, na opinião deste ex-oficial de programa da Ford na América Latina “é possível entender a crença generalizada entre os cientistas sociais latino-americanos de que, para obter financiamento da agência, o que importava, antes de tudo, era manter excelentes relações com aqueles que periodicamente os visitavam”. Os *Program Officers* faziam visitas aos cientistas dos centros privados e estes, na opinião dos visitantes, tratavam-lhes com muita deferência. Nem tanto porque os *Program Officers* decidissem eles mesmos os projetos a serem apoiados pela Ford, mas porque eram eles que, depois de visitar os países e manter contatos com os cientistas locais, sugeriam aos tomadores de decisão “da matriz” as estratégias a serem seguidas e as temáticas que deveriam ser apoiadas.

De fato, a história da relação entre o CINVE e a *Ford Foundation* é reveladora deste papel. Ao tratarmos do caso específico deste centro (no Capítulo II, item 2.2.3., deste trabalho), destacamos o que nos foi manifestado por uma das pessoas entrevistadas nesse centro. Conforme as palavras dela, e as de outros integrantes do CINVE que se manifestaram em sentido similar, a primeira delegação da Fundação Ford que os visitou, em 1974 – logo após o centro ter-se constituído, quando os membros da equipe acabavam de ser expulsos da Universidade – encontrou-os trabalhando num apartamento pequeno, que tinha apenas uma janela pequena e que, ainda por cima, ficava no final de um corredor comprido. As pessoas da *Ford Foundation* que visitaram o CINVE nesse então, segundo nos foi indicado, já sabiam da existência do grupo a través de Fernando Henrique

Cardoso, e outros cientistas do CEBRAP, amigos, além de colegas, dos fundadores do CINVE (a Prof. Celia Barbato e os Profs. Omar Macadar e Octavio Rodríguez). Os pesquisadores brasileiros tinham feito o papel de ‘links’ entre a Fundação Ford e os pesquisadores uruguaios para que os últimos pudessem se incorporar a uma dinâmica de trabalho pautada por regras diferentes àquelas com as quais estavam acostumados antes de 1973.

A partir deste *racconto* específico, cabe salientar que embora a *Ford Foundation* tivesse políticas, normas ou regras pré-estabelecidas, ela também dispunha de flexibilidade. Além disso, também é de se destacar que os mecanismos de ‘acesso’, ou as formas de agilizar este último, vinte anos atrás, eram os mesmos que tinham sido enunciados pelos primeiros trabalhos publicados, dentro de uma tradição mertoniana – em relação à conformação dos ‘colégios invisíveis’ e sobre o chamado de “efeito Matheus”, entre outros (BARNES, 1980) – no campo disciplinar da Sociologia da Ciência. E os mesmos que continuam a reger na atualidade. Destaca-se, para a nossa análise, o fato de que os *Program Officers* da *Ford Foundation* ‘flexibilizavam’ os critérios que estavam em vigor quando o entendiam pertinente.

Assim, estabelecia-se uma dinâmica segundo a qual os oficiais de programa – conhecedores tanto das metas da Fundação, quanto dos temas de pesquisa preferidos pelos cientistas – constituíam-se, de fato, nos agentes chaves nas decisões sobre quais projetos receberiam financiamento. É interessante ressaltar que mesmo quando os cientistas sociais dos centros privados eram ouvidos pelos oficiais da *Ford Foundation* antes de definir as áreas de projetos a serem apoiadas, no momento da divulgação das novas linhas, aqueles mesmos cientistas as recebiam como sendo algo “alheio” a eles, algo que havia sido ‘processado’ no interior da própria Fundação.

Muitos destes cientistas estavam cientes de que as linhas estabelecidas incorporavam algumas das suas idéias e opiniões mas, dado que a decisão final ficava exclusivamente nas mãos da Fundação, a definição dos temas e linhas de financiamento era percebida por eles como subordinada aos interesses, metas e objetivos da mesma. Desse

modo, no nosso ponto de vista, pode-se entender a “contradição” – e até antagonismo – entre o que é manifestado pela Fundação e as opiniões dos cientistas. A primeira explicita que os temas apoiados eram determinados atendendo às necessidades e prioridades identificadas no nível local (dos destinatários, por mais que as decisões finais fossem tomadas em outra latitude). Os cientistas entendiam que essas temáticas lhes eram determinadas, mas não necessariamente impostas, de fora. Eis aqui uma interessante controvérsia em relação à construção das agendas dos centros independentes de pesquisa.

Por sua vez, os debates gerados ao interior da própria Fundação sobre como atuar e que determinações tomar em relação às temáticas que poderiam ser objeto de apoio, assim como outras questões associadas, foram discutidas pela primeira vez – no que diz respeito à problemática específica da América Latina –, numa reunião que teve lugar ao finalizar o ano 1973, no Peru.

Na cidade de Santa María, entre os dias 5 e 7 de dezembro de 1973, a *Ford Foundation*, prevendo o aumento das solicitações de apoios financeiros decorrente da instauração de várias ditaduras na América Latina (Argentina, Chile e Uruguai, entre outras nações), organizou uma conferência – denominada “*Conference on the Social Sciences in Latin America*”. O objetivo central era que os principais Oficiais de Programa da Fundação discutissem e adotassem alguns critérios que serviriam como guia para o financiamento de centros e instituições que pudessem chegar a encaminhar seus pedidos de assistência financeira através dos quatro escritórios que a *Ford Foundation*, naquele momento, possuía na América Latina: nas cidades de Lima, Rio de Janeiro, Santafé de Bogotá e Santiago do Chile.

A análise dos materiais dessa reunião – *papers* e pautas para o debate apresentados por muitos dos participantes, atas e um documento produzido por Karlman H. Silvert *a posteriori* (SILVERT, 1974); documento no qual este especialista faz diversas considerações sobre as implicações do que tinha sido discutido durante o seminário– permitem ter uma noção de quanto os Oficiais de Programa dessa agência estavam comprometidos com os problemas relativos ao desenvolvimento das ciências sociais no

sub-contidente latino-americano. Realmente, na nossa opinião, aproximar-se das discussões mantidas pelo *staff* da *Ford Foundation* naquela ocasião ajudaria a esclarecer as questões sobre a influência do financiamento externo na construção das disciplinas das áreas sociais. Isso se verifica porque, em boa medida, foi nesta reunião que o debate se iniciou, com a participação dos atores que mantinham vínculos com os cientistas da região e que, portanto, detinham um conhecimento mais apurado da realidade local.

“O círculo está-se fechando na América Latina e tanto a diversidade como a experimentação própria dos primeiros anos da década, segundo parece, não reaparecerão no futuro próximo. Os economistas e os tecnocratas sociais poderão sobreviver e inclusive até prosperar na nova era. Os teóricos e os analistas sociais críticos têm pela frente um futuro bem mais obscuro e cheio de dificuldades. É provável que em muitos países da América Latina o papel da Fundação nas ciências sociais sofra mudanças substantivas no decorrer dos anos vindouros. Tal como já aconteceu na Argentina em 1966 e no Brasil em 1968, muitas das energias da Fundação deverão ser utilizadas para preservar antes do que para construir. Em que medida, de fato, vai ser possível que uma organização estrangeira possa contribuir para a manutenção de algumas áreas de pluralismo e de pensamento livre e crítico é algo que na América Latina de hoje ainda está por ver-se. Vai requerer, com certeza, uma redefinição das estratégias e dos mecanismos. E vai requerer o melhor esforço dos cientistas sociais latino-americanos.” (MANITZAS, 1973: 28).

Note-se, por outra parte, que, vinte anos depois, num artigo da autoria de Joan Dassin – Representante da Fundação Ford no Brasil entre 1989 e 1992 e Diretora Regional para América Latina e o Caribe após o último ano mencionado – ela indica que: “ao longo dos últimos quatro anos reconhecemos que as tendências econômicas e políticas no Brasil adotaram um percurso perversamente contrário ao que prevíamos em 1988, quando entrei para a Fundação. Dentro desse contexto a Fundação estabeleceu dois objetivos principais: fortalecer as instituições, entendendo que sem uma firme base institucional não é possível uma atividade científica que possa render resultados imaginativos ao longo do tempo, e fortalecer os mecanismos de treinamento para poder responder à ansiedade de todos nós em oferecer os elementos para a formação das futuras gerações. Assim, daqui a vinte anos, quando certamente haverá outra crise, existirão

pessoas que saberão responder às questões que serão colocadas. Acho que basicamente é esta a nossa orientação” (DASSIN, 1993: 29).

Vale dizer, então, que ao questionamento levantado por Nita Manitzas, acerca de se uma organização estrangeira poderia contribuir para a manutenção de algumas áreas de pluralismo e de pensamento livre e crítico, continua a estar presente na colocação de Joan Dassin – com a diferença de que esta última identifica duas diretrizes definidas pela *Ford Foundation*: fortalecer as instituições e fortalecer os mecanismos de treinamento. Os mesmos desafios que estavam em pauta nas décadas do 30 e 40 – quando as disciplinas sociais começaram a receber apoios por parte de agências internacionais, universidades cooperantes, etc.<sup>57</sup>

O tema da “intervenção” da agência nos rumos que deveriam ser seguidos pelas disciplinas das ciências sociais que viessem a ser apoiadas orientou, de longe, a pauta da Conferência que teve lugar em Santa Maria. James R. Himes, um dos mais antigos e experientes Oficiais de Programa da *Ford Foundation*, tinha preparado um documento – intitulado “*The Interplay Between the Foundation and Grantees*” – com o objetivo explícito de incentivar o debate. Nele, Himes considera cinco diferentes tipos possíveis de intervenções que a Fundação poderia adotar com relação aos temas de pesquisa que seriam objeto de apoio, quais sejam: “non intervention”, “institution- or discipline-oriented intervention”, “programmatic intervention”, “problematic intervention”, “intensive, tactical intervention”. O documento chama a atenção para o fato de que qualquer decisão neste sentido era de extrema importância dada a modalidade própria de apoio das agências e fundações estadunidenses aos centros privados latino-americanos.

---

<sup>57</sup> - Neste sentido em particular, note-se que, no Brasil, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) recebeu importantes apoios e influências de instituições tais como a Universidade de Columbia, a Universidade de Oxford, a Universidade de Yale, the London School of Economics, a Fundação Rockefeller e a Smithsonian Institution já na década de 1930. À importância que teve, para o desenvolvimento das disciplinas das ciências sociais no Brasil, a passagem pela ELSLP de Professores como Pierson, Willems, Baldus e outros eminentes cientistas, soma-se o fato de que as ingerências que tiveram os ‘americanistas’ na ELSLP (propiciando a realização de pesquisas empíricas, com exaustivos trabalhos de campo) resultaram decisivas para a criação, em 1941, do primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais da América Latina. A respeito, consultar BARREIRO (1998). Sobre a diferenciação entre as influências estadunidenses que marcaram a institucionalização das disciplinas na ELSP, e o acontecido na FFCL/USP a partir das influências francesas, consultar MASSI (1989).

Os principais eixos de discussão propostos por Himes e as perguntas por ele formuladas permitem compreender como esse debate foi levado adiante naquele evento. Assim, selecionamos alguns trechos do documento que, apesar da sua extensão, consideramos importante apresentar aqui:

“Eu uso a palavra ‘intervenção’ para enfatizar o fato de que a Fundação – particularmente em uma área como a das ciências sociais latino-americanas, na qual nós somos uma força proeminente – inevitavelmente intervém nas determinações no que diz respeito a como os recursos nacionais [refere-se aos estadunidenses] (e outros internacionais) disponíveis são alocados entre as solicitações concorrentes.” (HIMES, 1973: 2)

“Particularmente entre as agências financiadoras nacionais [refere-se às estadunidenses] há uma tendência a estabelecer relações contratuais com os centros para a produção de estudos específicos e para a provisão de certos serviços que nós requeremos.” (HIMES, 1973: 2)

“Talvez estejamos ficando mais sensíveis em relação ao que é nosso relacionamento com nossos *grantees* conforme vamos abordando diferentes aspectos que têm a ver com nossas determinações a respeito de quais é que vão ser nossos *grantees* e quais não vão. Que tipo de pesquisas vamos apoiar e que tipo não apoiaremos? Em quais países? Que indivíduos? Quais idéias? Pode nossa política neste sentido apenas sublinhar que ‘nossos objetivos e prioridades são recomendados pelo *staff* profissional e aprovados pelo *Board of Trustees*’? (FORD FOUNDATION, Staff Guidelines for Grants to Organizations, 1973: 2). Na medida em que nossas ações afetam os assuntos dos outros países, por acaso não é responsabilidade nossa procurar legitimar tanto nossos objetivos e nossas prioridades quanto as modalidades de ação atuais?” (HIMES, 1973: 3)

“Eu acredito que entre o *staff* do Programa Latino-americano há uma crescente convicção sobre o fato de que, independentemente de qual seja o nível de disponibilidade financeira ou de recursos, nossa assistência será mais efetiva se a concentrarmos em uma menor quantidade de áreas. Essas tendências acentuam-se pela visão de alguns membros do *staff* de que nosso trabalho deveria ser cada vez mais relevante no plano dos problemas sociais e econômicos que nós percebemos são de importância fundamental para o bem-estar de grandes populações na América Latina.” (HIMES, 1973: 9) [Ênfase da autora]

“Na escolha dos centros a serem apoiados deve-se fazer um reconhecimento explícito de que, inevitavelmente, há um elemento de corte ideológico na tomada de decisão. ‘Excelência ou competência para que propósitos?’ é uma questão que não pode ser esquecida. Um centro de pesquisas econômicas constituído por profissionais que sejam produto de uma herança neoclássica não vai ter a mesma agenda de pesquisa do que um centro neo-marxista; e a forma pela qual qualquer um pode considerar ou até ranquear aos seus cientistas vai depender das preferências desse qualquer um. Frente a esses problemas de escolha ideológica, a Fundação deve procurar aplicar uma política de pluralismo, oferecendo ajuda a uma multiplicidade de posturas ideológicas dentre aquelas que tenham um maior desenvolvimento na região.” (HIMES, 1973: 9)

Nas palavras de Himes, que nos permitimos reiterar: “excelência ou competência para que propósitos é uma questão que não pode ser esquecida” – sendo que ela não é fácil de ser compatibilizada com uma política de pluralismo. E muito especialmente com uma que haveria de ser aplicada em contextos nos quais se carecia dele. Não obstante tais dificuldades, e ainda que devamos reconhecer que (como era de se esperar) as opiniões recolhidas junto aos cientistas sociais uruguaios entrevistados não apresentem unanimidade, eles – olhando sob a perspectiva do tempo transcorrido – realizaram declarações do seguinte teor:

“Fundamentalmente no que tem a ver com idéias, o que vigorou foi a total liberdade para encarar o trabalho. Mas eu acredito que, no fundo, eles estabeleceram um mecanismo até perverso dado que não é que eles te diziam o que tinhas de fazer – de fato, acho que eles nunca devem ter dito isso para ninguém – mas se tinhas alguma intenção de aspirar ao financiamento deles então devias fazer projetos sobre temas que tivessem alguma possibilidade de obter seu financiamento, e os temas estavam *cantados*.<sup>58</sup>”

---

<sup>58</sup> - A expressão “estar cantado” no espanhol relaciona-se com qualquer coisa sobre a qual não é possível pensar em opções alternativas dado que já se sabe como isso é ou vai ser. Note-se que a expressão provém da idéia de que quando alguém começa a cantar uma música conhecida, a letra “está cantada”. Assim, na opinião deste cientista, as pessoas envolvidas com a pesquisa no interior da comunidade científica sabiam perfeitamente quais eram os temas para os quais era possível obter financiamento das agências.

“Aqui é absolutamente certo que em tudo o que era feito havia muitos poucos graus de liberdade além do financiamento, e eu considero que aí há uma responsabilidade dos uruguaiois. O fato de não participar ou de ter uma participação muito débil na criação ou na discussão sobre os temas a serem financiados contribui para que esses temas sejam impostos. Como é que você ataca o tema do financiamento privado? O corte financiamento nacional / financiamento externo eu acho que é um tema findo. O problema central é que visando manter a autonomia temos que apresentar, e defender, no lugar de origem dos fundos, quais são os temas que queremos desenvolver. Eu acredito que seja assim que devemos nos posicionar perante esta questão, mas está claro que isto nunca se fez.”

Cabe destacar que a controvérsia entre os modos de ver o papel dos financiadores na construção da agenda de pesquisa dos receptores, não é exclusiva do relacionamento estabelecido entre fundações filantrópicas ou agências situadas nos países centrais e os receptores de ajudas situados na ‘periferia’. Conforme apontado por Donald Fisher, ao analisar a evolução histórica das ciências sociais no Canadá, os cientistas sociais canadenses de instituições de pesquisa tinham percepções similares. Neste caso em particular, eles consideravam que as áreas temáticas apoiadas, nos anos 60, pelo *Social Science Research Council of Canada* (SSRCC) obedeciam aos critérios e às prioridades estabelecidas pelo próprio Conselho antes que àquelas que eles mesmos tinham manifestado como sendo do seu interesse. Note-se, ainda, que o SSRCC atuava visando atender à satisfação de três necessidades que o Conselho tinha identificado *a priori* – quais sejam: “(a) a necessidade de incrementar a comunicação entre especialistas de diferentes disciplinas, aspecto que reconhece a crescente especialização produzida durante os anos 60 no interior das universidades tanto em nível dos departamentos como entre as associações disciplinares; (b) a necessidade de contar com uma organização que viesse a cuidar do balanceamento entre pesquisa básica e pesquisa aplicada; e (c) a necessidade de contar com um tipo de organização apropriada aos para favorecer a cooperação efetiva entre especialistas.” (FISHER, 1991: 53)

No que diz respeito às atividades concretas que a *Ford Foundation* impulsionou na América Latina, haveremos de remeter, em primeiro lugar, ao apoio decisivo que a

Fundação forneceu às atividades desenvolvidas pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). A seguir, trataremos do apoio dado pela Fundação, de forma direta, aos centros privados uruguaios.

Ao referir ao CLACSO, gostaríamos de, inicialmente, comentar que, na nossa opinião, seria sumamente interessante contar, no futuro, com trabalhos que permitam ponderar a importância que coube a este Conselho como impulsionador da emergência e institucionalização das disciplinas do campo das ciências sociais no continente. Seu papel neste sentido foi realmente decisivo e, por enquanto – dada a ausência de estudos a esse respeito –, gostaríamos de sublinhar que, no caso concreto das entrevistas realizadas para este trabalho, todas as pessoas entrevistadas fizeram referência à importância que o CLACSO teve como sustentador da prática de pesquisa e da formação de recursos humanos na região no período em questão. O Conselho – como entidade que ‘corporizou’ o ideário, considerado como parte do *ethos* científico, que resultava comum à enorme maioria dos cientistas sociais latino-americanos – passou a fazer parte das ‘construções de excelência’ no imaginário coletivo das sub-comunidades acadêmicas dos cientistas ligados às disciplinas sociais, humanas e artísticas (OTEIZA, 1983).

Os altos valores dados ao CLACSO, que constam de diversos registros, referem-se tanto às atividades desenvolvidas pelo Conselho diretamente, como àquelas levadas adiante pela Faculdade associada. Em um dos relatórios da Fundação afirma-se que:

“A Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) em Santiago, Chile – um centro regional de pesquisas e treinamento fundado em 1957 – neste ano recebeu um *grant* de US\$ 300.000 para facilitar a ampliação dos seus programas de pós-graduação em Sociologia, Psicologia Social e Ciência Política. FLACSO têm treinado mais cientistas sociais do que qualquer outro centro de pós-graduação no continente.” (FORD FOUNDATION, 1973: 64)

O financiamento que o CLACSO recebeu da *Ford Foundation*, ano a ano, desde que os cientistas sociais uruguaios iniciaram sua formação nas dependências do Conselho até o final da ditadura no país, é apresentado no Quadro 3.1. Apesar da dificuldade de

identificar os valores outorgados ao CLACSO dentro do total das doações destinadas ao desenvolvimento de atividades na América Latina<sup>59</sup>, é possível destacar a existência de um pico na concessão de fundos pela Fundação precisamente naqueles anos que caracterizam o estabelecimento de regimes ditatoriais na maioria dos países do Cone Sul latino-americano: 72 e 73. Neste anos registrou-se a saída, embora não massiva, de cientistas sociais procedentes de Argentina, Chile e Uruguai, muitos dos quais continuaram sua formação nos programas implementados pelo Conselho.

Os valores outorgados ao Conselho refletem, por outro lado, o fluxo de recursos financeiros de que soube dispor a Ford Foundation no decorrer desses anos. Tal como salientáramos, com base no testemunho do ex-Presidente da Fundação, Prof. Franklin Thomas, a partir de 1974 deveriam proceder a um recorte dramático em termos orçamentários. Isso vê-se refletido na assistência financeira dada ao Conselho. Note-se que em 1973 a Fundação outorgou ao CLACSO U\$S 1.185.000; apenas quatro anos após, em 1977, essa cifra tinha caído para U\$S 75.000. Mesmo que em anos posteriores tenha havido uma ligeira recuperação, os montantes oferecidos depois nunca superaram os U\$S 140.000. Depois de 1982 – da mesma forma como aconteceu com o apoio aos centros – a assistência da *Ford Foundation* ao CLACSO deixou de ser significativa.

---

<sup>59</sup> - E isso por que, no caso dos dados referidos aos auxílios dados ao CLACSO, a coleta desses montantes só pôde ser feita a partir dos balanços financeiros da *Ford Foundation* (ou seja: dados correspondentes aos anos nos quais esse dinheiro foi efetivamente entregue ao CLACSO), sendo que os dados relacionados ao total de doações realizadas na região da América Latina e do Caribe (Quadro 3.2.) dizem respeito, para cada um dos anos considerados, ao que foi aprovado para o fomento das atividades desse ano em particular.

Quadro 3.1. –

**Recursos concedidos pela *Ford Foundation* ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) no período de quinze anos, compreendido entre 1969 e 1984, em dólares estadunidenses.**

<b>Ano</b>	<b>Valor (em US\$)</b>
1969	210.000
1970	550.000
1971	550.000
1972	1.121.569
1973	1.185.000
1975	583.000
1976	674.000
1977	75.000
1978	138.706
1979	129.500
1980	102.300
1981	125.000
1982	71.366
1983	53.000
1984	21.200

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados dos Relatórios Anuais da *Ford Foundation*.

Além do apoio concedido pelo CLACSO para a específica formação de recursos humanos (com fundos recebidos da *Ford Foundation* e de outras entidades), o Conselho também procedeu ao financiamento de uma quantidade significativa de projetos de pesquisa que foram desenvolvidos no âmbito dos centros privados uruguaios de ciências sociais. Para ponderar a participação do Conselho no apoio, mediante financiamento, às pesquisas levadas adiante nos três centros em que as atividades deste corte eram realizadas, indicam-se, a seguir, os projetos que contaram com financiamento do CLACSO na fase de maior fluxo de atividades (1978-1983).

Projetos do CIEDUR '79-'81:

*Finalizados >*

- “El cambio tecnológico en la ganadería uruguaya”
- “Notas sobre política y sociedad en el Uruguay, 1946-1962”
- “Estudio socioeconómico de algunos barrios marginales de Montevideo”
- “Desequilibrios regionales y localización industrial: el caso uruguayo”

*Em desenvolvimento >*

- “El mercado de trabajo en algunas áreas marginales de Montevideo”
- “Relaciones entre sistema de poder y organización del espacio en las comunidades del medio rural”
- “Situación de unidades propulsoras de proyectos de desarrollo económico y social en el medio rural y propuesta de alternativas de acción futura”

Projetos do CIESU '79-'81:

*Em desenvolvimento >*

- “Análisis del proceso de generación de excedente y emigración de fuerza de trabajo en la estructura ocupacional del Uruguay, 1963-1975”
- “El Uruguay de 1908. Un estudio de urbanización y estratificación social”
- “Un país urbano de base económica rural: Uruguay, 1875-1930”
- “Mercado de trabajo, educación y procesos migratorios en el Uruguay, 1963-1976”
- “Una diferenciación estructural entre los desarrollos ganaderos argentino y uruguayo”
- “Evolución del sistema ocupacional uruguayo, 1963-1975”

Projetos do CINVE '82-'83:

*Em desenvolvimento >*

- “El manejo del instrumento en la política ganadera: su regulación normativa, 1955-1981”
- “El nuevo patrón de acumulación en la industria uruguaya: el caso del del cuero (1968-1978)”
- “El proceso de acumulación en la industria lechera: estudios del comportamiento empresarial”

Quadro 3.2. –

**Recursos destinados pela *Ford Foundation* a atividades desenvolvidas na região da América Latina e Caribe, no período de quinze anos, compreendido entre 1967 e 1981<sup>60</sup>, em dólares estadunidenses.**

<b>Ano</b>	<b>Valor (em US\$)</b>
<b>1967</b>	8.257.128
<b>1968</b>	11.222.870
<b>1969</b>	10.182.000
<b>1970</b>	15.361.636
<b>1971</b>	13.344.853
<b>1972</b>	13.797.248
<b>1973</b>	15.016.889
<b>1974</b>	20.020.584
<b>1975</b>	24.416.322
<b>1976</b>	22.521.374
<b>1977</b>	9.978.692
<b>1978</b>	3.481.669
<b>1979</b>	4.190.028
<b>1980</b>	4.982.635
<b>1981</b>	4.532.069

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados dos Relatórios Anuais da *Ford Foundation*.

---

<sup>60</sup> - Note-se que os montantes apresentados correspondem ao total que foi aprovado para cada um dos anos considerados, o que não representa, necessariamente, que os dispêndios feitos no decorrer de cada ano em particular corresponda aos montantes referidos. Em um ano determinado, podem ter sido aprovados recursos a serem utilizados em anos posteriores.

No Quadro 3.2., por sua vez, indicam-se os auxílios concedidos pela *Ford Foundation* para o desenvolvimento de pesquisas e de outro tipo de atividades – tais como organização de eventos ou assistência a congressos, entre várias – no período 1967-1981. Os temas financiados pela Fundação aos centros privados compreendem a totalidade de apenas 7 projetos – porquanto há um grant outorgado para a aquisição, por parte do CIESU, da biblioteca que tinha pertencido a Carlos Real de Azua.

Excetuando esse apoio pontual, corresponde sublinhar que a Fundação Ford concedeu duas ajudas ao CIEDUR – uma delas visando o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, eminentemente interdisciplinar, sobre “*The insertion in the labor market of low income women who live in rural areas and small towns: their relation to the restructuring of the Uruguayan labora market*”. A segunda assistência, no entanto, visava a organização de um seminário sobre, precisamente, desenvolvimento rural e trabalho feminino.”

Os projetos financiados ao CIESU e ao CINVE foram geridos em condições similares. Tratou-se, na realidade, do financiamento a um programa de pesquisas que ia, a cada dois anos, sendo renovado por período similar – a partir da apresentação, por parte dos centros, de informes que eram rigorosamente avaliados pela *Ford Foundation*. As temáticas versaram sobre estudos relativos à política econômica [projetos intitulados “Support for economic research in Uruguay” e “Support for research on uruguayan economic policy” – ambos ao CINVE], sobre políticas comparadas [“Support for comparative research on stabilization policies in Latin America: the case of Uruguay” – também ao CINVE] e, ao CIESU: “Support for sociopolitical and demographic research in Uruguay” e “Support for a women’s research and action group in Uruguay”]

Cabe destacar, neste sentido, o fato dos centros privados terem realizado vários trabalhos em temáticas que não faziam parte dos que podem ser considerados ‘eixos centrais’ de pesquisa. O tratamento de temas populacionais, demográficos e/ou reestruturativos em matéria urbana só pode ser compreendido dada a disponibilidade de recursos (leiam-se: verbas) por parte das agências e fundações e a prioridade que elas

concediam a estes estudos para os países em desenvolvimento. Isso, por outra parte, revela que as agências têm uma visão de que todos os países em desenvolvimento têm as mesmas necessidades e problemas. No caso específico das instituições que nos ocupam, cabe assinalar que do total de U\$S 248.000 recebidos pelo CIESU de parte da *Ford Foundation*, U\$S 180.000 corresponderam ao financiamento da pesquisa “Support for sociopolitical and demographic research in Uruguay” (#07500478).

Além dos recursos concedidos pela Fundação Ford para o desenvolvimento de pesquisas em demografia, cabe destacar que os centros recebiam apoio para essa mesma temática por parte do *Programa de Investigaciones Sociales sobre Población en América Latina* (PISPAL) – o qual, por sua vez, se sustentava com recursos das Fundações Ford e Rockefeller. O CIESU, ademais, recebeu, por parte do IDRC, o apoio de um auxílio já referido (“Population distribution policies” #76-0089) e de outro sobre temática similar (“Employment and population distribution” #78-0100). E isso num país com uma densidade populacional de 16 habitantes por quilômetro quadrado, uma taxa de crescimento populacional anual de 0,3 e uma média de 2,1 filhos por mulher (INE, 2000).

Neste sentido, e dada a necessidade ‘formal’ que os centros tinham de justificar a solicitação de financiamento, cabe destacar o que o próprio pessoal de um dos centros – tratando-se do CIESU – indicou num informe encaminhado à Fundação Ford: “Dos três projetos apresentados e aprovados durante 1978 e dos três pendentes de aprovação, cinco guardam relação com temas de população. Esta continuidade temática justifica-se por vários motivos: em primeiro lugar, porque a ausência de estudos desta índole é absoluta no caso do Uruguai; em segundo, porque o CIESU considera que a recompilação, a sistematização e a análise da informação de natureza demográfica constitui um *input* necessário para explicar a particular dinâmica que assumem as mudanças na nossa sociedade; em terceiro lugar, porque a reflexão – seja sobre as políticas públicas, seja sobre os novos modelos sociais que surgem na América Latina nesta década dos 70 – implica considerar especialmente aspectos populacionais que afetam e se vêem afetados por essas políticas e esses modelos.” (CIESU, 1979: 33)

Sobre este ponto consideramos pertinente realizar uma série de esclarecimentos. Em primeiro lugar, que a enorme maioria dos estudos populacionais desenvolvidos em contextos periféricos têm lugar em países que apresentam índices muito altos de crescimento da população, sérias carências dos sistemas sanitários e educacionais e, mais ainda, graves problemas em termos da produção e do acesso dos setores de baixa renda à alimentação básica. Numerosos estudos populacionais, enquadrados – além de tudo – num marco referencial neo-malthusiano<sup>61</sup> tiveram, e têm, efeitos que consideramos, no mínimo, anti-éticos. É claro que os estudos realizados pelas equipes uruguaias, num país no qual o crescimento populacional é ínfimo, nunca tiveram esse viés. Diríamos, inclusive, que eles só chegaram a ser realizados dado o espírito da ‘pesquisa de resistência’ e a necessidade imperiosa que os cientistas tinham por receber financiamento. Segundo palavras de quem era Diretor do centro naqueles anos: “suávamos tendo que demonstrar o óbvio. Qualquer estrangeiro que chega ao Uruguai imediatamente pergunta ‘aonde estão as crianças?’ mas nós tínhamos que ficar justificando a necessidade de abordar o estudo da população. Isso, em si mesmo, é muito legítimo mas, naquele contexto, com todos os problemas que havia, achávamos quase uma perda de tempo. Fazíamos porque precisávamos dos recursos”.

Depois de 1981, a *Ford Foundation* não mais concedeu recursos financeiros aos centros privados uruguaios, com exceção de um *grant* ao CINVE em 1987. Todavia, mesmo este apoio foi bastante pontual, destinando-se especificamente à análise das políticas econômicas resultantes do estabelecimento do primeiro governo democrático (primeiro mandato do presidente Julio María Sanguinetti) e das mudanças, de cunho claramente neoliberal, que tinham sido introduzidas inicialmente no país pelo regime ditatorial<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> - A respeito, note-se que Malthus chamou a atenção do mundo sobre a quase certeza dos alimentos vierem a faltar num futuro medianamente próximo. Mas ele, em momento nenhum, inferiu que uma forma de chegar a se dispor de mais alimentos era evitar novos nascimentos. Menos ainda que os Estados e organismos internacionais tomassem para si próprios o “direito” de, em países que apresentam Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) muito baixos, fazer verdadeiras campanhas em prol da esterilização – esmagadoramente feminina. Daí que os estudos populacionais realizados com base nessas plataformas, ao nosso entender, devam ser chamados de neo-malthusianos e não de “malthusianistas”.

<sup>62</sup> - Note-se que em um *Memorandum* interno da Fundação correspondente à avaliação final do último dos apoios recebidos pelo CINVE, verifica-se que “o principal objetivo deste *grant* [# 08750591; cuja execução teve lugar entre 1987 e 1989] foi estudar as políticas econômicas implementadas pelo Presidente democraticamente eleito Julio María Sanguinetti, assim como determinar se as principais metas foram

Exceto pelo interesse no estudo acima mencionado sobre os efeitos do retorno democrático na política econômica, o apoio da *Ford Foundation* à pesquisa em ciências sociais no Uruguai diminuiu sensivelmente a partir do momento em que ela perdeu seu caráter de “pesquisa de resistência” – ou seja: a partir de 1982, com a relativa abertura do país e os primeiros sinais de que se aproximava o fim da ditadura (a partir da derrota em plebiscito da proposta de reforma na Constituição apresentada pelos militares, em 1980).

Nas últimas ações impulsionadas pela Ford enfatizava-se a necessidade da constituição de redes entre os vários centros privados da região, além do apoio que já recebia o CLACSO como coordenador desse tipo de iniciativa. Nesse sentido, e já prevendo a gradual redução do apoio aos centros, a agência expressou sua opinião no Relatório Anual de 1979:

“Nestes três países do Cone Sul [Argentina, Chile e Uruguai] a Fundação concedeu apoio para a criação de uma rede de centros privados de pesquisa que têm se constituído em importantes veículos no desenvolvimento de pesquisas criativas e críticas em espaços em que as análises sociais independentes eram desencorajadas. Três desses centros – o *Centro de Estudios del Estado y la Sociedad* (CEDES) e o *Centro de Estudios Urbanos y Regionales* (CEUR), ambos localizados na cidade de Buenos Aires; e o *Centro de Informaciones y Estudios del Uruguay* (CIESU) – receberam *grants* finais este ano.” (FORD FOUNDATION, 1980a: 28)

De fato, o último financiamento da *Ford Foundation* recebido pelo CIESU correspondeu ao projeto que seria conduzido pelo GRECMU – o Grupo de Estudos sobre a Condição da Mulher no Uruguai, criado por Suzana Prates e cuja adscrição institucional, nos primórdios do mesmo, era o CIESU – sobre “Support for a women’s research and action group in Uruguay”. Este projeto, aprovado em 1979 e cuja execução previa-se para

---

atingidas. Neste sentido, os pesquisadores estavam interessados em examinar as mudanças ocorridas em matéria econômica durante o regime militar, com o intuito de analisar em que medida os *policymakers* responderam a uma leitura certa no que diz respeito à nova estrutura econômica do país.” (FORD FOUNDATION Inter-office Memorandum, 1990b: 2). Esse memorando foi produzido por Pablo de la Flor, então responsável pelo escritório em Lima, que foi fechado pela *Ford Foundation* em 1992, com o qual todos os arquivos correspondentes às ajudas oferecidas ao Uruguai passaram ao Arquivo Geral da *Ford Foundation* em Nova Iorque.

o período agosto/80-dezembro/83 foi, efetivamente, a última atividade para a qual a *Ford Foundation* concedeu apoio ao CIESU. Isto, mais uma vez, está em plena concordância com a substantiva diminuição dos recursos alocados pela Fundação à região da América Latina e do Caribe a partir do ano de 1978, momento no qual os montantes destinados ao desenvolvimento de pesquisas na região diminuíram em 25% em relação ao que havia sido destinado para os mesmos empreendimentos em anos imediatamente anteriores. (cf. Quadro 3.2.)

Em consonância com o explicitado, e no que diz respeito ao conjunto dos centros independentes de pesquisa uruguaiois, deve-se destacar que o apoio a eles dado pela *Ford Foundation* acabou mediante a concessão daquilo que, na própria fundação, se denominam ‘terminal grants’. Vale dizer que o CIEDUR, o CIESU e o CINVE receberam ‘terminal grants’ da *Ford Foundation* antes que esta cessasse a concessão dos auxílios. Isto guarda, por outro lado, estreita relação – e inclusive reflete o mesmo padrão de comportamento – com a atuação seguida pela *Ford Foundation* nos auxílios que ela havia outorgado a diversos centros ou instituições estadunidenses no decorrer de décadas anteriores. A título de exemplo, cabe citar que Jennifer Platt salienta o fato de que o apoio dado pela *Ford Foundation* ao Programa das Ciências do Comportamento levado adiante nos Estados Unidos, “desenvolveu-se entre 1951 e 1957, anos nos quais a fundação investiu aproximadamente U\$S 40 milhões, sendo que para fechá-lo a Ford implementou um programa de ‘terminal grants’, com duração de cinco anos, que, principalmente, visava lograr que aqueles que tivessem chegado a confiar ou a depositar esperanças nele [no programa] se retirassem de uma forma gradual.” (PLATT, 1996: 148). Assim, pode se entender que o *modus operandi* seguido pela Fundação por ocasião de retirar o apoio oferecido a programas ou instituições era similar quando os receptores se localizavam em regiões centrais como quando os mesmos estavam situados em zonas periféricas.

Em suma, na América Latina, o apoio da *Ford Foundation* às ciências sociais foi significativo, principalmente, em relação à formação de cientistas sociais quando os espaços universitários se fecharam (PURYEAR 1983). De fato, o apoio da *Ford Foundation*, somado ao de outras agências, permitiu que os cientistas sociais dessem

continuidade à sua capacitação fora das fronteiras dos seus países ou tivessem acesso a outras perspectivas teóricas e modos de pensar por meio da participação em pesquisas em colaboração. O Relatório Anual de 1978 ilustra bem este ponto:

“Visando diminuir as pressões sofridas por muitos dos cientistas sociais no Cone Sul (Argentina, Chile y Uruguai) devido às adversas condições políticas imperantes nos seus países, a Fundação tem lhes concedido apoio para que realizem estudos de pós-graduação no exterior ou tem lhes facilitado o acesso a empregos na esfera produtiva em diversas nações. [...] Outra forma pela qual a Fundação tem facilitado o treinamento dos cientistas no Cone Sul é através de doações suplementares para o desenvolvimento de pesquisas que sejam realizadas em colaboração entre pequenos *clusters* de cientistas sociais.” (FORD FOUNDATION, 1979: 40)

Os temas de pesquisa específicos que foram objeto de financiamento por parte da *Ford Foundation*, comentados por nós anteriormente, figuram na lista completa dos projetos que esta instituição financiou aos centros privados (CIEDUR, CIESU e CINVE) e que, junto a um pequeno resumo, encontra-se no final deste trabalho (Apêndice B). Chama-se a atenção também em relação ao apoio dado pela *Ford Foundation* para o desenvolvimento de pesquisas entre vários centros da região – única forma em que identificamos registros de fomento à interação entre *clusters* de cientistas sociais. Ressalta-se, ainda, que a *Ford Foundation*, assim como a SAREC, nunca concederam apoio ao Centro Latino-americano de Economia Humana (CLAEH) – centro que, por sua vez, contava com financiamento direto da socialdemocracia-cristã européia.

Finalmente, gostaríamos de sublinhar que um número considerável dos Oficiais de Programa da Fundação compartilhavam a idéia, da qual se orgulhavam, em relação a que “a *Ford Foundation* tem apoiado tanto a criação como o uso das competências em ciências sociais na América Latina.” (HIMES, 1973: 1) [Sublinhado no original]

Neste sentido, entendemos imprescindível salientar que o fato da Fundação ter apoiado, como salienta o autor, a criação de competências – mediante a possibilidade de que as equipes não se desintegrassem e pudessem continuar levando adiante tarefas de

pesquisa e atendendo à formação das camadas mais jovens – e também o uso das mesmas – mediante a geração de conhecimentos e a produção científica registrada naquelas décadas, no entendimento de que elas seriam úteis para melhor compreender os processos sócio-econômicos deslanchados – guardam relação com um elemento digno de destaque.

Trata-se, mais precisamente, do fator avaliativo. A Fundação Ford, como mencionáramos anteriormente, realizava avaliações sistemáticas dos relatórios produzidos pelos cientistas no marco dos projetos por ela financiados. Assim, encontramos que para muitos dos cientistas uruguaios nucleados nos centros privados de pesquisa, contar com financiamentos outorgados pela Ford era extremamente positivo porquanto os sistemas de avaliação por ela utilizados faziam com que os grupos apoiados gozassem de alto prestígio entre seus pares. Sobre este ponto em particular, ao tratar da experiência brasileira, Sergio Miceli aponta que “o fato de integrar a lista dos clientes da Fundação Ford passou a valer, no mercado interno das ciências sociais, como uma espécie de selo de qualidade, ou melhor, de credencial indispensável para ingresso no clube fechado das instituições legítimas, estendendo-se a vigência dessa chancela às demais iniciativas das lideranças, aos próprios projetos e aos resultados científicos das instituições brindadas com tal apoio externo. Nessas condições, a Fundação Ford passou a contribuir, mesmo sem o saber, ou talvez a despeito de suas intenções programáticas, para o reforço das linhas de clivagem no interior do mercado doméstico em que operam os cientistas” (MICELI, 1990: 19).

No caso uruguaio, ademais, implicou não só ganhos em termos de prestígio como também a construção de toda uma nova prática de pesquisa – associada a avaliações, à necessidade de se produzir e a gerir recursos. Nesse sentido, e conforme o salientado na Introdução deste capítulo, o financiamento externo também foi decisivo para a definição de um *ethos* científico particular – que veio a se construir dadas as condições do contexto e dadas, também, as necessidades por manter as instâncias nas quais fosse possível atender ao desenvolvimento das atividades, em resistência.

### 3.1.3. - SAREC

*A Swedish Agency for Research Cooperation with Developing Countries*, SAREC, é uma instituição governamental daquele país nórdico, cujo interesse pelo apoio às atividades de pesquisa nos países em desenvolvimento manifestou-se já a partir dos anos 50.

Em 1975, a SAREC montou um programa especial que visava atender às numerosas demandas emergentes dos países da América Latina: o *Latin American Programme* (LAP), que tinha os seguintes objetivos: “(a) preservar as capacidades de pesquisa quando sob condições de crises políticas e repressão, (b) apoiar pesquisas originais e de alta qualidade, (c) apoiar atividades de cooperação científica em áreas de interesse mútuo entre países das regiões, e (d) construir capacidades em países com uma débil estrutura de pesquisa.” (SPALDING, STALLINGS & WEEKS, 1990: 55).

A principal característica da ação da SAREC refere-se ao fato de que esta agência, desde o início do LAP, concedia *grants* institucionais que visavam facilitar a execução das atividades de pesquisa desenvolvidas na região, dando total liberdade aos beneficiários dos mesmos. Assim, por intermédio do LAP, a agência procedia à distribuição de recursos para os centros apoiados nos diversos países de América Latina, sem impor condições ou procurar orientar a utilização dos mesmos.

Esta característica, ressaltada e elogiada pelos cientistas sociais uruguaios, aparece refletida no depoimento de um dos entrevistados da SAREC, principal responsável pelo LAP no decorrer dos anos 70 e 80:

“Esta instituição nunca procurou dar apoio direto a projetos nem estabelecia prioridades temáticas. A escolha do que apoiar era feita levando em conta a situação política dos diversos países— favorecendo àqueles nos quais as ditaduras tinham acabado com a prática científica e nos que a perseguição colocava em risco até a vida dos cientistas sociais.”

Quando a SAREC tomava a decisão de apoiar um determinado país, através do LAP, fazia-se primeiramente um mapeamento das instituições ou centros privados existentes para selecionar aqueles que seriam apoiados. A seleção dos centros levava em consideração a qualificação do corpo de pesquisadores e o compromisso dos mesmos com a criação e manutenção de um pensamento crítico, fundamental para o posterior restabelecimento da democracia. Nas palavras do então responsável pelo LAP:

“A seleção de instituições também era feita com base no caráter da produção dos centros, e da sua relevância – segundo padrões de qualidade científica, muitas vezes avaliada por especialistas independentes”.

Uma vez aprovado um apoio, ele era outorgado por um período de dois ou três anos. A distribuição dos recursos entre as distintas atividades, áreas temáticas, projetos ou pesquisadores no interior dos centros ficava a total critério dos cientistas diretamente envolvidos ou daqueles que, em virtude da organização de cada centro em particular, fossem responsáveis pela tomada de decisões. Ainda sobre este particular, o valor total do auxílio concedido era determinado em função do ‘tamanho’ de cada instituição, levando-se também em consideração as outras fontes de financiamento disponíveis em cada caso. “E isso era motivo de uma discussão aberta com as instituições e centros”, segundo apontado por quem, nos anos 70 e 80, foi o responsável pelo *Latin American Program* da SAREC.

Os centros apoiados eram avaliados regularmente pela SAREC em termos da produtividade no período em questão e da contribuição dos mesmos aos objetivos que tinham guiado sua própria seleção: que estivessem integrados por um grupo especialmente qualificado de pesquisadores e que as atividades desenvolvidas tivessem contribuído para a geração de um pensamento original e crítico.

Essa avaliação era realizada por especialistas internacionais contratados pela SAREC com esta finalidade. A agência esperava que estes profissionais avaliassem não apenas cada instituição apoiada, mas também o conjunto de atividades desenvolvidas nas

ciências sociais de cada país, seja graças ao apoio da própria SAREC, seja de outras fundações. Este tipo de avaliação geral permitia, em boa medida, definir a manutenção ou mudança de rumo para os anos seguintes. Assim, a SAREC impulsionava a realização, por especialistas que não estavam diretamente envolvidos com a agência, de verdadeiras “campanhas” em que tratava de combinar a avaliação dos centros com a própria avaliação do Programa de apoio aos mesmos.

De fato, a SAREC realizou três grandes avaliações do seu próprio apoio aos centros. A primeira delas foi feita por Enrique Ganuza em 1980<sup>63</sup>. A segunda, já publicada em inglês, esteve a cargo de Hobart Spalding, Lance Taylor e Carlos Vilas, e foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 1985; a terceira se fez sob a responsabilidade de Hobart Spalding, Barbara Stallings e John Weeks entre junho e agosto de 1990.

Logo no início do segundo informe de avaliação destaca-se que “o *Latin American Program* da SAREC constitui uma ajuda vital para o desenvolvimento das ciências sociais na América Latina. As ciências sociais tradicionalmente têm estado submetidas a intensas pressões governamentais. As ditaduras militares e o endurecimento da crise na América Central levaram ao agravamento da situação. O LAP, em boa medida, foi criado para oferecer assistência visando a superação dos obstáculos. Com base na sua avaliação, os consultores podem dizer que o LAP têm cumprido amplamente suas metas.” (SPALDING, TAYLOR & VILAS, 1985: 1). A partir disto os avaliadores, em 1985, recomendavam que o Programa para a América Latina da SAREC continuasse assistindo aos centros privados da região. Entretanto, Spalding, Taylor e Vilas sugeriam modificações na estrutura distributiva do LAP. (SPALDING, TAYLOR & VILAS, 1985: 3)

Segundo o que nos foi indicado nas entrevistas com pessoas que naquela época eram responsáveis pelo LAP, a tomada de decisões na SAREC era realizada pelo Conselho Diretivo. Em seguida, essas decisões deviam ser referendadas em instâncias do

---

<sup>63</sup> - E é a única que não foi consultada por nós para a realização deste trabalho, uma vez que a mesma está em idioma sueco.

governo sueco, que também designava os membros do Conselho. As decisões relativas ao Programa Latino-americano da agência eram tomadas em ‘pacote’. O LAP, no decorrer das décadas de 70 e 80, apoiava aproximadamente 30 centros privados e instituições de caráter regional (p.ex: CLACSO) em vários dos países de América Latina, tais como: Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, México, Nicarágua, Paraguai, Peru e Uruguai. Os fundos destinados à região, em geral, e a cada um dos centros, em particular, eram aprovados pelo Conselho em um único ato. Em vistas disto os avaliadores recomendaram que o Conselho tomasse as decisões com maior “conhecimento das causas” e propuseram criar um mecanismo que, respeitando os critérios gerais de liberdade e concessão de *grants* institucionais, levasse em consideração cada caso e concedesse ajudas individuais a cada um dos centros. Mas essa modificação não foi implementada.

A avaliação de 1985 também foi particularmente favorável em relação aos centros independentes uruguaios em particular. Como exemplo, e evidenciando, ainda, a clara posição política levada em frente pela SAREC no sentido de apoiar a ‘pesquisa de resistência’, cabe assinalar as considerações realizadas no informe a respeito deles:

“Os centros, em si mesmos, parecem ser relativamente pluralistas e situam-se do centro para a esquerda segundo o pensamento básico por eles sustentado. Diferentemente do que acontece na Argentina, os membros dos centros não fornecem serviços de consultoria ao governo nem desenvolvem funções deste tipo – embora um dos centros sim tenha assinado um contrato para oferecer serviços ao Banco Central do Uruguai<sup>64</sup>. Por outro lado, um grande número de especialistas dos centros participa em movimentos de oposição (como, por exemplo, no partido de esquerda *Frente Amplio*) ou assessoram organizações populares e sindicais nas negociações que eles mantêm com os empregadores ou com o próprio governo.” (SPALDING, TAYLOR & VILAS, 1985: Chapter II-27)

---

<sup>64</sup> - O CINVE, no mês de maio de 1985 – dois meses após as autoridades democráticas terem assumido suas funções no país. Note-se que este informe de avaliação encomendado pela SAREC foi produzido no mês de dezembro de 1985.

Os Quadros 3.3 e 3.4 apresentam os apoios financeiros concedidos pela SAREC, assim como a variação dos mesmos no decorrer dos diversos anos<sup>65</sup>. Neles, além de perceber-se a distribuição relativamente 'desequilibrada' entre os valores concedidos ao CIESU e CINVE e ao CIEDUR, devem-se destacar vários aspectos.

O primeiro deles diz respeito ao fato de que o início dos *grants* outorgados por parte da SAREC só veio a acontecer em 1977, depois de transcorridos quatro anos desde a instauração da ditadura no país e três desde a concessão do primeiro financiamento da *Ford Foundation* (excepcionalmente também como *grant* institucional) a dois dos centros privados de pesquisa.

Um segundo ponto refere-se a que a maioria das ajudas concedidas pela SAREC está concentrada no período correspondente à ditadura militar, o que está em total consonância com os objetivos gerais estabelecidos pelo LAP<sup>66</sup>.

O terceiro aspecto, por sua vez, guarda relação com o fato de que, no decorrer do período assinalado, as ajudas foram constantemente crescentes – já que, conforme pode ser observado nos quadros 3.3. e 3.4. os montantes outorgados, ano a ano, pela SAREC ao CIEDUR, ao CIESU e ao CINVE entre 1977 e 1990 nunca registraram declínio algum<sup>67</sup>.

Em quarto lugar, que mesmo depois da abertura democrática, pós-85, a SAREC continuou a apoiar as atividades dos centros, evitando, assim, os problemas de descontinuidade num período chave e de “re-arranjos” na dinâmica da proto-comunidade

---

<sup>65</sup> - Note-se que a SAREC, à raiz de motivos que obedeceram a questões administrativas e de avaliação interna da própria agência, não dispôs da alocação de auxílios financeiros ao LAP durante o ano fiscal 1986/1987.

<sup>66</sup> - O qual, além dos apoios dados às ciências sociais, depois de 1986, também passou a apoiar o desenvolvimento de projetos nas áreas de ciências básicas e tecnológicas (PEDECIBA, 1998: 6)

<sup>67</sup> - Devendo-se destacar, ainda, que de fato os montantes não diminuía porque, tal como já salientamos anteriormente, as decisões a respeito das ajudas que haveriam de ser instrumentadas no marco do LAP eram tomadas 'em pacote'. Isso implicava, entre outros fatores, a adoção de medidas para períodos prolongados.

de cientistas sociais no país. Tal como foi comentado no final do capítulo precedente, a SAREC foi uma das poucas agências que continuou a dar assistência aos centros privados de pesquisa em ciências sociais depois da reinstauração democrática. Isso pode chamar nossa atenção dado que, tratando-se de uma agência que tinha mantido uma clara posição a favor da “pesquisa de resistência”, poder-se-ia pensar que a mesma haveria de se retirar uma vez que as condições políticas, sociais e de inserção dos cientistas sociais em novos *loci* e espaços institucionais alcançasse um novo patamar. Não obstante isso, a SAREC manteve a concessão de *grants* numa fase na qual, segundo vários cientistas entrevistados, estes resultaram ser tão necessários quanto antes. A fase iniciada em 1985 marcou o retorno dos cientistas à Universidade, marcou a retirada da enorme maioria das agências e fundações financiadoras (precisamente dadas as mudanças de contexto), marcou o paulatino esvaziamento dos centros – que iam ficando tanto sem recursos humanos como sem recursos financeiros, e marcou, também, a consecução das tarefas de pesquisa em espaços e condições substantivamente diferentes. Mas isso não mudou de um dia para o outro, as Faculdades e Institutos foram abrindo novamente suas portas aos poucos; os cientistas voltaram a desenvolver tarefas, e receber seus salários, em outras instituições também aos poucos; os centros foram transitando para novas lógicas de consultoria, devagar. E os *grants* da SAREC foram “segurando a onda” durante esses percursos todos.

Finalmente, gostaríamos de apontar que os *grants* aos centros privados uruguaios – que eram sensivelmente ‘menores’<sup>68</sup> do que muitos centros de outros países da região – correspondiam a um montante semelhante às ajudas dadas a esses centros. Isso obedece, segundo nos explicara o Responsável do *Latin American Programme* entrevistado, ao fato de que as condições repressivas imperantes no Uruguai, por tratar-se de um país de tamanho reduzido e no qual os cientistas sociais careciam das possibilidades derivadas de fatores habitualmente associados a questões de escala (na idéia de que maior volume de atividades, contatos e vínculos podem dar lugar a um número maior de oportunidades para serem aproveitadas) induzia-os a tratar o Uruguai de modo preferencial.

---

<sup>68</sup> - Tanto em quantidade de pesquisadores envolvidos como em termos do fluxo de atividades.

Quadro 3.3. –

**Recursos concedidos pela SAREC para o desenvolvimento de pesquisas na América Latina, 1977/78 – 1984/85** (em Kroners suecos)

	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1977/78 – 1984/85
<b>Regional</b>									
<b>CET</b>							1.300.000	400.000	1.700.000
<b>CIDAMO</b>			140.000	175.000	160.000	140.000			615.000
<b>CLACSO</b>	400.000	1.000.000	1.150.000	900.000	900.000	900.000	800.000	800.000	6.850.000
<b>SEPLA</b>	75.000	100.000							175.000
<b>América do Sul</b>									
<b>Argentina</b>									
<b>BARILOCHE</b>									
<b>CEDES</b>									
<b>CEUR</b>									
<b>CICSO</b>									
<b>CISEA</b>									
<b>Bolívia</b>									
<b>CERES</b>							250.000	250.000	500.000
<b>CINCO</b>							100.000	100.000	200.000
<b>Brasil</b>									
<b>CEBRAP</b>	700.000	450.000	420.000	420.000	300.000	200.000			2.490.000
<b>Chile</b>									
<b>AHC</b>			140.000	155.000	200.000	220.000	375.000	375.000	1.465.000
<b>CIEPLAN</b>		185.000	235.000	285.000	340.000	410.000	500.000	500.000	2.455.000
<b>FLACSO</b>	300.000	350.000	320.000	350.000	370.000	410.000	500.000	500.000	3.100.000
<b>VECTOR</b>		250.000	280.000	280.000	200.000	100.000			1.100.000
<b>Uruguai</b>									
<b>CIEDUR</b>							125.000	125.000	250.000
<b>CIESU</b>		140.000	155.000	170.000	200.000	230.000	350.000	350.000	1.595.000
<b>CINVE</b>	150.000	170.000	165.000	220.000	330.000	400.000	500.000	500.000	2.435.000

Fonte: SAREC, 1985: s/n (Seção de Apêndices, terceira pág. antes do final do documento). Redução e reordenamento da autora.

Cotação do Kroner em relação ao Dólar estadunidense - em 1970: 19,70 / em 1980: 4,37 - segundo dados de arquivo na Seção de "Paridade Cambial" do Banco Central del Uruguay, 1999.

Quadro 3.4. –

**Recursos Concedidos pela SAREC para o desenvolvimento de atividades de pesquisa na América Latina, 1977/78 – 1989/90 (em Kroners suecos)**

	1977/78 – 1986/87	1987/88	1988/89	1989/90	1977/78 – 1989/90
<b>Regional</b>					
<b>CET</b>	1.700.000				1.700.000
<b>CIDAMO</b>	615.000				615.000
<b>CLACSO</b>	8.450.000	800.000	800.000	800.000	10.850.000
<b>SEPLA</b>	175.000				175.000
<b>América do Sul</b>					
<b>Argentina</b>					
<b>BARILOCHE</b>	400.000				400.000
<b>CEDES</b>	4.240.000	500.000	500.000	500.000	5.740.000
<b>CEUR</b>	1.400.000				1.400.000
<b>CICSO</b>	3.770.000	500.000	500.000	500.000	5.270.000
<b>CISEA</b>	2.570.000	500.000	500.000	500.000	4.070.000
<b>Bolívia</b>					
<b>CEBEM</b>				250.000	250.000
<b>CERES</b>	1.200.000	350.000	350.000	350.000	2.250.000
<b>CINCO</b>	400.000				400.000
<b>Brasil</b>					
<b>CEBRAP</b>	2.490.000				2.490.000
<b>Chile</b>					
<b>AHC</b>	2.665.000	700.000	500.000	500.000	4.365.000
<b>CIDE</b>	400.000	200.000	200.000	200.000	1.000.000
<b>CIEPLAN</b>	3.455.000	500.000	500.000	500.000	4.955.000
<b>CIPMA</b>	400.000	200.000	200.000	200.000	1.000.000
<b>FLACSO</b>	4.100.000	500.000	500.000	500.000	5.600.000
<b>PET</b>			200.000	200.000	400.000
<b>SUR</b>	500.000	250.000	250.000	250.000	1.250.000
<b>VECTOR</b>	1.110.000				1.110.000
<b>Paraguai</b>					
<b>BASES</b>	400.000	250.000	250.000	250.000	1.150.000
<b>CPES</b>	600.000	350.000	350.000	350.000	1.650.000
<b>Uruguai</b>					
<b>CIEDUR</b>	850.000	300.000	300.000	300.000	1.750.000
<b>CIESU</b>	2.395.000	400.000	400.000	400.000	3.595.000
<b>CINVE</b>	3.435.000	500.000	500.000	500.000	4.935.000

Fonte: SAREC, 1990: 60 (Appendix B). Redução e reordenamento da autora.

Cotação do Kroner em relação ao Dólar estadunidense - em 1970: 19,70 / em 1980: 4,37 - segundo dados de arquivo na Seção de "Paridade Cambial" do Banco Central del Uruguay, 1999.

A partir destas apreciações, e inclusive desconsiderando qualquer tipo de condicionamento também nas linhas de pesquisa, cabe destacar o posicionamento da SAREC porquanto esta agência, como apontado na seção anterior, concedia *grants* institucionais. E isso fazia com que os graus de liberdade permitidos aos cientistas com os auxílios da SAREC fossem absolutos. Assim, não é estranho que:

“Sem exceções, todos os centros estavam desejosos de que a SAREC continuasse a lhes conceder *institutional grants*. Este tipo de financiamento permitia uma flexibilidade que não estava presente nos apoios ‘orientados a projetos’ que eles recebiam de outras fontes. Especificamente, os *grants* proviam dinheiro para idéias que eventualmente podiam dar lugar a projetos; eles possibilitavam aos centros dispor de dinheiro para cobrir despesas e desenvolver atividades que não estavam em relação direta com nenhum projeto de pesquisa; eles faziam com que os centros tivessem dinheiro disponível para publicações; com eles [os *grants*] se comprou a maioria do equipamento moderno que os centros necessitavam e também se custearam gastos de suporte ou de infra-estrutura; e eles ainda permitiram que os centros de pesquisa pudessem se manter em períodos nos quais não contavam com recursos para projetos ou quando o dinheiro prometido por outros doadores demorava a chegar.” (SPALDING, TAYLOR & VILAS, 1985: Chapter I-3).

Precisamente nesse sentido, vale destacar o reconhecimento do caráter ‘especial’ das ajudas concedidas pela SAREC por parte das pessoas que trabalhavam em outras instituições ou fundações filantrópicas. De fato, um dos Oficiais de Programa da *Ford Foundation* entrevistados, ao fazer referência à dinâmica complementar presente nos centros privados de pesquisa a partir da disponibilidade de fundos concedidos por diferentes agências, afirmou que:

“Os apoios institucionais da SAREC permitiram aos centros desenvolver programas coerentes uma vez que lhes davam dinheiro para áreas temáticas que não eram facilmente financiáveis mas que eram parte integrante de um plano geral.”

Por sua vez, também entendemos pertinente ressaltar certas considerações feitas pelos especialistas que realizaram as avaliações do Programa para América Latina da SAREC no que diz respeito aos problemas suscitados pelas modalidades próprias das outras agências. Assim, eles indicavam que

“O sistema de financiamento de projetos que muitas das agências internacionais puseram em prática forçava os pesquisadores a planejar unicamente estudos de curta duração, que estavam orientados à produção de um informe ou de um produto específico e num determinado período. Isso levou ao incremento da produtividade dos centros, embora, claramente, não todas as pesquisas se conduziram da melhor forma possível sob essas condições. A combinação do financiamento baseado em projetos, juntamente com as necessidades imediatas de contar com fundos para poder manter as atividades, fez com que os centros se orientassem à procura de idéias que pudessem ser financiadas – muitas vezes desconsiderando-se as linhas, os interesses ou inclusive as debilidades e carências particulares no interior dos centros. **Isso outorgou às agências financiadoras um extraordinário controle no direcionamento das pesquisas.**” (SPALDING, TAYLOR & VILAS, 1985: Chapter I-3). (ênfase da autora)

De acordo com o que se indicou até este ponto, e também através dos comentários dos diversos informantes, a SAREC não estabeleceu qualquer tipo de condicionamento aos centros que decidiu apoiar. Não obstante isso, em um dos informes de avaliação realizados por especialistas internacionais sugeriu-se à agência que considerasse o estabelecimento de restrições para alguns destinatários, em decorrência de algo que nos chamou muito a atenção:

“Os centros, salvo escassas exceções, continuam a ser dominados por homens e em alguns deles as instâncias de poder são exclusivamente masculinas. A inclusão de raças ou setores minoritários no interior dos centros é virtualmente nula. Nós, os avaliadores, solicitamos que a SAREC tome em consideração nossa preocupação nesta área, ao ponto de que os apoios outorgados sejam diminuídos ou até suspensos aos centros que sistematicamente excluam as mulheres e os setores minoritários.” (SPALDING, STALLINGS & WEEKS, 1990: 3)

Ainda sobre este ponto, cabe destacar que a questão do gênero parece ser crucial para a SAREC. Uma pesquisa destaca que “desde o ponto de vista do gênero, não menos do que 43% dos estudantes que, nos últimos dois anos, realizaram estudos de Doutorado em programas assistidos pela agência, são mulheres. Mais ainda, 42% dos estudantes que finalizaram seus PhD. em programas assistidos por SAREC são mulheres. Desde o ponto de vista do gênero, estes dados parecem ser melhores do que aqueles relativos à participação da mulher em programas de pós-graduação na Suécia. E isto pode ser resultado da forma como estes programas de pós-graduação foram desenhados, o que fez possível que os estudantes fizessem grande parte das suas pesquisas de campo, e inclusive dos créditos, nos seus países de origem ou numa região subdesenvolvida. Isso pode beneficiado a participação das mulheres” (FALLENIOUS, 1996: 103).

Finalmente, gostaríamos de sublinhar algo que realmente nos chamou a atenção no decorrer da pesquisa de campo realizada. Os cientistas sociais entrevistados, como foi ressaltado, destacaram enormemente a importância que teve a agência, através de seus *grants* institucionais, enquanto viabilizadora de cursos de ação e desenvolvimento de temáticas que não poderiam ter sido levadas adiante com a ajuda recebida de outras fontes. Uma das pessoas entrevistadas na agência, por sua vez, enfatizou o interesse que a SAREC, e particularmente o Programa Latino-americano, tinha na consolidação de grupos.

Esse, acreditamos, foi um fator decisivo não só pela continuidade das linhas de pesquisa e das equipes que tinham se constituído na Universidade – note-se, por exemplo, que praticamente todos os integrantes da equipe do Instituto de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas (exceção feita àqueles que abandonaram o país) se nuclearam ao redor do CINVE. Este, aliás, deve-se destacar que, conforme os dados apresentados nos Quadros 3.3. e 3.4. foi o centro que recebeu a maior quantidade de fundos por parte da SAREC – já que, de fato, CINVE recebeu um total de 4.935.000 coroas suecas, ao considerarmos o período 1977/78–1989/90, sendo que o CIESU recebeu pouco mais de 1.500.000 coroas, e o CIEDUR apenas 250.000 coroas (mas este último centro só em dois anos: entre 1983 e 1985).

Por outra parte, os ângulos ou enfoques que alcançaram proeminência na SAREC variaram ao decorrer do tempo. “Quando a SAREC começou suas atividades, em 1975, o objetivo principal da nova organização era apoiar a construção da capacidade de pesquisa nos países subdesenvolvidos. O incremento das pesquisas realizadas em nível nacional era visto como um pré-requisito para a auto-confiança e para o desenvolvimento e também como um fator chave caso os países subdesenvolvidos fossem participar em esforços de cooperação científica internacional. As ajudas concedidas pela SAREC têm variado tanto em termos da forma como no que diz respeito às quantias outorgadas desde que as mesmas se iniciaram, vinte anos atrás. Naquele então, quase noventa por cento do orçamento da SAREC dedicava-se à sustentação dos programas internacionais de pesquisa. Hoje a ênfase centra-se no apoio a programas bilaterais de pesquisa, programas regionais e iniciativas especiais” (FALLENUS, 1996: 101).

A agência retirou seu apoio ao desenvolvimento de atividades nos centros privados de pesquisa só em 1990 (a *Ford Foundation* tinha aprovado o financiamento do último projeto em 1981). Dentre as agências analisadas, a SAREC foi a que chegou por último e também foi a última a se retirar, acompanhando o processo de rearticulação e reconstrução que teve lugar a partir de 85. Os cientistas sociais entrevistados, também por isso, percebem a SAREC como uma agência solidária ao extremo – além do que nunca lhes impôs condições, a despeito de os avaliar rigorosamente.

Analisando os diversos materiais da agência pode-se inferir que na mesma também existia a preocupação em participar da evolução do que acontecia, o que em parte se traduz em anotações do seguinte teor:

“Um indicador da cooperação entre a universidade nacional e os centros é o convênio assinado entre os cinco principais centros do país (incluindo-se as três entidades apoiadas pela SAREC)<sup>69</sup>. Embora nesse

---

<sup>69</sup> - Note-se que esses cinco centros aos quais se faz menção são os quatro considerados por nós (CIEDUR, CIESU, CINVE e CLAEH) mais o Centro de Investigações em Educação e Pedagogia (CIEP) – que foi constituído nos primeiros anos da década de 80 (por volta de 83) e que, por outro lado, nunca chegou a ser aceito como membro de CLACSO, embora as autoridades do centro fizessem a solicitação. Por sua vez, também é oportuno reiterar o fato de que o CLAEH nunca recebeu apoio da SAREC, o que

convênio não se especifica o tipo de cooperação resultante, ele formalmente reconhece o nível acadêmico dos centros assim como reafirma o papel da universidade em termos do ensino e da pesquisa em ciências sociais. A grande maioria dos membros dos três centros ensina em alguma dependência do sistema universitário nacional, centrado em Montevideu. Assim, o apoio da SAREC aos centros contribui para a reconstrução da infra-estrutura educacional do país de nível superior.” (SPALDING, STALLINGS & WEEKS, 1990: 41).

Assim, e segundo o percebido por ela própria, a SAREC não só contribuiu à geração e à manutenção das condições que garantiram a preservação das atividades de pesquisa durante um lapso que se caracterizara tanto pela resistência em nível político (perante certo regime de governo e certas atribuições de vida) como pela resistência em termos da continuidade: do somar esforços para seguir em frente, mas também acompanhou os cientistas na transição que fosse, logo, coletivamente construída.

### ***3.3. - O papel do financiamento na construção da agenda: resumindo o debate***

Em primeiro lugar, entendemos pertinente reiterar que a totalidade dos centros privados uruguaios de pesquisa em ciências sociais se caracterizam, até os dias de hoje, pelo fato de serem eminentemente interdisciplinares. Porém, por força de circunstâncias extensivamente referidas no decorrer deste trabalho, em certos períodos eles se orientaram ao desenvolvimento de atividades em temas que, naquele contexto, tinham adquirido primazia.

Entre os principais temas que foram objeto de tratamento acadêmico por parte dos centros, gostaríamos de assinalar que, conforme a análise dos relatórios de cada um dos centros independentes em particular (CIEDUR, vários anos; CIESU, 1984; CINVE, 1985; CLAEH, 1994), as doze mais recorrentes são: Ciência e Tecnologia; Condições de

---

explica o fato de que as três agências mencionadas destinatárias das ajudas desta agência sueca foram: CIEDUR, CIESU e CINVE.

Emprego e Mercado de Trabalho; Demografia e Estudos da População; Educação, Estudos de Gênero; Estudos Rurais; Estudos Urbanos e Regionais; Modernização e Mudanças Sociais; Pobreza e Satisfação de Necessidades Básicas; Políticas Públicas, com especial ênfase nas econômicas; Problemas agropecuários e agro-industriais; e Saúde e Nutrição.

Por sua vez, entre os temas ausentes da agenda de pesquisa, entendemos que se deve anotar, na produção registrada até 1986 e por razões estreitamente associadas ao clima político vivenciado pelo país, a inexistência de análises sobre o Estado, o Sistema Político e os Atores Sociais. (CIEDUR, vários anos; CIESU, 1985; CIESU, 1998; CINVE, 1985; CLAEH, 1987; CLAEH, 1994).

Ainda neste sentido, cabe assinalar que as temáticas objeto de estudo costumavam, muitas vezes, variar no tempo conforme as oportunidades de financiamento iam surgindo, ou conforme certos interesses iam sendo colocados sobre a mesa. Tomando o caso do CLAEH – centro que, tal como fora salientado em diversas oportunidades, não contou com financiamento nem da *Ford Foundation* nem da SAREC –, apresentaremos a seguir, e a modo de exemplo, a ‘construção’ do *continuum* de atividades num centro em particular.

Situando-nos em metade da década dos 70, e a partir das problemáticas que estavam sendo, em boa medida, compartilhadas por vários dos países da região – assim como em decorrência do interesse por achar explicações e/ou realizar análises que contribuíssem para melhor entender vários dos fenômenos e das variáveis cuja incidência na vida econômica, política e social era de enorme magnitude –, as atividades desenvolvidas pelo Centro Latino-americano de Economia Humana nos primeiros anos após a instauração da ditadura referem à organização de seminários sobre temáticas tais como: “O processo de Integração na América Latina”<sup>70</sup>, “Modelo Mundial Latino-

---

<sup>70</sup> - Realizado, com a colaboração do INTAL e com a participação da ALALC, do 22 ao 30 de setembro de 1975.

americano”<sup>71</sup>, “A nova ordem internacional: dimensões de um debate histórico”<sup>72</sup>, “América Latina: duas décadas de planificação”<sup>73</sup>, “Pesquisa e necessidades humanas”<sup>74</sup> e “As necessidades humanas em uma alternativa de desenvolvimento para América Latina”<sup>75</sup>.

Logo depois, e no final de uma década que se caracterizou por apresentar sérias dificuldades ao desenvolvimento que tinha sido planejado, e considerado desejável, dentro da ‘onda planificadora’ dos 60, o tema do desenvolvimento passou, precisamente, a ser um dos centros do debate – e, dentro desse contexto, cabe citar o fato de que o CLAEH, já em 1979 e 1980, organizou jornadas e seminários internacionais sobre tópicos centrados e/ou associados ao desenvolvimento; qual sejam: “Participação de organizações não governamentais na elaboração e na execução da estratégia das Nações Unidas para o desenvolvimento nos anos 80 e seguintes”<sup>76</sup>, “Educação e desenvolvimento no Uruguai”<sup>77</sup> e “Os processos de integração e de desenvolvimento na Europa e na América Latina: perspectivas para a década dos 80”<sup>78</sup>.

No transcurso de 1982 e 1983 o CLAEH deu início a uma série de trabalhos, eminentemente voltados para a ação social, em relação a, por uma parte, políticas de saúde e, por outra, questões relativas à infância-juventude. Estes dois núcleos temáticos chegaram a ter um longo desenvolvimento dentro da instituição, sendo que para isso a mesma contou com o apoio técnico e financeiro da Organização Pan-americana da Saúde (OPS) e da Fundação para a Educação da Infância e Juventude da Organização das

---

<sup>71</sup> - Realizado, com a colaboração da OIT e com a participação da Fundação Bariloche, nos dias 14 e 15 de novembro de 1975.

<sup>72</sup> - Realizado, com a participação da CEPAL e da Fundação Bariloche e com a colaboração da OIT, do 25 ao 29 de outubro de 1976.

<sup>73</sup> - Seminário internacional que teve lugar do 24 ao 27 de outubro de 1977.

<sup>74</sup> - Encontro Latino-americano promovido pela UNESCO, abril de 1978.

<sup>75</sup> - Jornadas patrocinadas pela SID e realizadas do 26 ao 30 de junho de 1978.

<sup>76</sup> - Jornadas realizadas, do 1 ao 7 de junho de 1979, sob o auspício da FIPAD (Suíça).

<sup>77</sup> - Seminário internacional que teve lugar, com a participação da CEPAL, do 4 ao 15 de agosto de 1979.

<sup>78</sup> - Realizado, do 30 de setembro ao 2 de outubro de 1980, sob o auspício da Comunidade Econômica Européia e a participação da CEPAL, do INTAL e o SELA.

Nações Unidas (UNICEF, pela sigla em idioma inglês)<sup>79</sup>. Note-se, porém, que esses apoios foram concedidos até a finalização do regime de exceção, em 1985, sendo que depois desse ano as atividades desenvolvidas nessas áreas se restringiram à participação dos centros uruguaios e que, mais ainda, foram se desarticulando de forma paulatina. Isso não faz mais do que nos apresentar evidências sobre a clara influência das agências sobre a temática de pesquisa estabelecida por um centro que – pelo fato de não ter recebido assistência nem da Fundação Ford nem da SAREC, e por ter recebido apoio do IDRC para desenvolver apenas dois projetos (aprovados em 1981 e 1984 e executados já na fase final da ditadura e no início da democracia) – poderia se pensar que tivesse tido uma dinâmica diferente.

A partir de 1985 todo um novo leque de temáticas entrou em cena. Com a reinstauração democrática, e mais precisamente em decorrência dela, os núcleos de cientistas sociais que se localizavam tanto nos centros privados de pesquisa como na Universidade (após a retomada de atividades no seio da mesma) passaram a trabalhar em torno a temáticas relacionadas com o Estado, os partidos políticos, os dilemas e desafios que se colocavam, a redemocratização, as novas relações internacionais, a concertação social e, em termos mais gerais, as condições de implantação e funcionamento da democracia política nos países da América Latina – sendo que, mais uma vez, se dava um

---

<sup>79</sup> - As atividades, reuniões, seminários e outros encontros mantidos no marco destas linhas foram, ao decorrer do lapso 1982-1990 (ano que delimita o fim do período considerado por nós), tantas que resultaria quase impossível citá-las aqui. Não obstante isso, cabe dar conta das principais: “I Encontro de Serviços Privados de Saúde Popular, Policlínicas, de Montevideú” (17 de outubro de 1982); Reunião Técnica, promovida pela UNICEF, sobre “Algumas ações privadas inovativas de promoção da infância e a juventude na Argentina e no Uruguai” (25 ao 27 de outubro); “II Encontro de Serviços Privados de Saúde Popular, Policlínicas, de Montevideú” (29 de maio de 1983), Primeira Reunião da UNICEF como “Jornada Preparatória da I Assembléia de Instituições Não Governamentais de Atenção à Infância com Carências” (21 de outubro de 1983); Seminário, auspiciado pela CEPAL, sobre “Participação da Juventude no Desenvolvimento” (28 e 29 de outubro de 1983); Segunda Reunião da UNICEF, com participação de 70 instituições – “I Assembléia de Instituições Não Governamentais de Atenção à Infância com Carências” (10 de dezembro de 1983); Seminário sobre “Atenção Primária em Saúde e Situação Atual no Uruguai” (12 de agosto de 1984); “Seminário Técnico de Instituições Não Governamentais de Atenção às Crianças e Jovens Carentes” (19, 20 e 21 de outubro de 1984); Seminário, realizado sob o patrocínio da UNICEF, sobre “Análise de Pesquisas acerca de Crianças em Situação de Pobreza” (12 ao 18 de dezembro de 1984); “Talher sobre Políticas Sociais para a Infância” (12 ao 18 de dezembro de 1984); “Encontro Regional de Instituições Privadas que Atendem Crianças com Carências no Norte Uruguio” (realizado na cidade de Rivera do 23 ao 25 de maio de 1985); “Seminário Técnico sobre Atenção Primária de Saúde”, auspiciado por OPS/OMS/UNICEF (27 ao 29 de maio de 1985).

‘movimento conjunto’, para o caso: um de retorno aos sistemas democráticos, em vários dos países da região.

Aos efeitos de exemplificar esse último ponto, cabe sublinhar a realização dos seguintes Talleres de Discussão: “Movimientos Sociales e Partidos Políticos” (11 e 12 de maio de 1985), “Possibilidades e dilemas da democracia em países capitalistas dependentes” (8 de junho de 1985), “Os processos de democratização na América Latina” (22 e 23 de junho de 1985). Ainda em 1985, também se realizaram dois Seminários Internacionais: um sobre “As relações internacionais na América Latina. O Uruguai no contexto latino-americano” (9 a 13 de setembro) e “Condições de implantação e funcionamento da democracia política na América Latina” (3 a 6 de dezembro), ambos co-organizados junto com CLACSO.

A partir da experiência, e a construção evolutiva das atividades mantidas por um centro como o CLAEH – aquele que, segundo poderia se supor, era o menos susceptível de ter tido um alto grau de ingerência do financiamento nas atividades desenvolvidas, gostaríamos de fazer alguns comentários gerais sobre, precisamente, como se manifestaram os cientistas entrevistados em relação a quais as ‘determinações’ temáticas que pudessem ter sido induzidas pelos financiadores.

Assim como já tratado anteriormente, nosso interesse era saber em que medida os projetos dos centros eram elaborados visando conseguir o tão almejado financiamento. E também saber em que medida, ao fazer isso, os cientistas abandonavam temas que eles consideravam essenciais. Eis aqui algumas das respostas recebidas:

“Eu acredito que se tentou equilibrar duas coisas: contrabalançar o que o país, no nosso entender, estava demandando estudar ou o que resultava relevante estudar, com aquilo que os financiadores estavam dispostos a financiar. Teria sido impossível escolher temas que não tivessem a possibilidade de serem respaldados pelas agências internacionais. O que ocorria, então, era que nós tentávamos procurar as coincidências entre o que considerávamos prioritário e o que os financiadores entendiam como prioritário. O que nunca fizemos, eu acho, foi outorgar relevância a temas que não acreditávamos que fossem

relevantes visando obter financiamento. Mas não tenho dúvida nenhuma que fizemos grandes esforços para convencer os financiadores sobre quais deviam ser os temas. Só que as vezes eles ‘nem ligavam’. [...] Então, eu respondo tua pergunta deste jeito: A agenda de pesquisa foi parcialmente elaborada pelas agências financiadoras, sem nenhuma dúvida. Desconhecer isto seria ignorar aquelas medidas.”

“Minha resposta ao tema do condicionamento das agências é sim e não. Eu tenho a experiência do CLAEH e também conheço algo do CIESU, e no meu parecer devo responder sim porque, evidentemente, havia certos projetos que visavam responder a uma demanda super concreta: queria-se tal financiamento, isso implicava ter que produzir projetos sobre <x> tema, respondia-se a essa demanda e ponto. Ao mesmo tempo, digo não por que de alguma maneira, porém só as vezes, os centros conseguiram sair desse condicionamento e aproveitaram os recursos que lhes tinham sido dados para fazer uma abordagem de temas mais básicos: faziam o necessário para satisfazer às agências e conseguiam ir um pouco além, realizando o que eles desejavam. Mas também é verdade que a abordagem desses temas básicos sempre esteve relativizada pela intolerância do regime *de facto*; e aí havia um limite, ou um auto-limite, na época da ditadura. Chegava-se até certo ponto: até aquele no qual se sabia que se podia chegar. [...] Acredito que quando se inicia o período democrático claramente surge uma procura muito mais livre, mais plural, mais aberta, que se faz a partir do que se tinha alcançado durante a ditadura. Então, essa base elaborada sob a ditadura é uma base que depois serviu para se construir coisas muito mais sólidas.”

As opiniões dos cientistas sobre esta questão, como era de se esperar, não são unânimes. Os enunciados, explícitos ou não, das agências e fundações filantrópicas, menos ainda. Cabe continuar indagando e, na nossa opinião, fazendo uma interpretação construtivista a respeito destas questões.

### ***3.3. – Algumas considerações finais***

No decorrer deste capítulo foi nossa intenção aprofundar diversos aspectos relativos ao financiamento concedido por algumas agências e fundações filantrópicas internacionais para o desenvolvimento das ciências sociais no Uruguai, por diversas

razões. Em primeiro lugar, como forma de sublinhar tanto a importância deste apoio na manutenção das atividades acadêmicas como as diversas modalidades pelas quais esse apoio se materializou. Em segundo lugar, porque desde o estabelecimento das agendas de pesquisa até as mais corriqueiras tarefas dos centros privados criados entre 1974 e 1977, todas as atividades sofreram influência dessas agências e fundações, dado que os centros não contavam com qualquer tipo de fundos além daqueles que lhes eram concedidos de fora do país.

Deste ponto de vista, o financiamento externo foi determinante do que se fez, e do que se deixou de fazer, durante vinte anos, na Economia e na Sociologia no Uruguai. Determinante, na medida em que teve ingerências nas agendas de pesquisa, na seleção dos temas a serem abordados, na escolha dos objetos de estudo e/ou das comunidades (movimentos sociais, sindicatos, grupos de produtores rurais etc.) que deveriam ser estudadas, na qualificação do pessoal que conduzia essas pesquisas, no relacionamento que eles mantinham com outros centros e colegas da região, na participação deles em pesquisas de caráter transnacionais, na participação desses pesquisadores em seminários ou congressos organizados no exterior, no acesso desses cientistas à bibliografia atualizada.

A partir dos materiais analisados, das entrevistas mantidas e das opiniões recolhidas para a realização deste capítulo, estabelece-se que as agências internacionais e fundações filantrópicas influíram em numerosos aspectos relativos à evolução e à institucionalização da Economia e da Sociologia uruguayas. Mas, também fica claro que as decisões *per se* eram tomadas pelos cientistas sociais que tinham permanecido no país e que tinham se nucleado nos centros privados que, por sua vez, recebiam a ajuda que provinha do exterior – entre outros motivos, porque dela precisavam desesperadamente. Eis aí parte da dinâmica de construção destas disciplinas. E da construção da dinâmica.

Outro aspecto central diz respeito ao fato de que as decisões dos cientistas, na ocasião de solicitar os apoios externos, apresentar propostas ou até responder a chamadas de financiamento, dependiam das decisões anteriormente tomadas pelos financiadores.

Decisões estas que orientavam as ações de fomento em termos das disciplinas e temas prioritários; do perfil preferencial dos centros e dos países a serem contemplados. Assim, nas agências e fundações tinham sido previamente definidas as diretrizes que possibilitavam aos cientistas sociais decidir se e como deveriam solicitar apoios ao exterior. Seja por necessidade, seja como forma de viabilizar sua permanência no país, os cientistas sociais apostaram no desenvolvimento de atividades acadêmicas em espaços que, no início, não tinham legitimidade mas que, aos poucos, conseguiram conquistar. E, ao legitimar-se, particularmente perante as agências internacionais, possibilitaram, junto com elas, a manutenção da prática científica no país. Eis aí outra parte significativa da dinâmica de construção da Economia e da Sociologia. E também da construção da dinâmica.

Depois de termos revisado os principais aspectos e as principais atividades desenvolvidas pelos centros, começamos este capítulo analisando algumas características das principais agências que atuaram no período 1975-1990. Assim, apresentamos um pouco da história, dos perfis e dos objetivos do Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento / *International Development Research Center (CIID/IDRC)*, da *Ford Foundation* e da agência SAREC (*Swedish Agency for Research Cooperation with Developing Countries*).

Cada agência ou fundação guiava-se por critérios próprios que orientavam suas ações. Assim, cada uma destas instituições utilizava procedimentos diferentes para selecionar os que seriam seus ‘objetos’ de apoio. Tanto questões de natureza ideológica como filosófica incidiam no tipo de assistência e doações que efetivamente realizavam. Essas modalidades, diversificadas segundo os mecanismos de cada agência, também alcançaram repercussões no plano das temáticas em torno às quais os centros privados articularam suas atividades.

As diferentes modalidades também participam da trama explicativa da evolução da Economia e da Sociologia. Destaca-se, por exemplo, que assim como o CINVE foi o centro que recebeu o maior volume de recursos concedidos pela SAREC, o CIESU foi o que recebeu a maior quantidade de fundos por parte do IDRC canadense – sendo que o

CIEDUR contava com fundos adicionais brindados pela IAF e a NOVIB para viabilizar as linhas de trabalho junto aos sindicatos e movimentos cooperativos, e o CLAEH nunca recebeu quantias significativas destas agências porquanto a principal fonte de recursos financeiros deste centro provinha, como já indicado, da social democracia europeia. Dos recursos da *Ford Foundation*, por sua vez, CIESU e CINVE receberam quantias similares – exceto pelo fato de que, no ano 87, CINVE recebeu recursos para desenvolver um projeto e, naquele então, o CIESU, não. Independentemente dessa diferença, de corte temporal, destaca-se que no período no qual a Ford apoiou sistematicamente os centros (ate 1981), CIESU e CINVE receberam assistência similar em termos de valores.

Por outra parte, cabe salientar que dada a variedade de critérios utilizados pelas agências, os centros aprenderam desde logo a utilizar o que lhes era oferecido da maneira que melhor lhes convinha, encaminhando suas solicitações a uma ou outra agência dependendo do tipo de ajuda que esperavam receber (e para que fins). Assim, as modalidades diferenciadoras das agências fizeram com que os centros adotassem diferentes ‘estratégias’ para manter suas atividades. Sem dúvida, estratégias que estavam articuladas para garantir a resistência.

A agência sueca SAREC tinha como política a concessão de *grants* institucionais *strictu sensu*. Ela não apoiava projetos específicos nem indicava como os recursos deveriam ser utilizados. Ou seja: deixava aos centros absoluta liberdade de decisão. Precisamente por isso, e dado que a SAREC tampouco estabelecia qualquer tipo de diretrizes em relação a sub-áreas disciplinares ou temáticas, a maioria dos centros utilizava os fundos desta agência para desenvolver as linhas de pesquisa ou os projetos para os quais eles entendiam que seria muito difícil conseguir financiamento em outras instituições. Todos os trabalhos que, na opinião dos pesquisadores, não teriam chances de ser financiados por outras agências, eram realizados com recursos da SAREC. A ajuda concedida por esta agência também era utilizada para realizar investimentos de infraestrutura, compra de equipamentos, pagamento de aluguéis e outros gastos dificilmente cobertos por outras agências cujos auxílios não eram institucionais.

Embora tudo isso fosse relevante no dia a dia, o que realmente se deve sublinhar é que as tarefas acadêmicas, graças ao caráter dos *grants* da SAREC, puderam se desenvolver *in totum*. É a partir desses fundos que os cientistas sociais percebem que puderam desenvolver as linhas de pesquisa que realmente desejaram e que puderam incursionar pelas tradições e linhas teóricas por eles escolhidas sem restrições de nenhuma espécie – a exemplo do que se realizou no período em História Econômica. Nesse sentido, no decorrer das entrevistas realizadas ficou bastante claro o reconhecimento pelos atores dos benefícios desta modalidade de apoio. Esta era ainda rigorosamente avaliada por especialistas externos que a SAREC contratava para determinar a pertinência e qualidade do que tinha sido feito e decidir sobre a continuidade do apoio.

O CIID/IDRC canadense e a *Ford Foundation*, por sua vez, apoiavam projetos de pesquisa – sendo as diretrizes de cada uma destas instituições substantivamente diferentes. Em primeiro lugar, referimo-nos à Ford – agência que, embora não seja fácil de constatar, atribuía um maior prestígio para aqueles que recebiam seu apoio. Vale dizer que entre os cientistas sociais uruguaios envolvidos com pesquisa no decorrer dos anos 70 e 80, como referido, o fato de contar com o financiamento da *Ford Foundation* era sinônimo, perante os colegas, de que as coisas “estavam sendo bem feitas”.

A Ford, além disso, foi a primeira instituição a apoiar os centros privados de pesquisa: em 1975, ano em que, de maneira excepcional, esta agência concedeu alguns *grants* pontuais visando contribuir para a consolidação institucional dos centros. Mais adiante no tempo, a Ford passou a financiar a realização de projetos específicos. E é neste ponto que surge a controvérsia entre o enunciado pela agência e o percebido pelos cientistas sobre a influência da mesma na elaboração das agendas de pesquisa dos centros privados.

O CIID/IDRC, por sua vez, nas décadas consideradas, propiciou, e ainda mantém essa prática (sendo a única destas instituições que continua a apoiar projetos em ciências sociais no Uruguai), o financiamento de propostas que eram formuladas por uma modalidade mixta – segundo orientações temáticas que se considera são fixadas a partir

dos critérios de agência, mas com a flexibilidade derivada de debates sobre a pertinência e a relevância dos objetos e as pesquisas junto aos próprios pesquisadores. Vale dizer que os cientistas sociais latino-americanos que aspiravam contar com financiamento desta agência deviam formular projetos de pesquisa que eles mesmos considerassem um aporte para o avanço do conhecimento numa área ou temática determinada. O CIID/IDRC decidia se apoiava ou não os projetos, depois de analisar se a temática, além de ser pertinente em nível local, se enquadrava dentro dos temas considerados prioritários pela agência. A utilidade potencial dos resultados para o desenvolvimento também era levada em consideração – em concordância com um lema recorrente da agência, qual seja: *“empowerment through knowledge”*.

A partir das diferenciações nas modalidades e diretrizes do financiamento externo é possível entender a existência de diferenciações temáticas e a ênfase colocada em alguns temas em particular. Os cientistas sociais perceberam que, através das agências internacionais, era possível contar com o apoio financeiro que tanto precisavam para continuar a exercer sua prática científica no país nas áreas da Economia e da Sociologia, durante o período compreendido entre 1970 e 1990. Mas para isto, tiveram que fazer concessões e negociar, desenvolvendo uma capacidade de articulação que foi importante uma vez que viabilizou novos aprendizados institucionais. Certamente estas disciplinas, graças aos múltiplos e variados apoios recebidos de fora do país, tomaram rumos e direções que, em outras circunstâncias, teriam sido diferentes. As contingências fizeram com que a Economia e a Sociologia no Uruguai se desenvolvessem num contexto caracterizado pela “pesquisa de resistência”, no interior dos centros privados de pesquisa e com financiamento externo.

A importância que o realizado nos centros privados teve na construção de novos hábitos de pesquisa relaciona-se, ainda, com aspectos estreitamente ligados ao que deles era esperado por parte das agências financiadoras. Assim, por exemplo, cabe destacar que os integrantes dos mesmos desenvolveram novas práticas em termos da formação de recursos humanos jovens, em termos de produção científica, em termos da difusão daquilo que produziam, em termos da discussão e apresentação dos resultados das pesquisas

desenvolvidas em eventos organizados pelos próprios financiadores e em termos do relacionamento que vieram a manter com pesquisadores de outros países, entre outros fatores. Essas ‘novas’ práticas levaram, por sua vez, à conformação – à construção – de um *ethos* científico claramente diferenciado daquele que tinha preponderado antes da constituição dos centros privados, nos quais veio a se garantir a evolução da Economia e a Sociologia uruguaias. A construção desse *ethos* foi-se delineando, precisamente, a partir do contexto no qual os cientistas desenvolviam sua prática de pesquisa, conforme lineamentos e particularidades contingentes.

## CONCLUSÕES

Neste trabalho tratamos da emergência e da institucionalização da Economia e da Sociologia no Uruguai. Considerando que o desenvolvimento de atividades inerentes à prática acadêmica nessas duas disciplinas deu-se, no caso concreto do Uruguai, com um certo atraso em relação ao que acontecera em outras nações do continente, no primeiro capítulo apresentamos e analisamos a trajetória seguida pela Economia e a Sociologia no processo de construção social que as conduziu à conformação de âmbitos institucionais em esferas públicas.

As condições de estabilidade social, econômica e política que caracterizaram o Uruguai no decorrer de quase toda sua história fizeram com que não fosse imperioso contar com análises e diagnósticos da realidade. Esta última não apresentava grandes conflitos e, de fato, até meados dos anos 50 não se tinha vivenciado ainda nenhum dos fenômenos sócio-econômicos que, logo na década de 60, viriam a se suceder – quais sejam: o movimento migratório campo-cidade, o declínio de áreas produtivas e agropecuárias então consideradas tradicionais, a diminuição do alto nível de exportações registrado desde a pós-guerra, o colapso econômico suscitado a partir do insucesso da política de substituição de importações, o crescimento do ritmo inflacionário, o aumento do desemprego, e o surgimento e posterior fortalecimento de movimentos contestatórios, entre outros. Estas problemas sociais, políticos e econômicos começam a vislumbrar-se só no final dos anos 50, e é a partir de então que aparecem, também, as preocupações por institucionalizar e hierarquizar esforços para a geração de conhecimentos em Economia e Sociologia.

Destaca-se, assim, que durante a década de 60 as atividades desenvolvidas em torno a estas disciplinas atendiam à necessidade de melhor compreender os fenômenos decorrentes da crise sócio-política e econômica – sendo que a realização de tais atividades teve lugar em cátedras ou institutos da *Universidad de la República* e em espaços criados no interior de certos Ministérios. Cabe sublinhar, ademais, que estes foram os *loci* nos quais se assistiu à constituição das primeiras equipes de trabalho de caráter interdisciplinar.

As incipientes atividades de pesquisa realizadas viram-se interrompidas pela instauração da ditadura militar que se impôs no Uruguai em junho de 1973. A ‘intervenção’ da Universidade, por sua vez, resultou no fechamento da maioria dos cursos de Economia e Sociologia, na expulsão dos quadros mais capazes e reconhecidos, e no encerramento das atividades associadas ao desenvolvimento destas disciplinas. Nesse contexto, os cientistas sociais uruguaios que permaneceram no país procederam à criação de centros privados de pesquisa, sendo que estes foram os únicos espaços nos quais se manteve a prática científica em Economia e Sociologia durante os quinze anos em que as ‘autoridades’ militares detiveram o poder.

O argumento central que permeia este trabalho assenta-se no fato de que estes centros, através das múltiplas atividades neles desenvolvidas, foram os que possibilitaram a sobrevivência da Economia e da Sociologia no Uruguai. As equipes que tinham se conformado nos espaços universitários e ministeriais se mantiveram. E elas conseguiram, também, continuar com a geração de conhecimentos e a formação de recursos humanos – porém, na órbita dos centros privados, e segundo lógicas e dinâmicas diferenciadas.

No decorrer do segundo capítulo, trata-se especificamente das atividades desenvolvidas no interior dos centros privados de pesquisa. Atividades que só puderam ser realizadas a partir do financiamento que os centros recebiam por parte de agências internacionais e fundações filantrópicas. Vale destacar, assim, que os centros privados de pesquisa em ciências sociais uruguaios – únicos espaços nos quais se manteve a prática científica nestas áreas do saber durante os quinze anos que marcaram a existência da que se deu em chamar de “pesquisa de resistência” – só puderam manter suas atividades a partir do financiamento externo. Uma vez que não era possível contar com fundos financeiros de origem nacional, eles ‘dependiam’ das ajudas e *grants* concedidos por agências internacionais e fundações filantrópicas para a consecução da pesquisa. Também foi a partir das atividades realizadas sob o financiamento internacional recebido que os cientistas nucleados nos centros conseguiram manter vínculos com seus pares da região e do continente, participar em pesquisas colaborativas com outros centros estrangeiros, assistir a congressos e eventos organizados no exterior, e atualizar a muito escassa bibliografia que chegava ao país.

Paradoxalmente, verifica-se que foi durante a ditadura militar, e a partir dos projetos de pesquisa e das atividades desenvolvidas nos centros privados, quando a Economia e a Sociologia uruguaias alcançaram um maior nível de produção no país.

Os centros privados de pesquisa, tal como analisado ao final do segundo capítulo, procederam à realização de inúmeras atividades – incursionando no tratamento de novas temáticas, e muito especialmente naquelas para as quais vislumbravam poder contar com financiamento por parte das agências –; atenderam à formação das camadas de pesquisadores mais jovens (e também de líderes sociais que alimentassem os quadros dos movimentos de base); se constituíram em focos de irradiação de pensamento crítico; mantiveram interações, como não o tinham feito antes, com pares da região – o que se viu favorecido pela política de regionalização sustentada pelas agências financiadoras; e afiançaram laços com os grupos sindicais e os movimentos cooperativos surgidos como formas inovadoras visando superar as adversas e muito restritivas condições que imperaram – nos níveis cultural, econômico, social e político – durante a ditadura.

Além de poder ser considerados como centros que desenvolveram linhas de ação em campos extra-acadêmicos – junto a organizações que atendiam à manutenção de idiosincrasias e valores, na resistência; e tendo-se constituído, eles próprios, em movimentos de resistência – os centros privados de pesquisa, ao resistirem – no sentido de não permitir que a Economia e a Sociologia se extinguissem – demarcaram práticas científicas antes desconhecidas pelos cientistas sociais.

Aos efeitos de manter o nível de atividades e de, para fazê-lo, serem apoiados por agências e fundações internacionais, os cientistas nucleados em torno aos centros privados de pesquisa conduziram um processo de criações. As mesmas dizem respeito não apenas à criação de saberes, à geração de conhecimentos, como também à criação de práticas, hábitos de trabalho, padrões de produção e de interação com os colegas – em suma: dizem respeito à criação de um *ethos* científico particular e contingente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABULAFIA, Julio & BAYCE, Rafael (1975). *Informe preliminar sobre egresados universitarios*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 3. Mimeo, Montevideo.
- AGUIAR, César (1979). *Notas sobre política y sociedad en el Uruguay, 1946-1962*. CIEDUR, Mimeo, Montevideo.
- APEZECHEA, Héctor (1976). *Aspectos de la situación de salud en Uruguay, mortalidad general y mortalidad infantil*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 16. Mimeo, Montevideo.
- APEZECHEA, Héctor et al. (1976). *Estudio y trabajo en el exterior: proceso de emigración de profesionales universitarios en el Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 10. Mimeo, Montevideo.
- ASTORI, Danilo (1981). *Tendencias recientes de la economía uruguaya*. CIEDUR, Montevideo.
- BARBATO, Celia (1986). "Economía". In: CINVE. *Ciencia y Tecnología en el Uruguay*. Ministerio de Educación y Cultura, Montevideo.
- BARNES, Barry (1974). *Scientific knowledge and sociological theory*. Routledge & Kegan Paul, London.
- BARNES, Barry -comp.- (1980). *Estudios sobre Sociología de la Ciencia*. Alianza Editorial, Madrid.
- BARRÁN, José Pedro (1985). "Dictadura e Historia. El 'boom' historiográfico". *Brecha*, Año I, n. 6, Montevideo, pp. 12-14.
- BARREIRO, Adriana (1991). "Presupuesto universitario: ¿un corset para la ciencia y la tecnología?". *Revista de Ciencias Sociales*, n. 5. Fundación de Cultura Universitaria. Montevideo, pp. 53-58.
- BARREIRO, Adriana (1994). *La institucionalización de la ciencia en el siglo XIX, en Alemania y los Estados Unidos de Norteamérica, según la óptica de Joseph Ben-David*. Mimeo, Campinas.
- BARREIRO, Adriana (1997). *La formación de recursos humanos para investigación en el Uruguay*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- BARREIRO, Adriana (1998). 'A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo'. *Consideraciones sobre las etapas, e influencias, que forjaron su historia*. Trabalho apresentado no 'V Congreso Latinoamericano de Historia de la Ciencia y la Tecnología'. Mimeo.

- BARREIRO, Adriana & DAVYT, Amílcar (2000). *Un análisis histórico de las actividades de cooperación de la Oficina Regional de Ciencia y Tecnología de la UNESCO para América Latina y el Caribe (ORCYT/UNESCO), 1949-1999*. Trabalho apresentado nas 'IV Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología (ESOCITE)'. Mimeo.
- BARREIRO, Adriana & VELHO, Léa (1996). *La generación de "Masa Crítica" para investigación. Algunas ideas en torno a sus concepciones e implicancias*. Trabalho apresentado nas 'II Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología (ESOCITE 96)'. Caracas, Mimeo.
- BARREIRO, Adriana & VELHO, Léa (1997). "The Uruguayan basic scientists' migrations and their academic articulation around the PEDECIBA". *Science, Technology and Society*, vol. 2 (2). pp. 261-284.
- BARREIRO, Adriana & VELHO, Léa (1998). "Social sciences in the periphery. The emergence and development of Economics and Sociology in Uruguay". *Science Studies*, vol. 11, pp. 35-51.
- BASALLA, George (1967). "The Spread of Western Science". *Science*, vol 156 (3775), pp. 611-622.
- BAYCE, Rafael (1983). *Algunas reflexiones acerca de la Universidad y sociedad en el Uruguay actual*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 56. Mimeo, Montevideo.
- BEN-DAVID, Joseph (1971). *O papel do cientista na sociedade: um estudo comparativo*. Livraria Pioneira Editora, Sao Paulo.
- BEN-DAVID, Joseph (1972). *American Higher Education. Directions old and new*. Mc Graw-Hill Book Company, New York.
- BERNAL, John D. (1973 [1953]). *Ciencia e industria en el siglo XIX*. Ediciones Martínez Roca S.A., Barcelona.
- BERNAL, John D. (1991 [1967]). *Historia social de la ciencia*, 2 tomos. Ediciones Península, Barcelona.
- BIANCO, Mariela & BARREIRO, Adriana (1998). *El desarrollo de las ciencias agrarias en el Uruguay: De "El Semillero" a la actualidad*. Trabalho apresentado nas 'III Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología (ESOCITE 98)'. Querétaro, México, Mimeo.
- BOMENY, Helena & BIRMAN, Patricia -orgs.- (1991). *As assim chamadas ciencias sociais: formação do cientista social no Brasil*. Relume Dumará, Rio de Janeiro.
- BONILLA, Javier (1981). "La reestructuración capitalista de Uruguay, 1958-1976". In: Varios. *Uruguay: dictadura y realidad nacional*. México DF. pp. 207-232.

- BOUDON, Raymond (1993). "European Sociology: The Identity Lost?". In: NEDELMANN, Birgitta & SZTOMPKA, Piotr -eds.-. *Sociology in Europe: In Search of Identity*. W. de Gruyter, Berlin, pp. 27-44.
- BULMER, Martin & FISHER, Donald (1984). "Debate". *Sociology*, vol. 18, pp. 573-587.
- CANCELA, Walter (1984). "Notas sobre el nuevo rol del estado en la economía uruguaya". *Cuadernos del CLAEH*, n. 30, Montevideo, pp. 3-16.
- CANCELA, Walter & MELGAR, Alicia (1986). *El desarrollo frustrado. 30 años de economía uruguaya, 1955-1985*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- CARDOSO, Fernando Henrique & FALETTO, Enzo (1992). *Dependencia y desarrollo en América Latina*. Siglo XXI Editores, México.
- CHUBIN, Daryl (1996). "Reculturing science: politics, policy and promises to keep". *Science and Public Policy*, v. 23, n. 1, pp. 2-12.
- CIEDUR (1980). *Síntesis de actividades cumplidas y en ejecución*. Mimeo, Montevideo.
- CIEDUR (1983). Anales del I Taller "Uruguay: transición hacia la democracia", organizado por el Centro y realizado en el mes de noviembre de 1983. Montevideo.
- CIEDUR (1984a). Anales del II Taller "Uruguay: transición hacia la democracia", organizado por el Centro y realizado en el mes de abril de 1984. Montevideo.
- CIEDUR (1984b). Anales del III Taller "Uruguay: transición hacia la democracia", organizado por el Centro y realizado en el mes de julio de 1984. Montevideo.
- CIEDUR (1984c). *Noticias de CIEDUR*, Año 1, No. 1. Noviembre. Montevideo.
- CIEDUR (1985a). *Noticias de CIEDUR*, Año 1, No. 2. Junio. Montevideo.
- CIEDUR (1985b). *Noticias de CIEDUR*, Año 1, No. 3. Julio. Montevideo.
- CIEDUR (1985c). *Noticias de CIEDUR*, Año 2, No. 4. Diciembre. Montevideo.
- CIEDUR (1986a). *Noticias de CIEDUR*, Año 2, No. 5. Junio. Montevideo.
- CIEDUR (1986b). *Noticias de CIEDUR*, Año 3, No. 6. Diciembre. Montevideo.
- CIEDUR (1987). *CIEDUR se presenta, 1977-1987*. Montevideo.
- CIEDUR (vários anos). Trípticos de *Publicaciones 1984, Publicaciones 1985, Publicaciones 1986, Novedades 1987, Novedades 1988, Novedades 1988-1989, Novedades 1989-1990, Novedades 1990-1991, Novedades 1991-1992, Novedades 1992-1993, Novedades 1993-1994, Novedades 1994-1995, Novedades 1995-1996, Novedades 1995-1997*. Montevideo
- CIESU (1979). *Informe de Actividades del CIESU, 1977-1979*. Mimeo, Montevideo.
- CIESU (1985). *Catálogo 1975-1984*. Montevideo.

- CIESU (1989). *Índice de Publicaciones 1975-1988*. Mimeo. Montevideo.
- CIESU (1998). *Presentación Institucional*. Mimeo. Montevideo.
- CINVE (1984). *La crisis uruguaya y el problema nacional*. Arca, Montevideo.
- CINVE (1985). *Boletín CINVE* – Número especial: “Nuestra primera década de vida”. Montevideo.
- CINVE (1986). *Ciencia y Tecnología en el Uruguay*. Ministerio de Educación y Cultura, Montevideo.
- CLACSO (1981). *Carta de CLACSO*, n. 32. (Boletín de la Secretaría Ejecutiva del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales). Buenos Aires.
- CLACSO (1982). *Carta de CLACSO*, n. 41. (Boletín de la Secretaría Ejecutiva del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales). Buenos Aires.
- CLACSO (1993). *Carta de CLACSO*, n. 84. (Boletín de la Secretaría Ejecutiva del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales). Buenos Aires.
- CLAEH (1960). *El CLAEH*. Mimeo, Montevideo.
- CLAEH (1977). *En la antesala de los veinte años*. Mimeo, Montevideo.
- CLAEH (1987). *Actividades desarrolladas desde 1974 a 1986*. Mimeo. Montevideo.
- CLAEH (1990). *Presentación Institucional*. Montevideo.
- CLAEH (1994). “Índice general de Cuadernos del CLAEH 1976-1994”. .”. *Cuadernos del CLAEH*, n. 70, Montevideo, pp. 152-170
- CLAEH (vários anos). *Notas del CLAEH*, 6-39. Montevideo.
- CLARK, Norman (1995). “Interactive nature of knowledge systems: some implications for the third world”. *Science and Public Policy*, vol. 22, n. 4, pp. 249-258.
- COLE, Jonathan (1970). “Patterns of Intellectual Influence in Scientific Research”. *Sociology of Education*, vol. 43, pp. 377-403.
- COLLINS, H.M. (1983). “The Sociology of Scientific Knowledge: Studies of Contemporary Science”. *Annual Reviews of Sociology*, vol. 9, pp. 265-285.
- COZZENS, Susan (1990). “Autonomy and Power in Science”. In: COZZENS, Susan & GIERYN, Thomas (ed.). *Theories of Science in Society*. Indiana University Press, Bloomington, pp. 164-184.
- CUETO, Marcos (1991). “Ciencia y Filantropía en las Américas”. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana María & MAIA, Carlos -coords.-. *História da Ciência: O Mapa do Conhecimento*. Edusp, São Paulo, pp. 913-922.
- DASSIN, Joan (1993). “A Experiência Brasileira”. In: MICELI, Sergio -org.-. *A Fundação Ford no Brasil*. Editora Sumaré, São Paulo, pp. 25-31.

- DAVIS, Charles (1997). "Value Structures in International Development Research Management: The Case of a Canadian R&D Funding Agency". In: SHINN et al. (eds.). *Science and Technology in a Developing World*. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, pp. 263-296.
- DI TELLA, G. & OTEIRA, Enrique (1963). *Dos años y medio de actividad del Instituto Torcuato Di Tella*, ITDT. ITDT, Buenos Aires.
- EISEMON, Thomas Owen & HOLM-NIELSEN, Lauritz (1996). "Developing Capacity for Research and Advance Scientific Training: Lessons from World Bank Experience". In: GAILLARD, Jacques. *Les Coopérations Scientifiques Internationales*. ORSTOM Éditions, Dijon-Quetigny, pp. 71-93.
- ERRANDONEA, Alfredo (1997). *Los modos de construcción del conocimiento sociológico en el Uruguay: la producción por "papers"*. Análisis preliminar. Mimeo, Montevideo.
- FALLENIOUS, Ann Marie (1996). "Research Capacity Building in Developing Countries. Some Comments Based on SAREC's Experience". In: GAILLARD, Jacques -ed.-. *Les Coopérations Scientifiques Internationales*. ORSTOM Éditions, Dijon-Quetigny, pp. 101-106.
- FAROPPA, Luis (1967). *El desarrollo económico del Uruguay*. Montevideo, Facultad de Ciencias Económicas y Administración, Montevideo.
- FEINGOLD, Mordechai (1987). "Philanthropy, Pomp, and Patronage: Historical Reflections upon the Endowment of Culture". *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*; vol. 116 (1), pp. 155-178.
- FERNANDES, Florestan (1963). *A sociologia numa era de revolução social*. Nacional, São Paulo.
- FERNANDES, Florestan (1977). *A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Ed. Vozes, Petrópolis.
- FESUR – Friedrich Ebert Stiftung Uruguay (1986). *Unidades de investigación en ciencias sociales en el Uruguay. Repertorio de proyectos*. Montevideo.
- FILGUEIRA, Carlos (1978). *Predisposición migratoria: la situación en egresados profesionales*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 5. Mimeo, Montevideo.
- FILGUEIRA, Carlos (1988a). "Situación actual y perspectivas de la ciencia y la tecnología en Uruguay". In: MARTÍNEZ, Eduardo & BERI, Aldo (comps.), *La integración de la ciencia y la tecnología en la planificación del desarrollo en Uruguay*. UNESCO – ORCYT, Montevideo, pp. 127-135.
- FILGUEIRA, Carlos (1988b). s/t. In: PIÑEIRO, Diego -comp.-. *Los trabajos de la Sociología*. CIESU / Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, pp. 43-71.
- FINCH, Henry. (1980). *Historia económica del Uruguay contemporáneo*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.

- FISHER, Donald (1983). "The Role of Philanthropic Foundations in the Reproduction and Production of Hegemony". *Sociology*, vol. 17, pp. 206-233.
- FISHER, Donald (1991). *The social sciences in Canada*. Wilfrid Laurier University Press, Ontario.
- FORD FOUNDATION (1968). *1967 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1969). *1968 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1970). *1969 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1971). *1970 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1972). *1971 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1973). *1972 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1974). *1973 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1975). *1974 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1976). *1975 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1977). *1976 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1978). *1977 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1979). *1978 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1980a). *1979 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1980b). *Inter-Office Memorandum*, April/16/1980. Mimeo.
- FORD FOUNDATION (1980c). *Inter-Office Memorandum*, June/6/1980. Mimeo.
- FORD FOUNDATION (1981). *1980 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.

- FORD FOUNDATION (1982). *1981 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1983). *1982 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1984). *1983 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1985). *1984 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1990). *Current Interests of the Ford Foundation, 1990 and 1991*. Ford Foundation, New York.
- FORD FOUNDATION (1990b). *Inter-Office Memorandum*, October/18/1990. Mimeo.
- FORD FOUNDATION (1998). *1997 Ford Foundation Annual Report*. Ford Foundation, New York.
- FORTUNA, Juan Carlos & NIEDWOROK, Nelly (1986). *Emigración y retorno en el Uruguay: 1968-1980*. Serie 'Informes de CIESU', No. 32. Mimeo, Montevideo.
- FORTUNA, Juan Carlos; NIEDWOROK, Nelly & PELLEGRINO, Adela (1987). *Emigración de uruguayos: colonias en el exterior y perspectivas de retorno*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 137. Mimeo, Montevideo.
- FORTUNA, Juan Carlos; NIEDWOROK, Nelly & PELLEGRINO, Adela (1988). *Uruguay y la migración de los 70*. Serie 'Estudios sobre la sociedad uruguaya' del CIESU, No. 10. Mimeo, Montevideo.
- GAILLARD, Jacques (1994). "North-South Research Partnership: Is Collaboration Possible Between Unequal Partners?". *Knowledge & Policy*, vol. 7 (3), pp. 31-63.
- GALTUNG, Johan (1967). "After Camelot". In: HOROWITZ, Irving -ed.-. *The rise and fall of Project Camelot: Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, Massachusetts and London : The Massachusetts Institute of Technology Press, pp. 281-312.
- GARFIELD, E. (1983). "Mapping Science in the Third World". *Science and Public Policy*, vol. 10 (3), pp. 112-127.
- GERMANI, Gino (1964). *La Sociología en América Latina*. Eudeba, Buenos Aires.
- GLICK, Thomas (1985). "Crítica a N. Stepan y L. Pyenson". *Quipu*, vol. 2 (3), pp. 437-442.
- GONZÁLEZ POSSE, Ernesto (1988). *Un análisis sistémico de grandes proyectos: reflexiones a partir de Salto Grande*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 141. Mimeo, Montevideo.

- GOULDNER, Alvin (1973). *La crisis de la sociología occidental*. Amorrortu Editores, Buenos Aires.
- GRACIARENA, Jorge et al. (1968). *La Oficina de Planeamiento y Presupuesto: actividades, objetivos y perspectivas*. Universidad de la República, Montevideo.
- GROMPONE, Juan (1976). *La industria gráfica en el Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 7. Mimeo, Montevideo.
- GUITMARÃES, Reinaldo (1991). "Política Científica: Três Fragmentos da Conjuntura." In: BOMENY, Helena & BIRMAN, Patricia -orgs.-. *As assim chamadas ciencias sociais: formação do cientista social no Brasil*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, pp. 101-109.
- HAHN, Roger (1987). "Nuevas tendencias en historia social de la ciencia". In: LAFUENTE, Antonio & SALDAÑA, Juan -coords.-. *Historia de las ciencias*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC. Madrid, pp. 13-23.
- HERRERA, Amilcar (s/d). *Reflexões sobre o planejamento científico e tecnológico*. Mimeo, Campinas.
- HIMES, James (1973). *The Interplay Between the Foundation and Grantees*. Mimeo, New York.
- HOBSBAWM, Eric (1997). *Historia del Siglo XX*. Editorial Crítica, Barcelona.
- HOROWITZ, Irving (1967). "The Rise and Fall of Project Camelot". In: HOROWITZ, Irving -ed.-. *The rise and fall of Project Camelot: Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, Massachusetts and London : The Massachusetts Institute of Technology Press, pp. 3-44.
- IANNI, Octavio (1989). *Sociologia da Sociologia*. Editora Ática, São Paulo.
- IDRC (1971). *1970-1971 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- IDRC (1972). *1971-1972 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- IDRC (1973). *1972-1973 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- IDRC (1974). *1973-1974 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- IDRC (1982). *1981-1982 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- IDRC (1990). *1989-1990 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- IDRC (1995). *A Canadian contribution to development*. IDRC, Ottawa.

- IDRC (1996). *IDRC Projects in Uruguay (active and closed)*. Mimeo, Montevideo
- IDRC (1997). *1996-1997 International Development Research Center Annual Report*. IDRC, Ottawa.
- INE / Instituto Nacional de Estadística, Uruguay (2000). <<http://www.ine.org.uy>>
- JARAMILLO, Hernán (1997). "La Red de Macroeconomía Latinoamericana". In: GÓMEZ BUENDÍA, Hernando & JARAMILLO SALAZAR, Hernán -comps.-. *37 Modos de Hacer Ciencia en América Latina*. Tercer Mundo Editores – COLCIENCIAS, Santafé de Bogotá, pp. 365-369.
- KARL, Barry D. & KATZ, Stanley N. (1987). "Foundations and Ruling Class Elites". *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*; vol. 116 (1), pp. 1-40.
- KAY, Lily (1997). "Rethinking Institutions: Philanthropy as an Historiographic Problem of Knowledge and Power". *Minerva*, XXXV, pp. 283-293.
- KLACZKO, Jaime (1981). *El Uruguay de 1908: su contexto urbano-rural, antecedentes y perspectivas*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 42. Mimeo, Montevideo.
- KNORR CETINA, Karen (1995). "Laboratory Studies: The Cultural Approach to the Study of Science". In: JASANOFF, Sheila et al. -eds.-. *Handbook of Science and Technology Studies*. Sage Publications, London, pp. 140-166.
- LAFUENTE, Antonio & ORTEGA, María (1992). "Modelos de mundialización de la ciencia". *Arbor* CXLII, 558-559-560, Madrid, pp. 93-117.
- LARSEN, Otto (1992). *Milestones and Millstones: Social Science at the National Science Foundation, 1945-1991*. Transaction Publishers, New Brunswick.
- LECHNER, Norbert (1988). *Los desafíos de las ciencias sociales en América Latina*. Programa FLACSO – Documento de Trabajo No. 372, Santiago de Chile.
- LEMAINE, Gérard et al. (1976). *Perspective on the Emergence of Scientific Disciplines*. Maison des Sciences de l'Homme, Paris.
- LEPENIES, Wolf (1994). *Las tres culturas. La sociología entre la literatura y la ciencia*. Fondo de Cultura Económica, México.
- LIMONGI, Fernando (1989). "Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo". In: MICELI, Sergio -org.-. *História das ciências sociais no Brasil*, volume 1. Editora Vértice/IDESP, São Paulo, pp. 111-187.
- LOMBARDI, Mario & VEIGA, Danilo (1980). *Estructura socioeconómica y distribución espacial de la población en el Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 33. Mimeo, Montevideo.
- MANITZAS, Nita (1973). *The Ford Foundation's Social Science Program in Latin America*. Mimeo, New York.

- MARTÍNEZ-LAMAS, Roberto (1930). *La riqueza y la pobreza en el Uruguay*. Bernardi & Riso Editores, Montevideo.
- MARTÍNEZ NOGUEIRA, Roberto (1997). "El Instituto Torcuato Di Tella y la Corporación de Investigaciones Económicas para Latinoamérica". In: GÓMEZ BUENDÍA, Hernando & JARAMILLO SALAZAR, Hernán -comps.-. *37 Modos de Hacer Ciencia en América Latina*. Tercer Mundo Editores – COLCIENCIAS, Santafé de Bogotá, pp. 289-326.
- MARTNER, Gonzalo –coord.- (1987). *América Latina hacia el 2000. Opciones y estrategias*. Editorial Nueva Sociedad, Caracas.
- MARTORELLI, Horacio & NOTARO, Jorge (1984). *Informe final de la investigación "Transición a la Democracia en el Uruguay"*. Mimeo. CIEDUR, volumen I. Montevideo.
- MASSI, Fernanda (1989). "Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras". In: MICELI, Sergio -org.-. *História das ciências sociais no Brasil*, volume 1. Editora Vértice/IDESP, São Paulo, pp. 410-459.
- MAZZEI, Enrique & VEIGA, Danilo (1984). *Pobreza urbana en Montevideo: nueva encuesta en "cantegriles"*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 49. Mimeo, Montevideo.
- McCARTHY, Kathleen (1987). "From Cold War to Cultural Development: The International Cultural Activities of the Ford Foundation, 1950-1980". *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 116 (1), pp. 93-117.
- MELGAR, Alicia (1979). "El Plan CIDE quince años después". *Cuadernos del CLAEH*, n. 10, Montevideo, pp. 25-38.
- MELLO, Nelson de (1975). *Tecnología y empleo en el sector rural*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 5. Mimeo, Montevideo.
- MERTON, Robert (1977). *La Sociología de la ciencia*, 2. Alianza Universidad, Madrid.
- MICELI, Sergio (1990). *A Desilusão Americana. Relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos*. Editora Sumaré, São Paulo.
- MICELI, Sergio (1993). "A Aposta numa Comunidade Científica Emergente. A Fundação Ford e os Cientistas Sociais no Brasil, 1962-1992". In: MICELI, Sergio -org.-. *A Fundação Ford no Brasil*. Editora Sumaré, São Paulo, pp. 33-97.
- MILLOT, Julio (1989). "Racconto económico". *Revista de Ciências Sociais*, n. 3, Montevideo, pp. 81-108.
- MORAVCSIK, Michael (1988). "The limits of science and the scientific method". *Research Policy*, vol. 17, pp. 293-299.
- MULKAY, Michael (1979). *Science and the Sociology of Knowledge*. George Allen & Unwin Ltd., London.

- MULKAY, Michael & EDGE, David (1976). "Cognitive, Technical and Social Factors in the Growth of Radio Astronomy". In: LEMAINÉ, Gerard et al. -eds.-. *Perspectives on the Emergence of Scientific Disciplines*. Maison des Sciences de l'Homme, Paris Publications, Paris, pp. 153-186.
- MÜNCH, Richard (1993). "The Contribution of German Social Theory to European Sociology". In: NEDELMANN, Birgitta & SZTOMPKA, Piotr -eds.-. *Sociology in Europe: In Search of Identity*. W. de Gruyter, Berlin, pp. 45-66.
- NIEDWOROK, Nelly (1979). *Migraciones internacionales: problemas de investigación empírica, aspectos conceptuales y metodológicos*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 37. Mimeo, Montevideo.
- NOTARO, Jorge (1984). *La política económica en Uruguay: 1968-1984*. CIEDUR / Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- NOYA, Nelson (1988). *A liberalização financeira e a acumulação de capital no Uruguai 1974-1984*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia da UNICAMP. Mimeo, Campinas.
- OTEIZA, Enrique (1983). *Constituciones alrededor de CLACSO*. Mimeo, Buenos Aires.
- PAREJA, Carlos (1990). "La academia y la política. La reactualización de la alternativa parlamentarista y los procesos de consolidación democrática en el Cono Sur". *Cuadernos del CLAEH*, n. 56, Montevideo, pp. 25-46.
- PEDECIBA / Programa de Desarrollo de las Ciencias Básicas, MEC, Uruguay (1998). *Informe de Actividades*. Mimeo, Montevideo.
- PETRUCCELLI, José Luis (1976). *Migración y perspectivas de la población en el Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 6. Mimeo, Montevideo.
- PETRUCCELLI, José Luis (1978). *The migration movement from Uruguay to Australia*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 23. Mimeo, Montevideo.
- PETRUCCELLI, José Luis (1979). *La migración interna en el Uruguay, bases para su estudio*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 26. Mimeo, Montevideo.
- PIMENTEL, Félix (1980). *Estimación de los modelos recurrentes: detalle y comentarios*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 24. Mimeo, Montevideo.
- PIÑEIRO, Diego et al. (1983). *Agricultura familiar y estrategias de sobrevivencia*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 45. Mimeo, Montevideo.
- PLATT, Jennifer (1996). *A history of sociological research methods in America*. Cambridge University Press, Cambridge.
- POLANCO, Xavier (1992). "World-Science: How is the history of world-science to be written?". In: PETITJEAN, P. et al. -eds.-. *Science and Empires*. Kluwer Academic Publishers, pp. 225-242.

- PRATES, Suzana (1976). *Ganadería extensiva y población: las condiciones de emergencia de un tipo organizativo de la producción rural*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 17. Mimeo, Montevideo.
- PRATES, Suzana (1979). *Pobreza urbana en el Uruguay: algunos indicadores e hipótesis preliminares*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 9. Mimeo, Montevideo.
- PRATES, Suzana (1980). *La liberalización del agro y las tendencias de la dinámica social rural: notas preliminares*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 26. Mimeo, Montevideo.
- PRICE, John Derek de Solla (1986 [1963]). *Big Science, Little Science and Beyond*. Columbia University Press, New York.
- PURYEAR, Jeffrey (1983). *Higher Education, Development Assistance, and Repressive Regimes*. Ford Foundation – Office of Reports, New York.
- RAMOS, Joseph (1986). *Neoconservative Economics in the Southern Cone of Latin America, 1973 – 1983*. The Johns Hopkins University Press, London.
- REAL DE AZÚA, Carlos et al. (1987). *Vigencia de Carlos Real de Azúa*. CIESU / Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- RESTIVO, Sal (1995). “The Theory Landscape in Science Studies: Sociological Traditions”. In: JASANOFF, Sheila et al. -eds.-. *Handbook of Science and Technology Studies*. Sage Publications, London, pp. 95-110.
- RIAL, Juan (1980). *Estadísticas históricas de Uruguay, 1950-1930: población, producción agropecuaria, comercio, industria, urbanización en un pequeño país*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 40. Mimeo, Montevideo.
- RIAL, Juan (1982). *Situación de la vivienda de los sectores de Montevideo*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 44. Mimeo, Montevideo.
- RIAL, Juan (1984). *Los intelectuales y la política en el Uruguay: soberbia y expiación*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 85. Mimeo, Montevideo.
- RIAL, Juan & KLACZKO, Jaime (1982). *El concepto de estilo de desarrollo*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 41. Mimeo, Montevideo.
- RIP, Arie & VAN DER MEULEN, Barend J.R. (1996). “The post-modern research system”. *Science and Public Policy*, vol. 23, n. 6, pp. 343-352.
- RODRÍGUEZ, Octavio (1982). *La teoría del subdesarrollo de la CEPAL*. Siglo XXI Editores, México.
- ROELOFS, Joan (1984). “Foundations and the Supreme Court”. *Telos*, vol. 62, pp. 59-87.

- SCAFF, Lawrence (1993). "Europe and America in Search of Sociology: Reflections on a Partnership". In: NEDELMANN, Birgitta & SZTOMPKA, Piotr -eds.-. *Sociology in Europe: In Search of Identity*. W. de Gruyter, Berlin, pp. 213-223.
- SILVERT, Kalman (1967). "American Academic Ethics and Social Research Abroad: The Lesson of Project Camelot". In: HOROWITZ, Irving -ed.-. *The rise and fall of Project Camelot: Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, Massachusetts and London : The Massachusetts Institute of Technology Press, pp. 80-106.
- SILVERT, Kalman (1974). *Looking Backward to Santa Maria*. Memo, New York.
- SOBRAL, Fernanda (1992). "Ciência e Poder: O Caso da Economia". *Sociedade e Estado*, vol. VII, nros. 1 e 2, jan/dez, pp. 97-109.
- SOBRAL, Fernanda A. Da Fonseca (1996). "O campo científico da economia no Brasil". In: ALBORNOZ, Mario; KREIMER, Pablo & GLAVICH, Eduardo -eds.-. *Ciencia y sociedad en América Latina*. Ed. Universidad Nacional de Quilmes, Buenos Aires, pp. 127-137.
- SOLARI, Aldo (1964). "Introducción a la historia de las ciencias sociales en el Uruguay". In: SOLARI, Aldo. *Estudios sobre la Sociedad Uruguaya*. Arca Editorial. Montevideo.
- SPALDING, Hobart; STALLINGS, Barbara & WEEKS, John (1990). *SAREC's Latin American Programme. An Evaluation: 1990*. SAREC Documentation
- SPALDING, Hobart; TAYLOR, Lance & VILAS, Carlos (1985). *SAREC's Latin American Programme. An Evaluation*. SAREC Documentation.
- STALEY, David (1995). "The Rockefeller Foundation and the Patronage of German Sociology, 1946-1955". *Minerva*, XXXIII, pp. 251-264.
- STOLOVICH, Luis (1991). "Acumulación de capital e innovaciones tecnológicas en el Uruguay de las últimas dos décadas". In; ARGENTI, Gisela. *Uruguay: el debate sobre la modernización posible*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, pp. 111-175.
- SUTTON, Francis (1987). "The Ford Foundation: The Early Years". *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*; vol. 116 (1), pp. 41-91.
- TAGLIORETTI, Graciela (1981). *La participación de la mujer en el mercado de trabajo 1963-1975*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 43. Mimeo, Montevideo.
- TERRA, Juan Pablo (1990). "Los nuevos profetas del fin de la historia". *Cuadernos del CLAEH*, n. 56, Montevideo, pp. 47-62.
- THOMAS, Franklin (1993). "O Investimento da Fundação Ford nos Recursos Humanos e na Capacidade de Desenvolvimento a Longo Prazo". In: MICELI, Sergio -org.-. *A Fundação Ford no Brasil*. Editora Sumaré, São Paulo, pp. 15-23.

- TOURAINE, Alain (1986). "La profesión sociológica en América Latina." *Cuadernos del CLAEH*, n. 39, Montevideo, pp. 5-21.
- TURNER, Stephen & TURNER, Jonathan (1990). *The Impossible Science. An Institutional Analysis of American Sociology*. Sage Publications.
- VAN DEN DAELE, Wolfgang & WEINGART, Peter (1976). "Resistance and Receptivity of Science to External Direction: the Emergence of New Disciplines under the Impact of Science Policy". In: LEMAINE, Gerard et al. -eds.-. *Perspectives on the Emergence of Scientific Disciplines*. Maison des Sciences de l'Homme, Paris Publications, Paris, pp. 247-275.
- VEIGA, Danilo (1978). *Tipología departamental y desarrollo regional en el Uruguay*. Serie Cuadernos de CIESU, No. 11. Mimeo, Montevideo.
- VEIGA, Danilo (1979). *Notas para el análisis regional en perspectiva histórica*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 17. Mimeo, Montevideo.
- VEIGA, Danilo (1982). *Población y migración en el Noreste de Canelones*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 32. Mimeo, Montevideo.
- VELHO, Léa (1987). "The author and the beholder: how paradigm commitments can influence the interpretation of research results". *Scientometrics*, v. 11, pp. 59-70.
- VELHO, Léa (1990). "Sources of Influence on Problem Choice in Brazilian University Agricultural Science". *Social Studies of Science*, v. 20, pp. 503-517.
- VENEZIAN, Eduardo (1982). "The Economic Sciences in Latin America". In: STIFEL, Laurence; DAVIDSON, Ralph & COLEMAN, James -eds.-. *Social sciences and public policy in the developing world*. Lexington Books, Massachusetts, pp. 189-210.
- VESSURI, Hebe (1986). "Los papeles culturales de la ciencia en los países subdesarrollados". In: SALDAÑA, J.J. *El perfil de la ciencia en América Latina*. Cuadernos de Orizaba n. 1. México, pp. 7-17.
- VESSURI, Hebe (1987). "The Social Study of Science in Latin America". *Social Studies of Science*, v. 17, pp. 519-554.
- VESSURI, Hebe (1990). "El Sísifo sureño: Las ciencias sociales en la Argentina". *Quipu*, vol. 7(2), pp. 149-185.
- VESSURI, Hebe (1996a). "Scientific Cooperation among Unequal Partners: the Strait-Jacket of the Human Resource Base. The Rockefeller Foundation in Venezuela in the 1940s". In: GAILLARD, Jacques -ed.-. *Les Coopérations Scientifiques Internationales*. ORSTOM Éditions, Dijon-Quetigny, pp. 171-185.
- VESSURI, Hebe (1996b). "El proceso de institucionalización de la ciencia". In: SALOMON, Jean-Jacques; SAGASTI, Francisco & SACHS, Céline -comps.-. *Una búsqueda incierta. Ciencia, tecnología y desarrollo*. Editorial de la Universidad de las Naciones Unidas / Fondo de Cultura Económica, México, pp. 199-233.

- WEBSTER, Andrew (1991). *Science, Technology and Society: New Directions*. Macmillan Educations Ltd., London.
- WEINGART, Peter et al. (1997). "Ciencia y entorno social. Una aplicación del enfoque neoinstitucionalista a los estudios sociales de la ciencia". *Revista Internacional de Sociología*, Tercera Época, No. 16, Madrid, pp. 117-137.
- WHITLEY, Richard (1984). *The intellectual and social organization of the sciences*. Clarendon Press, Oxford.

## BIBLIOGRAFIA

- ARKES, Hadley (1972). *Bureaucracy: The Marshall Plan and the National Interest*. Princeton University Press, Princeton.
- ARNOVE, Robert (1980). *Philanthropy and Cultural Imperialism: The Foundations at Home and Abroad*. G.K. Hall and Co., Boston.
- ARVANITIS, Rigas et al. (1995). "El Impacto de los Fondos Europeos de Apoyo a la Cooperación Científica con Países en Desarrollo". *Interciencia*. vol. 20(2), pp. 76-82.
- ASTORI, Danilo (1982). *Neoliberalismo: crítica y alternativa*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- BARNES, Barry (1990). *La naturaleza del poder*. Ediciones Pomares-Corredor, Barcelona.
- BARRÉ, Rémi & CHABBAL, David (1996). "Les coopérations scientifiques Nord-Sud: caractérisation et dynamique d'ensemble". In: GAILLARD, Jacques -ed.-. *Les Coopérations Scientifiques Internationales*. ORSTOM Éditions, Dijon-Quetigny, pp. 25-38.
- BLUMER, Herbert (1967). "Threats from Agency-Determined Research: The Case of Camelot". In: HOROWITZ, Irving -ed.-. *The rise and fall of Project Camelot: Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, Massachusetts and London : The Massachusetts Institute of Technology Press, pp. 153-174.
- BOTTOMORE, Tom & NISBET, Robert (1988). *Historia del análisis sociológico*. Amorrortu Editores, Buenos Aires. [f/r]
- BUNGE, Mario (1997). *La causalidad. El principio de causalidad en la ciencia moderna*. Editorial Sudamericana, Buenos Aires.
- CANCELA, Walter (1983). "Síntesis histórica de la evolución económica de América Latina". *Cuadernos de Marcha*, n. 39, pp. 5-33.
- CANO, Virginia (1996). "International Co-operation Patterns in EC Funded Projects". In: GAILLARD, Jacques -ed.-. *Les Coopérations Scientifiques Internationales*. ORSTOM Éditions, Dijon-Quetigny, pp. 203-218.
- CIPOLLA, Carlo (1983). *Historia económica de la población mundial*. Editorial Crítica, Barcelona.
- CLAEH (1985). *Universidad: transición / transformación. Apuntes para la discusión de una política universitaria*. Montevideo.

- COMISIÓN INTERMINISTERIAL DE DESARROLLO, CIDE (1963). *Estudio Económico del Uruguay. Evolución y perspectivas*. Montevideo.
- CORSINO, Daniel (1994). "Cooperación internacional al desarrollo: el rol de las ONGD". *Cuadernos del CLAEH*, n. 70, Montevideo, pp. 33-53.
- DELICH, Francisco (1980). "La cooperación interregional en la planetarización de las ciencias sociales". *David y Goliath - Boletín CLACSO*, Año XI, No. 38, p. 24.
- DOS SANTOS, Theotonio (1985). "La revolución científica y tecnológica y crisis internacional del capitalismo". *Ciencia, Tecnología y Desarrollo*, No. 9 (1-4), Santafé de Bogotá, pp. 53-80.
- DOS SANTOS, Theotonio (1998). "La Teoría de la Dependencia: Un Balance Histórico y Teórico". In: LÓPEZ SEGREGA, Francisco (ed.). *Los Retos de la Globalización*. Tomo I. CRESALC - UNESCO, Caracas, pp. 93-152.
- ELIASSON, Rosmari (1990). "Perspectives and outlooks in social science research". In: ELZINGA, A. et al. (eds.). *In Science We Trust?* Lund University Press, pp. 256-271.
- ERRANDONEA, Alfredo (1997). *Los modos de construcción del conocimiento sociológico en el Uruguay: la producción por "papers"*. Análisis preliminar. Mimeo, Montevideo.
- ERRANDONEA, Fernando (1996). "Heritage Foundation, un *think tank* conservador" – Entrevista a Larry DiRita. *Cuadernos del CLAEH*, n. 75, Montevideo, pp. 57-64.
- FESUR – Friedrich Ebert Stiftung Uruguay (1986). *Unidades de investigación en ciencias sociales en el Uruguay. Repertorio de proyectos*. Montevideo.
- FRIEDRICHS, Robert (1977). *Sociología de la sociología*. Amorrortu Editores, Buenos Aires.
- FULLER, Steve (1995). *Philosophy, Rhetoric, and the End of Knowledge. The coming of science and technology studies*. The University of Wisconsin Press.
- GAILLARD, Jacques (1996). "Les collaborations scientifiques Nord-Sud: un examen critique de huit programmes d'aide à la recherche". In: GAILLARD, Jacques -ed.-. *Les Coopérations Scientifiques Internationales*. ORSTOM Éditions, Dijon-Quetigny, pp. 219-253.
- GIBBONS, Michael et al. (1994). *New Production of Knowledge. Dynamics of Science and Research in Contemporary Societies*. Sage Publications, London.
- GONZÁLEZ POSSE, Ernesto (1988). *Un análisis sistémico de grandes proyectos: reflexiones a partir de Salto Grande*. Serie Documentos de Trabajo del CIESU, No. 141. Mimeo, Montevideo.
- GOULDNER, Alvin (1985). *La sociología actual: renovación y crítica*. Alianza Editorial, Madrid.

- KUHN, Thomas (1987). "Las historias de la ciencia: Mundos diferentes para públicos distintos". In: LAFUENTE, Antonio & SALDAÑA, Juan -coords.-. *Historia de las ciencias*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC. Madrid, pp. 5-11.
- LAFUENTE, Antonio & SALA CATALÁ, José (1989). "Ciencia colonial y roles profesionales en la América Española del siglo XVIII". *Quipu*, v. 6, n. 3, pp. 387-403.
- McCARTHY, Kathleen -ed.- (1984). *Philanthropy and Culture: The International Foundation Perspective*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- McCARTHY, Kathleen (1985). "The Short and Simple Annals of the Poor: Foundation Funding for the Humanities, 1900-1983". *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 129, pp. 3-8.
- NEVINS, Alan & HILL, Frank E. (1957). *Ford: Expansion and Challenge, 1905-1933*. Scribners, New York.
- NEVINS, Alan & HILL, Frank E. (1962). *Ford: Decline and Rebirth, 1933-1962*. Scribners, New York.
- NINKOVICH, Frank A. (1981). *The Diplomacy of Ideas: U.S. Foreign Policy and Cultural Relations, 1938-1950*. Cambridge University Press, New York.
- NISBET, Robert (1966). *The Sociological Tradition*. Glencoe, Ill.: Free Press.
- NISBET, Robert (1967). "Project Camelot and the Science of Man". In: HOROWITZ, Irving -ed.-. *The rise and fall of Project Camelot: Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, Massachusetts and London : The Massachusetts Institute of Technology Press, pp. 313-338.
- PIFER, Alan (1987). "Philanthropy, Voluntarism, and Changing Times". *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 116 (1), pp. 119-131.
- POLANCO, Xavier (1985). "Science in the Developing Countries. An Epistemological Approach on the Theory of Science in Context". *Quipu*, vol. 2(2), pp. 303-318.
- SAGASTI, Francisco (1978). "Esbozo histórico de la ciencia y la tecnología en América Latina". *Interciencia*, v. 3, n. 6, pp. 351-359.
- SAGASTI, Francisco (1989). "Science and Technology Policy Research for Development: An Overview and Some Priorities from a Latin American Perspective". *Bulletin of Science, Technology and Society*, v. 9, pp. 50-60.
- SALOMON, Jean-Jacques; SAGASTI, Francisco & SACHS, Céline -comps.- (1996). *Una búsqueda incierta. Ciencia, tecnología y desarrollo*. Editorial de la Universidad de las Naciones Unidas / Fondo de Cultura Económica, México.
- SARÁCHAGA, Darío (1997). *Ciencia y tecnología en Uruguay: una agenda hacia el futuro*. Ediciones Trilce, Montevideo.

- SCHWARTZMAN, Simon (1993). "Educating the Ford Foundation". In: MICELI, Sergio -org.-. *A Fundação Ford no Brasil*. Editora Sumaré, São Paulo, pp. 179-198.
- SCREPANTI, Ernesto & ZAMAGNI, Stefano (1995). *An Outline of the History of Economic Thought*. Clarendon Press, Oxford.
- TRYLESINSKI, Fanny (1992). "La economía uruguaya en 1991". In: CLAEH. *Informe de Coyuntura. Uruguay, 1991*. Serie Documentos de Trabajo No. 8. Montevideo.
- TURNER, Stephen (1990). "Forms of Patronage". In: COZZENS, Susan & GIERYN, Thomas (eds.). *Theories of Science in Society*. Indiana University Press, Bloomington, pp. 185-211.
- TURNER, Stephen (1998). "Did Funding Matter to the Development of Research Methods in Sociology?" – Review Article. *Minerva*, XXXVI, pp. 69-79.
- VESSURI, Hebe (1982). "Ciencia y Tecnología en los '80". *David y Goliath - Boletín CLACSO*, Año XIII, No. 42, pp. 6-8.

## APÊNDICE A. -

### **Projetos financiados pelo Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento / *International Development Research Center* (CIID/IDRC) aos centros privados de pesquisa em ciências sociais – CIEDUR, CIESU, CINVE e CLAEH – no Uruguai, no período 1975-90**

#### Ao CIEDUR

# 83-0339

#### **Fisheries Development (Uruguay)**

1983-1985 – Pesquisador responsável: Danilo Astori

Doação do IDRC: 70.800 CAD

Since 1973, the fisheries sector in Uruguay has experienced dramatic growth. The largely unexploited marine resource base, the development of a high technology processing industry and the growth in world demand for fish products have placed Uruguay in an important position in Latin American fisheries. Moreover, government policies and programs appear to have fostered the development of the industry by being well designed and efficiently implemented. In this project, researchers will identify large fish processing enterprises and examine their historical growth patterns and institutional relationships with a view to shedding light on the role of government economic and investment policies in Uruguay's fisheries development.

*Post-project Summary:* A multidisciplinary team analyzed the role of and interrelationships between Uruguayan economic policy, the international demand for fish products, and the development of the fishing complex. Aspects covered included: an assessment of the temporal and spatial distribution of five species of fish; an inventory of fishing manpower, equipment, and infrastructure; a survey of 24 of the 33 existing fish processing plants, plus a calculation of their potential output with small additional investments; a formulation of the long and short-term international demand for traditional and non-traditional fish products, by country and product; an analysis of the evolution of export and local prices, and the costs at every stage of production; an analysis of the marketing structure and individual businesses; a study of the public and private organizations that influence the fishing complex; and the development of a bio-economic predictive mathematical model of the Uruguayan fishery. Recommendations for government policy, focussing on protecting conventional stocks; promoting

diversification into new species and products; and encouraging artisanal fisheries; were put forward. (IDRC, 1996: 64)

# 85-0310

**Informal-Sector Enterprises in the Apparel Industry (Uruguay)**

1986-1987 – Pesquisadora responsável: Lilian Sierra

Doação do IDRC: 68.340 CAD

Uruguay's apparel industry is important in terms of employment, particularly female employment, and export earnings. It is, however, the second poorest paid industrial sector and is characterised by the dominance of a few very large and modern enterprises on the one hand and by a very large number of small informal-sector enterprises on the other. The purpose of this project is to examine the informal-sector enterprises in the apparel industry, in particular their relationship with the formal sector. Researchers will examine how informal-sector enterprises operate; assess the potential for improving technical skills, management practices, access to credit, and organizational strength among these enterprises; and recommend to policymakers and small entrepreneurs ways to improve incomes and working conditions.

*Post-project Summary.* Study data were gleaned from secondary sources; in-depth interviews with the owners of 10 large factories (more than 100 employees); a survey of 85 small-to-medium-sized operations (up to 100 employees); a survey of 70 workers; and interviews with 20 home-based workers. It was found that 80% of the enterprises questioned either subcontracted work to or did work for another enterprise. Almost 40% sold their production to a larger enterprise for marketing. More than half of the formal enterprises, and three-quarters of the small ones, depended on informal production units. The workers were predominantly women, poorly educated, and paid by the hour or by the piece. Forty per cent were not covered by legislation governing social security. Unionization was highest among male workers; younger, better educated workers; and employees in large enterprises catering to the export market. Study findings were analyzed and conclusions drawn, but no specific recommendations were put forward. The final report was published and approximately 700 copies were distributed to policymakers, researchers, and development assistance agencies. (IDRC, 1996: 77)

# 88-0319

**Forest Exploitation and the Environment in Uruguay**

1989-1990 – Pesquisador responsável: Carlos Pérez Arrarte

For several reasons one can expect growth in the forest sector of Uruguay. One significant way to increase forest land is to convert land currently used for grazing, but this would be a new phenomenon with unknown environmental and socio-economic consequences. This project will review alternative uses for existing and potential forest land, and investigate what economic, social, and environmental changes would ensue

from greater use of land for the production of marketable wood. Special attention will be paid to the existing environmental situation and to the various ways in which forest management and afforestation could alter that situation, with the ultimate objective of identifying environmentally and economically sustainable options. Alternative forms of market development and their impacts on farmers, urban entrepreneurs, and transnational corporations will also be defined. (IDRC, 1996: 93)

### Ao CIESU

# 76-0006

#### **Printing Industry (Uruguay)**

1975-1980 – Pesquisador Responsável: Carlos Filgueira

Doação do IDRC: 35.500 CAD

The Uruguayan printing industry is facing very difficult conditions in terms of reduced input and underutilization of equipment. The industry is characterized by firms of varying size and relative capital-intensity. Almost all the technology is embodied in (largely imported) second-hand machinery. The objective of this project is to conduct a review of the various factors which contribute to the process of technical change in the printing industry in Uruguay. On the basis of this study, the Centre of Social Studies and Research of Uruguay (CIESU) will make policy recommendations to the Association of Uruguayan Printers and government authorities. (IDRC, 1996: 33)

# 76-0089

#### **Population Distribution Policies (Latin America)**

1976-1980 – Pesquisador responsável no CIESU: Carlos Filgueira

Doação do IDRC ao CIESU: 23.000 CAD (Para todo o projeto: 232.300 CAD)

#### **Other Recipient Institutions:**

Centro de Estudios de Población (CENEP), Buenos Aires, Argentina

Centro de Investigaciones Sociales (CIS), La Paz, Bolivia

Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), Rio de Janeiro, Brasil

Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Santiago, Chile

Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES), Asunción, Paraguai

Corporación Centro Regional de Población (CCRP), Bogotá, Colombia

Centro para el Desarrollo Rural y Cooperativo (CENDERCO), Santiago, Chile

In many developing countries, vast expanses of unoccupied lands can be found alongside densely settled rural regions, as well as large and rapidly growing cities. The cities frequently experience problems providing employment and services, but other regions of

the country experience labour shortages that slow down agricultural production and rural development. The objectives of this project are to study the impact of specific programs and policies intended to influence population distribution in several Latin American nations and to gain a better knowledge as to how population distribution policies and programs interact with other development policies. Post-project Summary: This project involved seven countries: Colombia, Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Paraguay, and Uruguay. With Colombia as project coordinator, researchers in each country undertook separate population distribution studies. Colombian researchers completed a comparative report of findings. Two workshops were held (March 1978 and March 1979) to monitor progress and present findings. Research related to development of forces behind spatial population distribution (Argentina); distribution policies and their effects on national development (Bolivia); and the role of government policies in the current urban structure of Rio de Janeiro (Brazil). Other studies included the effect of agrarian reform on spatial distribution of population and migration tendencies (Chile); the impact of specific government policies on population distribution (Paraguay); and a historical perspective of urban and regional population problems (Uruguay). The Colombian coordinator attended four international conferences where findings were presented. IDRC also supported "Settlement Policies: Analysis and Dissemination" (3-P-78-0121) to allow a more exhaustive analysis of comparative report data. (IDRC, 1996: 36)

# 78-0100

**Employment and Population Distribution (Uruguay)**

1978-1982 – Pesquisador responsável: Carlos Filgueira

Doação do IDRC: 49.000 CAD

In Uruguay, rural development and agricultural policies have been introduced - reduction of agricultural lands under cultivation, etc. Details on these programs and their impact on rural employment and population movements are not known but could be of benefit to future programs. The objective of this project is to assist the Uruguayan Information and Study Centre (CIESU) to assess these programs in terms of their impact in agricultural development, employment, and population movement in Uruguay.

*Post-project Summary:* Using existing agricultural and population censuses data, researchers related policy implementation and institutional changes in Uruguayan agriculture to shifts in rural employment. The project provided a comprehensive review of the development of the Uruguayan agricultural sector since independence. As a case study, researchers selected Canelones, a fruit and vegetable producing region near Montevideo. The effects of specific social policies, institutional changes, and credit activities on the agricultural labour force were assessed. Age, sex, and skill distribution of the rural population were also noted. Study showed that while public policies were often ill-conceived, international competition and unique Uruguayan economic development and social conditions had also contributed to a polarized land tenure structure, high rural unemployment, and high rates of urban migration. Researchers estimated future effects of employment trends on labour force patterns, occupational structure, and population distribution in rural areas. (IDRC, 1996: 42)

# 80-0078

**Survival Strategies of Small Farmers (Uruguay)**

1980-1984 – Pesquisador responsável: Danilo Veiga

Doação do IDRC: 63.300 CAD

In the last decade, Uruguay adopted an "open-door" trade policy that played down the importance of domestic markets in order to promote exports of agricultural and industrial goods. The impact of these policies also reduced demand for food crops as wages and income declined, increased food imports, and altered the structure of rural employment. This project will examine the impacts on small- and medium-sized farmers and how they have shifted production strategies to cope with change.

*Post-project Summary:* Researchers analyzed small farm production patterns and marketing; assessed the effects of agricultural policy on small farmers; and surveyed 60 small farm production units in the Canelones Department area. Data showed that due to economic changes, farmers' standard of living declined. In the period from 1977 to 1981, the principal tactics used by poorer farmers to adapt to adverse conditions were to withdraw from market production to concentrate on family subsistence production, and for family members to take on paid employment outside of the family farms. Researchers noted that on 68% of farms surveyed, production activities were carried out exclusively by family labour. Furthermore, in the period under study, the total amount of labour occupied in agricultural production activities fell by 24%. Migration to urban areas in search of work resulted in a growing shortage of family labour during peak periods. It was concluded that existing agricultural extension was inadequate as the service reached fewer than 500 of the 6,000 farmers in the study area. A seminar held at the end of the project to review results was attended by various government officials. (IDRC, 1996:44)

# 81-0221

**Technology and Female Employment in Leather Goods Sector (Uruguay)**

1981-1984 – Pesquisadora responsável: Suzana Prates

Doação do IDRC: 21.700 CAD

The 1976 census of Uruguay documents the growing participation of women in the labour force and the economy. The objective of this project is to explore the technological implications for the Uruguayan leather products industry of the growth of domestic female labour. Specifically, the project will analyze the role of women in the industrial labour market; describe the work of domestic labourers in the leather goods sector, with reference to their recruitment, technical skills and contractual relations; and review the implications of the 'putting out' system for the long term participation of women in the labour market and its effect on technical change in the sector.

*Post-project Summary:* This study grew out of a previous IDRC-supported project on the structure of Uruguay's leather goods industry (3-P-77-0044). Project methodology involved analysis of data collected from interviews with entrepreneurs, and from women employed in workshops and in manufacturing work at home. Researchers noted the link between the formal sector and informal home workers; analyzed export strategies for

manufactured goods and home work; and identified the characteristics of women workers, their wage arrangements, and working patterns. The study showed that existing working arrangements were to the advantage of the entrepreneurs; wages for women were low; and the dual demands of home work and housework left no time for collective organization. The isolation of women who worked in their own homes made it even more difficult for collaboration. Researchers suggested social changes that would provide women with union and labour rights. Some of the research results were presented by the principal investigator at a conference ("Women's Access to Urban Resources") held in Mexico from 27 September to 2 October 1983. As well, she presented a paper at a conference held in Recife, Brazil from September 12-15 1983. Training Information: Junior staff were able to increase their research experience through project participation. (IDRC, 1996: 50)

# 82-0118

**Institutional Support Grant - CIESU (Uruguay)**

1983-1988 – Pesquisador responsável: Carlos Filgueira

Doação do IDRC: 317.720 CAD

Agências co-financiadoras:

AID

CLACSO

ECIEL

IAF

SAREC

SSRC

CIESU (Uruguayan Information and Study Centre) is a private centre with a mandate to undertake research on contemporary social problems in Uruguay and Latin America. CIESU has experienced financial and operating difficulties because of a lack of domestic support due to present government policies on social science research. Nevertheless CIESU has earned a high reputation for its demographic, rural and public investment studies. This project funding will enable CIESU to meet its operating and institutional costs over a 3-year period and to define future research goals more clearly.

*Post-project Summary:* This institutional support grant contributed to the operating costs of the Centro de Informaciones y Estudios del Uruguay (CIESU) and helped it expand its library facilities, publishing activity, teaching activity, and scholarship support. Research focused on political governance and new technologies, and their impact on employment and education. To respond to the increase in research activity, a book series was added to CIESU's existing notebook, working document, research report, and bibliographic series. The library holdings were increased and exchanges undertaken with other institutions. Particularly noteworthy was CIESU's contribution to the Concertación Nacional Programática, discussions that brought together representatives of political parties, social movements, unions, human rights organizations, cultural organizations, etc. to help pave the way for the return to democracy prior to and after the elections of 1984. Within this

context, CIESU organized several seminars and meetings on its own or in collaboration with other institutions in the country.

Training Information: Nine students concluded the curricular stage of the Postgraduate Training Course for Sociology Researchers begun in 1983, and went on to prepare their theses. Twelve more scholarship holders were recruited for 1985. (IDRC, 1996: 54)

# 83-0010

**Technology, Employment and Education (Uruguay)**

1983-1984 – Pesquisador responsável: Carlos Filgueira

Doação do IDRC: 23.650 CAD

Uruguay has not been able to create employment or establish firms that can compete internationally. The problem will become more acute as current technological innovations make capital investment cheaper and require skills different from those being taught in schools. Researchers in this project will review and analyze the nature and type of employment and unemployment in Uruguay; examine the educational system and its effect on the level and quality of labour supply; and review recent changes in the Uruguayan economy with particular reference to the impact of technology.

*Post-project Summary:* The study focused on areas of the productive sector that showed evidence of important technological change: textiles, graphics, and banking. The research strategy included in-depth, semi-structured interviews with entrepreneurs, production heads, managers, union leaders, technicians, and presidents of industrial chambers; and the collection of basic information on formal education derived from secondary sources. The researchers discussed the relationship between technological and social change; advanced various hypotheses with respect to technological change in Uruguay; presented case studies; and discussed the formal education system's potential and limitations with respect to technological change. Among the latter were identified rigid specialization, anti-scientific bias, scarcity of post-graduate programs, lack of standardization with respect to curricula and programs, and autocratic decision-making on the part of the various educational instances. Preliminary findings were presented at an IDRC-supported seminar held in Santiago, Chile in 1984. The project helped pave the way for a subsequent review of science and technology policy in Uruguay ("85-0157 Science and Technology Infrastructure (Uruguay) - Phase I"). (IDRC, 1996: 57)

# 83-0185 - CIESU / GRECMU

**The Role of Women in Uruguay; Research Program Support (Uruguay)**

1984-1988 – Pesquisadora responsável: Suzana Prates

Doação do IDRC: 75.090 CAD

Women have begun to play an increasingly important role in Uruguay's economic life and therefore in its development. Female labour force participation has increased in Uruguay, as a result of the decline of the economy. However, women in general receive low wages

and work under difficult conditions. With a view to raising society's awareness of the role and condition of women, this project will support meetings and research on five themes; women and the labour force; family and employment; education and employment; fertility and birth control; and the role and perception of women in Uruguay. *Post-project Summary:* This project supported the Grupo de Estudios sobre la Condición de la Mujer en el Uruguay (GREMCU) in its research on five topics affecting Uruguayan women. Researchers covered such topics as: women and the labour force; family, education, and employment; fertility and birth control; and, the role and perception of women in society. The effect of new technologies on employment, and women's roles in history, politics, and economics were also examined. It was noted that the project was the first attempt to support research related specifically to women, and the Uruguayan economic and social structures. Furthermore, it enabled GREMCU to develop an infrastructure suitable for conducting systematic research on the status of women. Project results were disseminated through numerous workshops, seminars, and journals.

*Training Information:* Both the project coordinator and the director participated in meetings held in Ottawa, Guelph, and Montreal, Canada from September 25 to October 5, 1985, to discuss the role of women in Uruguay. (IDRC, 1996: 62)

# 85-0157

**Science and Technology Infrastructure (Uruguay) - Phase I**

1986-1988 – Pesquisador responsável: Carlos Filgueira

Doação do IDRC: 174.010 CAD

Uruguay's economy hasn't adapted to modern technical changes nor taken advantage of the expansion of world trade. The government is considering policies to promote science and technology. This project will undertake an inventory of scientific and technological resources in the country to assist in building a framework for future policy decisions. Specifically, researchers will design and undertake a survey of science and technology institutions and personnel; describe the resources available in five areas designated as critical by the government; and review the current organization of science and technology in Uruguay and make initial comparisons with other systems in Latin America.

*Post-project Summary:* This project made a thorough diagnosis of the Uruguayan scientific and technological system. As well, the research reported on the validity, reliability, relevance, and usefulness of standard indicators in dealing with scientific and technological activities in a developing country like Uruguay. A survey was conducted to determine the scientific and technological capabilities in the country, within the framework of public and private institutions where research and development were carried out. The project detailed the characteristics of the human resources devoted to scientific and technological activities, and quantified the financial resources that Uruguay devoted to such activities. Research results were disseminated in journals, reports, and at seminars, including two meetings held in Montevideo in November and December 1987. Other IDRC related projects included: "Country Review of Science and Technology Policy" (Colombia, 87-0316); "National Information System for Science and Technology

(SINECYT)" (Costa Rica, 87-0217); and "Management Improvement in the Sahelian Research Institute (ARIG) - Phase II" (86-0139). (IDRC, 1996: 72)

# 86-0230 - CIESU/GRECMU

**Participatory Training for Women (Uruguay)**

1987-1988 – Pesquisadora responsável: Kirai de Leon

Doação do IDRC: 42.635 CAD

This group training activity is a collaborative effort between the "Grupo de Estudios sobre la Condicion de la Mujer en el Uruguay" (GRECMU) and the "International Women's Tribune Centre" (IWTC) a research and a training non-governmental organization, aimed at developing a participatory training methodology to identify needs and to disseminate research results amongst women groups in Uruguay. The activity will consist of a workshop to train 30 women leaders in participatory training methods and five follow-up workshops throughout the country to implement such methodologies with grassroots women groups. Each workshop will be aimed at 25 participants. Increased organization and mobilization of women groups in Uruguay is expected upon completion of this project which will be supported by the development and dissemination of adequate instructional material.

*Post-project Summary:* The project enabled GRECMU to incorporate action-oriented techniques into its research on gender inequalities in Uruguayan society; while IWTC had the opportunity to field test previously developed instructional materials in participatory training, and to adapt them for Latin American audiences. The workshop was designed by both GRECMU and IWTC around a number of specific activities capable of raising issues related to women's role in the community. It was attended by 30 representatives from rural and urban women's groups, and took place in Montevideo, Uruguay, the last week of March, 1987. As a result of the joint training, a combined edition of GRECMU's newsletter "La Cacerola" and IWTC's "La Tribuna" was produced, detailing the process of organizing the workshop; providing instructions for using training activities developed during the workshop; and suggesting guidelines to women's groups on how to develop a participatory approach to social change. The publication was distributed free of charge to the combined membership (7 500 women) of both organizations. Training was reproduced through five subsequent workshops. These were held by group leaders who had attended the initial training session, to disseminate and incorporate research results among grass-roots organizations. The project was related to previous IDRC support for GRECMU "83-0185 The Role of Women in Uruguay."

Training Information: 30 women representing activist and research-oriented groups throughout Uruguay were trained, and trained in their turn approximately 25 women at each of the five subsequent workshops on participatory training methodologies for transferring knowledge generated by research into gender-based social change. (IDRC, 1996: 83)

# 87-0049

**Information Services on Urbanization (Uruguay)**

1987-1989 – Pesquisadora responsável: Martha Sabelli

Doação do IDRC: 59.845 CAD

Urbanization has been identified by the Government of Uruguay as one of the major challenges facing Uruguayan society. This project aims to help Uruguay find solutions to this problem by enabling the library at the Centre for Information and Studies on Uruguay (CIESU) to establish an information service on urbanization. During the military government regime important documents on urbanization disappeared. These documents will be recovered abroad or in Uruguay. Services to users will include photocopying publications such as a National Bibliography on Urbanization and a bulletin with information about new and important publications. (IDRC, 1996: 85)

*Ao CINVE*

# 77-0044

**Economic Policy and Technical Development in the New Industrial Strategy in Uruguay**

1977-1980

Doação do IDRC: 37.000 CAD

Uruguay has decided to change its economic policy from one based on import substitution industrialization to one of export promotion. One of the industries that has responded to this shift has been the leather, hides, and leather products industry, which is now the largest nontraditional export item. The objectives of this project are to research technology policies for the leather products industry in Uruguay, attempt to identify government policies which influence technological behaviour at the individual firm level, and try to quantify those effects. (IDRC, 1996: 39)

# 77-0144

**Generation and Adoption of Agricultural Technology (Latin America)**

1977-1980 – Pesquisadora responsável no CINVE: Celia Barbato

Doação do IDRC ao CINVE: 36.025 CAD (Para todo o projeto: 176.000 CAD)

**Other Recipient Institutions:**

Centro de Investigaciones Sociales sobre el Estado y la Administración (CISEA), Buenos Aires, Argentina

Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas (IICA), Bogotá, Colombia

Oficina de Investigaciones Socio-Económicas y Legales (OFISEL), Bogotá, Colombia

A major cause of increased agricultural productivity derives from the application of new technologies which have included biological (new seed strains), chemical (fertilizers), and mechanical improvement. These, coupled with efficient farm management techniques and pricing policies, offer farmers ways of increasing income and production. The objective of this project is to describe the contribution of different public policies in promoting technical change in the agricultural sector. (IDRC, 1996: 40)

# 81-0012

**Exchange Rate Policy and Economic Adjustment (Uruguay)**

1981-1983 – Pesquisador responsável: Luis Casares

Doação do IDRC: 72.700 CAD

This project will review the progress of the Uruguayan economy between the years 1970 and 1980 providing a detailed assessment of the impact of a range of exchange rate policies on various sectors of the economy. Specifically, researchers will examine the relationship between exchange rate policy and the generation of inflationary forces from foreign and domestic sources in the Uruguayan economy; examine the interaction of trade liberalization, monetary policy, and alternative exchange rate regimes in the small open economy; and estimate the potential effects of exchange rate changes on price expectations and their impact on actual inflation. Drawing upon this analysis, policy prescriptions for use in Uruguay and similar small open economies will be developed.

*Post-project Summary:* Researchers in this project evaluated the impact of exchange rate policies adopted between 1974 and 1982 with respect to export promotion, inflation, and flow of capital. Methodology involved an extensive economic analysis of costs, international demand, and prices of 131 products of major Uruguayan industries. Data showed that the devaluation of currency experienced between 1974 and 1978 had facilitated the expansion of non-traditional imports. Researchers noted the effects of exchange rate policies on domestic prices of import and export industries; strategies to reduce inflation; and efforts to acquire long-term stable capital. The main cause of weak inflows of foreign capital was attributed to unstable regional financial flows. Researchers suggested income redistribution to avoid possible internal inflationary imbalances generated by exchange rate policies. Project findings were published in the research team's institutional journal, and a booklet was published. This project also formed the basis of follow-up research ("Economic Restructuring, Uruguay" 3-P-84-0056). (IDRC, 1996: 46)

# 81-0137

**Technical Change in the Dairy Sector (Uruguay)**

1981-1983 – Pesquisadora responsável: Celia Barbato

Doação do IDRC: 48.000 CAD

In Uruguay, there has been a slow shift from older to newer techniques in the dairy sector. The adoption of new techniques has accounted for the rapid growth in milk production and the development of a dairy products industry in specific locations. The objective of this project is to review the influence of technical change on the dairy industry, in the zone of Montevideo, with special reference to the small farmer. Specifically, the study will describe and analyze the structure of the dairy sector, and the techniques currently applied to dairy herds; and explore the diffusion and adoption of new techniques and their impact on the small farmer.

*Post-project Summary:* In order to analyze the impact of improved technology on the dairy industry in Montevideo, researchers collected basic data, examined secondary information, and developed and refined their study methodology. They unearthed government reports and a survey taken in 1977/78 on milk producers in the region. Evidence showed that technical change had been more rapid in processing than farming. Major research findings revealed that between 1971-73, milk production increased although the number of farms decreased. In 1970, about 90 percent of all milk was processed in national co-operative plants, but the growth of other large milk processing units with improved equipment lowered that percentage to 75. The use of artificial feedlots and improved herd management was associated mainly with farms larger than 100 hectares, showing an apparent gap between the average and the progressive dairy farm. Research continued in a second phase and project results were used for a study (3-P-87-0051) analyzing the entire agro-industrial sector of Uruguay. (IDRC, 1996: 48)

# 82-0224

**Technical Change in the Dairy Sector (Uruguay) - Phase II**

1983-1986 – Pesquisadora responsável: Celia Barbato

Doação do IDRC: 192.000 CAD

The increasing importance of the dairy sector within the economy of Uruguay is the result of recent economic policy, the stagnation of the beef sector, and a greater attention to productivity and efficiency. Developments in the dairy sector have important consequences for the country's agricultural policy and export growth. Phase I of this project reviewed the influence of technical change on the dairy industry in Uruguay, with special reference to the small farmer. Phase II will continue these efforts with the following specific objectives: to examine recent government policy and its influence on promoting technical change in the dairy sector; to conduct a statistical analysis of existing information and a series of case studies; and to estimate the costs and benefits of technical change to small farmers and dairy producers. (IDRC, 1996: 56)

# 84-0056

**Economic Restructuring (Uruguay) - Phase I**

1984-1986 – Pesquisador responsável: Luis Macadar

Doação do IDRC: 182.400 CAD

Uruguay is experiencing high unemployment, negative economic growth and rapid inflation. This project will permit the Centro de Investigaciones Economicas (CINVE) to integrate previous and new studies into an overall analysis of economic restructuring options. Researchers will update and improve the input-output table for the country, study how consumer demand patterns have changed since 1973, and suggest potential economic policy instruments to achieve restructuring.

*Post-project Summary:* Study methodology in this project involved a research program on changes in the Uruguayan industrial structure during the 1970s and early 1980s. Through the use of input-output analysis, researchers focused on these changes and their links with employment, consumption, income distribution, and balance of payments. Researchers assessed possible policy choices; and collected data was stored in a computerized data bank. By 1985, an up-to-date input/output table that could be used to analyze data and explore intersectoral linkages was also completed. Research results included 21 publications, including books, research reports, articles, and papers for conferences. A seminar held in Montevideo, Uruguay from 26-28 October 1984 to present initial work was attended by researchers and policymakers from Uruguay, Argentina, Chile, and Brazil. Final results were then presented at a seminar held jointly with researchers from the Centro de Planificacion y Estudios Sociales (CEPLAES) in Quito, Ecuador in October 1987. Study continued in a second phase. (IDRC, 1996: 66)

# 87-0051

**Technological Change and Agro-Industry Development (Uruguay)**

1987-1989 – Pesquisadora responsável: Celia Barbato

Doação do IDRC: 80.330 CAD

Uruguay is in the depth of severe recession and is experiencing negative rates of growth and declining export revenue. Since agroindustry accounts for more than 60 percent of GNP, contributes 70 percent of the country's export revenue and generates more than 60 percent of the country's employment, economic recovery is dependent upon improved efficiency in this sector. Previous research has already identified the potential for promoting technical change and export growth in the dairy sector. This project will build on this research by investigating improved industrial efficiency and export marketing through technical change. It will not only look at the dairy industry, but also the other key industries in the sector: rice, meat packaging and woolen textiles. Researchers will identify the constraints on and possibilities for improving the efficiency and export potential of agroindustry, and identify the key components of the policy framework required to promote technical change. (IDRC, 1996: 86)

# 88-0237

**Industrial Restructuring (Uruguay) - Phase II**

1989-1991 – Pesquisador responsável: Luis Macadar

Doação do IDRC: 180.430 CAD

Phase I of this project consisted of an examination of changes in Uruguayan industrial structure during the 1970s and early 1980s, emphasizing the impact upon trade, financial flows, employment, and income distribution. This phase will update this analysis for the period 1982-1987, and will develop a conceptual framework to analyze the direct and indirect effects of various industrial policy measures. This will be accomplished through a combination of input-output and general equilibrium techniques, which will then be used to simulate the effects of different policy packages. The research will ultimately lead to a series of conclusions regarding the selection of industrial sectors to be promoted; the appropriate policy instruments for their promotion; and the effectiveness of different combinations of sectors and instruments. (IDRC, 1996: 91)

*Ao CLAEH*

# 81-0238

**Small Farm Economics (Uruguay)**

1981-1984 – Pesquisador responsável: Horacio Martorelli

Doação do IDRC: 53.200 CAD

In many countries a trend toward concentration in land ownership and the progressive disappearance of the small farm have been observed in recent decades. In Uruguay the small farm continues to exist and the proportion of population in rural areas tends to remain stable. From technology and economics perspectives the small farm in Uruguay should be disappearing. This project will address this apparent contradiction by analyzing a number of aspects of small farm economics in Uruguay. Specifically, the project will examine the relationship between labour and productivity, and production structure and employment; analyze the income structure; study the impact of technological changes on the economics of small farms; and explore the importance of political stability in the rural areas as a factor in small farm economics.

*Post-project Summary:* Research methodology consisted of 191 interviews with small farmers; and consultation of such existing secondary sources as national censuses, statistical surveys, banks, and government departments. Analysis focused on two cattle raising zones: one with extensive cattle raising and agricultural production, and another combining extensive cattle raising with a limited amount of maize and forage production. Researchers reviewed the history of the country's agricultural sector, as well as its progression. Study of the small farms showed that about 61% of total production was

used for family consumption. It was noted that as property size increased, both production per hectare and income per hectare decreased. Other studies related to sources of income other than from farming; mobility of workers; and migration patterns. Researchers participated in a workshop on "Agricultura Familiar". A related project also supported by IDRC was "Survival Strategies of Small Farmers (Uruguay)" (3-P-80-0078). (IDRC, 1996: 52)

# 84-0058

**Changing Audiences of Mass Media in Montevideo**

1984-1987 – Pesquisador responsável: José Luis Castagnola

Doação do IDRC: 26.600 CAD

Over the last 10 years Uruguay's mass media have grown enormously, particularly television. The impact of this expansion, however, is unclear. In many countries TV is restricted in its ability to disseminate information while free to serve the values and beliefs of dominant political and economic interests. Whether these values are being absorbed by the viewing audience and whether the audience's perception of the media has changed as a result are questions not yet examined. The objective of this project is to investigate the role of television in Uruguay by assessing its impact in terms of changes in the attitudes, opinions, and expectations of different social groups toward the mass media and development. Researchers will identify the most popular TV programs among a sample of individuals representing different social groups in the city of Montevideo; and analyze the content and messages of these programs.

*Post-project Summary:* Between March and December of 1985, researchers examined the structure and kinds of programming (recreational, informational, and educational) offered by Montevideo's four television channels; the age, gender, and socio-economic characteristics of the viewing audience; and viewer preferences and attitudes toward television. Data were drawn from a survey of 460 viewers and secondary sources such as market research statistics. The three private channels offered fewer news programs and more commercials than the public channel even though news was the most frequently watched type of programming. Viewers evidenced a high degree of confidence in the information received by television, the degree of confidence increasing with the amount watched. The extent of television viewing and the fact that most people discussed programs either with family members or others led the researchers to conclude that television is an important form of participation in society, a 'nexus' between the private (family) and public (national and international) spheres. The question of whether 'the values and beliefs of dominant political and economic interests' were being absorbed by the viewing audience was not addressed. (IDRC, 1996: 68)

--- x ---

## APÊNDICE B. -

### **Projetos financiados pela Fundação Ford (FF) aos centros privados de pesquisa em ciências sociais – CIEDUR, CIESU e CINVE – no Uruguai, no período 1975-90**

#### Ao CIEDUR

# 08050656

**Research on “The insertion in the labor market of low income women who live in rural areas and small towns: Their relation to the restructuring of the Uruguayan labor market”**

1980-1980

Doação da FF: U\$S 15.400

This study builds on an extensive description and analysis of the crafts cooperative, Manos del Uruguay, carried out by CIEDUR – sendo que, de fato, “este estudo seeks to examine the impact of labor market structure on the ways in which low income, rural and small town women become part of that market, and how their insertion into the labor market effects their traditional ‘feminine’ role (FF, Bogota Inter-office Memorandum, 04/03/1980). With the major changes taking place in the Uruguayan economy, which have greatly impacted women in both their productive and reproductive roles, little is known of labor market structures and women’s insertion into them. This study compares rural low income women who (1) don’t work, and receive no personal income, (2) are salaried workers, (3) are putting-out workers for larger entities, e (4) are workers in cooperatives.

The study is important in that it builds on previous work on modes of economic insertion and “it should further our understanding of the situation or rural women and methods of bettering that situation”. (FF, 1980: 3)

*Post-project Summary:* The study illustrates how precarious and changing is the insertion of rural women in the labor force, how closely their labor force status relates to processes of transformation in Uruguayan society, and how labor force status affects performance of traditional roles of rural women. From the macro level analysis, it appears that, in general, women are at the edge of the labor market. Their opportunities are related to type of production. In cattle and cereal areas, options for women to work for pay are limited, mostly to domestic service on large farms. In mixed milk and agricultural production areas, possibilities improve. In areas of intensive farming (fruit, vegetables, flowers),

female participation is high at the times of intensive work, but is restricted to the home in slack periods. Women may work small family plots or participate in artisan work. (FF, Inter-office Memorandum, October 27/1981).

# 08150595

**Support for a seminar on “Rural development and rural women’s work”**

1981

Doação da FF: U\$S 7.000

“The Seminar would address the following issues: 1) An interdisciplinary examination of rural development and the female labor force. Scholars within Uruguay would be invited from CIESU, CINVE and CLAEH; 2) A confrontation of academic research with the requirements of social action; and 3) A discussion with investigators and technicians with experiences in other countries. Invited are CLACSO, ALASRU, FLACSO and IICA.

The conference, besides providing a fitting culmination of our research on rural women in the area, provides an important melding of theories of rural development, what rural women do, and how to apply these to action programs. It thus also provides a bridge from research to action.” (FF, Bogota Inter-office Memorandum, October 7/1980)

*Ao CIESU*

# 07500478

**Support for sociopolitical and demographic research in Uruguay**

1975-1983 (por intermedio de 3 grants: A, B e C – o ultimo deles de 1980)

Doação da FF: U\$S 180.000 (40.000 / 75-77, 40.000 / 77-79, 100.000 / 80-83)

Idem para CINVE

A explicitação da ‘justificativa’ para o outorgamento deste grant, em 1975 – o primeiro a ser recebido tanto por CIESU quanto por CINVE – passava pelo apoio institucional para dois centros que estavam compostos por cientistas de trajetória no país e que apenas tinham constituído estes centros, ao igual do que acontecesse em outros países da região. “In the face of these events [retrocessos devenidos da irrupção dos militares] the Foundation’s staff in the Southern Cone have shifted their program emphases from the more usual aspects of development assistance to a concern with preserving at least part of the existing pool of trained scholars in the sub-region and helping the best social scientist to analyze critically the problems and trajectory of their national societies. The objective of this programs strategy is not solely the maintenance of academic freedom. Staff also are persuaded that the experience of the principal Southern Cone countries in the las few years represents a developmental lesson that needs to be studied, absorbed and extrapolated.” (FF, Recommendation for grant, realizado por N. Manitzas e J. Puryear, June/14/1975)

A renovação destes grants em 1977 e 1979 visava manter a assistencia institucional da Ford para estes centros, assim como “support to the main research priorities of these

centres, according to four main areas: research on industrial structure, research on the rural sector, research on population and employment, research on the external sector”.

# 07850242

**Partial support of the purchase of the library collection of the late professor Carlos Real de Azua**

1978

Doação da FF: U\$S 14.000

# 08000635

**Support for a women’s research and action group in Uruguay**

1980-1983

Doação da FF: U\$S 54.000

*Post-project Summary:* The general objective of the grant was to provide institutional support to a group of social scientists in Uruguay who were beginning to deal with the issue of women. This group, GRECMU (Grupo de Estudios sobre la Condición de la Mujer en el Uruguay) was functioning under the auspices of CIESU and CINVE, two well-established research centers in Montevideo. This project was part of a Ford Foundation package of projects on women’s issues in the Southern Cone designed to encourage the feminist movement as well as to document the effects on women of the authoritarian military regimes of the area.

Four research areas were defined at the outset and this particular grants was to support the identification of data sources and the collection of information on these research areas: (1) women’s participation in the labor force both in production and reproduction, (2) the role of State and public policies in determining women’s situation, (3) ideological lines that make up a certain social image and self-image of women, and (4) women’s organizations. (FF, Inter-office Memorandum, December/29/1983)

**Ao CINVE**

# 07500479

**Support for economic research in Uruguay**

1975-1983 (por intermedio de 3 grants: A, B e C – o ultimo deles de 1980)

Doação da FF: U\$S 180.000 (40.000 / 75-77, 40.000 / 77-79, 100.000 / 80-83)

Além do assinalado para o grant # 07500478 da FF para o CIESU, deve-se chamar a atenção o apontado por Jeffrey Puryear num Memorandum interno de Junho/16/1980 no que diz respeito a que “our support for CINVE (and CIESU) has always had two objectives: To preserve critical, independent thought in a region where intellectual freedom had been sharply curtailed, and to document and understand a process of social change which was historically unique [...] It may also be worth pointing out that our

grant series in support of CINVE is a successful example of institution-building. When CINVE was established in 1974, the group was little more than a collection of economists with some good ideas and no money. With the help of the Foundation's modest but sustained funding platform, and despite serious political difficulties in 1975, they managed to develop a program, build a reputation, and generate funds. Today they are a productive and relatively healthy institution, and the Foundation's share in their budget has drooped from nearly 100% in 1975 to approximately 20% at present. This is an admirable record, which speaks well for the ability and motivation of CINVE's staff." (FF, Inter-office Memorandum, 1980)

# 08050669

**Support for comparative research on stabilization policies in Latin America: the case of Uruguay**

1979-1983

Doação da FF ao CINVE: U\$S 50.000

Joint project on economic stabilization policies in LA, realizado também pelo(s)

- Center for Studies of the State and Society (CEDES). Support for comparative research in stabilization policies in LA to be undertaken jointly by CEDES na Argentina, CIEPLAN no Chile, e o CEBRAP no Brasil. (# 07950018)

- Corporation for Latin American Economic Research (CIEPLAN). Support of comparative research on stabilization policies in LA to be undertaken jointly by CIEPLAN no Chile, CEDES na Argentina, e o CEBRAP no Brasil (# 07950015)

*Post-project Summary:* This series of grants was approved, respectively, on December 18, 1979 (CINVE), September 27, 1978 and September 27, 1978. The original purpose of the project was to critique the economic stabilization policies of Argentina, Brazil, Chile and Uruguay according to their aims and results. A major component of the work was to test theoretic explanations of the impact of particular policies on Latin American economies.

No dia 10 de maio de 1984, Jane Barber They eleva um informe de avaliação que tinha sido produzido pelo economista Jürgen Schultz e no qual se da conta de que "the project succeeded in making an important contribution to the debate on the strength and weakness of various theoretical approaches to economic stabilization. [...] Second, the researchers involved are, in the case of CEDES and CIEPLAN, Keynesians and, at CINVE, close to Marxist. This allowed a qualified critique of monetarist theory from varying approaches within the field of economics. Third, through the multidisciplinary and multi-theoretical treatment of the subject, the value base behind theoretical assumptions were revealed, something that is often left out of economic discussions". (FF, Avaliação interna, 1984)

# 08750591

**Support for research on uruguyan economic policy**

1987-1989

Doação da FF: U\$S 100.000

*Post-project Summary:* The main objective of this grant was to study the economic policies of democratic President José [Julio] Maria Sanguinetti and determine if their main goals were met. Likewise, the researchers were interested in examining the changes undergone by the economy during military rule, and analyzing whether policymakers were responding to an adequate reading of the new economic structure. This project has successfully combined sophisticated theoretical modeling with empirical analysis. Thus the researchers have been able to explain in detail the unintended impact of the governments' economic policies, its successes and limitations. In addition, CINVE has presented an account of the national debate on economic policy that took place during the initial stage of the democratic transition. (FF, Inter-office Memorandum, November/5/1990)

--- x ---